Prólogo

Era uma vez… O primeiro mês da Evie Sage trabalhando para O Vilão tinha sido, digamos, meio fora do comum — mas pelo menos nada catastrófico. Uma poção derramada aqui, um estagiário envenenado ali. Mas teve alguns… incidentes estranhos. O mais recente foi ela ser chamada para o trabalho duas horas mais cedo para uma reunião que, na real, ela tinha quase certeza que poderia ter sido só uma mensagem rápida enviada pelos corvos. Vai arrumar coisa melhor pra reclamar, Evie! Tipo a mão que você achou no lixo para reutilização semana passada! Pelo menos isso deu a chance dela perguntar pro chefe se ele precisava de umas mãos extras. O horror sincero no rosto dele fez ela rir tanto que quase passou mal. Era meio perturbador que ele ficasse mais ofendido com as piadas inocentes dela do que com o braço estranho que ele tinha jogado junto com os papéis pra reciclar — a Becky odiava quando misturavam coisas no lixo de papel — mas ela se desviou do assunto.

Suspirando e esfregando o sono dos olhos, Evie observava a barreira invisível ao redor da Mansão Massacre oscilando sob seus dedos. Seu olhar se voltou para o sol nascendo, derramando cores pelo céu ainda escuro. Parecia que alguém tinha derramado tinta laranja e rosa numa tapeçaria cinza escuro — bonito, se é que algo pode ser bonito antes das oito da manhã. Marv, o Guarda Malévolo do portão da frente, acenou para ela, e ela sorriu, mandando um beijo que corou as bochechas dele.

— Bom dia, Srta. Sage! O passarinho madrugador pega a minhoca?

O cabelo normalmente bagunçado dele estava preso sob um capacete de couro vermelho, enquanto o dela estava trançado para o lado, com alguns fios soltos dançando com a brisa da manhã. Ela deu um passo atrás quando a grande porta de madeira se abriu com seu rangido familiar. O ar frio e úmido do hall refrescou suas bochechas, trazendo cheiro de madeira queimada e paredes mofadas.

— Mais pra “o passarinho madrugador não leva ferro no emprego”… e conhecendo o chefe, isso é literal, me desculpe.

A risada de Marv ecoou atrás dela enquanto seus saltos batucavam no chão de pedra, a luz das tochas iluminando e aquecendo o ambiente contra o ar da manhã. Um gemido baixo veio do outro lado do salão, perto do único canto escuro. Ela franziu a testa e acenou com a mão.

— Alô? Qualquer barulho assustador que você queira fazer, pode ser na luz da tocha? Assim eu consigo gritar direito.

— Sage?

A voz áspera do Vilão fez um arrepio descer pela espinha dela.

— Você não devia estar aqui — ele resmungou, a silhueta dele avançando um pouco das sombras que o envolviam.

Ela bufou, arqueou uma sobrancelha, cruzou os braços e puxou a trança grossa para trás do ombro.

— Nisso concordamos. Eu devia estar na cama, abraçada com meu companheiro noturno favorito.

Ela achou que ouviu ele engasgar.

— Companheiro?

O tom na palavra fez ela tremer levemente.

— Sim. Ele se chama Sr. Muffins.

— Sr. Muffins?

Ela viu a sombra dele se aproximar da luz, a voz dele rouca e confusa.

— Você dorme com um tal de Sr. Muffins? Quem, no além, tem um nome tão ridículo?

Ela mordeu o lábio para não rir da cara de choque dele.

— É um ursinho de pelúcia que eu tenho desde os seis anos.

Silêncio longo, até que ele soltou uma palavra seca:

— Ah.

Ela riu e se aproximou, ele também, finalmente iluminado pelas tochas e pelo sol entrando pela janela. Ela parou a poucos passos dele, arregalou os olhos ao ver o rosto dele e falou sem pensar:

— Uau, você está... um desastre.

A parte lógica da cabeça dela suspirou e se desligou pra não ver o que viria a seguir. A barba normalmente aparada dele estava por fazer, a camisa fora da calça, o cabelo bagunçado e as calças amassadas como se ele tivesse dormido num armário.

— Por favor, não me encha de elogios, Sage. Eu nem sei o que fazer com eles.

Uma preocupação começou a apertar o estômago dela. Até o jeito seco dele parecia estranho, quase fechado. Ela pigarreou e chegou mais perto para olhar melhor. Olheiras roxas, dedos flexionados, mandíbula tensa, veia pulsando na testa.

Ela franziu a testa e tsc tsc:

— Algum estagiário te cumprimentou de manhã de novo? Eu falei que não pode, cumprimentos agradáveis são terminantemente proibidos.

Ele fechou os olhos por um momento, apertou a boca numa linha firme, como se pudesse esmagar qualquer emoção que tentasse escapar.

— Por mais que eu goste de jogar a culpa nos outros pelos meus erros, acho que dessa vez só posso culpar a mim mesmo pela aparência descuidada.

Os olhos escuros dele passaram pelo vestido laranja dela, e a cara de nojo apareceu nas mãos cerradas ao lado do corpo.

— E você, suponho. Por ter a ousadia de presenciar isso.

A porta bateu forte atrás deles e Evie pulou, levando a mão ao peito, o coração disparado.

— Não acho justo me culpar, já que foi você quem me chamou aqui tão cedo.

Ele franziu a testa ainda mais — se era possível — o que o deixou ainda mais bonito — se isso era possível.

Cansada e impaciente, ela decidiu não esperar mais e falou:

— Você mandou um corvo…

Quando ele olhou pra ela em branco, ela continuou atropelando as palavras:

— Ele apareceu na minha janela às quatro da manhã e quase me deu um ataque do coração. Com um bilhete dizendo que a gente tinha uma reunião urgente bem cedinho?

Um som baixo saiu dos lábios fechados dele, limpando o cansaço dela como uma poção, mas melhor e mais quente.

— Não lembro de ter escrito ou enviado... Minha paciência está curta hoje, Sage, e minha memória também. Deve ter sido antes de eu estar totalmente lúcido. Por favor, ignore o corvo.

Um barulho de metal batendo no pátio de trás — provavelmente os Guardas Malévolos fazendo exercícios matinais com as armas letais.

Combinação perfeita, já que ela estava imaginando pegar algo afiado e espetar o dedo do chefe.

— Ignorar? Você não podia ter ignorado antes do seu maldito passarinho cortar dois anos e meio da minha vida?

— Número assustadoramente específico — ele disse, colocando as mãos na cintura fina.

— Pra mim também foi assustador — ela respondeu seca, rindo enquanto ele fazia cara feia.

— Eu controlo bem minha magia, mas acho que quando durmo, meu corpo relaxa e ela fica inquieta, dificultando o descanso.

Uma pontada no peito, que ela reconheceu como empatia, fez a raiva sumir como sombra ao sol.

— Que pena. Posso ajudar de alguma forma?

A mandíbula dele caiu.

— Ajudar... com minha magia da morte? Aquela que faz a maioria sair correndo aos gritos?

Ela piscou inocente.

— Posso ajudar depois, se isso fizer você se sentir melhor.

A expressão incrédula dele quase virou risada, se ela o provocasse um pouco mais...

Mas, claro, como marca registrada da Evie, o desastre tinha que acontecer primeiro.

De repente, ele se dobrou, respirando pesadamente, apoiado nos joelhos.

— Maldição. Minhas mãos queimam, e meu braço...

Ele segurou o braço, envolvendo o bíceps.

A mão dela pousou delicadamente sobre a dele, tentando ser gentil com um homem que ela tinha certeza que mal estava acostumado a isso.

E claro, ele reagiu com susto e violência, puxando a mão como se ela fosse fogo.

— Sage, você enlouqueceu? Estou perigoso agora.

— Eu sei — ela disse baixinho — você ainda não tomou sua poção.

— Você não é engraçada — ele resmungou.

Evie chegou mais perto, inclinando um pouco o corpo para encontrar o rosto dele.

— Ah, isso não é motivo pra chorar. Acho você tão divertido quanto madeira seca, e não me pego chorando por isso.

O rosto dele suavizou, ele olhou para cima, confuso, e balançou a cabeça, mas de um jeito gentil.

— Sage. Como diabos você chegou aqui?

Ela cruzou os braços.

— Andei.

— Era uma pergunta retórica — ele disse, meio sem jeito, a voz perdendo a tensão.

— Essas perguntas são as mais divertidas de responder.

Ele suspirou, um suspiro de derrota que ela conhecia bem.

— Por quê, Sage?

Ela apoiou a mão no quadril e se inclinou um pouco.

— Porque te irrita.

O suspiro rude dele poderia até ser uma risada, se ela tivesse imaginação suficiente.

Quando ele voltou à postura normal, esfregando os nós dos dedos para se acalmar, a expressão tensa no rosto desapareceu.

Ela não conseguia ver a magia dele — ninguém conseguia, e provavelmente ninguém jamais veria — mas sentia algo muito sombrio mexendo pela sala com eles, menor que antes, mas ainda assustador o bastante para que ela sentisse vontade de fugir.

Mas, estranhamente, ela se sentiu confortável ali.

— Já melhorou, senhor?

Ele virou a cabeça devagar, as sobrancelhas escuras franzidas.

— Sim. Melhorou. Como você...

Ela deu de ombros, olhando o suor brilhando na testa dele.

— Acho que é mais difícil focar na dor quando você está distraído, e eu sou ótima em distrair.

Tirando um lenço amarelo do bolso, ela se aproximou e começou a enxugar a pele dele, apoiando-se no braço dele para se firmar.

O homem era mais alto do que parecia sensato.

Ela fez mentalmente a nota de começar a usar salto alto para dar mais autoridade nas broncas.

Nenhuma outra razão.

A pele dele arrepiou no antebraço exposto, o frio do ambiente entrando depois que a adrenalina passou.

— Ob-Obrigada, Sage.

Ele pressionou o lenço claro nas juntas dos dedos, o contraste forte com a roupa preta.

— Vou devolver limpinho, claro.

Ela balançou a cabeça, sorrindo suave.

— Fica com ele. Você precisa mesmo de mais cor no guarda-roupa.

Ele assentiu, como se processasse as palavras como um inventário.

— Muito bem.

Um coaxar baixo veio do outro lado da sala, e os olhos de Evie seguiram até ver a coroa brilhante de Reinaldo e o brilho dourado dos olhos dele.

As esquisitices do sapo tinham crescido no carinho dela em pouco tempo, seus sinais encantadores eram um toque fofo nesse trabalho que estava ficando cada vez mais sangrento.

Literalmente.

— Bom dia, Reinaldo. Você está lindo hoje.

Outro coaxar respondeu, e o chefe revirou os olhos, claramente incomodado.

— Parece que ele está aprontando. O que você está fazendo aqui, Reinaldo? Tentando fugir de novo?

— Talvez ele estivesse cuidando de você — Evie sugeriu, a última palavra quase sumindo quando o chefe a fulminou com o olhar.

Ela deu alguns passos para trás, se aproximando da escada, perto do sapo que rabiscava com afinco no quadro pequeno.

— Pouco provável — disse o chefe, movendo-se ao redor dela e subindo dois grandes passos na escada, que rangeu atrás dele.

Ela achou estranho — não devia ranger. A escada era de pedra.

— O que foi isso? — perguntou, olhando para os lados procurando a origem.

Boba. Ela devia ter olhado para cima.

— Sage!

Antes que pudesse respirar de novo, foi puxada para frente como um boneco de pano, soltando um grito assustado quando um estrondo alto veio atrás dela.

Ela tossiu com a poeira levantada e a luz forte entrando pelo teto.

— Você está machucada? — o tom grave dele trouxe ela de volta do susto, o olhar escuro passando rápido por ela. As mãos grandes dele apoiadas nos ombros.

Isso a fez lembrar do primeiro encontro deles na floresta.

Ela pensou que a sensação do toque dele fosse diminuir com o tempo…

Nada feito.

Só conseguiu acenar com a cabeça antes que ele tirasse as mãos e fosse para o pedaço destruído do teto que quase a esmagou.

— Quer que eu chame alguém para consertar, senhor? — perguntou, surpresa da voz firme, apesar do coração estar disparado.

— Você quase morreu, e quer falar do teto?

Ele a olhou, meio indignado.

Ela deu de ombros.

— Ainda não foi meu dia mais perigoso no trabalho, acredita?

Algo ficou escuro no rosto dele, mais que o normal.

Ele encarou o buraco no teto por alguns segundos, respirando fundo.

— Você ainda é nova, Sage. Não se preocupe. Tem tempo.

Ela riu, e a cara dele se fechou como quem comeu uma uva azeda.

— Então, hum... o que aconteceu com o teto?

— A mansão é velha. Deve ter sido desgaste natural. Alguns parafusos enferrujados devem ter cedido. Vou mandar alguém da equipe dar uma olhada e consertar o buraco. Isso não vai acontecer de novo.

Ela murmurou.

— Pena. Quase morte é um ótimo despertador matinal.

— Fique só na poção, Sage. Principalmente a minha. Na minha mesa, em vinte minutos. Mas cuidado com a bagunça.

Ele chutou o pedaço do teto quebrado como se estivesse ofendido, e ela entendeu que podia ir.

Ela desviou da sujeira, tossindo um pouco com a poeira levantada. Algo deslizou debaixo do sapato dela, com um tinido leve.

Quase tropeçou em outro ao se abaixar para pegar.

Era metal brilhando na mão.

Parafusos.

Nem um pouco enferrujados. Pareciam novinhos.

— Eu disse para tomar cuidado.

As palavras pararam ela, e quando virou para olhar ele, viu que ele parecia mais velho do que ela sabia.

Peso de um fardo que só ele carregava.

Ela sorriu, tentando não se ofender quando ele fez cara de dor.

— Sou péssima ouvinte.

— Isso vai te meter em encrenca um dia, acho.

Ela fez careta e virou de costas, o vestido rodando nas pernas, subindo para pegar a poção para os dois.

Reinaldo pulou ao lado dela, equilibrando um cartaz com o dedo da pata, a palavra que ele tentou mostrar antes escrita claro: PERIGO.

Ela sorriu meio sem jeito.

— Meio atrasado pra esse aviso, Reinaldo.

Arrumando a coroa dele, continuou escada acima.

Chamou, brincando, jogando os parafusos para o chefe, que os pegou com facilidade e franziu o cenho.

— Acho que sua péssima audição vai acabar te metendo em encrenca um dia.

Ela quase parou de novo ao ouvir algo.

Parecia que o Vilão sussurrava algo atrás dela.

Algo que soava muito com...

— Já aconteceu.

Capítulo 1

Reinaldo

Tinha cabeça decepada pendurada no teto… e uma delas era do Trystan Maverine.

Alexander William Reinaldo acordou com o coração minúsculo batendo acelerado dentro do peito verde e viscoso. As almofadas da sua pequena cama dourada estavam pressionadas sob seus dedos membranosos, e ele olhou lá de cima, no seu poleiro, para o homem dormindo na cama, relaxando só um pouco quando viu o peito do Trystan Maverine se mexendo num ritmo tranquilo, um leve ronco escapando das narinas do seu melhor amigo.

Um pesadelo horrível. Só isso.

Alexander nem dava muita bola, para não enlouquecer tentando comunicar o sonho sangrento palavra por palavra.

Era manhã, os pássaros cantavam felizes lá fora, e ele tinha acordado… mais um dia no corpo de um sapo.

Na real, era outro pesadelo — ou pelo menos era assim que ele pensava.

Durante a década que passou lamentando sua vida humana, Alexander descobriu várias coisas úteis sobre a situação dele:

1. Não havia aquela exaustiva expectativa de ser sempre cavalheiro e galante (porque quem em sã consciência esperaria isso de um sapo?).

2. Ele não precisava preencher os silêncios com conversa fiada. (Na maioria das vezes, uma palavra só já resolvia.)

3. Era pequeno o bastante para se esgueirar pela mansão onde quisesse, e ficar de olho nos amigos (e não dava para exagerar o quanto eles precisavam desse olhar atento).

4. As pessoas esqueciam que ele fora humano, o que as deixava desprevenidas em confissões, segredos, até sentimentos. (Cada dia era um show novo!)

5. E finalmente, o mais divertido de todos, observar seu melhor amigo — O Vilão — um homem que Alexander nunca achou que abriria seu coração gelado e fechado, para se apaixonar de verdade, loucamente, e intensamente por Evie Sage.

Um grito estridente ecoou pelo corredor, e Trystan acordou assustado, igual Alexander fazia pouco antes.

— Que raios? Quem está gritando? — ele resmungou, virando para Alexander com a cara fechada.

— Deve ser uma das irmãs Sage, né?

Faziam duas semanas que a Guarda Valente atacara a mansão, que a guvre grávida fora levada, e que a mãe da Evie, a Nura, voltara de esconderijo entre as estrelas.

Duas semanas inteiras sem que Evie e Trystan se falassem — parte por causa do impacto estranho que Evie parecia ter na magia do Trystan, e parte, Alexander tinha certeza, porque os dois prefeririam bater a cabeça um no outro a encarar os sentimentos não ditos.

Ou, como Alexander passou a chamar esse silêncio torturante — tortura para as massas.

Trystan resmungou, jogando as cobertas pra trás e vestindo a camisa jogada na cadeira perto da mesa nova dele.

De algum jeito, o movimento bateu quase perfeitamente com a entrada da Lyssa Sage, que entrou rindo, escorregando até parar de repente ao ver a cara fechada do Trystan.

— A Evie disse que se você fizer essa cara, ela vai ficar assim para sempre, Lorde Trystan — disse Lyssa, acenando timidamente para Alexander.

Alexander levantou o pé membranoso e retribuiu o aceno.

Lyssa Sage era uma delícia constante, como todas as crianças que ainda não tinham sido tocadas pelos horrores da vida adulta — e pela perda do senso comum.

— Que bom. Eu prefiro minha cara assim — Trystan resmungou, enfiando a camisa nas calças largas enquanto Lyssa puxava as cortinas escuras para abrir as janelas.

A garota franziu a testa quando a luz da manhã entrou.

— Você prefere assim? Por quê?

— Gosto de parecer bravo e intimidador — respondeu Trystan, calçando as botas surradas.

Lyssa fechou os lábios antes de murmurar:

— Mas você não parece. Parece que precisa ir ao banheiro.

Alexander riu por dentro e rabiscou furiosamente uma palavra no quadro que usava para se comunicar — tarefa difícil no começo, quando Trystan teve a ideia de espalhar plaquinhas e giz pela mansão só para ele. Nos primeiros tempos, a letra dele era horrível, mas depois de dez anos ninguém tinha dificuldade em entender o que ele queria dizer.

Ele levantou o cartaz orgulhoso.

"É."

— Vou jogar fora todas essas placas amaldiçoadas agora mesmo! — Trystan falou, mordendo as palavras.

Era uma ameaça vazia — daquelas que Trystan repetia faz tempo e que Alexander sabia que nunca cumpriria.

— Lyssa!

Uma voz mais leve ecoou pelo corredor.

— Tem café da manhã pra vocês na cozinha!

Alexander reconheceu a voz como a da Evie Sage, a nova aprendiz do Vilão.

Se ele não tivesse reconhecido a voz, bastava ver a rigidez do Trystan — ele ficou tão tenso que parecia que mais uma palavra ia quebrá-lo.

— Vai tomar café da manhã, Lorde Trystan? — Lyssa piscou para ele e sorriu inocente para Alexander.

Trystan olhou fixamente para a porta, como se quisesse que a Evie ficasse longe.

Mas Alexander conhecia bem a guerra interna do amigo para saber que ele também desejava que ela entrasse.

Nos últimos dois semanas, esse era um ritual masoquista, na visão de Alexander.

Claro que O Vilão estava sempre observando a jovem; isso não era novidade.

Começou com olhares curiosos, tipo analisando uma amostra de laboratório, depois virou olhares relutantes e intrigados, até chegar no estágio atual — um olhar agoniante, desesperado.

Mas essas duas semanas tinham levado o sofrimento voluntário a outro nível.

Nas últimas duas semanas, O Vilão tinha se escondido nos cantos, ficado parado nas portas e encostado o ouvido em qualquer parede que ela estivesse do outro lado.

Nada muito diferente de antes...

Exceto pelos gemidos.

— Vou tomar café no meu escritório — Trystan parou a meio caminho da porta.

— Sua irmã… vai buscar você? — Lyssa perguntou.

Ela balançou a cabeça inocente.

— Não. Ela só voltou de um recado.

A expressão de Trystan não mudou, mas os olhos ficaram mais atentos, o olhar fixo na garotinha, que ele olhou com gentileza ao se abaixar para ficar na altura dela.

— Que recado, pequena vilã?

Lyssa deu de ombros e apontou para a porta onde a voz da Evie tinha sumido.

— Não sei. Só falou que foi para fora da propriedade com a Keeley e que eu não podia ir.

Alexander não ficou surpreso com o apertar da mandíbula do Trystan ou a preocupação evidente nos olhos escuros dele.

A mansão tinha sido localizada, e o rosto da Evie estava em todo lugar em Rennedawn num cartaz de procurada, com recompensa generosa.

A única proteção que tinham contra a Guarda Valente era um bosque de espinhos plantado por um jardineiro do mercado negro, que vinha funcionando como um bom impedimento para os homens do rei até agora.

Mas fora das portas da mansão... o perigo era real.

E grande.

Ainda assim, Keeley — chefe da guarda do Vilão — estar junto era sinal de que Evie provavelmente não estava em perigo sério.

A jovem tinha sido colocada no comando por razões violentas e muito boas.

Logicamente, Alexander sabia que não precisava se preocupar.

Ele suspeitava que Trystan também sabia, e mesmo sendo sapo e não leitor de mentes, quando você passa dez anos observando cada minuto, vira expert em perceber.

Mas isso pouco importava.

Nem precisava ser expert para ver Trystan Maverine e saber que o sentimento que fervia dentro dele era puro raiva.

Mas Trystan não mostrava isso para Lyssa, que olhava para ele preocupada, com olhos castanhos e grandes.

— Como a Evie está ocupada, vamos fazer nossa festa do chá hoje, Lorde Trystan?

Trystan pareceu aliviado com a mudança de assunto e assentiu, um leve movimento de canto de boca.

— Acho que posso adiar o treino de tiro da tarde.

Lyssa gritou de alegria e foi para a porta — provavelmente sem saber que o alvo do treino eram os estagiários.

Enquanto Alexander e Trystan observavam a cabeça escura da Lyssa desaparecer, um clima sombrio tomou conta do espaço vazio e sem alegria.

Trystan suspirou e foi abrir o armário, tirando algo que Alexander sabia ser muito importante para ele.

O lenço que Evie dera a ele no fatídico primeiro encontro estava nas mãos do Trystan, que o levou ao rosto e fechou os olhos.

Era triste demais até para um sapo amaldiçoado ver aquilo.

Alexander Reinaldo virou o olhar para o chão, enquanto o amigo lamentava um destino que Alexander jurava poder evitar.

Se ao menos ele fosse humano o suficiente para impedir aquilo.

Capítulo 2

O Vilão

Trystan Arthur Maverine levava a tortura muito a sério, mas as últimas duas semanas tinham sido um fundo do poço até para ele.

Tentar se manter longe da Sage era como um espetáculo de terror que ele tinha visto no teatro anos atrás: sangrento, horrível, e que fazia ele duvidar da própria sanidade para tomar decisões sensatas.

A porta estava entreaberta, e o burburinho matinal dos trabalhadores entrando fazia uma dor latejar perto das têmporas dele. Mesmo assim, ele não conseguia fechá-la.

Porque, apesar de Sage estar do outro lado do amplo escritório — e mesmo tendo que fazer um esforço — ele ainda conseguia ouvir o murmúrio dela cantarolando.

Ele não podia fechar a porta… e correr o risco de perder aquele som.

Mesmo que aquele som o devastasse tanto quanto o curava.

O ruído baixo do escritório aumentava, sinal claro de que alguma fofoca nova logo estaria no ouvido da Tatianna antes do fim do dia.

Ele não queria saber. O mau humor tinha destruído qualquer senso de etiqueta social que ele ainda carregasse.

Nem que isso tivesse existido muito dentro dele antes de se afastar da Evie para o bem dos dois.

Sage acreditava que a separação era para proteger a magia dele, mas na real, ele não se importava com isso.

Só queria preservar o frágil fio entre eles, sem que o destino o partisse ao meio.

Evie Sage está destinada a ser sua ruína, e você a dela.

Monstros do destino eram raros; a maioria considerava apenas mitos.

Criaturas que existiam antes da criação do continente mágico, observando, esperando os deuses pintarem tudo com magia e cor.

O monstro do destino na Fortaleza da Família Fortis tinha anunciado a tragédia do futuro como algo certo, mas Trystan jurava para si mesmo que podia evitar isso... se evitasse ela.

A cadeira raspou contra o chão de pedra quando ele a jogou para trás com força, batendo na parede.

A madeira rangeu sob seu punho enquanto ele segurava a porta pela borda, mas antes que pudesse fechá-la com força e buscar a paz que tanto queria, a entrada do escritório se abriu.

E o que viu fez a maçaneta ceder em sua mão.

Sage apareceu na entrada, uma perna moldada em calças passando à frente da outra, e ele não teve escolha a não ser abrir a porta do escritório ainda mais, afastando-se de seu refúgio — o mesmo espaço onde a mesa dela antes ficava.

As fadas de gelo sopravam correntes frias pelo ar-condicionado para compensar o calor sufocante lá fora.

O vento tocou a pele do pescoço de Trystan, refrescando-o.

Mas não fez diferença.

Tudo parecia queimar.

Sage entrou, as conversas altas baixando para murmúrios quando ela começou a andar pelo meio do escritório, indo direto para ele.

Ele tentou parecer indiferente apesar da determinação nos olhos dela, enquanto seus quadris balançavam, e ela o encarava pela primeira vez em treze dias e meio.

Ele cruzou os braços e encostou na porta, esperando, observando, tentando a indiferença.

Enfrentando o desafio nos olhos dela com o próprio olhar.

Só vacilou quando percebeu alguns olhares dos outros funcionários — demorando para observar como as calças da Sage se agarravam ao corpo dela, como as mãos dela se entrelaçavam atrás das costas, como ela empinava o peito num ângulo que dilacerava a alma, ou o pequeno sorriso nos lábios vermelhos quando foi parada por um dos homens do financeiro.

Ela passou educadamente por ele quando ele a olhou com malícia e cochichou algo no ouvido dela, que deixou suas bochechas coradas.

Foi só um flash de desconforto antes dela seguir em frente.

Isso foi suficiente.

Finalmente, pensou ele, maníaco.

Uma desculpa para queimar todos os livros de matemática num raio de dez milhas.

O riso da Sage cortou a ira interna de Trystan enquanto ela esbarrava levemente no homem do financeiro.

Levemente demais, se você perguntasse ao Trystan.

Ela precisava usar mais força... ou um picareta.

Ele fez uma anotação mental para deixar um picareta no escritório dela mais tarde, com um laço azul.

Ficar longe dela não significava que ele não podia dar armas para ela — isso não deveria provocar o destino, ou seja lá qual força fosse que decidira que juntos seriam a ruína um do outro.

Como se percebesse o turbilhão dos pensamentos dele, os olhos claros de Sage subiram até os dele.

O estoicismo praticado dele estava lá, se o gelo na expressão dela fosse algum sinal.

Ela odiava quando ele ficava sem emoção.

Mal sabia ela que por trás daquela expressão vazia tinha tanto sentimento que parecia que ia vazar pelas orelhas dele.

Era horrível.

Ela parou na frente de Trystan, perto demais, sufocando.

— Bom dia, senhor.

Os cachos dela estavam presos para trás, com mechas soltas que brincavam com o rosto dela.

Ela não falava diretamente com ele há quase duas semanas, e aquelas três palavras fizeram o coração negro dele travar na garganta.

— Bom dia, Sage.

Trystan engoliu em seco, quase se assustando com a rouquidão da voz.

Sem cerimônia, ela enfiou um pequeno pacote de anotações amarrado com um fio marrom contra o peito dele.

Foi quando ele percebeu por que as mãos dela tinham ficado entrelaçadas atrás das costas: não era só para torturar os sentidos dele.

Pelo menos, era o que Trystan deduziu, olhando para os dedos delicados dela com mais curiosidade do que horror.

— Vou perguntar sobre esses documentos que você me trouxe, Sage, mas antes acho que devo falar sobre o elefante na sala.

Que os deuses o ajudem, ela parecia confusa, franzindo a testa e enrugando o nariz.

— O quê?

— Suas mãos — disse Trystan, irônico, apontando para elas.

A paciência dele estava por um fio, sem rede de proteção.

— Claro que ela sabe que isso é óbvio.

Sage olhou para baixo, as bochechas brancas eram o único sinal de que algo estava errado.

— O que tem elas?

As sobrancelhas de Trystan se ergueram, chegando perto da testa.

— Alguma razão especial?

Ele esfregou a mão no queixo.

— Para quê?

— Para estarem cobertas de sangue?

Capítulo 3

Evie

Pra ser sincera, Evie já tinha tido tempo de sobra pra lavar o sangue das mãos antes de voltar pra mansão. Mas isso não teria nem metade da graça que teve encarar o chefe pela primeira vez em duas semanas, com a expressão dele na medida, entre o alarme e a preocupação, e um silêncio desconfortável se instalando entre eles.

Silêncio desconfortável? Pra Evie, tava ok. Ela já era veterana no quesito “clima estranho”. Eram amigos antigos e disfuncionais, o pacote completo.

— Ah, esse sangue? — Ela fez questão de fingir que examinava as mãos, girando os pulsos, olhando de todos os ângulos. A atuação dela era meio exagerada, quase caricata, mas não era pra enganar o Vilão. Era pra pirar a cabeça dele.

Ela deu de ombros, saboreando por dentro o tique no supercílio dele.

Com um movimento de afastar um cacho do rosto, inclinou a cabeça curiosa:

— Por que pergunta?

O tique virou um sacode de cabeça, e ela quase pulou de alegria. Ah, como tinha saudade disso — arrancar reações emocionais do chefe até ele parecer que ia explodir.

“Não torture o chefe, Evie! A menos que você invente um jeito superdivertido de fazer isso!”

— Você é um perigo — ele rosnou.

Ela sorriu, fazendo uma pequena reverência.

— Que gentileza notar.

Houve uma pausa enquanto o Vilão respirava fundo, como quem segura um último fio prestes a arrebentar. Qualquer empurrão a mais e ele quebraria feito graveto pisado.

Ela franziu o cenho para si mesma. O que tava fazendo… percebeu que era meio cruel.

Mas logo o cenho virou sorriso maroto. Esse lado dela compensava a culpa de causar desconforto de propósito.

Normalmente, quando fazia isso, era acidente — e ela até tentava consertar. Agora, parecia que a coleira do cérebro tinha se soltado e a boca tava curtindo demais essa liberdade nova.

Esse intervalo de duas semanas foi um verdadeiro favor dela.

O descanso do Vilão tinha acabado, assim como a paz dele.

Com um suspiro rouco e os fios de cabelo desgrenhados caindo no rosto, ele olhou pra ela com impaciência de quem já viu o mundo inteiro.

— Yeei!

— Sage, tenho coisas mais importantes pra resolver do que decifrar quem você mutilou essa manhã. Fala logo.

Em vez de responder, ela pegou o lenço bordô que saía do bolso dele — tão escuro que escondia o sangue que ela agora usava pra limpar as mãos.

Um suspiro de choque ecoou, e Evie sentiu os olhares de todos os funcionários nas costas dela, mesmo que fingissem mexer em papéis, usando o murmúrio de conversa pra disfarçar a escuta.

Ela olhou pro Trystan, esperando ele mandar parar, mas ele parecia ocupado demais parecendo um animal acuado, pronto pra atacar qualquer ameaça.

— Já terminou? — ele perguntou com voz entediada, mas o leve tique na pálpebra o denunciava.

— Quase.

Ela sorriu de novo, dessa vez mais aberto, mostrando os dentes.

Terminou de limpar os dedos com um floreio, dobrou o lenço cuidadosamente e o enfiou de volta na palma aberta dele.

Esperou alguns segundos pra falar, só pra tentar fazer a veia na testa do chefe saltar ainda mais.

Mais um momento de silêncio encarando.

Missão cumprida.

Ela aproveitou pra pedir trégua.

— Fui com a Keeley até os Bairros Pobres do Leste — disse, seca e direta, como se falasse de um passeio num campo florido, e não um dos lugares mais perigosos de Rennedawn, onde todo tipo de desgraçado perambula. Chefe incluso.

Os olhos dele ficaram enormes, a mandíbula se apertando num sorriso que parecia quebrar os dentes em pó de osso.

Delícia pura.

— E o que, diga lá, você estava procurando lá?

Ele se aproximou, o olhar duro, e pela primeira vez desde que ela entrou no escritório, ela sentiu o controle balançar.

Porque era a primeira vez em duas semanas que ela estava perto o suficiente pra sentir o cheiro de canela na pele dele e ver a profundidade dos olhos negros que viam direto no coração dela.

— Eu… hum…

De repente, ela ficou sem palavras — sinal clássico de desastre total.

Engoliu em seco, batendo a mão no peito como se um pouco de poeira tivesse ficado presa.

— Procurávamos pistas sobre a profecia dos contos de fadas de Rennedawn. A magia está enfraquecendo. Tem relatos de grandes áreas cinzas, sem cor, como se a magia estivesse voltando pra terra.

Evie mordeu o lábio, e o Vilão desviou o olhar.

— Se quisermos ter alguma chance de cumprir a profecia antes do Benedict, cada pista conta. Os Guardas Malévolos receberam uma dica hoje cedo de um senhor idoso falando besteiras poéticas sobre a lenda. Diz que o bisavô dele foi conselheiro do rei antigo e ele ouviu algumas histórias quando criança.

Ela apontou pros papéis quase amassados nas mãos dele.

— Achamos ele, e bastou um olhar de "olha como sou indefesa" e alguns suspiros e ele despejou tudo que lembrava. Que, claro, era pouco...

Os olhos de Trystan dispararam para o sangue nas mãos dela outra vez, dessa vez com uma intensidade quase palpável.

— Então decidiram puni-lo por isso?

Ela vacilou, lembrando dos outros homens no bar tentando agarrá-la, a cicatriz no ombro latejando perto da adaga escondida na coxa.

— Alguns frequentadores do bar descobriram quem éramos e tentaram me entregar por recompensa.

O braço dele endureceu, lembrando que sob a camisa de linho branca tinha uma tatuagem dourada igual à dela no dedo — que mostraria claramente se Evie tivesse corrido perigo mortal.

Ele devia saber que, uma hora antes, ela e Keeley tinham sido cercadas por um bando de homens.

Ou sabia e não se importava...?

As emoções dela agarraram qualquer coisa pra cobrir o vazio no peito.

— Eu furei um deles — soltou.

Perfeito.

As sobrancelhas do Vilão subiram até o céu, os olhos voltando para as mãos dela com um silêncio mortal:

— Só um? E os outros?

Ela fechou a distância, levantando o rosto pra ficar perto do dele, vendo com satisfação a garganta dele mexer e a mão fechar.

Ela pressionou mais, irritada por ele ignorar a primeira violência dela desde a promoção.

— Eu furei o pescoço dele. Não é o suficiente pra você?

Ele balançou a cabeça, o rosto duro.

— Não, se ele te tocou. Não se algum deles tocou.

Os lábios dela se abriram surpresa, piscou.

— Isso importa?

A raiva brilhou nos olhos escuros dele, mas logo sumiu, e com um suspiro de derrota, ele fechou os olhos.

— Claro — disse, escolhendo as palavras como se fossem de vidro, que se caíssem, quebrariam — que importa.

Ela inclinou a cabeça, a mão roçando levemente onde o coração dele batia, um queimor indesejado explodindo.

— Por quê? — sussurrou.

Ele não abriu os olhos, a cabeça inclinando perto, como se não resistisse à força que os puxava, como se fosse agoniante.

Os ombros dele se moveram numa tentativa aparente de afastar a dor.

— Porque, Sage—

Num clarão que os separou violentamente, a magia negra de Trystan — aquela que só eles podiam ver — começou a se espalhar em ondas, rodopiando aos pés dela e tomando conta do escritório.

— Não! — Trystan sibilou. — Volte! Eu não te chamei!

Mas era tarde demais.

A magia negra tomou tudo, envolvendo tudo em seu caminho.

Uma névoa cinza enrolou os tornozelos dela, deslizou pelos pulsos, rodou pelos cachos, tão perto que parecia sussurrar no rosto dela.

— Sage, sai daí! — Trystan gritou, estendendo as mãos, a cara tensa tentando retomar o controle.

Vale dizer que o instinto primeiro de Evie foi resistir, ficar ao lado dele até a magia acalmar — mas, numa reviravolta humilde, percebeu que a única forma de acalmar ele, a magia, era ficar longe.

O lustre em teia de aranha balançou sob a força da névoa negra, o pôster de PROCURADO do Vilão na parede chacoalhou.

— Tá bom, tô recuando! — ela avisou à magia, tentando domar, mas falhando completamente.

O pôster caiu, batendo forte no chão, um estalo horrível ecoando.

A moldura quebrou ao meio, o vidro riscou o retrato, cortando o rosto em chamas do Vilão ao meio.

— O que foi isso? — gritou um dos estagiários quando a névoa apagou várias tochas, jogando mais sombras no escritório.

Olhares acusadores caíram no chefe, que ainda lutava para se controlar.

— É um novo método Scatter Day — Evie disse rápido.

Se não conseguisse acalmar o chefe, teria que usar a si mesma de outro jeito.

Tirando os funcionários do caminho.

A voz do chefe estava rouca enquanto ele ordenava:

— Calma, pessoal. Não entrem em pânico.

— O chefe botou um fantasma no escritório. O primeiro que ele possuir perde… a cabeça!

Evie gritou e cobriu a boca, como se tivesse sido outra pessoa.

Houve silêncio, seguido de gritos, funcionários correndo pra saída, fadas gritando ao voar, uma multidão de estagiários atrás.

Quando o último saiu, o silêncio era ensurdecedor.

O chefe a encarava, com a cara impossível de ler, enquanto se sentava numa cadeira vazia do outro lado da sala.

O poder voltava aos poucos pra ele em ondas lentas, parte ainda pairando perto dos pés dela até que, com algo entre um sopro e um pequeno guincho, voltou para os pés do Vilão.

Os olhos dele não estavam mais duros nela, mas ele se recostava na cadeira, braços cruzados como um rei preguiçoso, suspirando.

Ela se enrijeceu, sentindo uma acusação invisível, e ergueu as defesas.

— Não achei que todo mundo fosse sair correndo assim.

— Você ameaçou eles com um fantasma — ele respondeu, coçando o queixo.

— Não ameaçei. Avisei — corrigiu, andando até o retrato PROCURADO quebrado, pegando os pedaços do falso retrato do Vilão que antes lhe causava tanta alegria.

— Quer que eu avise pra eles que sua magia perde o controle sempre que você chega perto de mim? Posso até contar que a magia de Rennedawn toda está bagunçada porque a profecia ainda não foi cumprida. Ou que, se a gente falhar, o rei Benedict vai mandar no reino pra sempre. Ótimo papo de intervalo, né?

Os olhos dele brilharam perigosamente, e ela se arrependeu das palavras assim que viu o efeito.

A magia dele se aproximou de novo, a névoa rodopiando nos tornozelos dela, deslizando pela pele.

Era uma magia perigosa, que fez dele o Vilão, mas ela não conseguia deixar de achar a energia negra deliciosa.

Confortante, até.

Como um lar que ela nunca conheceu.

— Sage. Acho melhor você voltar pro seu novo escritório. Já que eu estou tão — ele engoliu — fora de controle.

O coração dela amoleceu, a alma tão despedaçada quanto o retrato entre os dedos.

— Você sabe que não quis dizer assim — ela disse, baixinho.

— Vai.

A palavra foi dura, fria.

Nada do homem que ela amava, nenhuma pista dele por trás dos muros que ele reconstruía ao redor.

Ela olhou pro cartaz, segurando os restos do dia ensanguentado, e apertou contra o peito.

Cheirou o nariz, endireitou os ombros, caminhou até onde ele estava e se abaixou até ficar na altura dele.

— Não.

A cabeça dele se ergueu, os lábios se abriram, um brilho estranho nos olhos negros.

— Sage—

— Senhorita Sage! Senhor Vilão! — um dos estagiários mais novos entrou correndo, arfando e gesticulando.

— É horrível!

O Vilão pulou de pé, trocando um olhar rápido com Evie enquanto se preparavam pro pior.

— Achamos o fantasma!

Capítulo 4

Evie

— Achei que você não acreditava em fantasmas — Evie disse enquanto andavam apressados rumo à cozinha do escritório, onde o tal "fantasma" estava dando as caras.

— Não acredito — resmungou o chefe.

— Então por que está vindo comigo? — ela perguntou, olhando desconfiada enquanto contornavam a esquina, uma janela aberta deixando entrar um vento quente e o cheiro doce da grama verde.

— Porque, se por acaso existir um espírito assombrando minha cozinha, não quero que você seja a primeira impressão dos vivos pra ele. Você ia assustá-lo.

Evie bufou e empurrou o ombro dele. A magia dele a ajudou e formou uma barreira em volta dos pés dele até que ele tropeçou e quase se esborrachou na parede.

— Sage!

Ela deu de ombros inocente, girou e voltou andando de costas pela entrada da cozinha, encarando-o com olhos arregalados:

— Opa, foi mal. Te assustei?

Quando Evie virou, na verdade ela gritou — de surpresa.

— Deuses! Mama, o que você tá fazendo?

Nura Sage estava ali, gemendo perto da pia da cozinha, com um pano enrolado no dedo, vestindo um avental gigante do Edwin. A roupa era tão grande nela que dava até um ar de fantasma — assombrando o forno, aparentemente.

A mãe dela ajeitava os cachos atrás das orelhas com uma mão, a pele dourada brilhando de suor.

— Soube que o cozinheiro do seu escritório ia tirar folga, então pensei em fazer uma das suas sobremesas favoritas. Mas acho que fui ambiciosa demais. Não uso o forno desde o aniversário de quinze anos do Gideon.

Mama sorriu sem jeito.

— Me queimei e acho que meu gemido e o jeito que fiquei curvada assustaram alguns dos seus funcionários. Esqueci o quanto sou desajeitada na cozinha.

— Isso é até bom, Senhora Sage — o chefe dela disse seco ao lado dela — sua filha parece desajeitada em todo lugar.

Evie lançou um olhar indignado pra ele.

— Eu não fui a que tropeçou na própria magia.

— Ah, sim — Nura disse baixinho — não quis causar confusão. Devo me retirar?

— Não! — eles gritaram juntos, voltando a se encarar.

Ironia do destino: por mais que Evie amasse os dois, havia duas pessoas no mundo com quem ela não queria ficar sozinha, e ambas estavam ali.

Pelo menos, não agora, quando tantos sentimentos se embaralhavam em todas as direções.

Ela queria manter a calma, a autoridade, e não conseguia com o Trystan quando sentia vontade de estrangulá-lo.

E a mãe dela, bem... a presença dela parecia estar estrangulando Evie.

— Tudo bem — Nura disse cuidadosamente, afastando-se do balcão com uma expressão serena.

A calma mulher diante dela era uma estranha.

Evie tinha esperado que as últimas semanas a acostumassem de novo com a presença da mãe, como aconteceu com Gideon, mas isso era diferente do retorno do irmão.

Claro, doeu saber que Gideon se afastou voluntariamente por todos esses anos, mas ele não tinha escolha.

Nura Sage, por outro lado, tinha escolha — e apesar dos sentimentos felizes por reencontrá-la e da dor que Evie sabia que a mãe sofreu, ela não podia evitar ressentir o fato de ter sido obrigada a sofrer sozinha.

Sozinha.

Nura sorriu para ela, materna e nostálgica.

Isso mexeu com o estômago de Evie, mas ela sorriu de volta, rezando para que a mãe não percebesse a diferença entre o sorriso sincero e o falso.

— Talvez você possa ficar, então, Evie? Se o Trystan precisar voltar ao trabalho, podemos tentar salvar essa massa juntas.

Nura estava esperançosa, e toda a alma de Evie gritava para ela concordar, afinal, ela já tinha evitado isso tempo demais.

Nas últimas duas semanas, Evie só tinha visto a mãe quando estava com Gideon ou raramente quando Lyssa falava com ela.

Não era que Evie não fosse grata pela segurança da mãe ou pela nova estabilidade emocional dela.

Era que ela não podia confiar.

Não sabia se ainda sabia como confiar.

Quando uma infância é governada pelos padrões dos outros, a criança aprende a obedecê-los na vida adulta.

E, como sempre, toda vez que a mãe de Evie tinha um dia bom, vinham vários ruins logo depois.

— Eu adoraria, Mama — Evie começou, sentindo-se como um coelho preso numa armadilha.

— Mas estou trabalhando. Que tal outro dia? No fim da semana, talvez?

O sorriso de Nura vacilou, uma tristeza que Evie reconheceu nos olhos castanhos dela.

— Oh. Claro, que bobeira da minha parte supor—

— Não tenho trabalho — Trystan disse, cruzando as mãos na frente do corpo, esperando.

Evie e a mãe olharam para ele, esperando explicação.

— Tá se gabando? — Evie inclinou a cabeça, observando-o.

Será que as duas semanas separadas tinham tirado a capacidade dela de ler ele? O que diabos ele estava fazendo?

Ele ergueu a sobrancelha antes de falar com a mãe dela:

— Quero dizer que ficaria feliz em ajudar a assar se precisar de mãos firmes.

Ah, nada pra alarmar. Só tava tentando virar o coração dela do avesso.

Esse calorzinho gostoso no peito só piorou quando o rosto da mãe dela iluminou e os olhos suavizaram, esperançosos.

— Oh, Trystan, querido, não posso te pedir isso. Tenho certeza que tem muitos negócios pra cuidar.

O chefe começou a arregaçar as mangas até o cotovelo.

Os antebraços — que Evie tinha certeza que não eram parte sensual do corpo, mas nos quais ela não parava de olhar — apareceram, e ela sentiu o rosto corar.

— Nenhum negócio — Trystan disse, caminhando até a massa e olhando como se fosse explodir.

— A vantagem de ser chefe é decidir minha agenda sem reclamação dos subordinados.

— Eu não ia reclamar — Evie resmungou.

O Vilão lançou um olhar sério enquanto pegava um avental muito menor no armário e o entregava silenciosamente para Nura, que sorriu e começou a ajeitá-lo no canto da sala.

— "Subordinado" implica que eu tenha algum controle sobre você, Sage — ele disse baixinho, virando para amarrar seu avental nas costas.

— E eu diria que, por tudo que se sabe, você está longe de estar abaixo de mim.

— Mesmo que ele gostasse muito que você estivesse.

Blade sorriu, aparecendo no ombro de Evie.

Ela revirou os olhos, e ele lançou o braço musculoso ao redor dela, as mangas verdes esvoaçando do colete de cobre até os pulsos.

Uma colher de metal voou no ar e acertou Blade bem na testa.

— Ai! — o treinador de dragões gritou, soltando Evie enquanto esfregava o lugar, olhando acusadoramente com seus olhos âmbar.

— A mãe da Evie está aqui, seu desrespeitoso.

O Vilão deu um passo ameaçador para Blade.

Blade esfregou a testa, encarando-o.

— Não sou eu quem está despindo a filha dela com os olhos.

As narinas do Vilão se dilataram, e Evie se colocou entre eles antes que o chefe desse outro passo, levantando a mão para pará-lo.

— Tenho quase certeza que minha mãe acharia assassinato violento mais ofensivo que insinuação.

— Nem precisa ser violento — o chefe disse seco antes de voltar para a tigela da massa amassada.

— Embora isso aqui...

Nura deu um passo à frente, o sorriso divertido sumindo quando olhou a criação.

— Sei que é impossível. Pensei que ajudaria se eu colocasse aquela farinha rosa estranha, mas só piorou a textura.

— Você usou minha farinha rosa? — Lyssa estava na porta, cabelo preto agora em duas tranças com fitas vermelhas, olhos escuros brilhando com lágrimas não derramadas, dedos cerrados em punhos apertados.

A mãe parecia sem saber o que fazer com as mãos, tentando encontrar algo pra dizer pra filha que quase a ignorava desde que voltou.

Lyssa tinha recusado quase todas as tentativas de atenção de Nura, e Nura, por mais falhas que tivesse, tinha levado numa boa.

Até agora.

— Lyssa.

Nura estendeu a mão para a filha mais nova e estremeceu quando Lyssa se encolheu contra Evie.

— Eu… sinto muito, não sabia. Pode me perdoar?

As sobrancelhas de Lyssa se franziram para baixo, e Evie sentiu as mãos da irmã tremerem contra a cintura dela.

— Não. Essa era minha e você estragou tudo.

— Lyssa — Evie disse com cuidado, tentando alcançar a irmã, mas pegou só o ar quando Lyssa se afastou e saiu correndo da sala.

Um silêncio pesado tomou a cozinha, ninguém se mexendo, até que Gideon apareceu na porta, cabelo castanho claro puxado pra trás.

— Tá tudo bem aqui? Vi a Lyssa e ela parecia chateada.

Quando Evie finalmente teve coragem de olhar para a mãe, soube com certeza que o bom dia dela tinha acabado.

E Evie se preparou.

Para um dia ruim.

Capítulo 5

Evie

O sol mal tinha nascido na manhã seguinte quando Evie se sentou na cama, apertando o peito, sentindo uma dor vazia, como se tivessem cavado um buraco dentro dela e deixado só o vazio.

Lyssa roncava baixinho ao lado, sem nem se mexer quando Evie pulou da cama, se vestiu e fez toda sua rotina matinal, fechando a pesada porta de madeira com cuidado ao sair.

Seu sono estava um desastre ultimamente; ela acordava várias vezes à noite até desistir.

A luz do sol começava a aparecer quando ela se aproximou da janela, apoiando o braço no parapeito e olhando para a vasta floresta Hickory.

Estava tão perdida em pensamentos que não ouviu os passos que se aproximavam.

— Bom dia, Srta. Sage! — Marv chamou, quase derrubando uma caixa que balançava perigosamente para a esquerda.

Evie correu para segurar o outro lado, ajudando Marv a colocar a caixa no chão.

— Meu Deus, Marv. Você está se mudando?

Marv puxou a gola da camisa, meio sem jeito, olhando para a caixa.

— Não, só estou levando as doações para a entrada até serem transportadas. Muitos tesouros para os menos afortunados! Foi ideia da sua irmã.

A caixa estava cheia de lembranças — um retrato oval de uma mulher muito bonita, um peso de papel em forma de flor, um monte de canetas, uma caixinha de ferramentas e mais uns apetrechos.

Evie se abaixou e pegou um pacote novo de penas para escrever relatórios.

— Por que você não coloca isso no armário que fica ali no corredor? Tem bastante espaço e você não precisa carregar algo tão pesado tão longe.

Marv corou, mexendo nos dedos.

— Muito generoso, Srta. Sage. Obrigado.

Ela deu um tapinha na bochecha dele e pegou a caixa, mas subestimou sua própria força.

Quando a caixa caiu no chão, a caixinha de ferramentas caiu junto, com a tampa batendo na pedra.

Caíram um martelinho pequeno, uma chave de fenda menor e vários parafusos novinhos.

Marv calmamente se ajoelhou para recolher tudo e guardar de volta na caixa.

— Oh, meu Deus. Fiz uma bagunça. Desculpe, Srta. Sage.

Algo nos parafusos parecia familiar para Evie, mas ela não sabia explicar...

Até que ouviu um rangido vindo de cima.

— Srta. Sage! Cuidado! — Marv gritou, puxando Evie para o chão, fora do alcance de uma grade de ventilação que despencava, caindo sobre ela e protegendo seu corpo com o próprio.

O metal bateu no chão de pedra com um estrondo tão alto que a porta atrás dele se abriu rangendo.

Era o quarto do Trystan.

— Que diabos foi isso? — Trystan rugiu, sem camisa e despenteado, congelando quando viu Marv sobre Evie, a poucos passos.

— Marv.

Marv parecia assustado e nervoso.

— Sim, senhor?

— Sai daí agora. Por favor.

Marv se levantou rápido, e Trystan já estava ao lado dela, puxando-a para ficar de pé.

— Não seja rude com ele — Evie repreendeu.

— Ele acabou de me salvar de ser esmagada.

Marv olhou para os parafusos, fazendo conexões que Evie já começava a formar.

— Ei. Esses parafusos... Alguém tentou tirar essa grade? Mas por quê?

— Pra me esmagar de propósito — Evie chutou, lembrando do teto do casarão que caiu tempos atrás, e dos parafusos intactos que misteriosamente tinham se soltado.

— Ou pra você — Trystan resmungou ao lado, chegando à mesma conclusão.

— Marv. De quem são essas ferramentas?

Os olhos de Marv caíram, tristes.

— Não lembro. A caixa foi deixada para itens descartados no escritório. Ficou lá a noite toda, senhor. Eu devia ter ficado mais atento; quer que eu reúna os trabalhadores para interrogar? Ou prefere me interrogar?

Marv ofereceu, sempre disposto a ajudar.

— Não precisa, Marv. Vou achar as respostas sozinho — Trystan falou, e Evie sentiu o alerta subir.

— Eu posso ajudar — ela tentou.

Trystan fechou os olhos com força, soltou um suspiro e voltou para seus aposentos, murmurando:

— Não. Você não pode.

Capítulo 6

Evie

O sol mal tinha nascido naquela manhã quando Evie garantiu para a mãe:

— Ela só precisa de tempo, mamãe.

Enquanto Nura andava de um lado para o outro no novo escritório de Evie, que antes era só um canto iluminado, mas agora era um espaço aberto e alegre.

A mesa branca dela, onde Trystan já tinha atirado um corpo uma vez (vai vendo o nível), estava agora encostada na janela para que a luz quente do sol tocasse sua pele enquanto trabalhava.

Todo dia de manhã, um buquê de rosas brancas aparecia sobre sua mesa, junto com uma latinha nova de balas de baunilha — a primeira presente de Marv, a segunda de Edwin.

Pequenos gestos de gentileza que pareciam os maiores presentes, porque significavam que alguém pensava nela nas horas mais comuns do dia e queria, de algum jeito, melhorar seu dia.

Criavam uma doçura que mascarava a sensação amarga de ser empurrada para o canto, como uma criança no castigo.

Ela tinha enfeitado as janelas com pequenas borboletas de papel azul e branco que Lyssa tinha feito no dia em que Evie foi “banida”.

Era a tentativa da irmã de tornar a distância entre Evie e O Vilão um motivo feliz.

Mas Evie tinha medo que a única mudança fosse seu novo e alarmante desprezo por borboletas.

Nura estava encostada na outra janela, passando os dedos suavemente pelo vitral colorido.

— Eu sei. Deve ser muito assustador para ela. Acho que só queria que ela fosse mais como você nesse aspecto.

Havia orgulho na voz dela ao caminhar até Evie, inclinando-se sobre a mesa para apoiar as mãos nas bochechas da filha, olhando para seu rosto com uma gratidão que Evie sentia não merecer.

— Você me aceitou de volta tão rápido.

Uma lágrima escorreu pelo rosto de Nura.

— Minha doce garota e seu doce sorriso.

Dizem que com um sorriso se conserta um mundo quebrado.

Mas as lágrimas que ardiam nos olhos de Evie não eram de alegria, porque aquelas palavras que sua mãe lhe disse há muito tempo... já não pareciam elogios.

Mesmo assim, ela sorriu. Por precaução.

— Lyssa está lidando com muitas mudanças. Não posso culpá-la por não conseguir lidar bem com outra. Especialmente uma tão confusa.

Evie manteve o olhar na mesa, desviando a cabeça das mãos da mãe e se concentrando nas anotações do diário que fez na manhã anterior — pequenos fragmentos das memórias do velho que anotou na taverna.

Pedaços da profecia do livro de Rennedawn. Chaves, janelas, uma porta e uma mancha?

Mas ele estava preso em correntes por embriaguez pública e tentava fugir...

Chaves, janelas, porta, mancha.

Com um gemido, Evie deixou a testa cair no caderno aberto com folha dourada.

— Por que é confuso? — Nura perguntou, distante, enquanto Evie pensava.

Devagar, ergueu a cabeça, franzindo a testa:

— O quê?

— Por que acha que meu retorno é tão confuso para Lyssa? — Nura insistiu, inclinando-se como se soubesse a resposta, mas quisesse ouvir Evie dizer.

— Bem...

Por favor, não me faça fazer isso. Não me force a ser forte agora. Não quando ganhei o direito de me encolher e chorar.

A mãe estava viva e inteira. Evie precisava ser grata, precisava aceitar que a dor e o rancor do passado não importavam mais.

Sua cabeça sabia disso, mas o coração se contorcia tanto que sentia náusea.

O rosto de Nura ficou sério.

— Evangelina, não sou frágil. Minha magia está dormente desde que voltei, e minha mente está clara. Posso aguentar a verdade.

A cicatriz no ombro de Evie começou a disparar choques pela espinha, até a adaga presa na coxa, e doeu.

— Você não a criou!

As palavras saíram como se o fogo as tivesse empurrado para fora.

Nura estremeceu e se afastou.

— Eu... eu sei disso.

Evie suspirou, levantando-se da cadeira.

— Não quero ser cruel. Você disse que podia aguentar a verdade, e a verdade é que, para Lyssa, você é pouco mais do que uma estranha.

Para mim também.

Mas ela não disse, porque seu plano do dia não incluía despedaçar o coração da mãe. Se sua aceitação forçada da mulher que a abandonou amenizasse o sofrimento da irmã, Evie faria isso. Com sorriso falso e tudo.

— Ela vai te conhecer, e tudo ficará bem, mamãe. Por favor, não se preocupe.

Evie pegou a mão da mãe.

Nura sorriu.

— Acho que você tem razão. Eu— Oh, hasibsi!

Os olhos de Nura pegaram o diário aberto na mesa, apontando para as manchas nas páginas.

As manchas de sangue. Do esfaqueamento.

Ops.

— O que aconteceu aqui?

— Ah, tive um pequeno problema ontem numa... saída de trabalho. Teve uma briga, sabe? Meu diário foi uma das vítimas.

Ela forçou um tom de arrependimento em vez de orgulho.

A mãe provavelmente não aprovaria muito suas atividades. Mas Evie sabia que ela também não era ignorante quanto a isso.

No tempo em que foi estrela no céu, Nura tinha cuidado de todos os filhos entre seus períodos de sono dormente.

Nura franziu a testa.

— Se eu tivesse voltado antes, você nunca teria precisado se obrigar a fazer essas coisas.

Evie fechou o caderno e o protegeu debaixo do braço.

— Na verdade, não precisei me obrigar — disse, endireitando a coluna. — Acontece que eu me encaixo bem nesse trabalho, e ele combina comigo.

Havia algo assombrado nos olhos da mãe, algo que Evie não teve coragem de perguntar.

Bateram na porta, e Evie soltou um suspiro de alívio quando Tatianna apareceu, com um leve sorriso nos lábios cor de rosa.

— Me chamou, Evie, querida? Sua nota disse que era urgente. Bom dia, Senhora Sage.

Sim. Urgente. Tipo “me salva de ficar sozinha com a minha mãe”.

— Bom dia, querida — Nura sorriu e se afastou, o vestido branco rodando atrás dela.

— Acho que vou deixar vocês duas às suas coisas. Vou procurar o Gideon.

— Não precisa — Gideon entrou, fazendo um gesto amplo com os braços como se fosse uma atração turística.

— Cheguei.

Ele se aproximou, inclinando-se para sussurrar no ouvido de Evie:

— Buffer designado, à sua disposição.

O cotovelo dela acertou a barriga do irmão mais velho.

— Não preciso de buffer — ela sussurrou.

— É por isso que você parece estar procurando a saída mais próxima? Não use a janela — avisou ele. — Ela não é boa para estagiários.

Ela o cutucou de novo. Ele resmungou, mas manteve o sorriso tranquilo.

Apesar da origem meio estranha, o escritório de Evie virou um santuário.

Sempre que ela pensava demais no chefe ou se sentia inadequada, se trancava ali. Ou seja, a maior parte do dia.

Clare entrou tropeçando, olhando para Tatianna, seguida pelo pulo sério de Reinaldo, e, porque a sala ainda não estava cheia, o chefe apareceu de fininho — tão discreto que Evie teve que segurar o riso.

— Por que vocês estão todos aqui? — Trystan perguntou, olhando para outro lugar que não para ela.

— Tatianna, quero que vá cuidar do Bradley do departamento financeiro.

Tatianna fez bico e cruzou os braços.

— Por quê?

— Ele caiu da escada.

Ela arregalou os olhos, ajeitando uma trança atrás da orelha.

— Como?

— Eu empurrei ele.

Evie segurou um risinho na mão, olhando para o chefe com um olhar de repreensão brincalhona.

Ele ficou um pouco sem jeito e sorriu com um dos seus famosos covinhas.

Eles trocaram olhares por um momento.

Reinaldo pulou no ombro de O Vilão, levantando uma plaquinha que dizia: “CORADO”.

O chefe realmente estava com as bochechas vermelhas, e Evie sentiu um calorzinho estranho no estômago que não deveria estar ali.

Ela deveria estar zangada! E torturando ele aos poucos!

Embora, pelo rosto horrorizado dele, pelo menos corar era um tormento pra ele também.

Muitos dos sucessos de Evie pareciam mesmo acidentes.

A mãe assistia à cena com uma diversão meio grudada, e quando Trystan a viu no canto, o rubor dele só aumentou.

— Na verdade, ele estava... no alcance das minhas... mãos quando elas... se estendiam — corrigiu ele.

Clare sorriu, parecendo gostar do desconforto do irmão mais velho de um jeito que Evie entendia.

— Achei que você tinha dado um soco nele primeiro?

— Por que você ainda está aqui? — Trystan rosnou.

Clare deu um sorriso satisfeito, balançando os calcanhares e encostando na parede.

— Só vim porque Tatianna e eu estávamos trabalhando numa poção pra acalmar o guvre macho, quando ela recebeu a sua convocação, e eu não gosto de ficar de fora.

— Que azar — Trystan resmungou. — Já que eu adoro excluir vocês.

— O guvre macho ainda está sofrendo? — Evie perguntou, sabendo que isso era um eufemismo para o animal que lutava diariamente pela separação da parceira e do filhote que ainda nem nasceu.

O jeito relaxado de Clare deu lugar a um olhar culpado.

— Blade anda colocando poções calmantes na comida dele, mas ele quase não come, então é difícil fazer ele tomar o suficiente para continuar calmo. O coitado ou luta ou fica no canto, fazendo um som horrível de choramingar.

— Difícil ter apetite quando quem você ama está tão longe — disse Tatianna, com os olhos escuros caindo sobre Clare.

As duas trocaram olhares antes de se afastarem.

Evie anotou mentalmente que precisava falar com elas depois. A vida amorosa delas não era problema dela, mas precisava de outro foco além do desastre que era a dela.

Um peso pairava na sala; Reinaldo parecia sentir isso e pulou na mesa, segurando um cartaz com a palavra: “VERDADEIRO”.

E outro: “VIVA”.

O rosto de Tatianna se contorceu.

— Ele está tentando dizer para vivermos verdadeiramente?

Gideon se inclinou, estreitando os olhos para os cartazes.

— Acho que ele escreveu “love” errado.

— Impossível — O Vilão rebateu. — Reinaldo não erra a ortografia.

— Hum. — Evie fez um estalo com os dedos, fingindo pensar. — Socorro?

O Vilão a encarou.

— Com o quê?

— Ai, céus. — Evie gemeu, enfiando a mão no rosto. — Socorro. Tipo, já vi ele errar a palavra “help”.

O Vilão piscou, indiferente.

— Ah. Isso não conta.

O destino devia estar rindo dela, porque o plano de torturar O Vilão até ele se render tinha virado contra ela.

— Como não conta?

— É uma piada interna.

Disse num tom seco, mas Evie pegou o recado.

O leve movimento da boca dele, quase um sorriso, os olhos brilhando com o rubor subindo no pescoço dela — com um toque de satisfação.

— Está brincando comigo? — ela perguntou.

— Sage, eu nem saberia como começar.

Ela juntou as mãos atrás das costas, dando seu melhor sorriso doce de atendimento ao cliente.

— Posso te emprestar um dos meus livros. Eles podem te inspirar.

— Vou fingir que você está falando de um manual esportivo para não perder o café da manhã — Gideon disse, abanando as mãos como se limpasse uma janela invisível.

— Mãe, quer dar uma volta no pátio? Ou talvez um mergulho na mata espinhosa?

Nura estava notavelmente ausente da conversa, com o olhar distante que Evie temia desde a infância.

Mas, em vez de agir, Evie ficou paralisada, os pés cravados no chão.

— Sim — a mãe respondeu sonhadora. — E talvez Lyssa queira vir também?

Gideon nunca fora o mediador perfeito que Evie foi, mas sempre fora a luz da casa, e quem gosta de luz costuma evitar o escuro.

— Talvez — disse ele, apesar do jeito descontraído fraquejar por um instante. — Por que não vamos perguntar?

Enquanto saíam, Tatianna olhou para os cartazes de Reinaldo, pegando um para olhar.

Ele os largou e pulou até Clare, que olhou para o sapo com carinho.

O Vilão se inclinou e sussurrou no ouvido de Evie, com voz sombria e quente:

— Não preciso dos seus livros.

O olhar dele para ela era uma carícia, um dedo que passava pela sua bochecha.

— Eu já tenho.

Soava como um segredo confiado e uma amarga confissão.

— Como assim “já tem o quê”?

Os olhos dele demoraram no rosto dela, descendo para os lábios vermelhos.

— Inspiração.

Agora, por que essa palavra comum soa tão suja?

Provavelmente porque ele diz isso enquanto a olha como se quisesse derreter o espartilho dela.

E, pateticamente... funciona.

— Srta. Sage! — Marv entrou apressado, quebrando o momento delicado.

Evie tentou manter a calma, embora sentisse que a cabeça ia explodir.

— Não é fantasma de novo, Marv?

— Pior!

Tatianna franziu o cenho, passando a mão na saia rosa de seda.

— Eca. Um espectro?

— Não, Srta. Tatianna — Marv respirou fundo. — É o Rei Benedict!

Todos ficaram em alerta, Reinaldo inclusive, embora parecesse meio distraído — coisa que Evie lembrou de investigar depois.

— O que ele quer, Marv? — O Vilão perguntou, firme.

Marv ficou pálido.

— Está batendo na porta da frente.

Capítulo 7

O Vilão

“Bater na porta” era pouco para o que estava acontecendo.

O rei e sua Guarda Valorosa usavam uma catapulta para lançar enormes pedras por cima do bosque espinhoso, direto na entrada da mansão.

Trystan tinha sua própria catapulta e, se mais uma pessoa gritasse, ele ia começar a lançar o resto do departamento financeiro pra lá também.

E talvez fizesse isso só pra se divertir.

Outra pedra voou, e depois mais uma.

— Disparem! — gritou Trystan, varrendo o braço enquanto um par de Guardas Malévolos puxava a alavanca para lançar sua arma favorita: abóboras explosivas — carregadas com a mesma magia negra de jardinagem que criou o temível bosque espinhoso.

Inofensivas até que a ponta da abóbora fosse levantada, quando viravam bombas eficientes.

As abóboras colidiram com as pedras voadoras, criando faíscas vermelhas e amarelas que rivalizavam com fogos de artifício.

— Keeley! — chamou, saindo pelas portas laterais do escritório até o parapeito que dava para a frente da mansão.

A capitã da guarda avaliava a situação lá fora com o olhar fixo.

— Disparem mais dez!

— Só temos três sobrando!

A cabeça de Trystan girou num repente.

— Isso não pode ser! Acabamos de receber dez barris deles. Onde está o resto?

Keeley ergueu a mão, segurando uma abóbora não detonada, sem desviar o olhar do campo de batalha.

— Não sei! Fui buscar e eles tinham sumido.

Ele balançou a cabeça frustrado, sem tempo para investigar.

— Quantos cavaleiros?

Ele levantou o catalejo para enxergar melhor. O rei estava montado em seu cavalo, com uma capa de pele ondulando e a coroa brilhando tanto que Trystan teve que apertar os olhos.

Contou apenas seis Guardas Valorosos.

— Os outros estão escondidos além das árvores?

Keeley balançou a cabeça.

— Não, senhor. Mandamos corvos, até alguns duendes. Isso é tudo que ele trouxe.

— Tem que ser uma armadilha.

A voz de Sage ao seu lado o fez pular.

Ele olhou para ela com raiva, encarando os cachos escuros dela.

— O quê? — perguntou ela, franzindo o nariz de um jeito que fazia o coração dele dar cambalhotas.

— Eu disse para ficar quieta, pequeno furacão — rosnou, embora não se surpreendesse que Sage não obedecesse.

Ela se inclinou sobre o parapeito, usando a mão para proteger os olhos do sol.

— Sou aprendiz do Vilão. Se quero aprender, preciso te observar em ação, Senhor do Mal.

Tinha lógica — e isso o irritava.

E, estranhamente, fez seu peito esquentar. O que... o irritou ainda mais.

Outra pedra voou, e Trystan agarrou os braços de Sage, tirando-a à força da beirada.

A mansão toda estremeceu com o impacto.

Sage gritou até os pés tocarem o chão de novo.

— Vilão! Estamos com sua atenção? — a voz de Benedict ecoou, amplificada por um trombone mágico que levava sua voz até eles. — Ou quer que continuemos?

Droga.

— Sage, preciso do meu—

Mas seu próprio trombone mágico já estava nas mãos, e o sorriso satisfeito dela o fez querer beijá-la sem pensar. Ou fugir pra longe.

Ele tossiu, evitando olhar para ela.

— Obrigado.

O murmúrio leve de Sage disse que ela não precisava de agradecimentos. Sabia que ele precisava dela, e isso bastava.

Evie Sage está destinada a ser sua queda, e você a dela.

Ele sacudiu esse futuro sombrio que precisava impedir e focou no que nunca falhou: ser o Vilão.

— A alternativa ao seu ataque é uma conversa, Benedict? — chamou com sarcasmo. — Porque, nesse caso, prefiro as pedras.

Alguns cavaleiros se mexeram nervosos ao lado do rei, esperando reação do homem tão instável.

Mas o rei não estava irritado; ao contrário, começou a fazer uma das coisas que Trystan menos gostava.

O filho da mãe riu.

— Surpreendente como consegue brincar nessas circunstâncias, rapaz.

A magia de Trystan despertou sob a pele e, quando Sage tocou seu braço, sua magia disparou tão rápido que acertou um dos cavaleiros na catapulta, deixando uma mancha negra brilhante. O ponto da morte.

O homem caiu morto assim que a magia acertou.

Trystan suspirou e passou a mão pelos cabelos. Matar por acidente era horrível. Matar de propósito era muito mais satisfatório.

— Foi engraçado o suficiente, Benedict? — chamou.

O rei olhou para o corpo caído com o mesmo desdém que Trystan dava a uma partícula de poeira no ar.

— Agora, agora. Não vamos discutir. Vim propor um acordo.

— Não.

Sage tentou alcançar Trystan, mas ele se afastou abruptamente.

Se ela o tocasse mais uma vez, o parapeito ia desabar.

Ela baixou os olhos, mas manteve a postura firme.

— Acho que deveria perguntar qual é o acordo primeiro.

Trystan zombou.

— Está com vontade de negociar?

— Não. Só acho melhor saber do que enterrar a cabeça na areia. Mas você manda — respondeu ela com um sorriso tão falso que dava vontade de arrancar os cabelos.

Tatianna deslizou até o parapeito, lançando um olhar rápido para o grupo.

— Fofucho não vai ajudar com o fogo, lamento.

— Por quê? — Sage perguntou preocupada.

— Blade disse que ele está resfriado.

Lyssa apareceu atrás dela.

— Ele está espirrando baforadas de fumaça!

Sage passou por ele e virou Lyssa pelos ombros.

— Entrem agora.

Ela parou.

— E fiquem longe da porta da frente — e das janelas também. — Não confiaria que vão continuar acertando o alvo sem errar. Nada de vidro. Nada de portas. Vão.

— Mas Tatianna disse que você estava fazendo coisas de vilão! — Lyssa escapou debaixo dos braços de Evie e correu para Trystan. — Eu preciso observar!

Sage rosnou e bateu o pé.

— Lyssa, isso é absurdo.

— Entrem, agora!

Trystan assobiou baixo.

— Não acabou de dizer a mesma coisa, Sage?

Ela cruzou os braços, traída, com os olhos brilhando.

— Quer que eu teste meu vilanismo em você?

— Se isso acelerar as coisas, manda ver.

Lyssa riu, e a boca de Trystan se contorceu.

Até outro estrondo sacudir a mansão, fazendo todos caírem no chão de pedra — menos Trystan.

— Esqueceram de mim? — a voz de Benedict chegou levada pelo vento.

— Pelo amor dos deuses! — Trystan gritou, levantando o trombone. — Que acordo quer, Benedict? Fale logo!

Mesmo sem o catalejo, Trystan viu o sorriso do rei se esticar, sinistro de um jeito que nunca dominara.

Era irônico reconhecer que as formas mais puras do mal pareciam enterradas em um homem tão desesperado por poder que todos fechavam os olhos para seus erros, para mantê-lo lá.

— Vou revelar toda a profecia de Rennedawn. Aqui e agora.

Não. Muito fácil.

— E em troca? — Trystan arrastou as palavras.

O olhar ganancioso do rei caiu sobre Sage e Lyssa, que se aproximaram dele.

Trystan pensou em arrancar os olhos do rei, mas então ele disse algo que calou o grupo num silêncio caótico.

— Quero Nura Sage.

Capítulo 8

Evie

— Minha mãe está morta — Evie gritou para o rei, séria. — Você não ouviu?

Benedict apontou o dedo para ela, balançando a cabeça como se a achasse engraçada, e Evie se pegou pensando em como seria difícil quebrar um dedo e o quanto isso doeria.

— Mentir não combina com você, senhorita Sage.

— Evie? — Lyssa perguntou cautelosa, ainda sem altura para ver por cima do muro até o rei.

— Leve a Lyssa para dentro — Trystan sussurrou ao ouvido dela. — Eu resolvo isso.

Evie virou-se e olhou para o chefe com desafio, pronunciando uma palavra que estava começando a gostar — uma que, no passado, lhe causava problemas.

— Não. Keeley, por favor, leve minha irmã para dentro.

A mandíbula de Trystan apertou, um músculo se contraindo, e Evie fixou seu olhar nisso para manter a calma. Ele não discutiu, apenas assentiu rigidamente, aceitando a decisão dela, os dois juntos contra o homem que tirara tanto de ambos.

Atrás deles, Keeley conduziu Lyssa para o interior da mansão, entregando a Evie uma abóbora não detonada enquanto passavam. A capitã sussurrou palavras tranquilizadoras para Lyssa até desaparecerem.

Evie permitiu-se um momento para fingir que acreditava nelas, para a parte dela que ainda queria acreditar.

Ela olhou de lado e gemeu por dentro ao ver os olhos arregalados de Lyssa pela janela de vitral, desafiando-a abertamente. Ah, a palestra que essa garota ia levar depois — não, espera, isso foi um pensamento Becky. Como isso apareceu aqui?

Trystan respondeu Benedict.

— Foi tolice sua vir aqui, Benedict. Mas, para destruí-lo num momento mais oportuno, dou dez minutos para se afastar da Mansão Massacre antes que os Guardas Malévolos caiam sobre você.

Benedict riu de novo, e algo dentro da mente de Evie estalou.

Ela correu até o muro, subiu na borda, segurando a abóbora não detonada no alto, pronta para puxar o talo e explodir tudo.

O rei parou de rir, a fina máscara do governante paciente caiu para revelar o que ele realmente era.

— Senhorita Sage, seja razoável. É essa a pessoa que quer ser? Uma assassina?

Ela sentiu Trystan atrás dela, mas ele não a puxou para baixo, não a impediu quando seus lábios vermelhos se abriram em um sorriso largo, o vento levantando sua camisa, seu medo de altura derretendo diante da raiva, da fúria, da escuridão.

— Sabe, Vossa Majestade, o que aconteceu com Otto Warsen no dia em que você o deixou para me matar? — Sua voz era melódica, leve; quase não parecia dela.

Benedict se aproximou do bosque.

— Suponho que seu irmão traidor o eliminou com sua ajuda? — respondeu friamente, mas Evie percebeu a curiosidade mascarada na sua resposta vaga.

Ela tscou e balançou a cabeça, desembainhando a adaga da coxa.

— Quase! Gideon ajudou com o resto da guarda, mas Otto foi comigo, lamento. Cortei a garganta dele.

O rei parou, a cabeça inclinando por um instante antes de voltar rígida.

— Oh?

— Sim. Foi uma morte rápida e a minha primeira. Quis comemorá-la à altura do senhor Warsen — disse, referindo-se ao homem —, uma forma que honrasse a vida que ele viveu e os que deixou para trás.

Benedict estava ansioso para ouvir o resto.

— E como fez isso?

Evie ergueu a abóbora numa mão, a adaga na outra.

Sorrindo, usou a ponta da faca para levantar o talo, falando alto e claro para que todos ouvissem.

— Tirei a cabeça dele.

Ela puxou o talo completamente e lançou a abóbora o mais longe que conseguiu, poucos passos do lugar onde jogara a bomba que achou debaixo da mesa do chefe quando tudo começou.

Mas agora não estava jogando o perigo para longe dela.

Estava jogando para alguém.

E isso fez Evie fazer algo que nem mesmo O Vilão costumava fazer em seus atos violentos.

Ela sorriu. De verdade.

O rei e seus homens se apressaram para fugir, a explosão atingindo exatamente onde Benedict estivera, deixando um pequeno craterão.

Agora Evie ria.

— Acho melhor você ir, rei Benedict. Na próxima, não vou errar.

Um zumbido chegou ao seu ouvido, e ao olhar para baixo, percebeu que a brisa fresca que batia nos seus tornozelos e brincava com seus cachos não era vento.

Era a magia do Vilão.

E Benedict... estava encarando aquilo.

Furioso.

— Ora, senhorita Sage — a coroa do rei estava torta, suas roupas já não tão impecáveis, mas irritantemente ele mantinha a compostura —, acho que cometi um erro.

Embora não tenha especificado qual.

— Me pergunto o que seus queridos pais diriam se pudessem vê-la agora.

Evie fez uma reverência, apoiada pelo poder que envolvia seus tornozelos.

Não ousou olhar para seu chefe, nem ver o olhar dele, sabendo que sua determinação desmoronaria e ela faria algo desesperado. Tipo pedir um abraço.

Endureceu o que restava de sua coluna.

— Como disse antes, minha mãe está morta. Mas, por favor, mande lembranças ao meu pai e diga que estou ansiosa para vê-lo de novo. Temos muito a conversar.

O cavalo de Benedict recuou, mas a compostura permaneceu.

Aquela confiança soou como um alarme na mente de Evie.

— E, como disse antes, mentir não combina com você. Se sua mãe está morta, quem é essa atrás de você?

Os pelos do pescoço de Evie se arrepiaram, e ela virou lentamente a cabeça na direção das portas laterais abertas.

Sua mãe estava lá, olhos escuros arregalados de horror.

Benedict gritou.

— Que pena. Parece que você tem mesmo um problema com fantasmas.

O coração de Evie parou, e seu chefe ficou rígido atrás dela, trocando um olhar carregado de significado.

Como o rei sabia disso?

O som de cascos anunciava a saída deles, mas Evie mal percebeu — estava focada demais na mãe.

— Mamãe? Está tudo bem — disse cuidadosamente, procurando algo para se segurar e descer. Sua mão fechou nos dedos enluvados do chefe, sua força sustentando seu peso enquanto ela descia da borda do parapeito.

Assim que os pés tocaram o chão firme, ele a soltou.

— Mamãe?

Nura estava ali, olhando horrorizada, vendo a magia da morte do Vilão girar ao redor de Evie com uma precisão que só podia significar uma coisa.

A magia do Vilão era visível.

— O que. É. Isso? — A voz da mãe estava tomada de medo.

O Vilão rugiu.

— Gideon! Alguém chame o Gideon! Agora!

Passos apressados soaram atrás dela, e Evie sabia da urgência.

Ela já vira aquele olhar no rosto da mãe antes, mas diferente dos outros que conhecera, aquele olhar ela tinha visto uma única vez.

Nos campos de dente-de-leão.

Evie caminhou lentamente em direção à mãe, como quem se aproxima de algo selvagem, algo delicado.

— Mamãe, está tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Os olhos escuros da mãe estavam cheios de lágrimas, o corpo todo tremendo com uma força que fazia seus dentes tilintarem.

— Minha pobre filha. Minha pobre Evie. Minha doce menina, o que aconteceu com você?

Evie estremecera, a mão indo ao peito como se a mãe tivesse acabado de atravessá-la com uma adaga.

Explicava a dor, o formigar da adaga na palma da mão, a cicatriz brilhando no ombro.

— O que. Aconteceu? — A raiva queimava por trás dos olhos dela, turvando a visão. — Eu sobrevivi. Fiz o que tive que fazer, sem ajuda. Sem você.

A voz de Evie falhou, e ela fechou a mão sobre a boca para não ir mais longe.

Mas a magia do Vilão pareceu perceber seu desespero.

Se aproximou, e então, como a abóbora que Evie acabara de lançar, Nura Sage brilhou mais que um fogo de artifício.

Um feixe de luz estrelada estava prestes a disparar do peito dela.

— Mamãe, não! — Evie correu para a mãe, mas seu chefe a segurou pela cintura e as jogou no chão, protegendo o corpo dela.

— Fique abaixada, Sage!

Sob os braços protetores do Vilão, Evie viu horrorizada o mesmo feixe de luz que destruiu sua família anos atrás disparar em direção à mansão.

Na direção da janela de vitral.

E o pior?

Na direção de Lyssa.

Capítulo 9

Gideon

Gideon Sage acordou naquela manhã com uma baita dor de cabeça e aquela sensação ruim de que o dia só pioraria — e, olha, ele não estava errado.

— “Puta que pariu!” — gritou, correndo feito doido para o escritório, horrorizado ao ver o feixe de luz — a mesma que já tinha lhe dado uma identidade nova da última vez — vindo em disparada para a janela, bem na direção da irmã caçula.

Os próximos segundos foram tão rápidos quanto um batimento cardíaco ou uma gota de suor na testa.

— Lyssa!

Gideon se lançou para protegê-la, projetando sua magia de escudo — aquela que já tinha salvo sua pele quando a luz estelar da mãe quase o matou da primeira vez.

Mas era tarde demais.

O raio ia acertar Lyssa.

Ele e sua magia estavam longe demais.

Todos estavam longe demais.

Exceto… Keeley.

A chefe da guarda do Vilão, aquela mulher que Gideon passou boa parte da convivência detestando, pulou na frente de Lyssa sem hesitar, levando o feixe direto nas costas, soltando um grito de cortar o coração.

Mesmo que os ouvidos de Gideon estivessem zunindo, aquele grito enfiou-se fundo no peito e no estômago dele.

A luz sumiu tão rápido quanto apareceu, deixando mesas e plantas chamuscadas pelo caminho.

Evie entrou correndo pelas portas laterais direto para Lyssa, envolvendo a irmãzinha que chorava nos braços.

— Tá tudo bem. Você está segura. Eu tô aqui — acalmou Evie, enquanto Lyssa enterrava a cabeça no ombro dela, soluçando.

Por sorte, Lyssa não viu o horror nos olhos da irmã enquanto encarava Gideon.

— Keeley… ela morreu? — soluçou Lyssa, e o coração de Gideon disparou.

O ar na sala ficou pesado, sufocante, mesmo com a janela estilhaçada e o vento fresco entrando.

Ele sabia que não era veneno, mas cada respiração parecia piorar a sensação.

Keeley jazia no chão, as costas dilaceradas expostas, e Gideon ajoelhou ao lado dela antes que alguém pudesse respirar.

O olhar suplicante dela, os olhos dourados procurando os dele, gravariam para sempre aquela imagem na memória.

Para seu alívio, Tatianna apareceu ao seu lado.

Os lábios pintados de rosa da curandeira se ergueram num sorriso triste, enquanto as mãos brilhavam sobre as costas de Keeley, sem tocar.

— Poderia ter sido pior — disse ela. — Essa explosão deveria ter te matado.

Gideon franziu o cenho, o coração a mil no peito.

— Aposto que ela vai ficar decepcionada. Keeley normalmente é ótima em seguir ordens, não é, capitã?

Keeley deu uma risada engasgada, e Gideon se sentiu capaz de voar, acabar com guerras, fazer o que fosse — tamanho era o efeito daquele som.

— Muito — tossiu ela — engraçado, senhor cavaleiro.

Tatianna passou a mão delicadamente no braço de Gideon, os olhos escuros cravados nele.

— Pode levá-la até meus aposentos? E tente não tocar nas costas, se conseguir.

Gideon assentiu, inclinando-se para Keeley.

— Por mais que você odeie isso, capitã, consegue me abraçar pelo pescoço?

Keeley tentou sentar, quase caiu, mas Gideon foi rápido e segurou os cotovelos dela, guiando os braços longos e esguios ao redor do pescoço dele.

Ele olhou para ela em busca de permissão silenciosa.

Ela assentiu.

Ele pegou cada uma das coxas dela, flexionando os joelhos para levantar.

Os braços dela estavam ao redor dele, a pele com cheiro de limão quase o deixou tonto.

— Não me derrube, senhor cavaleiro — ela sussurrou no ouvido dele, arrepiando sua pele.

Gideon apertou os braços só o suficiente para dar firmeza e deixar Keeley relaxar totalmente.

Toda a raiva que sentia por ela desapareceu — talvez para sempre.

Ela salvou sua irmã.

O instinto dela era jogar-se direto no perigo para proteger uma garotinha.

Isso fez Gideon se perguntar se alguém já fez isso por Keeley.

Quase fez ele se voluntariar ali mesmo.

— Farei o possível, capitã — respondeu, ainda instável, dando um aceno gentil para Evie antes de seguir Tatianna.

Nura Sage apareceu no parapeito, os olhos vidrados e horrorizados.

— Meus deuses. Meus deuses, desculpe. Ela está bem?

Um leve brilho branco-prateado ainda cercava a mãe, como se estivesse enfraquecendo, apagando aos poucos.

Antes que Gideon desse mais um passo, carregando a mulher nos braços como porcelana fina, viu Trystan se aproximar de Nura, com um olhar firme e decidido.

— Não se preocupe, senhora Sage. Foi inteiramente culpa minha. Minha magia está enfraquecendo e desgovernada; não deveria ter chegado tão perto de você.

Ele parecia vazio quando continuou.

— Sua reação foi natural. É melhor que todos mantenham distância até que a profecia seja quebrada e a ordem mágica de Rennedawn restaurada. Especialmente você, Sage. Se eu ordenar que saia, espero que obedeça quando sua segurança e a dos outros estiver em risco.

Gideon suspirou.

Evie parecia ferida, claro; Trystan Maverine parecia alguém prestes a arrancar um dente.

Ela puxou Lyssa mais para perto, levantando-as gentilmente.

— Vou sair, então. Não gostaria de decepcioná-lo. Conheço bem esse sentimento.

Gideon não tinha certeza, mas sentiu que algo não dito passou entre Evie e Trystan naquele momento.

Algo que fez Evie lançar um olhar para o homem com uma carga que quase abalou a sala mais que a luz estelar.

Gideon ainda não revelou suas suspeitas sobre para onde a profecia caminhava ou quem ele achava que desempenharia cada papel.

Era uma teoria boba e sem sentido.

Mas, ao virar a cabeça para olhar uma última vez para as irmãs, o olhar nos olhos de Evie o fez temer muitas coisas.

A maior delas?

E se ele estivesse certo?

Capítulo 10

Evie

— “Às vezes tenho devaneios de dar um soco no queixo dele. Bem forte!” — Evie exclamou, soltando a bomba.

Ela ficou observando a reação de Rebecka Erring. A amizade delas ainda era novinha em folha, tipo cristal delicado, mas Evie sentia que podia falar o que quisesse com Becky — e que essa mulher de Recursos para Humanos e Criaturas Mágicas entenderia e, melhor ainda, devolveria umas palavras pra acalmar o fogo dentro dela.

Só que Becky nem levantou os olhos do papel. Os dedos longos dela folheavam as anotações com calma, os óculos pendurados na ponta do nariz. Atrás das lentes, os olhos castanhos claros estudavam o rosto sério da Evie.

— “Se estiver falando do chefe ou de alguém do escritório, só toma cuidado e preenche o formulário antes.”

Evie bufou, cruzou os braços e meteu na boca um scone de mirtilo recém-assado. Delicioso, a massa doce derretendo na língua. Nem ligava que o scone tava rosa fluorescente quando deveria ser azul; parecia que as coisas mais estranhas feitas pelo Edwin na cozinha tinham o melhor sabor. Além do mais, ele veio no dia de folga só pra fazer um monte depois do susto com a Lyssa e a luz estelar da mãe.

Lyssa tinha se acalmado rápido depois do choque aterrorizante. Keeley iria se curar completamente das feridas — graças aos deuses e a Tatianna, que estava trabalhando nela por horas. Evie devia um agradecimento eterno à capitã, mas a dor nos olhos de Trystan quando percebeu que tudo tinha começado por causa da magia dele… isso, Evie não perdoava.

Principalmente porque tinha quase certeza que a magia da mãe não reagiu à magia de Trystan.

Não.

Nura Sage tinha reagido a ela.

A mãe viu um lado dela que nunca tinha visto e rejeitou da forma mais dramática possível.

Evie mastigava o scone rosa com vontade, a memória da bronca do Vilão só aumentava a raiva.

— “Tá me dando permissão?”

Becky não levantou o olhar, mas o canto da boca dela se curvou — sinal claro que Evie tinha conseguido passar da defesa da amiga.

— “Não tenho cargo pra te impedir.”

Evie cruzou os braços sobre o corpete justo, se recostou na cadeira e piscou para Edwin — o chef do escritório e amigo querido, que adorava escutar conversa alheia mais do que a maioria dos ogros que Evie conhecia.

— “Achei que você dizia que ganhava melhor que todo mundo no escritório, Becky.”

Rebecka Erring — ou, para os íntimos, Rebecka Eriania Fortis — endureceu, o olhar se desviando para Edwin.

— “Depois do Edwin, claro. Infelizmente, nem benefícios de trabalho no mundo me fariam te impedir de dar um soco. Meu novo escritório incluso.” Becky estremeceu, provavelmente só de pensar em perder seu cantinho, e ajeitou os óculos no nariz.

Edwin Benington riu, mexendo a panela com uma concha enorme e enchendo de novo as canecas de cerâmica de Evie e Becky.

O aroma de nozes era um conforto instantâneo, assim como o calor das canecas nas mãos geladas de Evie.

— “Não acho que você seja a primeira a querer bater no Trystan, senhorita Evie.”

Evie deu um gole forte, o amargor da bebida ativando os sentidos.

— “Mas será que sou a primeira que quer fazer isso com uma frigideira?”

Edwin olhou pensativo, ajeitando os óculos — que finalmente tinham um tamanho decente, graças a Lyssa, que cuidou do ogro.

— “Alguém jogou uma panela de sopa nele uma vez.”

Evie arregalou os olhos e sentou reta.

— “Tinha sopa dentro?”

Edwin franziu a testa.

— “Não.”

— “Poderia ter?”

Evie juntou as mãos, sorrindo de orelha a orelha.

— “Não,” Becky respondeu sem nem olhar.

— “O Edwin não desperdiça uma panela inteira de sopa só pra piada.”

Evie revirou os olhos, bufando.

— “Não seria piada nenhuma.”

— “Edwin! Chegaram os brilhinhos amarelos novos!” Lyssa invadiu a cozinha com energia de quem não aparentava ter passado a última hora chorando no colo de Evie.

Nura tinha fugido para o quarto, dando espaço para Lyssa se recuperar.

Tanta dor. Era o que parecia a família deles ultimamente.

E Evie sabia que pra mãe não existia dor maior do que decepcionar um filho que achava que podia proteger.

Por isso Evie agradecia a família que encontraram no escritório, pelo jeito que o grupo tinha acolhido Lyssa como uma das suas, antecipando as necessidades da irmãzinha.

Evie nunca achou Lyssa um fardo, mas era bom… ter gente pra compartilhar ela.

Edwin pareceu concordar, recebendo a notícia dos brilhinhos de Lyssa como se ela tivesse dito que o céu estava chovendo ouro com chocolate.

— “Maravilha, senhorita Lyssa! Temos que buscá-los agora!”

Lyssa gritou e bateu palmas, correndo nas pontinhas dos pés, dando um beijo gentil na bochecha de Evie e depois repetindo o gesto com Becky.

Para surpresa geral, Becky aceitou com um sorriso pequeno.

— “Nada de muitos doces enquanto estiver assando.” Becky apontou o dedo para Lyssa.

— “Eu espero até terminar, então!”

Becky balançou a cabeça, levantando-se devagar.

— “A relação familiar entre vocês duas nunca foi dúvida, mas se fosse, o jeito esperto dela deixaria claro.”

Evie saudou, tomando mais um gole grande da bebida.

— “Vou aceitar isso como um elogio.”

Becky estalou a cabeça de Evie ao passar por ela, voltando para a montanha de papelada depois do dia turbulento.

— “Vão reconstruir a janela?”

Evie encolheu os ombros.

— “Provavelmente. Já fizeram isso antes.”

Evie franziu a testa.

— “Não lembro de nenhuma janela quebrada antes.”

Becky sacudiu a cabeça, os cabelos castanho-claros caindo soltos da coqueira normalmente impecável.

— “Quis dizer que as janelas foram reconstruídas. Antes do chefe tomar conta da mansão, elas mostravam coisas felizes. Quando ele mandou trocar, o artista usou o vidro que já existia. Só reorganizou os pedaços. O chefe odeia desperdício.”

As cabeças decapitadas na entrada, decorando o lugar, faziam cada vez mais sentido.

Becky se dirigiu à porta.

— “Vai comigo?”

Evie brincou com um cacho de cabelo.

— “Já vou.”

Becky saiu sem dizer mais nada, os passos desaparecendo, deixando Evie sozinha no silêncio.

Ela geralmente odiava silêncio, mas ultimamente, gostava de aproveitá-lo.

A vida dela estava mais barulhenta do que nunca — e os pensamentos também.

E era nesses poucos momentos de paz que ela se permitia afundar.

Chorar, se lamuriar, se lamentar.

Se sentir vítima consumia um tempo absurdo, e Evie não tinha tido tempo pra isso ultimamente.

Duas semanas recheadas de emoções fora de controle, planos para recuperar a guvre prenha que o rei e seus homens roubaram na batalha, e claro, a busca pelo quarto item da profecia para salvar a magia de Rennedawn.

Não importava se tinham todas as armas — que não tinham.

Sem a chave final, a magia de Rennedawn continuaria morrendo.

— Pense em mim quando estiver com as árvores.

A última frase do monstro das Cavernas da Árvore do Beijo fez o estômago de Evie se revirar até a garganta queimar.

Ela fechou os olhos e deixou algumas lágrimas rolarem.

Tentou voltar às cavernas duas vezes desde que encontraram a mãe e a magia apagada atingiu a casa de um dos deuses que sobraram.

Ela tinha recuperado a mãe, e em minutos, algo puro e bom morreu.

Tudo culpa dela.

Por não entender que sua felicidade nunca viria sem preço.

O pensamento a dominou enquanto ela se levantava, limpando as lágrimas que queimavam as bochechas.

Olhou para o reflexo na janela de vitral preferida — a que tinha o sol iluminando um livro velho e gasto no canto da cozinha — e forçou um sorriso, um daqueles ensaiados.

Evie era mestre em esconder sua dor.

Uma habilidade terrível.

Escondia que a distância entre ela e Trystan a abalava.

Escondia que passava noites acordada pensando quem no escritório ajudou o pai a escapar.

Escondia o descontentamento escuro que se agitava em sua pele, preocupada se Lyssa estava crescendo da forma certa.

E, principalmente, escondia que era extremamente provável que Trystan Maverine fosse seu verdadeiro amor.

Ela esfregou os nós dos dedos que sabia que ele havia beijado — a única razão pela qual despertou do sono causado pelo fruto da morte.

O antídoto que nunca tomou ainda estava na palma da mão.

Inútil.

— “Argh.” Evie puxou a pequena garrafa e a inclinou para a pia no canto, querendo despejá-la, mas não conseguiu destampar.

— “Já me acostumei com você, acho.”

Ela girou o vidro na palma da mão.

— “Não é fácil destruir o que é familiar.”

Até que alguém entra e faz todos os seus órgãos internos pularem três centímetros.

— “Ah!”

Evie soltou um grito fininho, batendo o braço na pia e derrubando o antídoto no chão, que quebrou em mil pedaços.

— “Desculpe, senhorita!” Um homem loiro apareceu na porta, vestido com uma camisa simples e calça social — nada demais, só básico e prático.

Evie apertou o peito, balançou a cabeça para ele e foi pegar a vassoura e pá.

— “Tudo bem. Falar sozinho é perigoso. Às vezes você se empolga e esquece que tem gente menos previsível para conversar.”

O olhar do homem foi de um lado pro outro, procurando algo ou alguém.

— “Acabei de chegar. Vim consertar a janela de vitral.” Ele mostrou a caixa de ferramentas, e Evie relaxou um pouco.

O coração continuava acelerado — talvez por causa da surpresa.

Mas não explicava os arrepios subindo pelos braços.

— “Claro.” Evie analisou o rosto do homem. O coração disparou.

— “A janela quebrada fica lá em cima.”

Ele assentiu, contornou ela e largou a caixa na bancada com um baque que a fez pular.

Olhando para a cara confusa de Evie, ele deu um sorriso meio envergonhado.

— “Achei melhor encher a pança antes de trabalhar.” Pegou uma caneca vazia e serviu um gole da bebida da panela, erguendo para um brinde. — “Quer?”

— Não, homem estranho que nunca vi na vida. Tenho trabalho fervendo no escritório e devaneios safados sobre meu chefe depois.

Lambendo os lábios, pegou sua caneca e foi para a porta.

— “Legal, mas depois você pode ir lá pra janela consertar. Não tem como errar.”

Riu sem graça, mas soou sufocado.

O homem sorriu de volta.

Era simpático, parecia príncipe das histórias da Lyssa, mas não mexeu nada com ela — só aumentou a irritação de estar presa naquela conversa.

— “Não se esquece, Evie. Homem só faz isso se estiver desmembrando alguém.”

— “Talvez,” respondeu rápido, virando as costas e saindo no maior salto que os saltos dela permitiam.

— “Talvez?” murmurou para si.

Por que ela era tão desajeitada?

Nem no reino dos mortos ela teria um chá com aquele cara.

Blade apareceu do nada ao lado dela.

— “Talvez o quê, doce Evie?”

Ela sorriu, encostando no ombro do amigo, alisando um fio do cabelo longo dele enquanto subiam as escadas, braço no braço.

— “Talvez eu tenha péssimo gosto para homens.”

— “Impossível!” Blade arregalou os olhos. — “Você é amiga minha.”

Evie riu, franzindo a testa ao ver o que ele segurava.

— “Blade, querido. Adoro que você tenha alicates arco-íris, combinando com seu colete magenta, mas o que você está fazendo com isso?”

Blade não perdeu o ritmo.

— “Os reparadores mágicos pediram mais um. Estão consertando a janela lá em cima. Pobres coitados estão nisso há horas.”

Evie parou no último degrau.

Tudo ao redor desacelerou.

O gelo entrou na pele, invadiu o sangue e se espalhou pelos membros.

Um formigamento terrível subiu pelo pescoço.

O coração virou um rugido nos ouvidos.

Ela não pensou.

Correu.

— “Evie?” Blade chamou.

— “Chama o chefe! Rápido!”

Ela voltou correndo pelo corredor e, ao entrar na cozinha, o coração afundou.

O homem estranho estava na janela de vitral favorita dela, ferramenta na mão, arrancando um pedaço.

— “Pare!” ordenou, a adaga escapou da bainha na coxa para a mão. — “Sai daí.”

O homem riu, os olhos apertados num sorriso que toda mulher conhece.

Um sorriso que diz: eu poderia te machucar se quisesse.

— “Veio tomar esse chá agora?”

Riu de novo e sacou uma lâmina dupla do coldre atrás das costas.

Ela concordou, fingindo inocência para esconder o nó no estômago.

— “Sim, na verdade.”

Os olhos azuis dele se estreitaram enquanto ela caminhava até ele com a caneca… e espirrou o líquido quente no rosto dele.

Com um grito rouco, ele avançou.

Quase a pegou se não fosse por puxar o rabo de cavalo dela e empurrá-la para trás, fazendo ela bater na parede.

O ouvido dela zunia com o impacto.

Naquele momento, ela soube que ele não só podia machucá-la, como queria muito.

O sangue nas veias não era mais gelo.

Era fogo.

A próxima coisa que ouviu foi um grito.

Capítulo 11

O VILÃO

“Não me importa como vocês vão refazer o maldito vitral! Só façam parecer assassinato, tortura ou morte.”
Trystan rosnou as palavras com frustração. A hostilidade o cercava como uma nuvem de tempestade, mas ele precisava focar no que realmente importava.

Ele andava fazendo coisa demais do bem ultimamente. Acolhendo parentes desgarrados, participando de chás com crianças... Não é de se admirar que sua magia sombria estivesse tratando-o como um pária. Era mais do que qualquer vilão poderia aguentar. O tempo de se tornar um homem diferente já tinha passado. Ele era um monstro — sempre foi — e recuperaria esse papel custasse o que custasse. Sua vida dependia disso. E a profecia do livro de histórias também.

Afinal, não há livro de histórias sem um vilão.

A magia de Rennedawn estava entrando em colapso, e cumprir a profecia era a única maneira de recuperar o controle — para Trystan recuperar o controle. Não havia tempo para se lamentar pelo que não podia ser, e certamente não havia tempo pra se importar com como os operários mágicos iam consertar uma janela ensanguentada.

Quebrada, aliás, porque sua magia estava se tornando algo estranho, algo que ele não compreendia mais. Justo quando pensava ter retomado o controle, bastou Sage olhar pra ele e seu corpo reagiu tão violentamente que assustou Nura Sage a ponto de quase causar outra tragédia.

Cedo demais pra tanto auto-ódio.

“Pois bem, senhor! Vamos fazer o nosso melhor! Quer as inscrições viradas para fora ou para dentro?”

Trystan apertou a ponte do nariz, resistindo ao impulso de jogar o operário pela janela. Não adiantaria.

Não tem graça jogar alguém de uma janela se Sage não estiver aqui pra me repreender depois.

Restava apenas uma opção: responder cada pergunta irritante e absurda que jogassem no seu colo. Ele já não tinha mais um assistente. Tinha um aprendiz. Um aprendiz furioso, enlouquecedor e indecentemente bonito.

“Senhor?” perguntou o operário.

Trystan pigarreou, endurecendo a expressão e cruzando os braços defensivamente.

“Leonard, é uma imagem. Não tem inscrições.”

Leonard franziu a testa para Trystan.

Trystan ergueu uma sobrancelha. “Quer dizer algo?”

Leonard engoliu seco, como se estivesse com medo de continuar. O que irritou Trystan ainda mais.

Você acabou de considerar jogá-lo pela janela, lembre-se.

Mas isso era irrelevante.

“O que foi, Leonard?”

Leonard deu um passo à frente, colocando um pedaço do vitral na mão estendida de Trystan. “Veja, senhor? É sutil, mas tem palavras inscritas no vidro. Fica mais visível quando a luz do sol bate direto.”

Os olhos de Trystan se arregalaram ao erguer o vidro azul na direção da luz — e lá estavam elas, palavras em uma caligrafia delicada:

Era uma vez... Uma terra chamada Rennedawn foi forjada por criadores mágicos. Todos...

O vidro terminava ali, e a realização caiu sobre Trystan como um dos espirros de Fofucho.

“O vitral... conta a história de Rennedawn?”

“Chefe!” Nesse momento, Gushiken entrou correndo, parando bruscamente ao lado de Trystan. “Espera. Você acabou de dizer—”

Antes que pudesse terminar, Trystan soltou um grito de dor quando uma fisgada atravessou seu bíceps — uma queimadura rápida e aguda, como ferro em brasa na pele.

“Merda!”

Trystan caiu de joelhos.

Sua visão escureceu.

E ele desabou.

Capítulo 12

EVIE

Evie girou na parede no exato momento em que a lâmina cravou ao lado de sua cabeça.

A poucos centímetros do seu rosto.

Seu coração disparou enquanto ela gritava — algo entre um berro e um protesto — desviando de mais um golpe da lâmina. “Ei!” gritou indignada, dançando de um lado ao outro da sala enquanto o invasor a seguia, bloqueando cada tentativa de fuga. “Você quase me acertou!”

A expressão assassina do intruso vacilou por um instante, revelando uma confusão quase cômica. “Essa é a ideia, sua peste!” ele rosnou.

Evie aproveitou o segundo de distração para correr até a porta.

Seu punhal, que normalmente parecia extensão do próprio corpo, agora pesava na mão, como se a magia estivesse dormente — ou sumido.

A magia enfraquecendo, pensou, aparecendo na pior hora possível — como sempre.

Ela não sabia fazer muita coisa sem ajuda mágica... exceto esfaquear até acertar carne.

E foi exatamente o que fez quando o agressor a agarrou por trás. Enterrou o punhal na mão dele, puxando de volta e suspirando aliviada quando ele a soltou com um uivo de dor.

Sabia que tinha só alguns segundos pra aproveitar.

Ou teria, se Evie se movesse com a velocidade e a elegância de um Guarda Malevolente. Mas Evie se movia como sempre: frenética, desesperada e completamente sem fôlego.

Mal deu dois passos antes de o homem atingi-la de novo, o punho afundando em seu estômago e a jogando contra a parede. A cabeça bateu com força na pedra, a visão ficou embaçada, os membros fracos.

“O que... o que você quer?” ela sussurrou com a voz falha, os joelhos cedendo. “Por que tá fazendo isso? Quem é você?”

“Ele tinha razão.” O homem tapou a boca dela com a mão, o bafo quente fazendo-a querer vomitar. “Você realmente não cala a boca, não é?”

Os olhos de Evie se arregalaram. A visão escurecia pelas bordas.

“Ele vai ficar desapontado por eu te matar antes dele ter a chance. Mas a tentação é grande demais.”

Quem? Quem quer me matar?

A mente respondeu por ela: *Quem não quer?*

Ele sorriu diante da confusão evidente no rosto dela. Isso a irritou o suficiente pra clarear a cabeça e reativar os músculos. Pisou com força no pé do invasor, esmagando o dedo com o salto.

Ele urrou de dor — ela sorriu. Sabia que trocar para saltos mais altos tinha sido a escolha certa.

“Ah, não vai fugir, bruxa!” Ele a segurou com mais força, esmagando seus braços até lágrimas brotarem dos olhos. “Não me reconhece? Vê alguma semelhança familiar?”

A mão dele saiu da boca dela. Ela arfou por ar, tentando se recompor pra que ele não se alimentasse da fraqueza. Antes, ela deixava o medo esmagá-la. Agora... ela queria esmagar de volta.

“Minha experiência com família tem sido bem abaixo da média nos últimos meses,” ela disse com sarcasmo, tentando reconhecê-lo.

Foi então que a crueldade na expressão dele lhe pareceu familiar — tão familiar que o mundo ficou turvo de puro pavor.

Não. Não pode ser.

“Não se lembra do seu antigo patrão?”

As mãos dela suaram, um nó apertou na garganta. Mas ainda assim... Evie sorriu, puxando ar enquanto ele apertava seus braços.

“Você deve ser um Warsen.” Ela fingiu observar o couro cabeludo dele. “A calvície é hereditária, então?”

O homem tremeu de raiva. Ela era fisicamente mais fraca, sim, mas a arma mais eficaz de Evie era falar até o inimigo implorar por misericórdia. Nunca matou ninguém assim — mas quase, ela apostaria.

“Você tentou destruir o negócio do meu pai e depois o matou a sangue frio!”

“Ah, mas meu sangue tava quentinho quando fiz isso. Acho que era por causa das meias de lã. Elas isolam bem.”

Ele ficou sem palavras — Evie quase riu. Quase.

O filho de Otto Warsen puxou o cabelo dela, forçando-a a levantar o queixo. “O reino te chama de ‘A Mulher Maligna’ por um motivo. Você não tem moral nenhuma. Vive se fazendo de vítima, mas é uma cobra!”

E deu mais uma pancada com o corpo dela na parede.

Ela assentiu enquanto ele erguia a lâmina acima da cabeça. A dor na testa fazia seus ouvidos zumbirem. “Você tem razão. Nunca fui boa em ser vítima,” ela sussurrou, sentindo sangue escorrer pelo canto da boca.

A lâmina desceu.

Evie fechou os olhos e murmurou: “Porque eu sou a vilã.”

Uma névoa cinzenta escura se lançou entre eles, bloqueando a lâmina a menos de um centímetro do seu rosto, seguida por uma voz que ecoou pela cozinha, fazendo-a quase desmaiar de alívio.

“Solte ela agora ou vou arrancar suas entranhas e jogar seus pedaços do alto do castelo.”

A ameaça era crua, sombria. O tipo de voz que dá pesadelos a crianças.

Eu, por outro lado, vou dormir como um anjo esta noite.

“A não ser que prefira essa alternativa, claro,” Evie acrescentou, irônica.

Warsen a soltou, girou-a e apontou a lâmina sob seu queixo. “Vai me fazer de refém? Que tédio,” ela disse, e gemeu quando a ponta da lâmina cortou sua pele.

“Solte-a. Agora!” Trystan rugiu. E sua magia — embora andasse rebelde — respondeu de imediato, atingindo o olho esquerdo do inimigo com um jato.

“Merda!” O homem jogou Evie com tanta força que ela caiu sobre uma mesa, quebrou uma cadeira no impacto e desabou no chão.

Cada parte de seu corpo doía. O pulso estava torcido, a cabeça latejava, o peito arfava. Sangue e suor se misturavam na pele enquanto ela limpava o rosto com os dedos trêmulos.

Trystan olhou para ela no chão e então para o agressor com olhos selvagens. Pausou por um segundo, escaneando o homem que a machucara. Mas foram os fios do cabelo de Evie presos na mão de Warsen que o quebraram.

Ele agarrou o homem pelo pescoço, empurrando-o lentamente contra a parede com o punho erguido para o golpe final.

“Não!” Evie gritou, correndo com uma força que nem sabia ter, segurando o pulso dele com as duas mãos. “Você não pode matá-lo.”

O Vilão não olhou para ela. Continuou encarando o inimigo. Mas o idiota resolveu provocar: “Olha só, Vilão. Acho que sua garota gosta de mim.”

Evie suspirou. “Imbecil.”

Ela soltou o punho de Trystan e recuou. O Vilão então socou o rosto do homem, que caiu inconsciente no chão.

Estado desejável, honestamente.

A voz de Trystan saiu rouca: “Agora posso matá-lo?”

Evie mal conseguia ficar de pé. A adrenalina estava se dissipando, tudo ficando pesado — até as pálpebras. “Não... temos que interrogá-lo primeiro. Depois você pode pendurar as partes do corpo que quiser.” Ela se apoiou na janela. Algo nela parecia... importante?

Tudo estava embaçado.

“Sage?”

“Ssss... senhor,” respondeu, mas a palavra saiu arrastada, as cores girando como se o chão tremesse.

“Marv, Min! Levem o prisioneiro para as masmorras. Correntes duplas.” Trystan ordenou com autoridade, e Evie assistiu tudo com olhos sonhadores enquanto os Guardas Malevolentes arrastavam o corpo.

“Posso interrogá-lo...” ela se curvou, ofegante, “...com você?” No segundo seguinte, estava envolta em braços fortes — canela, calor e segurança.

Uma mão pousou firme na sua cabeça.

“Senhor, você está... me abraçando?” ela perguntou, com as manchas pretas na visão aumentando.

“Sim. Estou.”

“Ah, bom. Achei que fosse só a concussão.” Suas pernas cederam. Mas ele a segurou — uma mão forte sustentando suas pernas.

“Como soube que eu estava em perigo?”

“A tatuagem dourada me queimou pra caralho,” ele murmurou.

“Mas achei que você estava ignorando ela...”

“Jamais. Mesmo que toda a magia do mundo desaparecesse da tinta da minha pele e da sua. Se você estiver em perigo, eu vou te encontrar. Juro.”

Essa promessa a fez fechar os olhos.

Ele a tinha. Sempre teria.

Ou... seria só a concussão falando?

A magia sombria dele girava ao redor, apagando velas, quebrando uma taça de cerâmica.

“Senhor, sua magia?” ela murmurou, sonolenta.

“Minha magia não importa.” A certeza na voz dele era palpável. “Ninguém toca em você agora. Só eu.”

Ela se aconchegou no peito dele. O coração batendo por outro motivo agora.

“Gosto do Senhor das Trevas possessivo. Um novo lado seu,” ela disse, sonhando acordada.

“Oh, Sage. Se você soubesse...”
Havia coisa demais naquela frase para sua mente cansada entender.

Trystan a tinha.

E era justamente isso que tornava tudo... tão perigoso.

Capítulo 13

CLARE

Clare Maverine já tinha cometido uma porção de erros na vida.
Aceitar trabalhar lado a lado com a mulher que amava... esse, até agora, era um dos piores.

— Pode cortar mais bandagens pra mim, Clarissa? — disse Tatianna, usando o nome completo com aquela melodia natural na voz, tão suave que fazia cócegas numa parte do cérebro de Clare que ela desejava manter neutra sempre que Tatianna estava por perto.

— Clarissa?

Clare sacudiu a cabeça. Seu bob escuro, preso com dois grampos florais, ainda assim teimava em cair no rosto.

— Desculpa. Claro. — Clare começou a cortar cuidadosamente o tecido fino, que Tatianna colocava contra as costas de Keeley, já quase cicatrizadas.

Keeley, para seu crédito, continuava calada, apesar de Tati e Clare terem incentivado que ela gritasse o quanto quisesse. Queimar nunca era fácil, mesmo com a magia de Tatianna.

— Você vai precisar pegar leve por uma semana, Keeley. Sério. Sem treinos, e nada de missões no Palácio Brilhante. Você não vai conseguir liderar ninguém até a guvre fêmea nesse estado.

Os olhos da capitã brilharam com uma pontada de desafio, mas ela assentiu, rendida. Clare sabia como era odiar perder o controle, como devia ser horrível para Keeley sentir que estava decepcionando os colegas e o empregador.

Mas a verdade era que ela já tinha feito muito por todos ali.

Dois Guardas Malévolos estavam encostados no canto com Gideon Sage, que só permanecia ali porque Keeley parecia relaxar toda vez que ele soltava algum comentário espirituoso.

— Nem estava planejando — disse Keeley. — Mas o tempo não está do nosso lado, e os recrutas novos precisam de orientação. — Ela se apoiou nos cotovelos, alguma cor voltando ao seu rosto. Clare sabia que ela se referia à possibilidade da guvre fêmea estar grávida por mais alguns meses — ou, com a mesma chance, dar à luz em semanas ou dias.

Havia pouquíssima informação registrada sobre as criaturas do Destino — relatos dos primórdios da criação dos reinos pelos deuses mágicos. Como o Destino havia ajudado os deuses e depois deixado suas criaturas para manter o equilíbrio entre os humanos e a magia.

Dado o estado atual da magia em Rennedawn... era evidente que os humanos falharam.

Miseravelmente.

Min e Andrea, as outras duas guardas, tentaram sorrir. Min passou a mão na grossa trança de Keeley, movendo-a com cuidado.

— A gente assume daqui, Keel — só descansa um pouco, vai.

Min fez uma careta ao notar algumas partes do cabelo queimado.

— Ai... Cadê a tesoura? — disse Andrea, batendo com a bota vermelha no chão.

Keeley enrijeceu.

— Pra quê? — A voz tremia.

Tatianna entregou a tesoura sem nem pensar, sem perceber o terror evidente de Keeley. Mas Clare percebeu. Clare sentiu.

— Só vamos tirar umas pontas, amor. Só pra disfarçar onde queimou — disse Andrea.

— NÃO!

Num piscar de olhos, Keeley pulou da maca e se encolheu num canto da sala, com a armadura de couro vermelho ainda aberta nas costas.

Quase irreconhecível como a guerreira que Clare conhecia, ela estava assustada, atordoada, tremendo. Os olhos úmidos fixos em Gideon, que já se movia instintivamente em sua direção.

— Não deixa... não deixa ninguém cortar meu cabelo. Por favor. Eu não gosto quando tentam cortar meu cabelo. Por favor, eu não... — As palavras se dissolveram em tremores. Os dentes batiam.

Gideon não tirou os olhos dela, as sobrancelhas unidas, o rosto sério.

Clare desviou o olhar — a intimidade entre os dois a forçou a encarar Tatianna, que já a encarava de volta. Clare só conseguiu sustentar o olhar por um segundo.

— Joga fora a tesoura — disse Gideon, calmo, mas firme.

Ele se virou para Keeley.

— Eu prometo que ninguém vai tocar no seu cabelo, Capitã. — Ajoelhou-se, desenhando um X no peito com o dedo. — Cruz credo e morra cedo.

Era um mistério o motivo de tanto pavor por um gesto tão simples, mas Clare já conheceu gente com traumas o bastante pra saber: às vezes, são os atos pequenos que disparam os piores gatilhos.

Min e Andrea, embora ainda confusas, assentiram e saíram da sala.

Gideon pegou um cobertor rosa felpudo no canto, ajeitou numa cadeira, e conduziu Keeley até lá, enrolando o cobertor ao redor dela.

— Levo você até seus aposentos, Capitã? — Keeley assentiu, e Gideon a levantou como se fosse feita de cristal, carregando-a dali.

Tatianna suspirou, com um olhar melancólico.

— Eu adorava aquele cobertor.

Clare sorriu, encostando o quadril nela. As tranças altas de Tati deixavam Clare com vista livre de cada traço do rosto que ela tanto amava.

— Você perdeu por uma boa causa.

Foi quando Alexander Reinaldo saltou pela porta aberta, lembrando Clare da vida real que ela tinha construído ao lado dos melhores amigos. Ele segurava uma plaquinha:

VENTO

Tatianna se agachou, no mesmo nível do príncipe-amigo-de-infância-agora-sapo.

— Alexander, por que tá falando em charadas?

Reinaldo balançou a cabeça e apontou para a porta antes de escrever algo novo na plaquinha:

COZ

Clare bufou. Ter que decifrar Alexander desse jeito era frustrante.

— Algum palpite? — perguntou Tatianna, com um sorriso torto.

A amizade que renascia entre elas enchia Clare de culpa, mas também de esperança. Ela não estava pronta pra abrir mão disso. Nem pra admitir que, no dia em que Tatianna saiu da sua vida, ela entendeu o que era realmente partir o coração.

Clare podia admitir seus erros. E podia consertá-los.

Podia começar agora.

Tatianna tomou um gole d’água.

— Tô feliz que você esteja aqui.

Você não estaria... se soubesse o que eu fiz.
O quanto me pareço com minha mãe...

A verdade queimava na língua de Clare, mas tudo que saiu foi:

— Eu também. Não gosto quando a gente tá separada.

Os olhos de Tatianna suavizaram. Ela pegou a mão de Clare e apertou.

— Talvez, quando tudo isso acabar, a gente possa tentar... ficar juntas de novo.

A esperança explodiu no peito de Clare, abafando a culpa e os segredos.

— Você... você ainda quer?

Tati começou a mexer nos frascos de poções — seu velho tique de nervosismo.

— Tô disposta a tentar.

Clare sentou no banco ao lado da mesa de trabalho, pisando em ovos.

— Você lembra do dia em que a gente se conheceu?

Tatianna sorriu.

— Lembro de você dizendo que meus sapatos tinham glitter demais.

Clare ergueu a sobrancelha.

— E lembro que você ficou tão ofendida que jogou um frasco inteiro de glitter na nossa varanda.

Tati não demonstrou arrependimento — apenas alegria.

— Dia maravilhoso. Sua mãe ficou furiosa. Não sei por que nunca me puniu por isso.

Clare olhou para as mãos.

— Eu disse que fui eu.

— Por que você faria isso?

Clare aspirou o cheiro de ervas e remédios — o cheiro dela.

— Tive medo que ela não deixasse você voltar. Acho que falei pro Tryst naquela noite que queria me casar com você.

Tati afastou os vidros e se inclinou.

— E o que ele disse?

Clare sorriu com o passado, lamentando o que se perdeu.

— Ele disse: “Melhor se acostumar com glitter. Parece que ela tem muito.”

Tatianna riu — aquele riso leve que Clare adorava. Tinha sido raro em sua infância conturbada. Clare se viciou naquele som.

Como ela ficou tanto tempo sem isso?

— Típico dele. Um romântico.

De repente, a porta caiu com um estrondo. Ambas pularam.

— Trystan, caramba! — Tatianna gritou. — Já ouviu falar em maçaneta, seu— Deuses! Evie! O que aconteceu?

Tati limpou a mesa onde tratava Keeley. Trystan entrou carregando Evie ensanguentada.

— Invadiram a mansão — disse ele, sério. — Atacaram ela.

Clare puxou o irmão para o lado.

— Deixa Tatianna cuidar dela, Trystan.

— Vê se ela ainda respira — pediu, a dor na voz ecoando. Clare imaginou o trauma dele, ao reviver o que viu quando encontrou Evie quase morta no Palácio Brilhante. — Por favor.

As mãos brilhantes de Tatianna passaram sobre Evie.

— Algumas contusões, punho torcido, e parece que ela teve uma concussão, mas o crânio tá inteiro.

— Minha cabeça é dura — murmurou Evie, com um sorrisinho.

Tatianna limpou o sangue seco.

— Isso com certeza.

— Posso preparar a mistura — ofereceu Clare, indo direto pra bancada. Tati assentiu, e Evie foi soltando piadas até o clima relaxar.

Clare mal notou quando Trystan se aproximou.

— Obrigado — disse ele, baixinho. — Por ajudar.

Reinaldo pulou entre eles com uma plaquinha... vazia?

Trystan franziu o cenho.

— Isso é uma metáfora?

O sapo só ribbitou.

Clare sentiu um aperto estranho no peito enquanto entregava o remédio pra Tati.

— Talvez ele só esteja com preguiça hoje.

Trystan passou a mão no cabelo e foi até a porta.

— Quanto tempo pra curar ela?

— Meia hora, talvez.

— Ótimo. Quando terminar, me encontre. Vou convocar uma reunião.

Evie tentou se levantar.

— Eu vou também.

Trystan parou, a mão na porta.

— Se você insiste.

E se foi.

Clare era vítima das maquinações da mãe, sim. Mas Trystan foi o principal alvo do desprezo dela. E Clare ainda sentia vergonha de já ter achado que ele merecia.

Ela entregou outra mistura pra Tatianna e pensou em tudo que ainda não tinha coragem de dizer.

Sim, Clare Maverine tinha cometido muitos erros.

E ela sentia, lá no fundo, que ainda não tinha cometido o pior deles.

Ainda.

Capítulo 14

O Vilão

Trystan sabia que, ao se tornar O Vilão, teria que tomar sempre as decisões difíceis — até mesmo as impopulares. Era um trabalho de que ele gostava, para ser honesto. Mas havia uma prática padrão nos escritórios à qual ele jurou nunca se render:
Reuniões.

Raramente ele precisou delas. O escritório funcionava bem sem que ele interagisse diretamente com seus funcionários. Havia dias, inclusive, em que ele falava menos do que Reinaldo.

Antes, achava que preferia assim, que era o mais próximo de contentamento que chegaria. Mas então Sage tropeçou em seus braços e na sua vida, e tudo mudou.
Inclusive ele.
Inclusive sua tendência a evitar contato humano.

Mas agora isso era um mal necessário. O grupo estava um caos há semanas — não havia progresso possível daquele jeito. Trystan suspeitava que precisaria de todos a bordo para alcançar algum sucesso com os problemas atuais: encontrar o guvre, parar o rei, restaurar a magia de Rennedawn.

Na sala de treino da guarda, uma longa mesa foi montada. Trystan observava à medida que Tatianna, Rebecka, Clare, Gushiken, Gideon (com Keeley pendurada em seu braço) entravam e se sentavam.
Todos, menos um.

— Reconheço que concordamos em oferecer-lhe abrigo, Gideon, mas isso não lhe dá acesso a esta reunião. — Trystan lançou um olhar afiado, mas Gideon apenas deu de ombros, completamente alheio à hostilidade.
Um Sage de nascença.

Keeley interveio, contorcendo-se ao sentar:
— Fui eu quem pediu pra ele me trazer, senhor. Ele vai embora se preferir.
— Vou? — Gideon arqueou a sobrancelha.
Keeley o fulminou com os olhos, e Trystan se viu sufocando um riso.
Quase escapou.

— Fique, se quiser — Trystan disse com um aceno de mão, distraído com a entrada de Sage por último. Ela sorriu para os demais, mas ele sabia que aquele sorriso não era genuíno. Nunca chegava aos olhos.
— Sage, você está atrasada.
— Estava cuidando da minha mãe. — O falso sorriso não vacilou, e vê-lo direcionado a ele o enfureceu.
— Está tudo bem para você, senhor?

Nunca a palavra "senhor" soou tanto como "idiota".

Sage avançou mais, e Trystan percebeu que ela havia trocado de roupa. Agora usava um vestido verde de mangas soltas que deixavam expostas as marcas arroxeadas em seus braços — impressões digitais que ou Tatianna não viu ou ela pediu para não serem curadas.
Ambas as opções o fizeram sentir uma pressão atrás do olho.

Questionar o invasor seria um prazer.

A energia sombria dançava ao redor dos seus pés, empolgada com a possibilidade de Sage se sentar ao seu lado — mas ela pediu para Blade se mover e sentou-se o mais longe possível. A magia da morte murchou como uma flor podre.
Desculpe. Vai ter que se contentar comigo.
Ele jurava que a magia o socou na perna.

Evie virou-se para Rebecka, que parecia preocupada, e tocou sua mão em um gesto de conforto. O mundo estava tão de cabeça para baixo nas últimas semanas que elas tinham virado melhores amigas.
Blade se inclinou para cochichar algo no ouvido de Evie, e ela riu.

O som era tão doce que Trystan quase teve uma cárie. E uma úlcera.
Mas pelo menos essa reação permanecia consistente.

— Imagino que estejam se perguntando por que os chamei aqui. Então vou direto ao ponto.
— Trystan começou.
— Nada de apresentações? — Blade franziu a testa. — Isso não é costume?
— Todos aqui se conhecem, Gushiken. Por que, em nome dos mortos, iríamos nos apresentar?

— Mas será que realmente nos conhecemos, senhor? — disse Blade com um sorrisinho.
Trystan teve um espasmo na pálpebra.

Blade piscou para Rebecka, que tentava conter um sorriso.
— Não é verdade, adorável Rebecka?
— Não fale comigo — disse ela, sem emoção.

Reinaldo pulou sobre a mesa com uma placa na mão, quase enfiando no rosto de Trystan:
CALMA.
— Eu tô tentando! — rosnou Trystan.

Sage riu, desta vez de verdade, com os olhos azuis brilhando para ele. Trystan recuou para sentar-se — e quase errou a cadeira. Riso geral, que cessou ao primeiro olhar que ele lançou.

Após pigarrear, Trystan retomou a compostura:
— Há várias questões urgentes. Precisamos dividir responsabilidades. Confio que farão o necessário.
Olhou para a esquerda.
— Com exceção de você, Gideon.

— Não espero sua confiança, Maverine. Mas posso ser útil. Conheço o Palácio Gleaming como ninguém. Sei de cada túnel, cada planta. Se querem recuperar a guvre antes do nascimento do bebê, peço que aceitem minha ajuda.

Trystan estava tentando controlar mil coisas — todas pegando fogo — e confiar em Gideon não era uma opção que podia se dar ao luxo. Mas Keeley falou:
— A Guarda pode acompanhá-lo e garantir que ele nos leve onde precisamos. Se ele tentar algo… a gente cuida disso.

Trystan olhou para Evie, que assentiu.
— Vou considerar. Um passo em falso, Sr. Sage, e deixarei Keeley cuidar de você.
— Que maneira gloriosa de morrer. — Gideon sorriu.
Keeley o cutucou com o cotovelo, fazendo-o tossir violentamente.
Trystan gostava mesmo dela.

— Sra. Erring?
— Senhor?
— Preciso que avalie a barreira de espinhos. Talvez chame um ou dois de seus irmãos. A cerca precisa ser reforçada.
— Mandarei um corvo para Roland — ela disse, solícita.

— Blade — Trystan se virou para Gushiken —, descubra tudo sobre filhotes de guvre. E, pelo amor dos mortos, mantenha o que temos sob controle. Ele comeu dois dos meus estagiários favoritos esta manhã.

— Você não tem estagiários favoritos, Lorde das Trevas — Sage zombou.
— Talvez porque todos são devorados — disse Gideon.
Blade riu tanto que quase engasgou.

Trystan estava cercado por subordinados que deveriam temê-lo, mas eram todos traidores.
A vida de um vilão.

— Terminaram? — disse ele, mais sério. Todos se endireitaram. Menos Sage, que manteve o olhar fixo no dele.

— Acredito que uma das janelas de vitral contém o quarto objeto da profecia. — Trystan não desviou os olhos de Sage.
— Com a possibilidade de termos um informante, mantenham essa informação em segredo.

Ele se inclinou.
— Vamos desmontar os vitrais em busca de pistas. É o mais perto que chegamos da conclusão da profecia.

Gideon ia falar algo, mas Sage o fuzilou com o olhar:
— Se sugerir recuperá-lo agora, eu falo do seu período esquisito.

— Ele não saiu dele ainda? — Keeley comentou.
Gideon fulminou a sala inteira.

Trystan, a um fio da explosão, continuou:
— As palavras podem aparecer só à luz do sol, mas não podemos afastar os funcionários sem levantar suspeitas. Sejam discretos. Nunca se sabe quem está observando.

Todos estremeceram.
Reunião encerrada com sucesso.

— Senhor? — Sage se aproximou quando todos saíam. — Quero interrogá-lo com você.
Perto de quem te machucou? Não. Prefiro decapitar em particular.

Mas ela era sua aprendiz. E ele, O Vilão.
— Não desta vez. Está se recuperando. Poderá participar do próximo interrogatório.

Sage então disse baixo:
— Ele é filho de Otto Warsen.
— Você tem certeza?
— Eles têm o mesmo sorriso, mesma voz. E Otto já mencionou que tinha família na capital…

Trystan não era herói. Era mal.
Mas destruiria qualquer um que colocasse aquele olhar assombrado no rosto de Sage.

— Muito bem. Você pode observar. Nada de perguntas.
Ela assentiu, passando a mão no ombro onde ficava a cicatriz.
— Obrigada, senhor. Muito generoso.

— Não use essa palavra imunda.

— Generoso?

— Absolutamente nojenta.

Ela sorriu de canto e saiu.

Trystan olhou para Reinaldo:

— Xadrez rápido antes do trabalho?

Reinaldo, porém, estava diferente…

Por um instante… ele não parecia o Príncipe Sapo.

Apenas… um sapo comum.

Capítulo 15

Reinaldo

Alexander Reinaldo sabia quando algo estava errado.

Trystan não havia sussurrado. Apenas o olhou. Por tanto tempo e com tanta intensidade que Alexander não conseguiu suportar o peso daquele olhar sombrio.

Então pulou pelos corredores até o centro do escritório de Trystan, onde a luz do sol batia.

O verde de sua pele lembrava o brasão do seu reino. E o anel que usava todo dia como humano. Após a transformação, Trystan tentou ajustar o anel para caber em uma pata… sem sucesso.

Então colocou o anel sobre sua cabeça, como uma coroa.

Reinaldo deitou-se sob a luz, sentindo o calor nas costas e se perguntando se o que mais sentia falta era do toque do sol em sua pele — como costumava ser.

Trystan irrompeu na sala, ofegante:
— Reinaldo! Você não pode simplesmente sair depois daquilo!

Mas ele podia. E saiu.
Reinaldo escreveu:
ENTEDIANTE.

— Me desculpe por minhas preocupações não serem mais emocionantes, mas não se foge de um problema.
Precisa de uma palavra pra isso. HIPOCRISIA, talvez?

— Preciso saber o que aconteceu com você. — Trystan se ajoelhou. — Por favor, Alexander.

Reinaldo mostrou uma placa:
AMIGO.

Trystan encarou a placa, comovido:
— Sim. E sei que me contaria se houvesse algo importante.

Reinaldo apenas piscou.

— Preciso resolver umas coisas. Mas me procure se precisar de algo. Certo?

Reinaldo assentiu, observando o amigo sair e fechar a porta suavemente.

Não era uma mentira. Havia muitas coisas que Alexander não contava.
Não eram coisas que Trystan precisava saber.
Mas talvez… devesse.

Ele voltou a se deitar.
Sentiu o toque do sol.
E soube:
O que aconteceu naquela reunião… já havia acontecido antes.

Capítulo 16

BECKY

Rebecka Erring permitiu que o corvo pegasse o pergaminho que convocava seu irmão, colocando-o no bico. O pássaro segurou o papel por aproximadamente dois segundos antes de avistar migalhas no chão e abandonar a mensagem para mergulhar de bico nas sobras.

Becky suspirou, esfregando as têmporas, e seguiu o rastro de migalhas até exatamente onde suspeitava que a menininha estaria: escondida debaixo da mesa de madeira da cozinha, com vários biscoitos entupindo a boca.

— Estou tentando enviar uma carta, e o corvo tá bicando suas sobras, sua pequena gremlin. Você não se importa nem um pouco com cáries, é?

Lyssa riu, saindo debaixo da mesa com o rosto todo lambuzado de chocolate.

— O Lorde Trystan come doce o dia inteiro no escritório, e os dentes dele são perfeitos, Srta. Erring!

Lyssa limpou as mãos cobertas de chocolate no vestido floral verde-claro, e Becky se encolheu ao ver as manchas já se formando no tecido.

Becky cruzou os braços. Seu vestido azul-turquesa era bem diferente das roupas neutras que costumava usar, mas depois do confronto com sua família na Fortaleza da Família Fortis, ela decidira que manter distância de quem a feriu não significava se afastar das coisas que gostava. Ao sair da fortaleza, Becky havia resolvido buscar uma nova sensação de liberdade — tão livre quanto a otimista de tamanho míni que parecia se agarrar a ela como um craca no casco de um navio.

Mesmo que essa otimista de um metro e meio estivesse tentando apodrecer todos os dentes da própria boca.

— Isso é porque ele é O Vilão — Becky respondeu. — A maldade... te deixa imune a cáries.

Parecia uma desculpa que a Evie inventaria.

Becky fez uma careta.

Lyssa deu um pulinho e bateu palmas:

— Então eu também sou má! Meus dentes estão salvos!

Becky arqueou uma sobrancelha, cética:

— Eu vi você dando "oi" pra uma borboleta hoje de manhã.

— Srta. Erring, a borboleta falou primeiro. E você disse que falta de educação é uma péssima cultura no ambiente de trabalho.

Droga. Ela tinha mesmo dito isso.

— Ter boas maneiras e um ambiente saudável no trabalho anula a vilania, você não acha? — Becky rebateu, sentindo-se um pouco ridícula pela satisfação de vencer um debate com uma criança.

Lyssa puxou um pedaço de papel dobrado do bolso e o ergueu bem alto, lendo em voz alta:

— Regras de Vilania do Lorde Trystan. Número 4: "Somos vilões, não mal-educados. Decoro é tudo."

Becky ficou boquiaberta.

— Ele te deu uma lista?

Lyssa dobrou o papel de volta e o guardou cuidadosamente no bolso do vestido.

— Durante o chá da tarde.

Becky sentiu que precisava de um quarto silencioso, onde tudo fizesse sentido e ninguém dissesse nada absurdo, por um período entre cinco a trinta e cinco minutos.

— Tudo bem, eu desisto. Pode ter cárie, mas não venha chorar pra mim depois.

— Você tem meu dente doce. — A voz suave veio da entrada da cozinha, e lá estava Nura Sage, parecendo tímida e super cautelosa. — Era ainda pior quando eu estava grávida de você. Eu só queria bolo de chocolate.

Lyssa se aproximou de Becky, agarrando a parte de trás da saia dela. Uma ternura que Becky jamais imaginou ser capaz de sentir fez seu coração hesitante doer um pouco. A mulher do RH deixou a mão cair suavemente no ombro de Lyssa, tentando confortá-la.

— Eu adoro bolo de chocolate.

Lyssa disse as palavras com uma voz tão baixa que mal passava de um sussurro. Nenhum sinal da energia vibrante de segundos atrás.

Becky entendeu. Ela também tendia a se encolher na presença da própria mãe, mas, ao contrário da mãe de Becky, Nura mantinha certa distância — talvez em respeito aos limites não ditos que Lyssa tinha estabelecido. Enquanto a mulher mais velha ficava parada, inquieta, Becky não conseguiu evitar reparar nas semelhanças familiares.

Nura tinha os mesmos cachos escuros da Evie, os olhos castanho-escuros de Lyssa e o sorriso do Gideon. Era como se a mulher fosse um mosaico abstrato dos três filhos que deixara para trás. Becky se perguntou como seria difícil encarar, todos os dias no espelho, todos os rostos que você falhou.

Mas ela guardou esses pensamentos para si. Algo lhe dizia que Nura já se punia o bastante — desde o dia em que deixou os filhos até o incidente daquela manhã.

Ela decidiu que a única forma de seguir adiante era oferecer um gesto de paz. Becky sentia que devia isso a Nura, depois do que sua própria mãe havia feito com a mulher.

— Acho que ainda sobrou biscoito, se quiser um, Senhora Sage?

Nura sorriu.

— Talvez a gente possa fazer outra sobremesa? — Um sotaque suave e musical embalava suas palavras. — O especialista em magia que Trystan mandou disse que distração me ajudaria a equilibrar a magia. Eu adoraria ensinar à Lyssa uma receita que meus pais — os avós dela — faziam pra mim quando eu era criança. Se, é claro, o Sr. Edwin não se importar de eu invadir a cozinha e pegar alguns ingredientes. Eu devia ter perguntado antes...

— Eu sou muito protetora com a cozinha — Lyssa interrompeu, surpreendendo tanto Becky quanto Nura. — Desculpa se magoei seus sentimentos quando tentei fazer aquela meleca.

Nura sorriu de leve, dando de ombros. O gesto casual fez as mangas largas de sua túnica esvoaçarem como asas.

— Acho perfeitamente normal ser cautelosa comigo depois de como te assustei hoje de manhã.

O aperto de Lyssa na saia de Becky afrouxou.

— Você também ficou assustada. A Evie sempre diz que as pessoas fazem coisas que normalmente não fariam quando estão com medo.

Lyssa torceu os dedos, nervosa.

— Está... tudo bem.

Nura balançou a cabeça, com os olhos brilhando.

— Não está, na verdade. Evie está certa — sentir medo é normal —, mas não é certo deixar meu medo se transformar em algo que pode machucar alguém. E machucou, de fato. Meus medos são minha responsabilidade, e ninguém além de mim deve ser culpado por eles. Me desculpa por quase ter te machucado, Lyssa.

Lyssa assentiu, e Becky teve a sensação de que Nura não estava se desculpando só por aquela manhã, mas por todas as manhãs em que não esteve com sua filha mais nova.

Becky deu um empurrãozinho gentil em Lyssa.

— Lyssa, infelizmente, não se assusta com a facilidade que eu gostaria.

Nura voltou sua atenção para Becky, e um leve sorriso surgiu em seus lábios.

— Eu vejo sua mãe em você.

Era uma ironia do destino: a garota que antes era seu maior incômodo — Evie — acabou sendo filha da melhor amiga de sua mãe — Nura.

Embora já não fossem tão amigas assim, depois que a mãe de Becky traiu Nura tão gravemente que ela terminou escondida e dormente como uma estrela por sabe-se lá quanto tempo.

Lyssa olhou de uma mulher pra outra, confusa.

— Você conhece a mãe da Becky?

Nura sorriu.

— Ela era minha melhor amiga. Desde que éramos meninas.

Os olhos de Lyssa cresceram tanto que pareciam pires de xícara.

— A Becky é minha melhor amiga também!

Becky pigarreou.

— Eu não concordei com isso.

Lyssa deu tapinhas no braço da Becky com simpatia fingida e estalou a língua:

— Me desculpe, Srta. Erring. Eu já decidi por você.

— Você e sua irmã ainda vão me levar pro túmulo antes da hora — resmungou Becky, cruzando os braços.

Nura riu, e as bochechas de Becky coraram.

— Eu conquistei a Renna do mesmo jeito.

Becky hesitou. Sabia que não devia falar pela mãe, já que nem estavam se falando no momento. Mas parecia a coisa certa a fazer.

— Pra valer alguma coisa... acho que ela está arrependida.

Nura fez uma careta, os olhos delineados de kohl se voltando para o chão.

— Eu sei que está.

— Arrependida do quê? — perguntou Lyssa, franzindo o cenho.

Nura se adiantou antes que Becky mudasse de assunto.

— Hoje de manhã, minha magia agiu por medo, e acabei machucando aquela pobre jovem. Renna fez algo por medo que me machucou.

Lyssa pareceu pensar por um momento.

— Você vai perdoá-la?

Nura olhou diretamente para Becky, com uma firmeza que fez a pele dela arrepiar.

— Eu já perdoei.

— Eu posso pegar os ingredientes que você precisar pra fazer a sobremesa — Becky se ofereceu. Aquilo tudo já estava emocional demais, e ela precisava desesperadamente mudar de assunto. Ou de um quarto quieto, sem pessoas. Também serviria.

Nura apertou os lábios, olhando para cima, pensativa.

— Hmm. Bem, primeiro vamos precisar de mel... e uma boa dose de paciência.

Lyssa fez uma careta.

— Bom, mel a gente tem!

Becky suspirou de alívio por ter escapado de mais uma interação emocional exagerada. Estava melhorando nesse quesito, mas a linha tinha que ser traçada antes que ela enjoasse.

— Vou pegar o mel. Mas depois preciso voltar pro trabalho. Tenho que enviar aquela mensagem antes do fim do dia. Chega. De. Migalhas.

Ao abrir a porta da despensa, Becky congelou, seu alívio virando pânico ao ver — ou melhor, reconhecer — quem estava amarrado e amordaçado no canto.

Ela balançou a cabeça, incrédula.

— Edwin?

Capítulo 17

EVIE

— Deuses, Edwin, você tá bem? — Evie perguntou ao correr até o ogro. O quarto dele era enorme, assim como a poltrona onde ele estava sentado. Era acolchoada, vermelha e parecia digna de um rei. Ou, neste caso, de um chef de escritório muito querido, com lágrimas roxas escorrendo pelas bochechas azuis.

Edwin tirou os óculos com uma mão e esfregou os olhos com a outra.

— Você não precisava ter vindo até aqui só pra me ver, Srta. Evie.

Evie pousou uma mão em sua bochecha.

— Seu quarto fica só na ala leste, Edwin. Mal foi uma caminhada. E mesmo que fosse, você vale cada passo.

Edwin esfregou o pulso, onde marcas escuras começavam a surgir das cordas que o haviam prendido.

— Só fico aliviado que a Srta. Erring não deixou a Srta. Lyssa ver o que aconteceu. Ela a tirou de lá antes que me visse.

As irmãs Sage tinham crescido em uma vila — pequena, é verdade, mas cheia de gente. E embora de vez em quando recebessem ajuda de uma vizinha idosa, o resto da comunidade preferia sussurrar e fofocar, deixando Evie sozinha. “É preciso uma vila pra criar uma criança” era uma frase que ela ouvia com frequência de quem achava que estava ajudando, mas Evie sabia que isso não era verdade.

Você não precisava de uma vila.

Um escritório cheio de excêntricos amorosos já dava conta do recado.

— Não tenho como te agradecer o suficiente por tudo que você tem feito por ela — Evie disse, se levantando para dar espaço quando Tatianna entrou às pressas, seguida por Clare e Reinaldo pulando logo atrás.

— Ah não, agora causei confusão! — Edwin gemeu.

— Silêncio, Edwin. Me deixa ver seus pulsos — retrucou Tatianna, as mãos brilhando em amarelo enquanto escaneava o chef em busca de ferimentos.

Clare ficou parada, de braços cruzados, segurando os próprios cotovelos como se estivesse com frio.

— Trystan vai chegar a qualquer momento. Edwin, o que aconteceu?

Os olhos de Edwin ficaram desfocados enquanto Tatianna começava a curar o galo na parte de trás de sua cabeça careca.

— Não me lembro. Só sei que, num momento, eu estava limpando a cadeira quebrada da cozinha, e no seguinte tudo virou escuridão.

— O prisioneiro que atacou a Evie — Clare disse, puxando as cortinas no canto para deixar a luz do pôr do sol entrar. — Foi ele?

Evie balançou a cabeça.

— Não, ele já estava trancado naquela hora.

As mangas de Tatianna esvoaçavam enquanto ela trabalhava, usando o laço rosa gasto no pulso para prender as tranças para trás.

— Então foi outra pessoa? Outro invasor? Nenhum de nós teria percebido?

Evie segurou o estômago com uma mão.

— Não se… — Clare estreitou os olhos.

— Não se o quê?

— Não se fosse um funcionário — Trystan completou, entrando nos aposentos de Edwin. O ogro tentou se levantar, mas Trystan levantou a mão em aviso. — Edwin, se você sair dessa cadeira antes de estar completamente recuperado, eu vou cortar o orçamento dos cookies com gotas de chocolate pela metade.

Foi a ameaça mais educada que Evie já tinha ouvido da boca dele.

E a única reação de Edwin foi sorrir e se acomodar ainda mais na poltrona.

Clare se remexeu, inquieta, de um pé pro outro.

— Você acha que foi um dos seus funcionários que fez isso? Quem?

— Quem estava passando os bilhetes pra Lyssa. Pra enganá-la e libertar meu pai — Evie argumentou, lançando um olhar direto a Trystan. — Se descobrirmos quem escreveu os bilhetes, descobrimos nosso traidor.

Tatianna suspirou.

— Ainda não entendo por que iriam atrás do Edwin. O plano era sabotar a poção do caldeirão? Envenenar os cupcakes?

Algo puxava na memória de Evie, mas sua cabeça ainda não tinha se recuperado totalmente das contusões. As feridas físicas já estavam quase curadas, mas a luta na cozinha ainda era um borrão.

— Talvez não fosse o Edwin o alvo — Evie arriscou. — Talvez fosse algo na cozinha?

Trystan assentiu, um brilho de respeito nos olhos que quase fez Evie se derreter de orgulho.

Não aceite o mínimo, Evie!

Mesmo que já esteja perigosamente acostumada com isso.

— Você tem razão, Sage. Vamos investigar mais amanhã de manhã.

— Espera aí, repete isso.

Ele coçou o queixo.

— Vamos investigar amanhã de manhã?

— Não, a parte do "Você tem razão, Sage." — Ela abaixou a voz para imitar o tom dele, juntando as mãos debaixo do queixo.

Os olhos escuros dele reviraram com tanta força que Evie achou que fossem sumir dentro da cabeça.

— Eu não falo assim.

Clare deu uma risada contida, parecendo mais relaxada do que quando entrara no quarto.

— Fala, sim.

Reinaldo ergueu uma placa:

HA.

— Certo — rosnou Trystan. — Já chega disso. Edwin, me avise se precisar de alguma coisa. Sage, vamos.

Evie tropeçou atrás dele, tentando acompanhar os passos largos.

— Aonde a gente vai?

Seu chefe parou, lançando-lhe um olhar tão inquietante que Evie sentiu os pelos da nuca se eriçarem.

— Ora, Sage, o sol está quase se pondo, os funcionários já foram embora, e está na hora.

Evie esfregou o local dolorido na cabeça.

— Hora de quê?

Ele sorriu, e a covinha apareceu.

— De você tentar sua sorte na tortura.

Capítulo 18

O VILÃO

O caminho até as masmorras era ladeado por tochas acesas, o som crepitante servindo de pequeno consolo na escuridão úmida que os envolvia. Não havia motivo para Trystan carregar uma tocha, mas ele sentia a necessidade de segurar algo — de preferência algo perigoso demais para se deixar cair.

Ele mantinha um pé de distância entre ele e Sage, uma estranha sensação de formigamento cutucando a sola dos pés até escalar pela espinha e atingir a nuca. Quando enfim chegaram ao fim da escadaria de pedra, um guincho soou do nível inferior — de onde o *guvre* estava preso.

— É mais assustador aqui embaixo à noite — comentou Sage, passando por ele, seus saltos ecoando sobre as pedras. Um deles raspou no chão e ela tropeçou, mas se recuperou no mesmo instante. Lançou um olhar assassino para o chão. — Você devia consertar isso.

— Sua incapacidade de andar em linha reta? Eu não sabia que isso tinha conserto — respondeu ele, seco.

— Sinto que seu senso de humor só aparece quando quer me irritar.

Ele não negou. Era exatamente quando seu senso de humor aparecia.

— Que senso de humor? — rebateu ele, impassível.

Ela riu, e o coração dele parou.

Trystan carregava um medo desde sempre, e quase todo ele girava em torno de fracassar. Primeiro com os pais, depois com Benedict, depois com todo o reino. No começo, ele odiava ser O Vilão. Odiava não ter escolha no que se tornara por causa da sua magia, por ser quem sempre esteve destinado a ser. Mas acabou aceitando o papel quando percebeu que, com sua nova função, não precisava mais temer o fracasso.

Ser O Vilão dava a ele um novo conjunto de regras. E se era isso que ele era, então iria agarrar esse papel com unhas e dentes.

Exceto que ele acabara de fazer Sage rir. Rir tanto que suas bochechas estavam ficando vermelhas à luz bruxuleante das tochas, uma alegria tão forte que apagava até o medo da escuridão.

E aquilo definitivamente não parecia fracasso.

Parecia, de forma aterrorizante, felicidade.

— Então eu vou mesmo torturar ele, ou você só disse isso pra me assustar?

Graças aos deuses por Sage e suas perguntas inoportunas e esquisitas.

Ele continuou andando.

— Está finalmente admitindo que a ideia "te assusta", como você mesma colocou?

— Não. Mas às vezes parece que você fala as coisas só pra ver até onde pode ir antes de eu sair correndo.

As chaves em sua mão tilintaram.
— Eu estava testando sua coragem. Agradeço o entusiasmo em aprender, mas preciso assumir a liderança nisso. Você ainda está se recuperando. E, bem, tenho um pouquinho mais de experiência na área da tortura que você. Ah, e Sage — alertou, a voz baixa —, no futuro, não tente me analisar.

Especialmente quando acerta tão assustadoramente que começo a achar que você é uma bruxa ou lê mentes.

— Não estou analisando. Estou observando. Achei que era isso que você queria, Sua Maldade — disse ela, cruzando os braços.

Ele começou a trabalhar na tranca da pesada porta de madeira. Ela abafava os sons — especificamente os gritos.

— Muito bem. Então observe isto.

Quando Trystan entrou na sala, viu que o filho de Otto Warsen estava acorrentado a uma cadeira, os tornozelos parafusados, a cintura envolta por dois cabos de metal grosso. Seu rosto estava sujo e machucado, como se tivesse sido espancado, os cabelos claros grudados na

testa. Trystan deu dois passos largos e socou o maxilar do homem com força, arrancando a mordaça de sua boca.

— Você não me assusta, Vilão — ele rosnou, cuspindo na direção de Sage.

Trystan segurou o rosto do homem com uma mão e respondeu sem emoção:

— Não é necessário ter medo pra o que vai acontecer agora. Mas recomendo que não cuspa de novo na direção dela, a menos que queira fazer isso sem língua.

O ódio nos olhos do invasor era apenas combustível — o início do processo padrão de Trystan naquele quarto. Todo homem que ele prendera ali começava com desafio, depois vinha o medo… e por fim, quebravam e imploravam.

Pelo que Trystan já vira, ele nem precisava fazer muito. Os canalhas que trazia para ali normalmente não tinham escrúpulos — nem espinha dorsal.

— Calvin — disse Sage. — Esse é seu nome, não é? Me lembro de ver nas cartas do seu pai.

Calvin Warsen focou o olhar odioso nela, e Trystan recuou um passo, resistindo ao impulso de dar outro soco na cara do crápula.

— Meu pai escreveu sobre você quando começou a trabalhar pra ele — rosnou o homem. — Disse que você se exibiu tanto que praticamente implorou por isso.

Trystan parou, esfregou o queixo e suspirou antes de chutar o tornozelo de Calvin com a bota. O estalo foi seguido por um grito de dor.

— Quem deixou você entrar na mansão? — perguntou com calma, esperando o homem parar de gemer ou Sage o interromper. Ela não o fez.

— Vai se foder — cuspiu Calvin.

Trystan assentiu.
— Resposta errada. — Outro chute no tornozelo quebrado, mais um grito. Música para seus ouvidos. Ele se permitiu escorregar de volta para velhos hábitos. Permitiu-se não se importar com o que Sage pensava. Permitiu-se ser o que sempre fora destinado a ser: um vilão.

— Alguém deixou você entrar. E, aposto, essa mesma pessoa amarrou meu chef. Quero um nome.

— E eu quero a cabeça de vocês dois numa estaca. — Calvin zombou. — Nem sempre conseguimos o que queremos, Vilão.

Trystan sabia disso muito bem. Mas, em vez de refletir sobre as emoções indesejadas que aquilo trazia, ele apenas golpeou o nariz do homem com a base da mão, fazendo-o estalar e entortar num ângulo grotesco.

— Você quebrou meu nariz!

Trystan deu de ombros.
— Você danificou o cérebro dela. — Apontou para Sage, se abaixando para ficar na altura dos olhos do homem.

— Considerando tudo, acho que estou sendo bem generoso, não acha?

Os ombros de Calvin cederam — o primeiro sinal de que estava começando a quebrar, a fachada de confiança sumindo à medida que a dor aumentava.

— Quem é seu contato dentro da mansão? Hmm? — Trystan segurou o queixo de Calvin. — Por que ele deveria sair ileso enquanto você apodrece aqui?

As correntes tilintaram quando Calvin se debateu, e Trystan deixou. Deixou o homem se enfraquecer, física e mentalmente. Até não ter mais forças.

— Eu não posso contar! Se eu contar, eu morro.

— Tenho quase certeza de que, se não contar, vai morrer também. — A voz suave de Sage cortou a violência com um raciocínio calmo, e os dois homens se viraram para ela.

Ela não tinha saído do lugar, continuava ali parada, sem medo no olhar, encarando Calvin com uma curiosidade desconcertante. Trystan sabia que deveria dizer algo, mas não conseguiu. Estava hipnotizado.

Ela se aproximou do prisioneiro e lançou a Trystan um olhar — pedindo permissão. E, por alguma razão, ele deu.

Ela se ajoelhou até ficar na altura de Calvin e ofereceu um sorriso triste ao homem ensanguentado, o que revoltou Trystan… mas ele não interrompeu. Porque, sinceramente, queria ver até onde isso ia.

— Como você entrou na mansão? — Sage perguntou, repetindo a pergunta de Trystan, mas com mais suavidade. Seus olhos azuis suplicavam.

— Alguém me deixou entrar — rosnou Calvin.

— Que gentileza — disse Sage, amigável. — Quem?

— O maldito bicho-papão.

— Então era um homem? — respondeu ela, serena.

Calvin se debateu, sacudindo as correntes, mas não saiu do lugar. Sage permaneceu fora do alcance.

— Eu não vou dizer nada.

Trystan agarrou a camisa de Calvin.

— Quando a dama faz uma pergunta, você responde.

Sage se levantou, afastando gentilmente a mão dele da camisa com um pequeno sorriso que perfurou Trystan direto no peito.

— Sr. Warsen, será que, pra reforçar meu argumento, você precisa de um pouco de motivação? — disse Sage, começando a levantar a barra do vestido.

Trystan imediatamente cobriu os olhos de Calvin com tanta força que a cadeira quase virou.

Quando finalmente olhou, Sage estava olhando pra ele, satisfeita, com uma adaga pendurada entre os dedos. Trystan tirou a mão do rosto de Calvin, garantindo que esbarrasse no nariz quebrado.

Calvin rosnou, mas parou assim que viu a adaga na mão de Sage. Ele a reconheceu — Trystan percebeu pelo olhar.

— Onde conseguiu isso?

Sage encostou a lâmina no queixo dele, obrigando-o a encará-la.

— Seu pai forjou. Está encantada com alguma magia que a ligou a mim, então achei que ele não se importaria se eu ficasse com ela. Chame de rescisão contratual. — E fez um corte no ombro dele.

— Puta merda! — ele rosnou entre os dentes enquanto Sage pressionava a lâmina de volta à garganta dele.

— Agora. Quem. Deixou. Você. Entrar? — Ela manteve o tom calmo e amigável. E Trystan, mesmo vendo a aprendiz assumir o interrogatório, não conseguiu interromper. Ela era boa demais nisso.

Calvin engoliu seco. Teria ela quebrado ele tão rápido?

— Eu não vou contar. — Ele arfava quando Sage fez um corte superficial em seu pescoço. — Você vai me matar de qualquer jeito.

Sage suspirou, colocando a mão no peito num gesto ofendido.

— Sr. Warsen! Você é nosso convidado. A gente não mata convidados.

— Quem é "a gente"? — resmungou Trystan.

Ela o lançou um olhar exasperado, claramente irritada por ele criticar enquanto ela fazia todo o trabalho pesado.

Por que ele tava deixando ela fazer tudo mesmo?

— Tá bom, já chega, aprendiz. — Ele se colocou à frente dela e agarrou Calvin pelo pescoço. — Aqui estão suas opções, porque sou a favor de escolhas. Você pode me contar tudo agora, e sua morte será rápida e indolor. Ou pode continuar teimoso, fiel a um rei que não dá a mínima pra você. E a um pai cuja cabeça jogamos no lixo semana passada porque já tava começando a feder.

— Sempre serei leal ao meu pai — cuspiu Calvin.

Foi quando a magia de Trystan começou a fluir, envolvendo o homem, e os olhos dele se arregalaram.

— O que— o que é isso?

Então, não era mais só Sage e a mãe dela que conseguiam ver a magia. Agora ela era visível pra qualquer um.

Muito bem. Que ela os apavorasse tanto quanto apavorava ele.

— Você pode continuar fiel ao seu pai. É uma escolha. Mas saiba que, com essa escolha, você não vai morrer—

— Ué, não vai? — Sage interrompeu, confusa.

— Não. Se ele continuar fiel, mantemos ele vivo. E fazemos visitas. Diárias. — Os olhos de Trystan endureceram, e os de Sage brilharam ao entender.

— Ahhh, você quer dizer que a gente vai torturar ele todos os dias se ele não confessar! — Ela parecia feliz de ter decifrado aquilo. Seus cachos balançaram enquanto assentia. Seu vestido verde era um contraste gritante com a sala escura e o clima mais sombrio ainda.

— Exatamente, Sage — confirmou ele, forçando-se a desviar os olhos das clavículas expostas dela com uma tossida.

— Imagine, Sr. Warsen. Viver todos os dias na escuridão. Sem portas. Sem janelas. Sem sol.

Sage arfou, agarrando o braço de Trystan com tanta força que a magia dele se espalhou e estalou no rosto de Calvin.

— Ah! Agora me lembrei! — gritou, sorrindo tão abertamente que ele quase retribuiu.

Em vez disso, ficou olhando pra ela como se a cabeça tivesse caído — provavelmente a única coisa que ele e Calvin Warsen teriam em comum.

Calvin também a olhava, entre o nojo e o medo.

— Ela tá chapada? Que porra ela tem?

— Cuidado com o que fala — alertou Trystan, pressionando o tornozelo quebrado dele antes de se virar pra Sage. O grito de Calvin abafou o sussurro.

— O que você tem?

— Ele tava mexendo na janela! Na cozinha! Quando eu entrei, ele tava fazendo alguma coisa com a janela.

A janela da cozinha? Era a única que Trystan nunca mexera ou transformara em algo "vilanesco". Aquela onde o sol brilhava sobre um—

— É isso. Muito bem, Sage. — Ele não conseguiu esconder o quanto estava absurdamente orgulhoso. Não quando ela brilhava como um raio de sol depois da chuva.

— Eu não lembrava por causa da concussão — disse ela, casual, batendo na cabeça como se fosse uma porta. — Acho que tava preso aí dentro. — Riu, mas Trystan não achou graça nenhuma no fato de ela ter batido a cabeça.

Ele fungou, pegou o *divisor de joelhos* — uma engenhoca metálica cheia de espinhos — e prendeu nas pernas de Calvin.

Girou o botão. Os espinhos começaram a se fechar lentamente, e Sage — que os deuses o ajudem — olhou pro aparelho mais com curiosidade que repulsa.

— Ah, isso vai... Ah, eca.

Ele girou ela nos calcanhares e a empurrou para a porta enquanto Calvin começava a entrar em pânico.

— Sim, eca. Vamos. O som de joelhos estalando é grotesco até pra mim. Até mais, Calvin. Aproveite a... pausa.

— Faça o que quiser, mas eu vou morrer com o segredo! E a satisfação de saber que vocês descobriram a verdade tarde demais vai me sustentar — e, aposto, vai sustentar meu cúmplice também. — Calvin sorriu, e o som final da máquina soou enquanto Trystan trancava a porta.

Sage ficou ali, encarando, os lábios vermelhos entreabertos, pressionando a orelha contra a madeira.

— Ou ele grita baixinho, ou essa porta é maravilhosa.

Trystan esperou que ela chorasse, entrasse em pânico, saísse correndo — como ele queria fazer da primeira vez. Mas ela não fez nada disso.

Só olhou pra ele com um brilho grato nos olhos.

— Obrigada por me incluir. Sei que você provavelmente não queria.

Ele puxou a gola da camisa, desconfortável com a gratidão dela, odiando o fato de que isso o fazia se sentir leve, quando deveria estar com medo de corrompê-la mais ainda. Mas, em vez disso, se sentia tão leve que achou que a cabeça ia bater no teto.

— Você tinha o direito de estar lá. É minha aprendiz, afinal. E ele te fez mal. — E parece continuar fazendo. — Agora, vamos.

— Vamos pra onde? — Sage perguntou, tropeçando pra acompanhar. — Sua falta de direção me dá torcicolo.

Trystan abriu um sorriso.

— Vamos encontrar o livro de histórias de Rennedawn.

Capítulo 19

EVIE

O pátio dos fundos estava silencioso, exceto pelos gemidos ocasionais vindos da grade que levava ao recinto do guvre macho. Evie tentava não se fixar nisso, nem na forma como aquilo apertava seu estômago enquanto ela e o Vilão saíam da mansão noite adentro. As estrelas brilhavam, com apenas uma leve brisa soprando, e o cheiro de lenha queimada vinha das várias chaminés da casa. As tochas acesas do lado de fora os salvavam das sombras.

Os pedaços de vitral tilintavam no bolso da saia de Evie. Ela tirou o saquinho conforme se ajoelhava lentamente, depositando-os com cuidado diante de si.

Um ronco alto e nasal a fez soltar um dos pedaços, quase cortando a mão ao tentar pegá-lo de volta.

— Ahhh. O Fofucho tá doente.

O dragão dormia de barriga pra cima sob um dos beirais, as quatro patas roxas esticadas pro ar. Evie achou ele parecido com um gato de rua da sua vila… só que maior. E com escamas.

O Vilão resmungou, colocando os pedaços que ele carregava ao lado dos dela.

— Ele sempre faz isso.

Evie franziu a testa.

— Talvez devêssemos chamar um veterinário.

— Vou consultar a Blade de manhã — seu chefe respondeu, coçando a barba por fazer que claramente não tivera tempo de aparar. — Por ora, vamos tentar montar isso sem acordá-lo.

Evie começou a mover as peças, lembrando o quanto era péssima com quebra-cabeças. Sempre achava tudo igual. Não sabia por que achou que seria diferente só porque passou quase todos os dias dos últimos seis meses encarando aquela janela.

— Promete que, quando terminarmos aqui, vamos devolver pra cozinha exatamente como estava? — perguntou ela, empurrando delicadamente as peças sobre o chão de pedra.

Mais cedo, seu chefe havia desmontado seu vitral favorito, peça por peça, em um silêncio meticuloso. Levou no máximo quinze minutos, e Evie só protestou nos primeiros dez.

— Já disse que sim. Suplico que pare de perguntar.

— Ah, se é súplica… — Ela mostrou a língua para a nuca dele, e ele deve ter sentido, porque virou tão rápido que ela caiu sobre os calcanhares, com a mão no chão pra se apoiar.

O olhar dele queimava — olhos negros, insondáveis, inexpressivos — enquanto jogava um cesto que trazia debaixo do braço na direção dela.

— Aqui. Come.

Evie o encarou, depois levantou a aba do cesto de vime e puxou um pão enorme, queijos, geleia de figo e várias frutas empilhadas sobre uma toalha xadrez dobrada.

— Senhor… isso é um piquenique?

Ele parou de mexer nas peças pra encará-la, em branco.

— Absolutamente não.

— E então… o que é?

Ele a ajudou a estender a toalha junto com o resto da comida.

— É jantar. Jantar ao ar livre.

— Em uma toalha de piquenique? — Evie perguntou, olhando bem pra ela e soltando uma risadinha ao encontrar uma rosa branca escondida no fundo do cesto. Ela arqueou uma sobrancelha, brincando com o caule entre os dedos. — E isso aqui é o quê?

Ele agarrou o pulso dela — não com força, mas o suficiente para impedi-la de mexer.

— Menos falação. Mais montagem — disse, lançando um olhar que fez os dedos dos pés dela se enrolarem nos sapatos. Um recado silencioso: "*Você tá sendo teimosa e, se continuar, algo ruim vai acontecer.*"

Mas o quê? Ela não fazia ideia. Só sabia que queria apertar todos os botões dele até descobrir.

Não seja sádica, Evie!

A menos que tenha um bom motivo!

Isso é um bom motivo?

Ele se virou de frente pra ela, e um pedaço de pele apareceu no V da camisa preta solta.

Bom o suficiente.

O chefe a encarava, esperando. Vixe. Ele tinha dito algo agora há pouco. Ela registrou o som vindo de fora da própria cabeça, mas o cérebro se recusou a processar enquanto ela viajava mentalmente.

— Então? — Trystan perguntou, fazendo um gesto pra ela responder. Era injusto que, mesmo desgrenhado e por fazer, ele continuasse perigosamente lindo, a pele brilhando sob a luz da lua.

Ele parecia quente e acolhedor… tipo um cobertor felpudo com tendências homicidas.

Evie estava embarcando num trem de ilusão cujo destino final era, com sorte, um penhasco.

— Eu não estava prestando atenção, senhor.

Trystan franziu a testa.

— Por quê?

— Eu estava olhando pro seu peito — Evie soltou, abrindo um sorriso envergonhado quando viu as sobrancelhas dele subirem até a raiz do cabelo.

— Perdão? — ele perguntou, incrédulo.

— Desculpa? — As palavras continuaram saindo como roda de carroça desgovernada. — Você pode olhar pro meu também, se quiser.

O que você tá fazendo?, ela se perguntou. *FAZ PARAR*!

— Pra gente ficar… quites?

O QUE VOCÊ TÁ FAZENDO?

Enquanto ela se torturava mentalmente, seu chefe parecia à beira de um ataque de pânico.

— Isso não será necessário, Sage, nem é a-algo… apropriado. — Mas Evie não deixou de notar a leve gaguejada, nem o súbito enrijecer do peito e o jeito como os olhos dele fugiram direto para o decote do vestido verde.

Ela enrugou o nariz.

— Depois que eu arranjar umas pérolas pra você segurar, pode repetir o que disse?

— Eu perguntei se você teve alguma sorte com as informações que conseguiu quando saiu com a Keeley. — Os olhos dele encontraram algo fascinante no arco de pedra do pátio, e Evie teve a impressão de que ele estava perdendo o controle. O que era maravilhoso.

Evie estalou a língua.

— Acabou sendo menos útil do que eu esperava.

Ela observou os pedaços de vidro que ele forçava a encaixar.

— Ainda não entendo por que não podíamos simplesmente deixar a janela como estava e deixar a luz do sol bater nela de manhã.

Ele se agachou, apontando pro vitral.

— Porque, Sage, precisa ser segurado diretamente contra o sol, não num ângulo. E tínhamos duas opções: desmontar a janela ou derrubar a torre oeste.

Bom, isso pouco importava. Não seria a primeira vez que parte da mansão precisava ser reconstruída. O Vilão tinha uma conta aberta com os empreiteiros mágicos de tanto acidente que acontecia.

Só 30% eram culpa dele. Os outros 70% se dividiam entre inimigos, dragões míopes e, claro, a mais destrutiva de todas… Evie.

— E você tem certeza de que o sol vai bater bem aqui? — ela perguntou. — E se a gente não conseguir montar tudo certinho? E se nenhuma das palavras estiver certa ou fizer sentido junto?

Ele desviou o olhar do arco e, mesmo sem fitar nada abaixo do rosto dela, Evie sentiu o rubor subir pelas bochechas diante do olhar quase reverente.

— Ironicamente, meu pequeno furacão… foi você quem me ensinou que todas as palavras combinam, se você tiver imaginação suficiente.

Ah, que droga. Aquilo foi… inconvenientemente fofo.

Ela revirou os olhos, numa tentativa patética de esconder o quanto aquilo mexera com ela.

— Sou sua aprendiz, senhor. É você que devia me ensinar, não o contrário.

Ele ergueu uma sobrancelha, a voz baixa e rouca ao perguntar:

— E o que é que você gostaria que eu te ensinasse, Sage?

A frase mais imprópria e humilhante da galáxia apareceu na cabeça dela tão rápido que ela precisou agarrar outra coisa. Qualquer coisa.

— Como você equilibra a vilania com, hã… cuidar das suas… necessidades físicas? — NÃO ISSO.

Ele a encarou, coçando o queixo.

— Não entendi, Sage. Você tá falando de exercício? Higiene pessoal?

Ah, quer saber? Se era pra ser ousada, que fosse com força total.

Ela olhou direto pra ele e disse:

— Não. Sexo.

Ele cerrou os lábios, de repente bem mais perto do que ela lembrava. A cabeça dele se inclinou para olhá-la de cima, as sobrancelhas se juntando numa carranca.

— Você tá tendo dificuldade com isso, é?

— Não. — Ela sorriu, tranquila, e o olho dele tremeu. — Só queria saber como você lida com isso.

Ela teria ficado mais envergonhada se não estivesse tão entretida vendo ele praticamente engasgar com o ar.

— Tenho certeza de que esse não é um assunto apropriado entre colegas — ele respondeu entre os dentes.

— Acha que devíamos perguntar pra Becky? — blefou. Se perguntassem, Becky provavelmente teria um colapso e pediria demissão do RH.

— Acho que não — ele disse, rouco.

— Não quer perguntar pra Becky?

— Não faço distinção entre eles.

Ela arregalou os olhos.

— Tá dizendo que faz os dois ao mesmo tempo?

Ele jogou as mãos pro alto e bateu a cabeça numa pilastra.

— Senhor? — Ela se aproximou, pôs a mão no ombro dele e levou um choque quase doloroso com o toque. Ambos estremeceram. Ele não a afastou, mas também não a encarou. — Trystan?

— Nunca precisei equilibrar — ele admitiu.

Ela empalideceu, soltando uma risada nervosa.

— Nunca?

Ele não disse mais nada, só olhou pra ela com os olhos negros implorando, suplicando para que ela entendesse. E ela entendeu. Como um raio no peito.

Eu não precisei… desde você.

— Bom. Então não tem escolha. — Sua voz falhou, quase tomada pela emoção.

— Escolha no quê? — ele perguntou, sem esperança.

Ela fechou a distância e colou os lábios nos dele.

Capítulo 20

O VILÃO

Trystan poderia ter o controle mais perfeito do mundo, mas depois de duas semanas tentando ficar longe dela — espiando furtivamente pelos cantos, grudando o ouvido em portas, paredes, às vezes até janelas para ouvir a voz dela — só havia uma resposta possível ao toque gentil dos lábios dela nos seus.

E, claro, foi perder a cabeça de vez.

Sem hesitar, ele a ergueu, levantando as pernas dela e colando-a contra o pilar que acabara de bater a cabeça enquanto rezava para que um pedaço do céu caísse e o esmagasse. Um leve toque da língua de Sage roçou seus lábios.

Perto demais.

Ele respondeu lentamente, seduzindo sua boca e segurando a nuca dela com força, se perdendo no beijo que desejava desde o começo. Desde o momento em que o destino os empurrou um contra o outro. Para o melhor ou para o pior.

As palavras do monstro do destino ecoavam na cabeça dele enquanto as mãos de Sage seguravam seu rosto com carinho e ela gemia baixinho no beijo.

Evie Sage é sua ruína, e você a dela.

A resposta dele a essa ameaça deveria ter sido afastá-la. Colocá-la no chão e pedir desculpas, como sempre fazia quando seus lábios se tocavam antes daquele momento.

Mas então, num sussurro tímido, com os olhos brilhando de lágrimas por vir, ela disse algo que ele jamais esperava ouvir de ninguém:

— Eu te amo.

Ele se afastou um pouco para poder ver aqueles olhos incríveis, sempre cheios de emoções que só ele podia ler.

— Você — eu — — As mãos dela taparam sua boca. — Não precisa dizer nada. Não estou falando pra ouvir respostas vazias — ela disse firme. — Estou falando porque você merece ouvir. Porque você merece saber que alguém te ama muito.

O que restava dele depois daquela declaração era dela para guardar.

As palavras do monstro do destino ecoaram novamente.

E você, a ruína dela.

E Trystan respondeu com dois.

Vai se ferrar.

Ele mergulhou os olhos nos dela, procurando qualquer mentira, desesperado.

Mas não havia nenhuma — só a pura e honesta verdade das palavras dela, dos sentimentos.

Então ela repetiu.

— Eu te amo, Trystan, e não tem nada que você possa fazer pra impedir.

Ele agarrou as duas faces dela com as mãos e esmagou seus lábios contra os dela de novo. Fechou os olhos apertado, como quem sente dor, tentando mostrar tudo o que tinha que a amava também. O monstro do destino podia ter decidido o futuro deles, mas não tinha a mente, os pensamentos, o beijo dele.

E Trystan usou tudo isso naquele momento para mostrar que amava Evie mais que a vida, mais que o ar… mais que a morte. Beijando-a com profundidade, como se desafiasse deuses, destino, tudo que dissera que ele não merecia aquela preciosidade.

Ele não precisava merecer.

Ele era o Vilão. E podia tomá-la, assim como ela podia tomá-lo—

Um grito animalesco os separou, deixando-os sem fôlego enquanto o arco acima deles — o mesmo que já tinha sido reconstruído uma dúzia de vezes desde que Trystan assumira a mansão — desabava numa nuvem de névoa cinza-escura.

Eles se afastaram tão rápido quanto se juntaram, cada pedaço do corpo gritando para se unir de novo, mas não dava.

Porque, nos poucos momentos perdidos um no outro… o pátio inteiro fora invadido.

Pela magia de Trystan.

— O que você fez? — Sage perguntou, a boca carnuda inchada do beijo, formando um "o" perfeito.

Ele tentou falar, olhando pra ela e tentando inutilmente chamar a magia de volta.

— Eu não fiz nada, sua danada! Você que me beijou primeiro!

Ela deu um empurrão no ombro dele, e o toque queimou.

— Você não precisava retribuir!

— Precisava! — ele gritou, e isso — milagrosamente — a fez calar.

A magia dele recuou, e Fofucho, que dormia pacificamente sob um beiral, gemeu. A grade do recinto do guvre masculino tremeu, rangendo alto.

Blade saiu correndo pela porta dos fundos, meio sanduíche na mão e uma faca de açougueiro na outra.

— O que aconteceu?

A névoa da magia de Trystan começou a dissipar em ondas, voltando para ele. E ele podia jurar que Blade viu tudo em toda a sua glória.

Junto com Sage e Trystan, vermelhos de vergonha, culpados e… desarrumados.

Ao lado de dois animais claramente perturbados.

Gushiken semicerrava os olhos, jogando o resto do sanduíche na direção de Fofucho e passando a mão pela camisa de dormir vermelha e violeta.

— Acho que nem era pra eu perguntar, né?

— Se perguntar, enfio esse sanduíche garganta abaixo — rosnou Trystan.

Blade abriu a boca com um sorriso malicioso que fez o sangue de Trystan ferver.

— Engraçado… sua língua tava na Evie—

Mas ele não terminou, porque Sage deu um pulo na frente de Trystan e tapou a boca do treinador de dragões. As mãos que estavam no pescoço de Trystan momentos antes. Até que magia e realidade interferiram e estragaram tudo.

Não é a magia, é você.

As palavras feias da mãe dele no dia em que ele partiu levando o corpo amaldiçoado do sapo de Alexander ressurgiram pela primeira vez em anos.

Você sempre teve o hábito de destruir tudo e todos, não foi?

— Acalma o Fofucho, Gushiken. Eu cuido do guvre — disse Trystan, grosso, indo em direção à grade, com uma ardência atrás dos olhos que o fazia sentir-se fraco e tolo.

— Trystan — chamou Sage.

— Agora não, Sage — respondeu ele, sem emoção, sem olhar para trás.

Nunca mais.

Capítulo 21

Reinaldo

Alexander Reinaldo encontrou Trystan exatamente onde ele imaginava: atolado num poço de arrependimento. Metafórico, claro. Alexander, ele sim, estava sentado num poça real perto da gaiola do guvre. Trystan apoiava uma mão na grade do recinto e com a outra segurava o peito.

— Sei que está sofrendo. Sei. Me desculpe — ele resmungou para o animal que gemia.

Alexander escreveu numa plaquinha:

VOCÊ

Trystan olhou pra baixo e esfregou os olhos com as duas mãos, as olheiras ficando roxas sob a luz das tochas.

— Eu não estou sofrendo, Reinaldo.

Alexander escreveu outra palavra:

ANGÚSTIA

Trystan suspirou e balançou a cabeça.

— Sim, acho que isso está mais perto da verdade.

Alexander abaixou a cabeça, solidário. Teve uma época em que Trystan ouvia seus conselhos. Alexander fora criado para ser diplomata, e sempre soubera dizer a coisa certa pra conseguir o que queria, quando ainda era príncipe. Como conselheiro anfíbio do "Vilão", Alexander era direto ao ponto — porque nem giz suficiente existia em Rennedawn pra anotar todos os pensamentos que tinham na cabeça dele.

Nos últimos dez anos, foram muitos.

— Teremos que acordar antes do sol para verificar a janela — sussurrou Trystan, dando um passo atrás enquanto o guvre, todo colorido, se aproximava da porta da gaiola e descansava a cabeça perto da grade.

As criaturas do destino foram uma das primeiras lições de Alexander nos estudos históricos do continente mágico — bestas criadas pelas mãos do Destino. E fosse lá o que aquela criatura do destino via em Alexander, não gostava nada, choramingando ao se afastar dele o máximo que podia.

Trystan olhou para ele.

— Alguém não gostar de você? Isso é novidade.

Não era. Mas esquece o reino — não tem giz suficiente no continente para contar essa história toda.

Então Alexander escreveu:

SEGUNDO

Trystan bufou, quase rindo.

— Acho que a feiticeira que te amaldiçoou não é muito fã sua agora, já que seus pais a prenderam injustamente. Pensei que ela estivesse morta. Minha mãe disse que foi executada por 'matar' você.

Ela até podia ter sido.

Mas Alexander não escreveu isso. Colocou outra palavra, sentindo o tamanho da sua mão palmada e o quanto era pequeno.

MALDIÇÃO

Trystan estendeu a mão com cuidado pela grade, e o guvre encostou a cabeça na palma dele. As escamas refletiam as cores do arco-íris quando a luz batia.

— Eu devia me esforçar mais para desfazer sua maldição, Alexander. Não deveria ter desanimado tão fácil. Quero que saiba que, mesmo parecendo o contrário, não desisti. Jamais.

Alexander pulou para o ombro do amigo.

Quando Trystan olhou para baixo, Alexander balançou a cabeça.

Eu vi você lutar por anos, Tryst. Sei que tentou.

Nos primeiros meses da transformação de Alexander, era difícil acordar um dia sem cair num poço de desespero. O império do Vilão ainda nascia; Trystan não tinha aliados, recursos, nem tempo para nada além de construir seu negócio. Mesmo assim, ele usou todas as chances possíveis para tentar quebrar a maldição. Pagou a falsas feiticeiras, consultores que se recusavam a ajudar, perseguiu pistas falsas — e falhou repetidas vezes.

Se Alexander fosse humano, diria que ambos perderam quem eram naquele dia e tiveram que se reerguer. Um sapo e um vilão.

Mas o pé de Alexander estava cansado de escrever, então em vez de comunicar do jeito que aprendeu, olhou para o velho amigo e fez o único som que sabia:

Ribbit.

Trystan o pegou no ombro.

— Que bom que concordamos que eu fui um péssimo amigo. Ai! — Alexander bateu com o pé livre na nuca de Trystan, dizendo que não, eles não concordavam nada.

— Vou ver se a Sage voltou pra câmara dela e depois tentamos dormir umas horinhas antes do sol nascer.

Alexander acenou com a cabeça, mas quando Trystan se afastava, ouviu um choramingo baixo. Parou, testou o som.

Outro gemido da criatura solitária atrás das grades.

Deuses, o Vilão estava acabado.

— Droga — resmungou Trystan. — Como vou deixar essa pobrezinha assim? Ouça — apontou para o guvre. — Preciso ver se minha aprendiz chegou bem, mas volto depois se der tempo antes de dormir.

O animal gemeu outra vez. Alexander pulou do ombro e foi rápido escrever uma palavra no chão.

EU?

Os olhos de Trystan amoleceram.

— Você checaria isso pra mim, Alexander? — engoliu em seco. — Talvez seja melhor assim. Tenho medo do que faria se a visse agora.

Alexander não conseguiu apagar e escrever rápido o bastante. A piada não soava tão boa sem poder falar, mas ele fez.

BEIJO?

— Não! — gritou Trystan. — Nada de beijo! Não haverá mais beijos.

Alexander levantou o cartaz devagar.

MENTIROSO

Alexander piscou. Trystan piscou de volta. O guvre gemeu de novo, e aquilo pareceu acordar o Vilão. Ele apertou o nariz, caminhou até a gaiola e se sentou na parede, relutante, fazendo carinho no focinho da criatura.

O animal se acalmou, ronronando na mão dele.

— Verifique a Sage e volte correndo, Alexander — sussurrou. Alexander assentiu e foi para as escadas, afastando-se da masmorra.

Mas ao subir, tudo começou a confundir. Estava com fome. O chão estava frio. Precisava de calor. Pulou com tudo até chegar num quarto iluminado e saltou para a janela, procurando um sol que não existia.

Ele não tinha certeza do caminho original. Estava fazendo algo. Era alguém antes disso. Mas tudo estava sumindo. Tudo que ele era também.

E então o sapo não estava mais confuso.

Porque ele era só um sapo.

Capítulo 22

GIDEON

Gideon não tinha certeza se podia confiar no velho amigo da guarda Valiant, mas seria ótimo ter alguém dentro pra ajudar no plano.

Se eles queriam recuperar a guvre fêmea, Gideon precisava de um mapa do lugar. Mas mapa não ajudava se nem sabiam onde no Palácio Brilhante a criatura estava... se ao menos tinham levado a bichinha para lá.

Mas especular era muita negatividade logo cedo.

— Bom dia, mãe. — Gideon espiou pela porta aberta da câmara dela. Desde que ela voltou, ele tinha cuidado especialmente para vigiar, e ela parecia feliz com isso. Tentando, claramente, pagar uma dívida desnecessária por “ter matado ele”.

Que ela não tinha matado, e essa dívida devia ser nula, mas ninguém disse isso.

— Gideon, hainasi. — Minha vida. Ela beijou suas bochechas e sorriu. — Ontem tive um dia maravilhoso com a Lyssa.

As sobrancelhas de Gideon subiram num cumprimento.

— Que ótima notícia. Tomara que a parte maravilhosa tenha começado depois que você quase a queimou igual um assado de fim de semana.

Quando se reuniram, a mãe parecia frágil, mas Gideon passava mais tempo com ela que os irmãos e sabia que ela tinha um senso de humor afiado.

E por causa dela, sabia que o humor podia curar.

Os olhos castanhos dela brilhavam como uma estrela que um dia foi.

— Felizmente, foi mais tarde, na cozinha do escritório.

— Ah, onde começam as melhores coisas. — Ele sorriu, mas a porta se abriu mais e apareceu a Capitã Keeley, com a trança solta. Gideon nunca tinha visto o cabelo dela solto.

Aquilo mexeu com o estômago dele. Muito... desconfortável.

— Capitã, bom dia! Veio visitar sua quase assassina?

A mãe bateu no ombro dele.

— Gideon Bernard Sage, isso não é engraçado!

Keeley bufou, mancando para dentro, e Gideon fez o melhor para não mostrar seu constrangimento, puxando uma cadeira para ela sentar. Ela nem olhou para ele, mas fez uma careta que deixou Gideon com vontade de socar o objeto mais próximo por pura frustração.

— Recebi sua mensagem, Senhora Sage. — Mensagem? Que mensagem?

A mãe sorriu e se ajoelhou diante de Keeley como se a capitã fosse rainha e ela uma súdita humilde.

— Agradeço muito que tenha vindo após ontem e me dado a chance de pedir desculpas.

Os lábios de Keeley se curvaram num sorriso, e Gideon fingiu não sentir o impacto no peito.

— Garanto que não guardo mágoa. Trabalho com o Vilão há anos, e não é a primeira vez que me machuco. — Ela colocou a mão sobre a da mãe dele. — Só é a primeira vez que machuco alguém sem querer.

— De qualquer forma, você protegeu a Lyssa — disse Nura, grata, levando a mão ao peito.

Keeley negou com a cabeça, abaixando-a em respeito, mas Gideon não perdeu o olhar assombrado nos olhos da capitã.

— Crianças devem ser protegidas acima de tudo. Não fiz nada além do que todos os adultos deveriam fazer.

Nura sorriu, mas a expressão mudou quando Lyssa apareceu na porta, meio relutante.

— Lyssa, bom dia, minha querida.

Lyssa entrou sorrindo, mas ao ver Keeley, se lançou nos braços da guarda.

— Estou tão feliz que você não morreu, Keeley!

Keeley congelou, mas logo o sorriso voltou, quase derrubando Gideon na parede.

— Eu também. — Keeley riu.

Lyssa ficou maravilhada com o cabelo dourado da capitã, que descia até quase o chão, e passou o dedo pelas mechas. Gideon engoliu a inveja de ver a irmã tocar aquilo com tanta naturalidade.

— Seu cabelo é tão lindo!

Seria esquisito se Gideon tentasse o mesmo.

O que, infelizmente, não significava que ele não queria.

Keeley segurou alguns fios entre os dedos.

— É um saco na maioria dos dias, mas é meu.

Havia um significado ali que Gideon não conseguiu decifrar antes que Lyssa puxasse Nura para fora da sala, já animada.

Keeley olhou para elas com uma saudade quieta, como se pudesse absorver a alegria só olhando.

— Para onde eles vão, cavaleiro?

O apelido fez Gideon se sentir animadamente irritado.

— Para a cozinha, provavelmente. Parece ser o caminho mais rápido até o coração da Lyssa.

Keeley riu, cobrindo a boca, brilhando como um sol que não queimaria, mas aquecia por dentro.

— Ela tem bom gosto. Qualquer delícia do Edwin quebra até a casca mais dura.

Gideon ficou sério por um instante.

— Você ouviu o que aconteceu com o Edwin ontem, certo? — Ele insistira tanto quanto Tatianna para que Keeley descansasse, mas achava errado esconder isso dela.

Keeley ficou tensa.

— Sim, ouvi. Horrível. Quem amarraria nosso chef com corda?

Antes que Gideon pudesse responder, ela levantou de repente, e embora ele quisesse ajudar, ficou paralisado.

— Espero que resolvam isso logo — disse Keeley, mancando para a saída.

— Sim, claro. — Gideon murmurou, assistindo-a ir embora.

Depois que ela saiu, ele ficou ali, sentindo que algo estava errado. Só depois de minutos percebeu, com um peso no estômago:

O Vilão pediu que ninguém soubesse que Edwin fora amarrado, com medo que a informação chegasse à Lyssa.

Keeley não deveria saber disso.

Ela estava escondendo algo.

Capítulo 23

O VILÃO

O orvalho da manhã mal tinha tido tempo de molhar a grama quando Trystan começou a derrubar a porta de Tatianna a socos.

— Tatianna! — berrou ele. — Acorda!

A porta estava meio torta, ainda não totalmente consertada depois que Trystan a chutou com Sage no dia anterior, e rangeu horrivelmente quando Tatianna finalmente a abriu. Ela vestia uma camisola luxuosa, um robe de seda rosa que combinava com o lenço na cabeça, os olhos escuros piscando rápido, a voz ainda arranhada de sono.

— Alguém está sangrando ou morto?

Ele parou, o punho ainda no ar depois da batida.

— Os prisioneiros lá embaixo —

— Alguém está sangrando ou morto que não deveria? — ela corrigiu, com os lábios apertados esperando a resposta.

Isso era péssima ideia.

— Não — disse ele com cuidado.

— Então está admitindo que está apaixonado por Evie Sage? — cruzou os braços, com os punhos do robe fofinho se juntando.

Ele gaguejou:

— Eu... não vou admitir nada disso.

— Então estou voltando para a cama. — Tatianna gemeu e tentou fechar a porta com força, mas Trystan a segurou. Ela bufou, empurrou com mais força.

— Trystan, pelos deuses, o que for, espere até o sol nascer.

— Estarei ocupado então — falou, na maior lógica.

Os olhos dela brilharam, as mãos começaram a brilhar numa luz ameaçadora. Ele largou a porta, tropeçando para trás.

— Volte depois — rosnou ela, fechando a porta com força.

Ele suspirou, encostando a testa na superfície fria da porta.

— Eu e Sage nos beijamos — admitiu baixinho.

A porta se escancarou tão rápido que ele quase teve a certeza que ia voar dos batentes outra vez. Ele esbarrou no consultório da curandeira, quase batendo os rins, mas a mesa de exames o segurou.

— Conta tudo — Tatianna pegou uma cadeira confortável, puxou pra perto, ajeitou os pés de pantufa. — Você a beijou? Ela te beijou? Boa pra você, Evie!

— Eu não — Ele apertou o nariz. — Na verdade, não é sobre isso que vim falar. Estou preocupado com o Reinaldo.

Ele tirou o sapo do bolso, que usava uma coroa caída quase cobrindo um olho.

Tatianna apoiou o queixo na mão, sem paciência.

— Por quê? Você também o acordou numa hora imprópria?

O sapo piscou, mais alerta, e pulou para o colo dela.

— Ele ia checar a Sage por mim enquanto eu cuidava do guvre ontem à noite. Quando acordei, horas depois, estava sozinho e o Reinaldo não tinha voltado — explicou Trystan, olhando para o amigo.

— Quando finalmente o encontrei, ele estava pendurado no lustre, completamente perdido. Tem algo errado com ele. Não percebeu? Erra as placas, levanta placas vazias? Parece ausente?

— Mãe galinha — Tatianna suavizou. — Ele não está ausente, ele é um sapo e está bem aqui. Só se distraiu. Acontece com os melhores.

— Ele era nosso melhor amigo, Tati. Nosso melhor amigo, e agora é isso. E é culpa minha.

Tatianna balançou a cabeça.

— Não, Trystan. É culpa da sua mãe. Ela mandou a feiticeira te machucar. Além disso — ela segurou o sapo com as duas mãos — você passou uma década tentando desfazer isso. Já se puniu demais por um crime que não é seu.

— Talvez seja por isso que cometi tantos outros crimes que nunca vou assumir — murmurou, sarcástico.

Tatianna assobiou baixo.

— Que bom que você disse isso, assim não precisei.

A irritação dele sumiu quando pegou um presilha de flor do trabalho.

— Falando do passado...

— Estávamos falando de crime — cortou Tatianna.

Trystan entendeu o recado: não tocava na Maverine mais nova.

Mas os encontros diários com a equipe mexiam com ele, porque... ele queria saber.

Reinaldo pulou para o ombro dele, na hora certa para distraí-lo.

— Você poderia dar uma olhada nele? Ver se está tudo funcionando direito?

— Eu curo pessoas, Trystan. Por que não pede pro Blade?

— Porque posso encontrar alguém que ainda não estou pronto para ver.

— Ah. — Tatianna assentiu, como se já tivesse entendido. — Tem medo de dar outro beijo nela?

— Ela me beijou! — protestou ele.

— HA! — ela pulou, apontando para ele, cheia de satisfação. — Uau, toda essa emoção me deixou vermelha. Abre a janela, vai?

Trystan revirou os olhos, abriu um pouco a janela pra refrescar.

— Obrigada — sorriu Tatianna. — Então, nossa querida Evie te beijou. Isso é bom. Pelo menos um de vocês tem juízo.

— Estamos falando da mesma mulher que na primeira semana de trabalho fez cupcakes com sal no lugar do açúcar?

Tatianna pensou.

— Você não comeu todos eles mesmo assim?

Reinaldo escreveu no papel:

— SIM.

Tatianna sorriu e deu de ombros.

— Viu só? Ele continua afiado.

Algo no rosto de Trystan denunciava impaciência, porque Tatianna pegou o sapo e colocou na mesa de exames.

A manhã ainda estava cinza, mas mais clara, a última despedida da noite, e Tatianna respirou fundo, como se aquilo a renovasse.

— Tá, deixa eu dar uma olhada. — Suas mãos ganharam o brilho amarelo quente, e ela passou por cima do sapo, escaneando. — Mas te digo logo, não tem nada de errado.

Reinaldo piscou, os olhos brilhando no reflexo das mãos.

E então, pulou.

Pela janela aberta.

— Ah! Deus do céu! — Tatianna gritou, e Trystan também, enquanto se jogavam atrás dele. Só agarraram o ar, vendo o sapo voar, cair com graça e olhar pra eles com um “ribbit” suave.

— E agora, Tryst? — Tatianna segurou os braços dele, sabendo a resposta. Era impossível tirar os olhos do sapo, mas pular pela janela era loucura.

— Senhor? — a voz de Sage chegou, e o coração de Trystan afundou. Será que ela ficou lá fora a noite toda, esperando o sol nascer no vitral?

Ele pensava que ela teria ido dormir, mas deixou ela lá fora, sozinha, com Blade e um “jantar” abandonado.

Ser vilão não ajuda quando você se sente sendo fervido vivo.

Reinaldo pulou bem na Sage, batendo no peito dela e fazendo ela cair sentada no chão. Graças aos deuses, ela segurou firme o anfíbio, impedindo a fuga.

— Uf!

— Tatianna? — perguntou Trystan.

— Sim? — nervosa, sentindo o perigo.

— Acho que temos um problema.

Capítulo 24

Reinaldo

Alexander Reinaldo estava confuso.

E talvez um pouco desorientado.

Ele acordou assustado pelo barulho de passos, se viu pulando nas mãos de Trystan, depois no consultório de Tatianna e… ficou meio nebuloso, mas não estava mais lá. Estava sentado no abdômen de Evie Sage, que lentamente se sentava.

— Sage! — Trystan gritou, entrando pela porta dos fundos. — Reinaldo!

Tatianna apareceu logo atrás, seu robe rosa arrastando. Os pássaros começavam o canto matinal, e Alexander tentou não se distrair pra entender o que rolava.

— Estou bem — Evie os tranquilizou, ajeitando a coroa dele. — Não consigo manter meus cachos no lugar por mais de algumas horas. Como essa coisa sobreviveu tanto tempo?

— Tá colada na cabeça dele — resmungou Trystan, oferecendo a mão para ajudá-la a levantar.

— Sério? — Evie fez careta olhando pra ele.

Alexander torcia pra não ser verdade.

— Não, Sage. — Trystan estava mal-humorado, provavelmente por estar cansado. Ele andava mal dormindo, e as olheiras denunciavam que a noite anterior não fora diferente.

— Você está machucada? — Tatianna perguntou, passando a mão pelo braço dela.

Evie balançou a cabeça, sorrindo com ironia.

— Acho que virei um ímã de encrenca.

— Encrenca recente? — Trystan quis saber.

Ela mordeu o lábio, parecendo engolir palavras que o fariam surtar. Em vez disso, voltou andando para onde tinham colocado os pedaços do vitral na noite anterior.

Trystan foi atrás, Reinaldo pulando junto, pensando em como tinha chegado ali.

— Você ficou a noite toda fora? — perguntou ele, cauteloso.

— Não consegui dormir. Terminei o que começamos com Blade.

— Gushiken! — Trystan esticou o braço, interrompendo.

— Com os pedaços do vitral! — Blade gritou do quintal, escondido atrás do Fofucho, com uma esponja para o banho do dragão. — Desde que você deixou ela fazer sozinha.

Alexander se perguntou se "desejo de morte" era uma ou duas palavras.

— Agradeço pela explicação cortês — respondeu Trystan, sarcástico.

— De nada, chefe!

Tatianna deu uma risada, e Alexander admirou como os amigos eram diferentes, mas, de certa forma, sempre foram os mesmos desde a infância — quando suas vidas mal haviam começado a se entrelaçar.

O pai de Alexander, o rei, tinha sido um guia justo e exigente na educação do filho, garantindo que ele dominasse diplomacia, ciência, filosofia, magia, caligrafia irônica e história da criação do continente, incluindo todos os reinos.

Mas a mãe dele achava que ele passava tempo demais na biblioteca e pouco com outras crianças, então, um dia, foram em busca de “diversão”. Em uma semana, ele conheceu Trystan, Clare, Malcolm e Tatianna, e sua vida mudou para sempre.

De repente, sua língua saiu para pegar uma mosca próxima. Seu corpo pequeno deu um pulo. Um impulso estranho que ele evitava há uma década. O que estava acontecendo? Sapos passam por uma segunda puberdade?

Evie os guiou até o vitral reconstruído — o mesmo que Alexander passou horas olhando, imaginando se aquela seria a única vida que teria.

Trystan evitava chegar perto dela enquanto examinava o vitral.

O sol começava a tocar o vidro, iluminando os dois teimosos, envolvendo-os em um brilho radiante. Como se até os elementos estivessem impacientes com a briga deles para ficarem afastados.

Blade correu até eles.

— Alguma novidade?

— Ainda não — disse Tatianna, apoiando o cotovelo no ombro do treinador do dragão. — Acho que pedir ao Edwin para preparar um café da manhã depois do dia que ele teve seria meio insensível?

Evie segurou o abdômen com um pequeno gemido.

— Nem fale “café da manhã”. Meu estômago está comendo a si mesmo.

— Eu faço café da manhã — Trystan falou rápido, sem pensar, olhando para o vidro como se esperasse que explodisse.

Os olhos de Evie ficaram enormes.

— Você vai fazer o quê?

Ele deu de ombros, com as mãos na cintura.

— É só café da manhã, Sage. Nada demais.

Não era nada demais, não, mas Alexander viu muitos motivos para comemorar, já que Trystan evitava a cozinha desde que virou O Vilão e agora se oferecia para cozinhar pela terceira vez no mês.

— Só estou com fome. Só isso — ele acrescentou.

Você não está com fome. Está apaixonado, seu tonto emocionalmente atrasado.

Infelizmente, não havia espaço na placa para Alexander escrever isso.

O sol bateu direto nos pedaços de vidro, fazendo o grupo proteger os olhos.

Alexander fez o mesmo, dando passos para trás até o brilho diminuir.

Então, houve um suspiro coletivo.

— Tatianna, você tem sua lupa? — Trystan perguntou, inclinado, curioso.

Ela entregou silenciosamente, e Alexander pulou no ombro de Trystan para olhar também.

O livro que antes parecia apagado no vidro agora se transformava em uma faixa de cor, as páginas virando prateadas com uma única palavra no topo:

Rennedawn.

E então a janela ganhou vida, o livro se abriu.

— Não toque! — Trystan ordenou, enquanto Blade tentava alcançar o vidro com admiração.

— O que diz? — Evie perguntou, apertando os olhos para ler as letras pequenas.

Trystan segurou a lupa e leu em voz alta:

> No início do mundo, os deuses mágicos sabiam

> Que a cor sangraria e tudo se desfez.

> Para salvar este lugar sabiam que os humanos quebrariam

> E convocaram as ferramentas do Destino e da Sorte.

>

> A beleza das estrelas que brilham à noite

> Os filhos do Destino, criados na luz

> E a magia que equilibra tudo sonhado

> É a chave para salvar o mundo no verdadeiro amor.

>

> Quem salvar as terras mágicas

> Cuidará bem do jovem do Destino.

> Quando sorte e luz das estrelas caírem juntas,

> A terra será sua para sempre.

>

> Mas cuidado com o Vilão sem máscara

> E sua escuridão malévola —

> Pois nada é mais perigoso

> Que um coração bom enegrecido.

>

> E quando as marés virarem

> Tudo será como era

> O coração do verdadeiro príncipe

> Salvará seu amor predestinado.

>

> Onde os raios de sol brilham sem verniz

> A magia de Rennedawn começará a curar.

> O mal cairá, reinos subirão.

> Atente a esta profecia e todo Rennedawn

> Terá seu final feliz.

O silêncio tomou o grupo, só os pássaros e o balanço das árvores.

Blade quebrou:

— Profecias têm que rimar? Ou os deuses têm um senso de humor muito estranho?

— Nem segue um esquema de rima consistente. Que estrutura é essa? — Tatianna perguntou.

Evie apertou as têmporas.

— Magia da luz das estrelas, o jovem do guvre, o vilão sem máscara, e... o coração do verdadeiro príncipe salvando seu amor predestinado.

Todos olharam para Alexander.

E ele, de novo, ficou confuso.

— A quarta peça da profecia — disse Trystan, frio e abatido — é Reinaldo.

Capítulo 25

EVIE

Evie leu a profecia em voz alta para o grupo, reunido para o segundo encontro em dois dias. Ela já tinha tido pesadelos com essas coisas, mas considerando que também tinha sido atacada fisicamente e recebeu um tapa de um sapo nesse mesmo período, uma agenda cheia era o menor dos seus problemas.

Pelo menos essa reunião vinha acompanhada de anéis de massa frita.

Embora, com o risco de engasgar, principalmente o Gideon.

Principalmente barulhento.

— Desculpa — ele tossiu, espalhando migalhas pela boca —, mas “o coração do verdadeiro príncipe”?

Os olhos de Gideon caíram sobre Reinaldo, que estava no meio da mesa.

— O que está te confundindo, Gideon? — perguntou o Vilão, largando mais uma bandeja de anéis sobre a mesa.

— A parte onde vocês acham que é o sapo?

Tatianna soltou uma risadinha, e Clare deu um pulo do lado dela, como se o riso do ex-noivo fosse um choque elétrico na pele.

— Reinaldo não é apenas um sapo — disse Evie, suavemente.

Blade inclinou a cabeça, o cabelo preso com uma tira de couro amarelo brilhante, combinando com seu colete.

— É, Gideon, o Reinaldo é muito superior a um anfíbio comum. Você não viu os sinais dele?

— Não, isso não é — Evie começou, mas eles continuaram como se não tivessem ouvido.

— Ah! Isso me leva ao próximo ponto — Gideon ficou sério —, como ele tem tantos sinais? E onde caramba ele os guarda?

Trystan interrompeu:

— Temos um sistema cuidadosamente elaborado no escritório, mas quando viajamos —

Evie pôs dois dedos na boca e deu um assobio tão alto que quase quebrou outra janela.

— Eu entendo que os homens gostam de interromper mulheres no meio da fala, então adoraria ser um estraga-prazeres, mas poderiam, por favor, calar a boca para que eu continue?

Becky estalou os dedos em acordo, sem sequer tirar os olhos das anotações.

A cara do Trystan ficou tão vermelha que Evie começou a se preocupar.

— Pode, uh, respirar, pelo menos — disse ela, jurando ter visto o peito dele mexer de novo.

— Que generosidade, irmãzinha. Por favor, continue. Com nossas desculpas.

Gideon brilhou de orgulho, e Evie não deveria gostar, mas gostou mesmo assim.

Ela alisou suas saias cor cereja e se endireitou para falar de novo:

— Alexander Reinaldo, príncipe do reino do sul, é o sapo que está diante de vocês.

O queixo de Blade caiu, Becky olhou surpresa para cima, Gideon estendeu a mão, precisando de uma pausa para processar, e a pele dourada de Keeley ficou pálida.

Tatianna ergueu uma sobrancelha cética, ajeitando um dos laços do seu vestido e olhando ao redor da sala.

— Vocês não podem estar tão chocados assim. A gente chama ele de Reinaldo.

Todos ficaram olhando pra ela, sem entender.

Clare tentou:

— Ele usa uma coroa?

A sala ficou tão silenciosa que, se Evie fechasse os olhos, juraria estar sozinha.

— Ele levanta plaquinhas e sabe escrever palavras! — disse Clare.

Blade coçou a cabeça.

— Eu só achava que ele era muito bem treinado.

Becky olhou de cima para o treinador:

— Não é um traço que você compartilha, claramente.

Os olhos de Blade ficaram ardentes quando ele respondeu:

— Rebecka, por favor, não fique flertando comigo na frente dos outros; isso é uma reunião de trabalho.

Becky fez um bico, mas um sorriso apareceu no canto dos lábios, e Evie sentiu uma pontada de inveja injusta. Esses dois podiam brincar e se provocar sem medo de que o outro encontrasse uma razão monumental para fugir.

Evie estava cansada de ser negada no que queria. E, infelizmente, ainda queria beijar seu chefe do jeito que tinha feito na noite anterior — tanto quanto queria jogar uma panela de sopa na cabeça dele.

— Acho que o ponto é: uma vez que recuperarmos a guvre e seu bebê, teremos todas as peças para realizar a profecia e salvar a magia em Rennedawn — disse Keeley.

— Magia do luar — essa é minha mãe. O Vilão de coração negro e bom... todos sabemos quem é — ela sorriu levemente para Trystan —. O veneno do destino é a guvre. E o príncipe humano que salva seu amor predestinado.

Evie falou claramente, enquanto a sala juntava as peças lentamente.

Becky levantou, estreitando os olhos para o sapo.

— Quer dizer que... temos que descobrir como transformar Reinaldo de volta em homem?

Trystan assentiu, com uma voz dura e sem emoção:

— Tentei por anos, sem sucesso. A única maneira conhecida de quebrar uma maldição tão forte é se a própria feiticeira que a lançou for quem a desfaz. A magia das feiticeiras é única; elas não conseguem desfazer maldições lançadas por outras.

Isso era novidade para Evie. Ela não tinha perguntado sobre os esforços do chefe para transformar Reinaldo de volta, mas sabia que ele tinha tentado, e tentado, e tentado. Era o jeito que ele olhava para o sapo, como se fosse um fantasma.

— E onde podemos encontrar essa feiticeira? — perguntou Gideon.

Trystan balançou a cabeça.

— Não podemos.

Tatianna entrou na conversa, com uma expressão sombria.

— Ela está presa, acusada de assassinato pelo rei e pela rainha do reino do sul... por matar o príncipe herdeiro.

— Não por transformar ele em sapo? — perguntou Gideon, arqueando a sobrancelha.

— Não. Mas o reino do sul tem uma barreira mágica fortificada. Ir direto até a feiticeira não é uma opção viável. Existe uma alternativa — admitiu Trystan —, mas envolve riscos... e também envolve a Sage.

Os olhos escuros dele encontraram os de Evie, e aquele órgão irritante no peito dela começou a pular feito uma bola de borracha. Só a ideia de ser necessária a deixava pronta pra pular em ação, igual a — bom, igual a um sapo.

— Para de ser carente, Evie!

Gideon seguiu o olhar de Trystan e franziu o cenho.

— Não gosto da palavra “risco” junto com “minha irmã”.

Evie sorriu e cruzou os braços, fazendo uma cara de nojo.

— Eu gosto.

O olhar de Trystan não se afastou dela, e os pelos na nuca dela se eriçaram. Ela engoliu em seco, vendo os olhos dele ficarem quase derretidos nela.

— E agora, senhor?

Ele parecia assombrado quando respondeu:

— Precisamos ver o Consultor de Maldições.

Houve um suspiro coletivo na sala, o que não parecia uma boa notícia para o que vinha pela frente. Ou para o que diabos seria um Consultor de Maldições.

— É nossa única esperança de encontrar uma forma de quebrar a maldição, e não temos luxo de tempo — acrescentou Trystan. — Já perdemos tempo demais, e ainda temos a guvre para dar à luz.

Tatianna interrompeu:

— Você já tentou o Consultor de Maldições, Trystan. Se lembra? Ele não quis te atender.

Trystan fechou os olhos com força, se fechando para Evie de novo, e foi como se um soco lhe atingisse o estômago, tirando o ar dela.

— É diferente — resmungou. — Agora eu tenho o que ele pediu, antes não tinha.

Os lábios de Tatianna se abriram, e seus olhos foram para Evie. E então todos os outros também olharam para ela.

Evie gaguejou por um segundo, apontando para o próprio peito:

— Espera, eu? Você tem... eu?

Trystan assentiu, ainda sem olhar para ela, e mesmo sabendo que devia deixar a esperança ir embora, o otimismo preso na alma dela se recusava a morrer.

Apesar do mundo silencioso tentar acabar com ele.

Trystan claramente se referia a algo que Evie tinha para oferecer ao Consultor de Maldições; não tinha nada a ver com ele. Mas ela interpretou assim mesmo, quando ele disse, baixo e rouco:

— Sim, Sage. Eu tenho você.

Capítulo 26

O VILÃO

Isso foi uma merda de um erro.

Mas era tarde demais para voltar atrás.

Trystan tentava imaginar como seria completar a profecia antes de Benedict, roubar o precioso reino do rei bem debaixo do seu nariz. Assistir todos aqueles que reverenciavam seu governante chorarem com o rosto entre as mãos ao verem seu herói cair na completa insignificância.

Sim, vingança era suficiente para aquecê-lo à noite. Apesar dos sonhos constantes com Sage e suas curvas suaves pressionadas contra as partes duras dele. A lembrança de seu corpo naquele camisão transparente o visitava todas as noites como uma oração.

Ou como um maldito demônio.

Eles cavalgavam pela Floresta Hickory, tomando cuidado especial para garantir que ninguém os seguisse, com vários Guardas Malévolos patrulhando o perímetro da mansão. A viagem era silenciosa, o único som era o dos cascos dos cavalos e o batimento cardíaco insistente de Trystan, martelando num ritmo que parecia suspeitamente com "er-ro", "er-ro".

Até que um animal de asas largas voou entre ele e Sage, fazendo-a soltar um gritinho e Trystan dar um pulo.

— Ah, maravilhoso! — Tatianna ergueu as mãos sobre a cabeça, o grande animal passando a poucos centímetros da curandeira. — Morcegos.

A enseada onde o consultor morava não era muito longe da mansão, mas, mesmo assim, precisaram seguir por vários caminhos longos e exaustivos para garantir que nenhum dos homens do rei os estivesse seguindo. Trystan ficou aliviado ao finalmente avistar a cascata cintilante à frente, e o grupo desmontou dos cavalos, seguindo o restante do caminho a pé.

Os cavalos soltaram um relincho baixo e áspero, sentindo a presença formidável da magia na queda d'água da enseada. Um arco-íris vibrante pairava acima dela.

— Não se preocupe, grandão. Eu te protejo. — Sage riu baixinho, acariciando a cabeça de seu cavalo, as palavras tingidas com uma alegria que Trystan achava não ter sentido até conhecê-la.

Aquilo era horrível.

Reinaldo saltitou até eles, segurando uma plaquinha com os dedos dos pés. Trystan discretamente afrouxou os dedos do punho apertado, deixando cair pequenos pedaços de giz na grama para o sapo usar. Era irritante ter que carregar os materiais, mas se Reinaldo continuasse com seus hábitos de clandestino, Trystan não era tão insensível a ponto de deixar o sapo sem uma forma de se comunicar.

— O que você está fazendo? — Sage semicerrava os olhos para ele, e Trystan deu um pulo como se tivesse sido flagrado roubando as joias da coroa, em vez de estar cometendo um ato de bondade de propósito.

O que seria, de fato, embaraçoso.

— Estou procurando o sigilo do Consultor de Maldições para invocá-lo — explicou Trystan, examinando o chão em busca de qualquer contorno em forma de espada.

Quando olhou de novo, os olhos de Sage ainda estavam semicerrados para ele.

— Você está planejando me sacrificar ou algo assim? Porque, se estiver, eu tenho objeções.

Ela apontou para as calças, aquelas que grudavam em suas coxas. Ele se permitiu dois segundos para admirar o formato e lembrar como era bom segurá-las com as mãos.

E então, os dois segundos acabaram e ele mentalmente se jogou um balde de água gelada.

— Por causa das suas… calças? — ele perguntou, esperando que seu tom apático escondesse a curiosidade genuína sobre a resposta.

— Não, Senhor Literal. Porque se eu soubesse que ia ser sacrificada hoje, não teria vindo com uma roupa tão sem graça.

Como se alguma das roupas dela pudesse ser descrita assim. Ela usava regularmente cores do arco-íris que ainda nem tinham sido descobertas pelo público.

— Sage, você está usando um espartilho que tem uma paisagem de campo pintada nele. Se isso é "sem graça", então eu sou um cadáver.

Ela deu um tapinha no braço dele.

— Isso não é muito gentil com os cadáveres.

Ele levantou a sobrancelha com sarcasmo e cruzou os braços.

— Só porque eu não participo de frivolidades?

Algo se fechou no rosto de Sage, e ele se arrependeu das palavras imediatamente quando ela respondeu com uma seriedade repentina:

— Acho que eu mais do que mereço o direito às frivolidades. Não me importo com o que os outros pensam.

Trystan vivia em estado constante de surpresa com sua aprendiz — mas a conhecia o suficiente para saber que, em algum momento da vida, alguém — ou várias pessoas, agora incluindo ele mesmo — fizeram Sage se sentir como se houvesse algo de errado com sua personalidade vibrante. Isso o fazia querer encontrar cada uma dessas pessoas e arrancar suas pálpebras para que pudessem enxergar melhor quem ela era de verdade.

— Senhor? — Sage o arrancou de seus devaneios, franzindo a testa de um jeito adorável. Palavra horrível, mas não parecia haver outra que se encaixasse melhor.

— Está tudo bem?

Ele abriu a boca para responder, para dizer qualquer coisa, na verdade, mas foi interrompido —

Pelos gritos de Tatianna e Clare.

Capítulo 27

CLARE

Aconteceu em questão de segundos.

Num momento, Tatianna sorria para Clare, e no seguinte, o chão tremeu e um morcegão gigante mergulhou em direção a elas — mirando Tatianna.

— “Tati!” — Clare gritou. Mas antes que pudesse protegê-la, Trystan já estava ali, se jogando entre Tati e as garras da fera.

Ele soltou um grunhido surpreso enquanto o monstro o envolvia com suas garras enormes e o levantava do chão.

— “Não! Ó deuses, que diabos é isso!” — Evie berrou, correndo para o animal que pairava sobre eles.

Clare observou o morcego gigante bater as asas, segurando Trystan com seus pés garrudos como se fosse um ratinho de campo, enquanto ele gritava com uma autoridade que ela já tinha visto usar nos estagiários.

— “Me largue agora mesmo. Ou vai enfrentar a fúria da magia do Vilão.” — Trystan ameaçou, com um tom formal demais até para uma ameaça.

Era o mesmo tom que usava quando pegava Clare mexendo em seus diários na infância. Na época, intimidava. Agora, parecia cômico ameaçar enquanto flutuava no ar, preso como ratinho por um gavião.

— “Trystan, sua magia! Aquela de matar, né? Ia ser ótimo agora.” — Clare disse freneticamente, sentindo um frio cortante enquanto a criatura apertava Trystan ainda mais.

Névoa escura saiu dos dedos dele, e Clare congelou, observando a magia que sua mãe tanto temia derramar no mundo — visível para todos pela primeira vez. E ela percebeu algo chocante: a ideia do medo era muito pior que o real, porque a magia não parecia ameaçadora ali. Na verdade — não foi para o morcego. Ao invés disso, desceu e brincou envolvendo os tornozelos de Evie.

— “Não,” Evie sussurrou, tentando gentilmente empurrar a magia de volta para Trystan. “Vai ajudar ele!”

A magia não obedeceu. Só começou a pular, dançando ao redor de Evie, a cicatriz nas costas dela brilhando por entre a névoa cinza-escura, espargindo raios de arco-íris.

— “Trystan?” — Clare perguntou, perplexa com a desobediência e, pior, a consciência da magia, tipo uma criança testando limites.

— “Tô tentando. Ela não escuta!” — ele rosnou, virando a cabeça para Evie e ordenando: — “Sage, sai daqui agora!”

Evie se encolheu, mas correu para o outro lado da clareira. Tatianna, que agarrava o braço de Clare em pânico, parou na ordem dura e piscou surpresa para Trystan. Até o morcego pareceu fazer o mesmo... quase como se estivesse achando engraçado?

Clare nunca deveria ter saído de casa. Nada de bom vem de sair do sofá.

Tatianna balançou a cabeça para Trystan, que, apesar da situação, parecia estranhamente calmo nas garras do morcego.

— "Deuses, Trystan, que jeito horrível de falar." Ela olhou para Clare. "Ele não era melhor nisso? As garotas da vila gostavam dele, né?"

Reinaldo levantou duas plaquinhas: ELES GOSTAVAM?

O jeito calmo com que falavam pareceu acalmar o morcego — ele parou de bater as asas com tanta força e ficou flutuando no ar, e Clare soltou um suspiro de alívio. Pelo menos Trystan não estava em perigo imediato.

Clare lambeu os lábios, sentindo os sapatos finos molharem ao se mexer no chão macio. Distração — essa era a jogada para salvar Trystan.

— "Fizemos uma enquete um verão. Uns disseram que ele era quieto e misterioso, outros que ele devia estar escondendo coelhos mortos no nosso galpão de jardinagem."

— “Desculpa, vocês fizeram uma maldita enquete?” — Trystan perguntou, revoltado, se debatendo nas garras da criatura.

Tatianna apoiou a mão no rosto, inclinou a cabeça e olhou para o animal que agora parecia muito menos ameaçador. Será que o morcego tava rindo?

— “Se ajuda, eu não escolhi nenhuma das opções. Escrevi uma terceira.”

Evie parecia encantada com essa reviravolta, e até meio vingada. Clare estava começando a gostar bastante dela.

— “Qual foi a terceira opção?” — Evie perguntou, ansiosa.

— “Disse que ele tem um coração mole, mas toda vez que tenta flertar, acaba dizendo algo ofensivo.”

Evie olhou o irmão de Clare de cima a baixo.

— “Então, senhor, você flerta bastante comigo.”

Trystan ficou boquiaberto e soltou um som quase desumano.

Mas, no meio da conversa calma, o animal subiu, apertando Trystan com mais força.

— “Não!” Clare gritou. “Para, por favor!”

Mas Evie já estava à frente do bicho, com as mãos levantadas em súplica silenciosa.

— “Para.”

O morcego desceu, batendo uma asa e jogando Evie de lado.

— “Sage! Droga. Não chega perto.” — Trystan ordenou.

Evie se levantou, limpando as calças, parecendo mais irritada do que machucada, e colocou as mãos na cintura.

A magia da morte ainda rodopiava nos seus cabelos, entrelaçando seus cachos.

— “Com licença!” O morcego parou, inclinando a cabeça grande para ela. — “Não vou sair daqui até você largar ele. E pode me pegar no lugar, se quiser!”

Evie juntou as mãos, piscando para ele com sinceridade.

— “Por favor?”

O morcego voou um pouco mais baixo e largou Trystan sem cerimônia.

Clare viu o irmão cair no chão com um baque, ficando sem ar por um momento antes de correr para Evie, puxando ela para trás antes que o morcego pudesse atacá-la de novo.

Mas o morcego pousou pacificamente, do tamanho de uma casinha. A cabeça peluda e marrom se abaixou, revelando um movimento rápido entre as árvores além da enseada.

Alexander levantou uma plaquinha, com pânico nos olhos dourados:

ARMADILHA.

E então foram emboscados.

Capítulo 28

EVIE

Estavam cercados... por cervos?

Cervos com cara de mau, é verdade. Evie nunca tinha visto o bicho parecer tão ameaçador. Ela sempre achou que aquelas criaturas com olhos de veado eram incapazes de algo assim.

Mas esses pareciam. E um deles estava rosnando.

A vegetação ao redor da enseada dificultava para Evie achar uma rota de fuga, ainda mais quando percebeu que cada abertura ou brecha entre as árvores estava vigiada por mais cervos com cara de quem vai brigar. Era a versão deles de postura de luta.

Isso deixou Evie tão nervosa que quase tropeçou na piscina d'água embaixo da cachoeira, mas foi parada por uma das pedras grandes que cercavam o local — e pela mão do chefe segurando seu braço.

O maior dos cervos pisou nas pedras da piscina assim que a cachoeira se abriu, revelando um estranho bonito, com linhas roxas em espiral no peito e braços nus. O cabelo dourado tinha

mechas azuis, da cor dos olhos dele. Pulando de uma pedra para outra, ele cruzou a água. As botas azul-safira pousaram firmes na grama molhada, e ele focou o olhar em Evie.

— “E quem é você, linda?” A voz dele era suave, hipnotizante, enquanto pegava a mão dela e fazia uma reverência.

— “Eu sou Evie. E esses são seus cervos estranhamente bem treinados?”

Ela tentou puxar a mão, mas ele segurou firme — só por um segundo. Trystan não permitiu mais que isso.

O braço do chefe voou para afastar a mão do estranho.

— “Se alguém afasta a mão, Lionel, significa que não quer que você toque mais nela.” Disse, com os dentes cerrados, respirando fundo.

— “Vocês se conhecem?” Clare perguntou, ainda desconfiada do morcegão.

Os olhos de Lionel pousaram nela.

— “O que denunciou a gente?”

Evie respondeu, sem paciência:

— “A lança que você tem apontada para a barriga dele.”

Os olhos de Trystan baixaram para ver que Lionel realmente segurava uma lança, apontando para ele.

Lionel tossiu na mão e riu, os olhos azuis brilhando quando encarou Trystan. O morcego gigante se aproximou do lado do dono.

— “Ela é uma criaturinha engraçada, né?”

Trystan fez cara feia, com as narinas dilatadas e os ombros se erguendo.

— “Ela não é uma coisa, seu idiota.”

O morcego espirrou, e os olhos de Evie ficaram arregalados.

— Essa história toda vai render o relatório de RH mais ridículo da vida. Provavelmente.

De nada, Becky.

— “Não somos ameaça, senhor.” Evie ajeitou os cachos. “Só viemos ver o Consultor de Maldições.”

Lionel parecia encantado.

— “Que gentileza.”

— “Se é gentileza que quer, por que não leva seu rosto feio e seu bicho feio e voa direto pro sol?” — Trystan cuspiu.

Clare clicou a língua com desprezo.

— “Não chama ele de feio; isso não é legal.”

Trystan olhou para o céu.

— “Você está falando do morcego, né?”

Clare apoiou a mão no quadril.

— “Claro.”

Lionel bateu palmas devagar e assobiou.

— “Agradeço a todos. Precisava de entretenimento matinal. Agora, vamos ao que interessa?”

Evie sentiu uma indignação queimando no peito.

— “Não faremos negócio com você, senhor, e —” Ela apontou para o cervo. — “Esse está me encarando. Por quê?”

Trystan suspirou ao lado dela.

— “Infelizmente, Sage, precisamos dele.”

— “O cervo encarando?” Evie se aproximou de Tatianna quando o animal começou a bater o casco no chão, pronto para atacar.

Tatianna segurou o braço dela, fazendo um bico de nojo.

— “Ele é o Consultor de Maldições, né?” A curandeira deduziu, suspirando.

Lionel fez uma reverência profunda, e o morcego também.

— “À sua disposição.”

Capítulo 29

O VILÃO

Trystan odiava Lionel.

E se ele tocasse em Sage mais uma vez, seria a última coisa que o canalha faria — maldições e profecias que se danem.

— Era realmente necessário seu animal nos atacar? — resmungou Tatianna. — E a brigada dos cervos? Você não podia nos receber com uma apresentação normal?

Lionel deu de ombros.

— Pra mim e pra Betsy, isso é perfeitamente normal.

Todos trocaram olhares.

— Betsy é o morcego — disse Trystan, sarcástico, procurando paciência dentro de si. Não achou.

Lionel cruzou os braços e tamborilou os lábios, pensativo.

— Não tinha um boato de que o dragão sob seus cuidados se chama “Fofucho”?

— Quem te contou isso?! — gritou Trystan.

Lionel estalou os dedos.

— Ah, então é verdade.

Sage puxou a manga de Trystan, e ele imediatamente voltou a atenção para ela. Ela encarava Lionel com incredulidade.

— As habilidades sociais dele são ainda piores que as suas, se serve de consolo.

— Um milagre — respondeu Trystan, secamente.

Lembra quando você queria silêncio?

Não.

Lionel bateu no pulso como se tivesse um relógio invisível.

— Tempo é dinheiro, Vilão. Vamos ao que interessa.

Trystan nunca tinha chegado tão longe antes. Toda vez que o visitava, Lionel recusava seus pedidos na hora, mesmo com a fortuna oferecida. Agora parecia fácil demais.

Trystan lançou um olhar cético.

— Antes de fazer qualquer coisa por nós, mande os “reforços” embora.

— Dispensados! — ordenou Lionel, e os cervos resmungaram ao desaparecerem entre as árvores.

— Agora, quanto ao pagamento pelos meus serviços...

Ele coçou o queixo. Os olhos astutos do Consultor de Maldições percorreram Trystan, depois Tatianna, Clare, Reinaldo e... Sage.

— Ela.

Apontou para Sage.

— Quero a garota. Aposto que a Mulher Malvada daria uma diversão e tanto na cama.

Trystan agarrou o desgraçado pela garganta.

— Você vai tratar minha dama com respeito, seu canalha! — rugiu ele, com o rosto em chamas e arrepios subindo pelo pescoço quando percebeu que tinha trocado “a” por “minha”. Não era isso que pretendia dizer. Sua mente não tinha aprovado aquilo.

Talvez ninguém tivesse notado.

Exceto Tatianna e Clare — a segunda com a mão na boca; a primeira, rindo no braço.

Trystan se virou lentamente para Sage. A boca dela estava tão aberta que ele teve um impulso selvagem de fechar com os dedos. E, de fato, fez isso. O que estava acontecendo? A

hierarquia dentro do próprio corpo tinha sido derrubada. O queixo dela era quente contra seus dedos antes que ele recuasse a mão.

Ele estalou os ombros e se virou para Lionel.

— A dama. Eu quis dizer a dama. Não “minha”. Ela não é minha.

Sua magia pareceu se ofender com isso, estalando nas suas costas como um elástico.

— Escorregão — murmurou.

Tatianna gargalhou ainda mais alto.

Sage o encarava como se ele tivesse perdido todas as esferas do juízo. Ele suspeitava que ela estava recolhendo cada uma no bolso, como troféu.

— O que, ah... — Ela se voltou para Lionel, o cabelo escuro brilhando ao sol.

— O que meu chefe quer dizer é que eu não sou uma opção, e imagino que o senhor saiba disso. Não gosto de gente que provoca os outros só pra se divertir. Não faça isso de novo.

A ameaça foi entregue de forma absurdamente gentil. Trystan teria que dar dicas a ela mais tarde, se ainda fosse seu mentor.

Embora, com aquele jeitinho, talvez ele é que devesse anotar umas dicas.

E Lionel teve o bom senso de parecer não só repreendido, mas um tantinho com medo dela.

Bem-vindo ao clube. Nossas reuniões são às terças, com crises existenciais e chá.

— Minhas desculpas. Consultoria de maldições pode ser um tédio. Tenho que me divertir como posso. Trystan já cumpriu sua parte do trato. Terei prazer em oferecer minha sabedoria infinita sobre suas maldições.

Clare observava as plantas ao redor da cachoeira, mantendo distância do morcego enquanto se abaixava.

— E qual era exatamente a parte dele no trato?

Lionel sorriu de canto.

— Quando nos conhecemos, eu disse que o preço seria me provar que existe alguém bondoso em Rennedawn. Alguém que o conheceu depois que virou o Vilão e ainda assim se importava se ele vivia ou morria. Com a oferta da Srta. Sage de tomar seu lugar nas garras da Betsy... você finalmente conseguiu.

Sage ficou rígida. Trystan nem precisou olhar para saber que o olhar dela estava queimando um buraco na lateral da cabeça dele.

— Eu cumpri minha parte, Lionel.

Lionel cruzou uma perna sobre a outra.

— Só levou sete anos — disse com desdém.

— Ei! — Sage se lançou contra Lionel, e Trystan a segurou pela cintura antes que ela o alcançasse.

— Tem muita gente que se importa se ele vive ou morre. Muita!

Meu coração… está inchando? Que nojo.

De qualquer forma, ele não precisava de muita gente. Sage valia por centenas. Mesmo de longe.

Ele precisava soltá-la. Mas o cheiro de rosas no cabelo dela e o hálito de bala de baunilha o distraíram quando ela inclinou a cabeça para ele e disse:

— Senhor, não posso decapitá-lo com suas mãos na minha cintura.

Ela olhou para baixo, onde ele apertava ainda mais.

— Precisamos dele, Sage — sussurrou ao ouvido dela, sentindo-a estremecer. Não *deveria* ser satisfatório saber que ainda a afetava.

Mas era.

E ele queria fazer de novo.

Foi assim que soube que era hora de soltá-la.

— Lionel. Vamos logo com isso — ordenou Trystan, assumindo de novo sua máscara estoica. Seu porto seguro.

Lionel inclinou a cabeça.

— Só posso começar quando você me disser qual maldição deseja que eu analise.

Na hora, Reinaldo pulou no ombro de Trystan com um cartazinho que dizia: **SOCORRO**.

— O príncipe sapo com a coroa na cabeça — disse Clare, com a voz um pouco trêmula. — Não é óbvio?

O sorriso de Lionel cresceu, horrivelmente presunçoso.

— Não sabia se vocês também queriam uma consultoria sobre a outra maldição presente.

Um choque percorreu todos.

Evie estreitou os olhos.

— Que maldição?

Lionel cravou o último prego no caixão proverbial — e Trystan nunca desejou tanto estar dentro de um.

— A do Vilão, é claro.

Capítulo 30

EVIE

— Ele não está amaldiçoado — sibilou Evie. — Que coisa horrível de se dizer.

— Sage... — O Vilão tentou silenciá-la, mas ela estava furiosa, cansada desse homem zombando deles.

— Não — ela disse, aflita. — Você não pode estar amaldiçoado.

Não fazia sentido. Quando ele beijou sua mão depois da fruta da morte adormecida, ele quebrou a magia. Eles já se beijaram várias vezes depois disso — se ele estivesse realmente amaldiçoado, e a teoria do amor verdadeiro fosse certa, o beijo teria quebrado.

A não ser que ele seja o seu amor verdadeiro... mas você não seja o dele.

Ai.

Antes que as emoções dominassem, ela fingiu que estava em outro lugar. Ou que era outra pessoa. Alguém que não sentia tanto.

Lionel, imperturbável, arrancou uma folha de grama e a apertou entre os dedos.

— Receio que seja verdade. É diferente de qualquer maldição que já vi. Não parece ter sido criada por uma feiticeira. — Ele pairou uma mão perto da cabeça de Trystan, e o Vilão a afastou com um tapa. Lionel apenas riu.

— Sim. Toda maldição tem algo de antinatural, mas essa... essa está desequilibrada. *Você* está desequilibrado.

Tatianna murmurou:

— Isso a gente já sabia.

Evie não conseguia rir. Ainda sentia como se estivesse sufocando.

Lionel olhou para Reinaldo, que estava quieto fazia alguns minutos.

— Agora, vamos ao seu amigo sapo, hmm?

Ele pegou o sapo para examinar, mas Evie estava à beira de um colapso. Nenhum autocontrole estava funcionando. Ela precisava de um momento, só um fôlego claro.

Lágrimas ardiam atrás dos olhos.

— Me avisem quando terminarem. Preciso de um pouco de ar.

Ninguém a impediu enquanto ela se afastava em direção aos cavalos. Todos foram educados o bastante para não comentar que tecnicamente, *lá fora* já tinha ar.

Ela andou até se esconder atrás de uma árvore, fungando e furiosa com as lágrimas. Um galho se mexia ao vento. Seu punhal vibrava contra a coxa. Ela friccionou os nós dos dedos contra a perna, tentando se acalmar. Uma folha caída pousou suavemente no ombro dela.

Pense em mim quando estiver entre as árvores.

A lembrança da criatura das nuvens estava em tudo — cada tronco, cada galho — e doía. Tudo doía. Esse era o preço de sentir demais. Evie sabia que era capaz das maiores alegrias… mas a dor vinha na mesma medida.

E ela escondia essa dor. Se contorcia em silêncio para abrir mais espaço aos outros.

E só podia culpar a si mesma. Essa era ela. Já era tarde demais para mudar.

Curvada, apoiou as mãos nos joelhos e inspirou fundo. E então parou de respirar.

Porque, galopando a trinta metros de distância, entre as árvores, vinha Benedict — e vários Guardas Valentes — direto para a clareira.

E direto para os amigos dela.

Evie correu.

— BENEDICT! — gritou, sem fôlego. — Ele está vindo!

A mão de Trystan segurou seu ombro, e a magia dele também.

— Seu desgraçado — trovejou Lionel. — Você trouxe o rei pra cá?

— Nós dois somos procurados pela coroa, Lionel — rosnou Trystan. — Por que diabos eu faria isso?

— Não sei, nem me importa. A magia de Rennedawn está sumindo, e parece que cada vez que Benedict chega, mais uma parte morre. Quero todos vocês fora daqui. AGORA!

— Vamos! — gritou Trystan, girando Sage e empurrando Tatianna e a irmã. — RÁPIDO!

Montaram os cavalos às pressas, e quando os gritos soaram atrás deles, fugiram o mais rápido possível. Evie ainda não era uma boa amazona, mas estava orgulhosa por não cair mesmo quando o cavalo pulou troncos e destroços.

Cavalgaram em silêncio por quase uma hora, até desacelerarem. O perigo tinha ficado para trás, e o coração de Evie pôde descansar.

— Evie, querida, está bem? — perguntou Tatianna, preocupada.

Evie sorriu — ensaiado e brilhante.

— Estou bem. Só um pouco sem ar. E você?

Tatianna se aproximou, passando o braço ao redor dela.

— Acredita que esse nem foi o pior dia de trabalho? Eu tô bem. A gente te atualiza sobre o que Lionel disse.

Evie sorriu de novo.

— Sage? — A voz grave do Vilão chamou. A mão dele segurou seu braço, e ela empalideceu com o calor do toque. — Sigam na frente. Alguns Guardas Malévolos estão logo adiante.

Tatianna, Clare e Reinaldo foram, mas quase quebraram o pescoço de tanto olhar pra trás.

Ele lançou um olhar tão ameaçador que todos viraram na hora. Menos Evie, que apenas cutucou a bochecha dele.

— Para com essa cara. Parece esquisito.

— O que aconteceu? Por que você tá tão abalada? — ele perguntou de repente.

Ela quase caiu da sela tentando se ajeitar.

— Só me pegou de surpresa. Não estou abalada. Só preocupada com você, claro, e espero que a maldição não seja nada demais. Tipo um resfriado, talvez? A do Reinaldo deve ser tipo a Doença Mística.

O sol já começava a se pôr, tingindo as nuvens de rosa e laranja. Ela sempre adorou o pôr do sol — mas não agora.

— Você tá mentindo. Esse sorriso é falso.

Ela bufou à frente dele.

— Desculpa, mas não acho que você seja especialista nisso, Senhor Carrancudo.

Ele segurou o braço dela de novo, com o olhar tão intenso… que as lágrimas quase voltaram.

— É. Falso.

Dessa vez, o sorriso dela foi verdadeiro, mas manchado de tristeza.

— E daí?

— Como assim “e daí”?

— Quem se importa se é falso? — Tentou seguir em frente, mas ele a puxou de volta. E o cavalo parecia mais fiel a ele, porque não se mexeu.

Agora, o que a movia não era tristeza, mas frustração.

— Eu me importo, sua pirralha — ele rosnou. — Para de fingir pros outros. Ninguém te pediu isso. O que tá acontecendo?

— Para de me pressionar! — ela gritou, descendo do cavalo e entrando na floresta, a paciência estourando. — Não tenho que te contar nada! Foi você quem criou essa distância. Você que tem me afastado! Para de tentar os dois ao mesmo tempo!

— Isso não foi por mim! — galhos quebraram quando ele desmontou e a seguiu, colocando a mão em seu ombro.

— Você acha que foi a escolha que *eu* queria fazer? Eu não consigo te proteger se minha magia falha quando estamos perto. Eu não posso perder—

— Para o Benedict. Eu sei — ela o cortou, se livrando da mão dele.

— VOCÊ! — Ele a virou, segurando o rosto dela e encostando suas testas.

— Eu não posso perder *você*. Eu não sobreviveria.

As mãos dela subiram até os pulsos dele. O toque era fogo.

Os lábios dele se aproximaram.

— Minha magia não é o único problema, mesmo que esteja amaldiçoada.

Ela recuou, mas ele não parava de tocá-la. As mãos seguravam seus braços.

— Qual é a maldição? — ela perguntou.

Ele engoliu em seco. Uma brisa fria a fez estremecer.

— Lionel acha que alguém amaldiçoou minha magia. Antes que ela despertasse, alguém mexeu com ela. Então, quando foi ativada naquela cela anos atrás, já estava... errada.

Nada fazia sentido.

— Senhor... o que o senhor está dizendo?

— Minha magia está amaldiçoada há mais de dez anos.

Ela engoliu em seco.

— E eu acho que foi Benedict quem lançou a maldição.

Capítulo

BLADE

Enquanto isso, de volta à mansão...

Blade Gushiken tinha pouquíssimas regras na vida. Provavelmente porque crescera com tantas delas, sendo filho de um político e de uma socialite, que, ao sair de casa, tudo o que nunca tinha feito antes se tornou exatamente o que ele mais gostava de fazer. Um novo jeito de viver.

Ele enumerava as poucas e únicas regras que lhe restavam:

1. Traga para casa quantos animais estranhos ou exóticos quiser.
2. Deixe lama no chão sempre que for possível.
3. Seja melhor amigo de um dragão.
4. Seja melhor amigo de alguns humanos também.
5. Use roupas em cores tão berrantes que seu pai consiga sentir a afronta lá da capital.
6. Nunca hesite em dizer a alguém como se sente.

— Meu irmão chegou. — Rebecka Erring... ou Fortis, ou... bem, fosse qual fosse o nome que usava agora, apareceu ao seu lado com um vestido amarelo-claro. Parecia uma margarida. Uma margarida perfeita, furiosa e pequenininha. — Ele está aqui e está observando a cerca de espinhos. — Ela começou a andar de um lado para o outro no pátio, e Blade tentou entender sua preocupação.

— Isso não é... o que você queria? —

Seu coque normalmente apertado agora repousava na altura da nuca, e a mão de Blade coçou para puxar o grampo e ver o cabelo descer por completo até as costas. Mas ele não o fez. Sim, ele era um sujeito bem-humorado, mas ainda prezava muito pela própria vida.

— Não pude exatamente dizer "não" para o chefe. E melhor o Roland do que o Raphael. Pelo menos o Roland julga menos.

Blade franziu o cenho. Não gostava da ideia de que ela tivesse aceitado algo que a deixava desconfortável. Por mais que ele tivesse um carinho imenso pelo chefe, aquilo não significava que o homem não o deixasse absolutamente apavorado. Ainda assim, Rebecka importava mais do que qualquer intimidação boba.

— Quer que eu diga pro chefe cair fora?

Becky arqueou a sobrancelha, mordendo o lábio para conter o sorriso. Ela vinha fazendo muito disso perto dele ultimamente. Um bom sinal, com certeza.

— Isso seria intoleravelmente desrespeitoso. E ele te mataria na hora. Ou pior: te demitiria.

— Acha que ele já demitiu alguém usando fogo de verdade? — Blade sussurrou, fingindo conspiração.

Uma risadinha surpreendida — parecida com sinos desafinados — escapou dos lábios cor-de-rosa dela. Num piscar de olhos, foi embora. Blade fez uma nota mental de piscar significativamente menos dali em diante.

Rebecka pigarreou, endireitando-se quando Roland Fortis, o filho do meio entre os irmãos Fortis, surgiu no pátio pela porta lateral. Ele se parecia com Rebecka, mas ao mesmo tempo, não. As maçãs do rosto eram altas como as dela, assim como o brilho castanho-claro da pele e do cabelo, e o mesmo modelo de óculos repousava sobre o nariz, atravessado por uma cicatriz mais clara.

— Bex. — Roland sorriu, sua energia acolhedora ao envolver a irmã em um abraço. Rebecka enrijeceu contra o toque, e o punho de Blade se contraiu ao lado do corpo. — Você saiu tão

rápido que mal nos deu tempo de cumprimentá-la. Rudy pediu pra eu te dizer que venceu Reid numa luta e que perdeu um dente.

Rebecka franziu o cenho. — O quê? Achei que o Rudy já tivesse perdido todos os dentes de leite.

— Já perdeu. — Roland fez uma careta. — Daí a visita ao dentista logo depois. Mamãe ficou furiosa, claro. — Ele deu uma risada, mas logo parou ao ver a expressão fechada de Rebecka. — Me desculpe. Não devia ter falado dela.

Rebecka pareceu lutar por palavras, o que era perfeitamente aceitável. Blade nunca tinha esse problema.

Ele se levantou, ajeitando o colete laranja com flores azuis. — Olá, Roland. Como estamos neste belo dia?

Rebecka olhou para Blade, os olhos castanhos brilhando. Era uma expressão inocente de agradecimento, ele sabia, mas seu coração titubeou como se ela tivesse acabado de beijá-lo ali, bem na boca. Se algum dia ele conseguisse convencê-la a beijá-lo, temia acabar no hospital.

Roland o avaliou de cima a baixo, com um sorriso cordial nos lábios, mas a rigidez dos ombros o traía. — Bladen.

Fofucho apareceu ao lado de Blade, inclinando a cabeça para baixo, e Roland deu um salto para trás, ajeitando os óculos tortos.

— Pelos deuses. Tinha me esquecido de você. Olá... Fofucho, certo?

Fofucho encostou a cabeça no braço de Rebecka, e ela olhou para o companheiro de Blade com um carinho nos olhos que fez Blade se sentir como se estivesse sendo estrangulado.

— E então, Roland? — Rebecka perguntou, trazendo-os de volta ao motivo da visita do Fortis. — Encontrou alguma irregularidade no bosque de espinhos?

A compostura de Roland vacilou sob o olhar da irmã, e Blade sentiu uma pontada de simpatia pelo homem.

— Não. Escaneei todo o bosque, o que, aliás, gostaria de destacar que é ilegal cultivar em primeiro lugar.

Rebecka revirou os olhos, um fio de cabelo escapando e caindo na bochecha. Blade o acompanhou com atenção embaraçosa.

— Trabalhamos para O Vilão. Não é exatamente um negócio obediente às leis.

O olhar de Roland suavizou sobre a irmã, enquanto ele tirava as luvas de jardinagem e as guardava na bolsa na cintura.

— Tenho orgulho de você, Bex. Nunca imaginei te ver fazendo algo rebelde assim, mas você realmente floresceu aqui. Sei que a mamãe fez parecer que isso era ruim, mas quero que saiba que nós te amamos.

— O-obrigada, Roland. — A voz de Rebecka ficou mais leve, parecendo surpresa. — Isso foi... gentil da sua parte.

— Ah, e o Rudy quer saber se seu chefe consegue incendiar o cabelo dele só com a vontade.

Blade deu uma cotovelada brincalhona em Rebecka. — Podemos pegar um pouco de óleo e dar uma chance honesta!

Rebecka revirou os olhos, mas estava sorrindo. Vitória.

— O bosque ilegal, Roland? Precisamos garantir que a mansão esteja segura, sem mais invasões.

— Certo. — A garganta de Roland subiu e desceu, e ele torceu as mãos. — Como eu dizia, escaneei tudo, e a magia está intacta. Nada de errado, exceto...

— Exceto o quê?

— Está claro para mim que alguém conseguiu contornar a magia.

Rebecka franziu a testa, piscando rapidamente. — Não entendo. Tivemos dois invasores. Mesmo que tenha sido alguém de dentro, ninguém entra ou sai do bosque sem a palavra mágica para abrir caminho.

Apenas O Vilão sabia a palavra.

Roland balançou a cabeça. — Não houve alteração na magia em si, mas encontrei um dano físico — uma pequena passagem entre os espinhos, suficiente apenas para uma ou duas pessoas, não mais que isso. É pequena, quase imperceptível para olhos destreinados. Mas está lá. E, pelas pegadas no chão, tem sido usada desde que o bosque foi plantado. E pelas marcas mais recentes... ainda está sendo usada.

Oh, deuses. O sorriso de Blade desapareceu, substituído por algo duro, uma raiva ardente subindo pela pele, fazendo o pescoço formigar e sufocando sua respiração.

Rebecka o olhou, assustada e atenta.

— A pessoa por trás disso... —

Roland completou: — Está mais perto do que imaginávamos.

Capítulo 32

O VILÃO

— De novo o traidor? — Tatianna sibilou, dando um tapa no braço de Trystan. — Maldição.

— Por que estou levando tapa? — Trystan resmungou, esfregando o braço. O escritório estava vazio para o dia, a noite já tinha caído, e os únicos funcionários restantes eram os guardas que moravam na propriedade e o resto daquele bando peculiar. Os suspeitos de sempre.

Tatianna, Blade, a Srta. Erring, Edwin, Sage, Clarissa, Keeley e Reinaldo, com a nova adição do irmão de Rebecka, Roland, que observava tudo ao redor como quem respira fumaça de cigarro alheia.

Ele odiava passar tanto tempo com essas pessoas ao ponto de aquilo virar rotina, mas não tinha muita escolha. Depois que voltaram, todos se reuniram na cozinha. Edwin colocou cálices com a poção do caldeirão na frente de todos, com um olhar abatido no rosto azul, seus olhos roxos sem o brilho de sempre.

A culpa comia Trystan por dentro.

Edwin largou uma bandeja de biscoitos na mesa, e Sage acariciou gentilmente o grande braço do ogro.
— Edwin, por que você não senta?

Trystan levantou-se imediatamente, sem hesitar ou fazer drama.
— Aqui, Edwin. Preciso de mais poção do caldeirão. — A bebida no cálice dele era grossa, e não tinha nada de creme, mas Trystan tomou tudo, milagrosamente sem fazer careta.

Mas assim que Edwin sentou, a cadeira rangeu, e Trystan virou o rosto, torcendo a boca num grimace.
— Deuses, isso é amargo demais.

Ninguém o viu perder a compostura, só Sage, que o observava com olhos brilhando de diversão.

— Deuses, isso é doce.

Ele pegou a concha do caldeirão, encheu e esvaziou outro copo, encarando a queimação na garganta.

As mãos de Tatianna brilharam em dourado enquanto ela movia os dedos sobre a cabeça de Edwin, checando o ferimento.
— Coitado. Você tomou o tônico que te dei?

Edwin assentiu, olhando para as mãos.
— Não consigo deixar de pensar que o ataque foi culpa minha.

— Não foi, — Rebecka discordou. — Você não pode ficar se martirizando, Edwin. Isso poderia ter acontecido com qualquer um de nós.

Edwin balançou a cabeça, tirando os óculos e esfregando-os na camisa de linho.
— A cozinha é meu território. E se a pequena Lyssa estivesse comigo? O que aquele canalha teria feito com a pobre menina? — As bochechas azuis de Edwin ficaram roxas, e lágrimas brotaram dos seus olhos.

— A culpa é minha — disse Trystan, e todos na sala o olharam.

— Não há ninguém para culpar além de mim. Achei que o bosque de espinhos fosse suficiente para manter os homens do rei longe. Fui um tolo.

Reinaldo pulou na mesa, segurando uma plaquinha que dizia: NÃO.

— Então você acha que quem enviou as notas para Lyssa é a mesma pessoa que deixou o intruso entrar? — perguntou Tatianna.

Trystan apertou a ponte do nariz e assentiu.

Clare interrompeu.
— Evie, você ainda tem as notas?

Sage levantou os olhos das mãos.
— Tenho. Tentei comparar com várias letras que temos arquivadas, mas sem sucesso. A caligrafia não parece com nenhuma que eu conheça.

Clare inclinou a cabeça, parecendo pensar nas próximas palavras — algo incomum nela, que normalmente falava rápido e afiada.
— Posso vê-las? Talvez a tinta usada possa ser rastreada.

Os olhos de Evie brilharam, e ela pulou, segurando as mãos de Clare.

Sua irmã pareceu surpresa com o entusiasmo repentino, sem dúvida sentindo o impacto da alegria contagiante de Sage.
— Ah, Clare, ótima ideia! Vou buscar agora mesmo nos nossos quartos.

Sage virou para sair, mas bateu de frente com Gideon Sage, que estava parado na porta, olhando para a sala como uma galinha que entrou num bando de coiotes.

— Isso parece muita diversão. Planejando um funeral?

— Vai ser o seu se não fechar a boca, senhor cavaleiro — Keeley retrucou, encarando Gideon.

Gideon sorriu de lado.
— Ah, então você está melhor, capitã. Bom, sua complacência estava me deixando desconfortável.

Keeley mexeu o nariz, e havia algo familiar nisso, algo que ecoou na mente de Trystan. Mas ele esqueceu na hora, quando ela lançou um olhar de desprezo para Gideon e perguntou:
— Como sabemos que o traidor não é ele?

A raiva familiar tingiu as bochechas e o peito de Sage. Mas tudo que ela disse foi:
— Cuidado, Keeley.

— Ele foi a única pessoa que veio para cá por trás das linhas inimigas, — argumentou Keeley, ignorando o aviso. Tolo, na opinião de Trystan. O olhar de Sage faria qualquer um mais fraco cair de joelhos. — Perdoe-me, Srta. Sage, mas acho que seria negligência não considerá-lo suspeito.

Sage avançou para Keeley, e Gideon se colocou entre as duas em dois passos.

— Inteligente, capitã, cobrindo todas as bases. Pode me colocar na lista de suspeitos. — Gideon cruzou os braços, quase acadêmico. — De que exatamente sou suspeito?

— De nada, — Sage respondeu seca. — As notas não são da caligrafia dele. Eu conferi.

Gideon franziu a testa.
— Valeu pelo voto de confiança, irmã.

Sage virou sua ira para o irmão, e Trystan teve vontade absurda de pegar um lanche, colocar os pés numa cadeira e assistir ela disparar uma sequência de golpes verbais.

— Eu confiava em todos que cuidavam de mim. Você me curou dessa doença, junto com todo o resto da família.

Ela pausou.
— Exceto Lyssa.

Gideon apertou os lábios até ficarem brancos.

— Cruel, Eve, mas sempre certa.

Trystan não gostava da forma como Sage se encolhia, abraçando a si mesma, tentando parecer menor.

— O que você quer, Gideon? Essa é uma reunião privada.

Gideon abriu um papel amassado que tirou do bolso, o som alto no silêncio da sala. Ele espalhou-o sobre a mesa e fez um gesto orgulhoso.

— Eis o meu mapa do Palácio Reluzente.

Becky olhou para aquilo como se fosse uma barata morta na mesa.

— Isso é um mapa oficial? Por que ele é assim?

As direções eram relativamente claras, mas o mapa era obviamente feito à mão e nada oficial.

— Fiz de memória, — disse Gideon, coçando a nuca.

— Um milagre vindo de você; sabemos que memória não é seu forte, — Trystan comentou com sarcasmo. — Ou é mais fácil lembrar arquiteturas que familiares?

Trystan não odiava Gideon. Mas odiava que Sage carregasse cicatrizes que nunca desapareceriam porque o irmão foi egoísta demais para voltar depois de recuperar a memória.

Alguém beliscou a coxa de Trystan.
— Ai! — Ele olhou para baixo e viu Evie assobiando ao seu lado, olhando para a janela ainda em reforma. — Sage!

— O quê? — ela levantou as mãos em rendição.

Gideon os observava, assim como os outros, com um divertimento mórbido.

— Vocês podem terminar isso depois?

Trystan respondeu no automático.
— Sim, tudo bem. — E quase bateu a mão na testa quando Sage o encarou. — Quero dizer, não tem nada pra terminar. Vamos passar pelo mapa?

Gideon balançou a cabeça e apontou para vários pontos marcados em vermelho.

— Esses são os túneis. Normalmente não são usados, a menos que haja uma ameaça de segurança, mas eles levam para baixo do castelo e saem nas paredes de uma das salas de estar. Este aqui — apontou para uma linha longa e reta na extrema direita do papel — fica ao lado do escritório de Benedict, onde ele guarda o livro de histórias de Rennedawn. E este outro — apontou para uma linha no canto esquerdo inferior — leva até onde ele mantinha a guvre fêmea antes.

— Mudar uma guvre não é tarefa fácil, — acrescentou Blade.

— Concordo, — disse Gideon. — Provavelmente é onde ele ainda a mantém.

— Você realmente acha que ele seria tolo de esconder ela no mesmo lugar? — Becky perguntou, revirando os olhos para os homens e recostando-se na cadeira.

Gideon riu.
— Duvidem de tudo o que quiserem, mas trabalhei para ele por uma década, e conheço sua maior fraqueza.

— Ego, — Trystan disse.

Gideon assentiu.
— Exatamente. Ele acha que está vencendo essa batalha agora. Vai baixar a guarda. Mas, na real, temos minha mãe, o Vilão e o príncipe-sapo também. — Ele fez um gesto para Reinaldo, que piscava sobre a mesa, anotando algo em sua plaquinha.

Bunda

Sage lutava para respirar, e Rebecka bateu uma mão nas costas dela.

Roland, que vinha observando toda essa troca silenciosamente até então, gesticulou freneticamente.

— Espera, desculpa? Nura Sage está viva, Rebecka?

— Depois — Rebecka esfregou as têmporas, e Trystan teve a vontade forte de fazer o mesmo. Nada nessa turma fazia a dor de cabeça diminuir.

— O Consultor da Maldição disse mais alguma coisa sobre Reinaldo depois que saí?

Sage perguntou.
— Tem um jeito de entrar no reino do sul? Ou uma alternativa para a feiticeira?

Trystan balançou a cabeça. Era difícil, mas as opções eram poucas, e a menos que encontrassem o amor verdadeiro de Reinaldo em semanas, tinham apenas uma escolha.

— Só a feiticeira que lançou a maldição pode desfazê-la. O reino do sul é nossa única opção. Lionel disse que poderíamos passar pelas proteções... usando uma varinha mágica.

Clare lambia os lábios, pálida como nunca.

— Varinhas mágicas são perigosas e raras. Onde encontraríamos uma dessas?

Trystan suspirou.

— Teremos que visitar um velho amigo meu.

Tatianna franziu o cenho.

— Quem?

— Um dos lordes mais poderosos de Rennedawn.

Capítulo 33

Reinaldo

Alexander Reinaldo estava preocupado.

Não era uma ação comum para um sapo, embora também não fosse comum escrever em plaquinhas ou se esconder debaixo de mesas. Este último, aliás, era exatamente o que ele estava fazendo no escritório de Evie Sage. Normalmente, ele adorava esse espaço: arejado, perfeito para tomar sol. Tinha se tornado rapidamente um dos seus lugares favoritos para cochilar.

Tinha sido frustrante para Alexander ver Trystan interceptar cada remessa de balas de baunilha, acordando antes do amanhecer ou no meio da noite para cortar rosas brancas do pátio.

Escrevendo um bilhete que dizia: *Com amor, Marv.*

Se sapos pudessem resmungar, Alexander teria feito isso, mas infelizmente tudo que saiu de sua garganta foi um coaxar que inevitavelmente terminou num “ribbit”.

Quando era humano, nunca lhe faltavam palavras inteligentes ou réplicas espirituosas que faziam seus súditos suspirarem ou rirem com gosto.

Ele era bom em ser príncipe, pensou, suspirando.

Embora, curiosamente, ele também parecia ser bom em ser sapo. Tanto que as coisas estavam começando a se embaralhar — suas memórias se tornavam mais difíceis de alcançar. Ele não sabia o porquê.

Mas tinha uma teoria terrível.

E foi essa teoria que o levou a se esconder sob a mesa de uma jovem por quem havia se afeiçoado muito. Escutando atentamente — algo em que ele era excelente — enquanto dois seres humanos tolos discutiam sobre ele.

Quando era príncipe, Alexander nunca pensara muito sobre o amor — ou em se apaixonar, aliás. Sempre assumira que se casaria por razões políticas, como seus pais fizeram, e permitiria que surgisse um afeto natural entre ele e sua esposa, também como seus pais fizeram.

E agora o destino de um reino vizinho dependia não só de ele voltar a ser príncipe, mas também de salvar um amor predestinado?

Ele se perguntava se torta contava. Ele amava torta, e essa perspectiva exigia bem menos pressão e responsabilidade.

Não. Preocupação não era uma emoção comum dos sapos, tampouco a frustração, mas ele sentia ambas. Em excesso.

— Se alguma forma de diplomacia social for necessária pra falar com esse lorde, você vai precisar de mim. Está sendo teimoso — disse Evie, e Reinaldo estremeceu.

Chamar Trystan de teimoso era como dizer a um touro que ele tem chifres — óbvio e perigosamente estúpido.

— Não estou dizendo que você não é qualificada — resmungou Trystan. — Estou dizendo que não há motivo pra você ir junto. Você só vai me atrasar.

Reinaldo bateu uma pata na própria cara. Dizer a Evie Sage que ela era um incômodo era como dizer a um lobo que ele tem dentes afiados — você se abria totalmente pra mordida.

— Tenho todo direito de ir com você. Você me promoveu a aprendiz; me deu um escritório e um título pomposo — ela sibilou. Reinaldo não podia ver o rosto de nenhum dos dois dali debaixo, mas já os observara o suficiente pra saber exatamente a expressão de cada um

naquele momento. — Ou fez tudo isso só pra me enfiar num canto e me calar, pra poder continuar sozinho?

Sem dúvida, Evie estava encarando com raiva. O rosto vermelho, nariz franzido, e altas chances de bater o pé no chão a qualquer segundo. Trystan a olhava com uma expressão impassível — ao olhar de um estranho. Mas para um olho treinado, era evidente como aquele homem se acendia ao ser desafiado por sua aprendiz. Como o Vilão se deleitava no papel de ser confrontado. Como estava completamente, absurdamente, e irremediavelmente apaixonado pela mulher que tinha coragem de enfrentá-lo.

— Isso não é justo. Você sabe que minha magia não tem funcionado direito e eu...

— Está amaldiçoada! E o que diabos isso tem a ver comigo?

E se Evie Sage estava xingando, significava que estava prestes a fazer algo drástico.

Trystan estava apertando a ponte do nariz. Alexander não viu, mas sentiu. Assim como viu as botas de Evie se aproximando de Trystan.

— Está tentando me punir pela sua falta de controle?

Alexander pulou para fora — ele não resistiu — e se lançou sobre a mesa, escrevendo uma única palavra em sua plaquinha:

MERDA

— Reinaldo! — Trystan rosnou. — O que eu já te disse sobre escutar escondido?

Era verdade, ele já dissera. Alexander, por sua vez, nunca concordara com isso — na verdade, tinha certeza de já ter levantado plaquinhas com “HAHA” e depois “NÃO”.

— Por quê? Você não quer que ele ouça o babaca que está sendo?

Trystan gaguejou:

— N-não! Ele já ouviu isso antes! — Ele parou, percebendo o que dissera. — Espera...

Era tarde demais, porque Evie já ria com a mão na boca.

E Trystan Maverine a observava, total, verdadeiramente e quase irremediavelmente apaixonado por ela.

— Ah, engraçadinho isso, é? — ele disse, num tom acusador, com um olhar predatório enquanto encurralava Evie contra a parede. — Você gosta de ver como eu viro um idiota sem noção sempre que falo com você?

As costas de Evie bateram na parede, e ela sorriu.
— Eu adoro essa palavra.

Os olhos de Trystan ardiam, mas o lábio se curvou, revelando a covinha.

— Eu sei.

O momento ficou intenso demais, e por mais que Reinaldo gostasse de se meter em conversas alheias, ele já esperava há tempo demais para que os dois finalmente se acertassem como estavam destinados.

Alexander se preparou para pular fora, queria sair... mas de repente, tudo começou a confundi-lo. O ambiente parecia estranho, e seu pequeno coração disparou quando tentou lembrar o que estava fazendo ali, mas sua mente não produziu nada.

Ele estava com fome. Sabia disso. Moscas. Estava pensando em moscas. Estava confuso.

E então havia duas criaturas enormes à sua frente. Eram barulhentas e assustadoras, e ele queria correr, se esconder.

Mas a maior delas o pegava e gritava algo em sua cara.

Ele não sabia o que era, mas uma parte pequena dele sabia que era um nome.

— Reinaldo! Acorda!

Capítulo 34

EVIE

Quando Evie entrou nos aposentos dela e de Lyssa naquela noite, foi tomada por uma cena que parecia ter sido arrancada diretamente de suas próprias lembranças.

Sua mãe estava no canto do quarto com Lyssa, apontando para a janela.
— Ali, sentadinha bem no topo daquele telhado. — Ela envolvia Lyssa com um braço e se sentava com ela de forma casual, as duas formando o retrato perfeito de mãe e filha.

E Evie sentiu uma pontada de inveja tão forte que precisou prender o ar contra o impacto.

Não cobice oportunidades para Lyssa que você nunca teve, Evie!

Mesmo que doesse.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou Evie, forçando a leveza na voz para que não carregasse a amargura entranhada. E conseguiu.

Nura sorriu para Evie, dando tapinhas na almofada do assento da janela ao lado dela.

— Venha ver, hasibsi. Borboletas azuis, duas delas! Lembra de como costumávamos observá-las juntas naquele arbusto de flores que seu pai plantou?

Evie se lembrava. Também se lembrava de que, antes daqueles doces momentos, sua mãe geralmente passava semanas soterrada em episódios depressivos. Evie observava aquelas borboletas com o estômago enjoado de preocupação, temendo que um simples movimento errado jogasse sua mãe de volta no poço da tristeza.

As palavras de Evie, agora, tinham que ser cuidadosamente escolhidas. Felizes. Animadas.

Facilite para a Mamãe, Evie.

Essa tinha sido sua primeira ordem a si mesma.

Prendendo o cabelo atrás das orelhas, Evie foi até a bacia no canto do quarto e jogou água fria no rosto. Ao se enxugar com a toalha, encontrou o olhar franzido da mãe.

— Está tudo bem, Evie? Posso te ajudar com alguma coisa? A especialista mágica só vai chegar daqui a uma hora.

Evie balançou a cabeça tão rápido que achou que ela poderia voar do pescoço direto pela janela.

— Não, Mama. — Becky havia contratado uma especialista mágica em tempo integral para trabalhar com sua mãe todos os dias, garantindo que ela pudesse controlar e manter seus poderes. — Por favor, só se concentre em melhorar e cuidar de si mesma.

Nura sorriu e atravessou o quarto com uma elegância que Evie tentava imitar desde pequena. Ela pousou uma mão morena e suave contra o rosto da filha, os olhos lindamente delineados em kohl, parecendo ainda mais profundos.

— Você é uma maravilha, minha doce menina.

Evie forçou mais um sorriso, e Lyssa franziu a testa, pulando do assento e correndo até Evie, pegando uma de suas mãos.

— E eu? Não preciso descansar. Posso te ajudar?

O sorriso de Evie se tornou verdadeiro ao se abaixar e puxar uma das tranças da irmã.

— Lyssa, pode pegar aquelas anotações que deixaram pra você ir encontrar o Papai na cela?

Mal as palavras saíram da boca de Evie, Lyssa deslizou pelo chão de madeira, os pés de meias correndo-meio-escorregando até uma das cômodas.

— Aqui! — disse ela triunfante, correndo até Evie e agitando os papéis no ar. — Você descobriu quem escreveu?

Evie segurou os papéis e olhou para as palavras rabiscadas, tão familiares quanto estranhas.

— Ainda não, meu amor, mas acho que estamos chegando perto.

Nura apertou o braço de Evie, e ela não teve tempo de se preparar; recuou do toque. Merda. A dor no olhar da mãe era clara enquanto ela puxava a mão de volta, olhando para o chão.

— Sei que eu... eu não fiz muito pra merecer sua confiança, mas gostaria de ajudar a carregar parte do seu fardo, Evangelina. Quero facilitar as coisas pra você de qualquer jeito que eu puder.

Não. Ela não podia lidar com isso agora. Evie simplesmente não tinha tempo nem energia pra remexer em tudo que escurecia suas crenças, um pensamento doloroso de cada vez.

— Isso é, hum... muito gentil da sua parte, Mama. — Ela sorriu o mais brilhantemente que conseguiu, e isso a fez se sentir mal fisicamente.

Pare de fingir pelos outros. Ninguém está pedindo isso. O que está errado com você?

A análise direta de Trystan a atingiu como se ele tivesse sussurrado no seu ouvido naquele instante. Ele diria para ela se impor. E por que não? Tudo que ela mais temia havia acontecido, mesmo sendo cuidadosa. Estava cansada de ser cuidadosa, cansada de ter medo. Já passava da hora de abraçar um pouco de coragem simples e imprudente.

— Lyssa, que tal subir até a cozinha e ver como Edwin está?

Os ombros de Lyssa caíram.
— Você só quer me tirar daqui, não quer?

— Bom... sim — admitiu Evie, sem forças pra mentir. — Mas eu *também* quero que você vá ver o Edwin. Ele tem estado pra baixo hoje, e sei que uma visita sua levantaria o ânimo dele. Isso é verdade.

Lyssa olhou de uma para a outra, depois acenou para Evie se abaixar e sussurrou em seu ouvido:
— Eu te amo. — Sua irmãzinha apertou sua mão com carinho demais pra uma criança de dez anos e saiu pulando porta afora.

E então ficaram sozinhas. Evie e Nura. Nunca tinham ficado só as duas assim, de verdade, desde que se reuniram. E o silêncio parecia querer gritar no lugar de Evie. Devia ser ela a conduzir isso também?

Um pensamento horrível a encheu de culpa. Seu irmão e sua mãe voltaram para sua vida. Houve um tempo em que ela daria tudo pra que isso fosse verdade. Pra ter a família de volta.

Mas ela havia romantizado tudo. Romantizado *eles*. Passou dez anos encarando as cadeiras vazias na mesa da cozinha, tentando se lembrar deles. Sonhou acordada com o dia em que voltariam milagrosamente, esperando que tudo fosse um erro e eles nunca a deixassem de novo.

Mas nunca pensou que, se voltassem, nada teria mudado.

Ainda era tudo responsabilidade dela. Ainda era ela a cola segurando relacionamentos quebrados — e ela estava exausta disso.

Então sua mãe falou:
— Converse comigo, Evie. Sejamos sinceras. Você é uma mulher agora e deve dizer o que pensa.

Ela estava tentando ser gentil, jogando uma boia salva-vidas a Evie — mas era tarde demais.

Ela precisava daquela boia dez anos atrás.

— Tenho medo de que, se eu disser o que gostaria, você não aceite bem.

Nura franziu a testa.
— Você é minha filha. Eu sou sua mãe. Não é sua responsabilidade me poupar. Sou uma mulher adulta e posso lidar com o que quer que tenha a dizer.

Evie recuou como se tivesse levado um tapa, os olhos ardendo em lágrimas.

— Não. Você não pode. — As lágrimas caíam, mas ela não estava triste; estava frustrada, a ponto de gritar. — Você nunca conseguiu. Eu tive que andar em ovos durante toda a infância com medo de te magoar, e agora tento passar pelo mundo sem fazer barulho.

Claro, ela falava em metáforas. Evie fazia barulho sim — e muito.

Nura molhou os lábios, tentando manter a serenidade no rosto.

— Eu não sabia que você se sentia assim. Que teve que esconder as coisas de mim.

— Porque eu fiz questão que você não soubesse — rebateu Evie, secando com raiva as lágrimas que pareciam não ter fim. — Eu me forcei a ser agradável o tempo todo porque não aguentava te sobrecarregar ainda mais. Ou ao Papai. Sabe como me sinto idiota por isso agora? Como é horrível sacrificar partes de mim por pessoas que nem se importaram o suficiente pra perceber?

A mão de Nura foi à boca, e um soluço escapou.

— Evie, meu bem. — Agora as lágrimas dela também caíam, e sua pele começava a brilhar com o prateado da magia da luz estelar. Ela respirou fundo.

— Sim, claro que eu sei como é. Eu também fiz isso. Eu fazia isso o tempo todo — completou. — Quando pensei que tinha matado meu próprio filho. — Sua pele brilhava ainda mais. — Eu não conseguia estar perto de você ou de Lyssa. Quando entendi o que havia feito, achei que vocês estariam melhor com o pai.

A dor no rosto de Nura agora era misturada com raiva de si mesma.

— Não posso descrever o quanto foi horrível perceber o erro dessa suposição. Quando entendi que o rei me caçava por minha magia, achei melhor ficar fugindo, pra manter vocês a salvo.

— Mas deixou pistas pra mim? — As mãos de Evie tremiam. Ela tentou se acalmar enquanto contornava a mãe e sentava na cama de dossel. — Por quê, se acreditava mesmo nisso?

Nura sentou ao lado dela, mantendo uma distância confortável. Hábito dela, pensou Evie.

— Senti tanto a sua falta. Suas perguntas inocentes, sua mente rápida, sua imaginação enorme. — Ela olhou nos olhos de Evie. — Seu sorriso doce. Achei que talvez, um dia, você poderia me perdoar. E se um dia viesse me procurar, queria que só você fosse capaz de me encontrar. Por isso deixei pistas que só você entenderia.

Evie esfregou os olhos — agora secos e cansados.

Ela se curvou como se tivesse deixado cair um peso enorme.

— Estou feliz que Lyssa esteja te dando uma chance. Que vocês estejam vendo borboletas azuis e tentando recomeçar. Feliz que esteja se curando de todos que te traíram. Meu pai. O rei. Renna. Mas... — Ela cruzou os braços sobre o peito, como se quisesse se proteger. — Eu fico tão com raiva às vezes, que olho pra você e quero quebrar coisas. Estou tão brava que você foi embora. Sei que sofreu, e sinto muito por isso, mas eu sou sua filha, e eu também sofri.

O brilho de Nura agora era tão intenso que doía olhar.

— Claro. Eu entendo.

Evie foi firme:

— Não. Você não entende. — Ela pegou a mão da mãe, ignorando a ardência da luz estelar. — Minha infância foi roubada. — Ela mal podia acreditar que estava admitindo isso, que era corajosa o suficiente pra encarar a mãe e dizer: — E embora você não tenha sido a ladra, não fez nada pra impedir que acontecesse. Então... eu preciso de tempo.

Ela se levantou com as pernas trêmulas, pegou as anotações de Lyssa e foi até a porta.

— Evie, espera. Eu entendo o que você está dizendo, mas, por favor, não deixe as coisas assim.

Sua adaga formigou na perna, e seu ombro brilhou em um arco-íris metálico. A lâmina estava em sua mão quando se virou, desviando a magia lançada pela mãe com o aço, refletindo o feixe sem machucar ninguém.

Nura parecia horrorizada, as mãos na boca diante do acidente.

Mas o falso sorriso de Evie desapareceu, substituído por um balançar de cabeça triste e um olhar amargo.

— A especialista chega logo. Ela pode te ajudar com isso. Podemos conversar de novo... outra hora.

Ela fechou a porta atrás de si — e imediatamente esbarrou num peito sólido, com mãos grandes segurando seus braços para firmá-la.

Não precisava olhar. Sabia exatamente quem era.

E antes que pudesse piscar, seu chefe a puxou para dentro de um armário escuro de roupas.

Capítulo 35

EVIE

O Vilão acionou um interruptor, e a sala se iluminou.
Mesmo na luz fraca, ele focou no rosto dela, certamente inchado e marcado por lágrimas.
— O que aconteceu? Minha tinta dourada me fez acreditar que você estava em perigo.
Ah, o elo entre eles. Ele não conseguia evitar se preocupar por ela; era um vínculo que o obrigava a atender cada momento de seu sofrimento. Não era escolha. Ela não era uma escolha.

— Estou bem. Preciso levar essas notas para a Clare. Sai da frente, por favor. — Ela se soltou dos braços dele, apesar do corpo protestar, e foi abrir a porta do armário. Só conseguiu dar um passo antes dele segurar seu pulso.

— Sage. Fala comigo. Não gosto desse olhar no seu rosto.

Ela se virou e puxou a mão, e ele a soltou na hora.

— Então talvez não devia ter colocado ali. Me deixa em paz, Trystan. Estou cansada.
O jeito dela usar o nome dele o desconcertou por um momento, mas ele continuou tentando se aproximar.

— Reinaldo está lúcido de novo.

Ela parou, mas não olhou para ele.

— Fico feliz.

Ele estava muito perto, o espaço apertado, o peito quase tocando suas costas. Ela não conseguia pensar, nem respirar direito.

— A magia está voltando para a terra, — ele acrescentou. — Acho que está começando a afetar a maldição do Reinaldo. Estamos ficando sem tempo.

— Isso não é novidade, — ela respondeu, odiando a fraqueza da voz.

— Evangelina, por favor, olha para mim.

Ela fechou os olhos. Isso era jogo sujo.

Evie não odiava seu nome completo; só era complicado e soava estranho vindo da boca dos outros. Mas da dele, parecia raiva contida. Parecia ter um significado além do nome.

— Não. Não posso confiar em mim mesma para olhar para você.

Ele riu, um som tão raro que ela não resistiu a se virar para ver —
— HA! Covinha! — ela gritou e sorriu, falhando em parecer zangada como deveria. Ele sorriu satisfeito, e ela empurrou o peito dele até ele bater na parede. As bochechas dele ficaram vermelhas pela queda.
— Você não pode rir quando estou bravo. Não é justo.

— Também não foi justo você me empurrar contra a parede, — ele rosnou, se endireitando.

Ela revirou os olhos, mas depois murmurou, inclinando a cabeça em contemplação.
— Adoro ser empurrada contra a parede.

A boca dele caiu aberta tão rápido que Evie achou que ele ia explodir ali mesmo. Muito bem. Ela estava pronta, com os fósforos na mão.
— Você— Quem está te empurrando contra a parede?

Ela mordeu o lábio, satisfeita quando os olhos dele seguiram o movimento.

— Ninguém ainda. Estou esperando o homem certo tentar. — Ela piscou para ele, precisando se distrair, quase vibrando com emoções não gastas da briga com a mãe. Isso a deixava imprudente. Audaciosa.
Pra falar a verdade, dava até dor de cabeça.

— Bem, desejo sorte nessa missão. — Ele parecia desejar essa sorte mais ou menos como desejaria ver ele e o rei Benedict de mãos dadas. — Se quisermos quebrar a maldição de Reinaldo, precisamos encontrar essa varinha mágica imediatamente.

Evie se afastou um pouco.
— Espera um minuto—

— Faça uma mala leve. Ficaremos só alguns dias fora.

— Espera! — Ela gesticulou freneticamente, e Trystan desviou a tempo. — Você vai me deixar ir com vocês?

Trystan suspirou, parecendo mais jovem enquanto passava as mãos pelos cabelos e rosto.
— Está na hora de você dar o próximo passo e aprender o que isso significa.

O nariz dela se enrugou.
— O que significa...?

— Suspirei. — Ser aprendiz de vilão.

Capítulo 36

BECKY

Era uma ideia tão absurda que Becky achou que devia ter caído, batido a cabeça e caído num sono profundo. Um sono ruim, cheio de escolhas terríveis. Incluindo bater na porta do quarto do curandeiro. Mas já era tarde demais para voltar quando Tatianna a empurrou suavemente para dentro.

— Olá? — disse Becky.

— Entre, Rebecka! — chamou Tatianna. — Evie e eu estamos só terminando de arrumar algumas coisas essenciais para a viagem.

Becky torceu as mãos e endireitou a coluna.
— Vocês vão levar a Fofucho?

Evie colocou outro pote na bolsa de remédios.
— Não. Todos concordamos que não podemos correr o risco de sermos vistos pelos homens do Benedict ou por qualquer outra pessoa. Vamos a cavalo. — Evie sorriu para ela, ainda uma estranheza que Rebecka não tinha se acostumado.

— Ah. Certo. — Becky lambia os lábios e fingia que tinha algo preso na saia.

— Rebecka, está tudo bem? — Tatianna perguntou, caminhando para colocar a mão na testa dela. — Está se sentindo mal? Você está com o rosto vermelho.

— Não estou doente! — Ela afastou as mãos de Tatianna. — Só queria perguntar uma coisa delicada... — Engoliu em seco.

As duas mulheres esperaram, curiosas.

— Sempre tive só meus irmãos como referência para falar com, hum... com...

— Homens? — Evie perguntou com interesse demais para ser confortável.

Rebecka hesitou e então disse:
— Deixa pra lá. — Ela tentou fugir.

Era tarde demais. Evie já trancava a porta com um sorriso maníaco.

— Agora, Becky, somos todas amigas aqui. Conta o que está na sua cabeça.

— Não. — Ela fez careta.

Evie fez biquinho, parecendo uma versão adulta da Lyssa.
— Por quê?

— Porque você está empolgada demais com isso.

Evie murchou com um olhar.

Tatianna riu e se sentou ao lado da porta, perto de Evie.
— Guardaremos seu segredo, Rebecka. Juro. Diga o que precisar.

Ideia horrível, tola.

— Acho que estou apaixonada... por... pelo Blade.

Pronto. Dissera, o céu não caiu, e todos os membros ainda estavam no lugar. Por enquanto.

Evie pulou e bateu palmas.
— Eu sabia! Você está apaixonada! Que maravilha!

— Para de pular, seu circo ambulante, — Becky rosnou, apontando o dedo em aviso.

Evie parou, parecendo devidamente repreendida. Tatianna observava, com um sorriso sereno que era quase pior que a animação de Evie.

— Eu não estou apaixonada. Tenho uma paixão — são coisas completamente diferentes.

Tatianna piscou.
— Em que sentido?

— Paixão é coisa de criança.

— Eu me apaixono o tempo todo, — Evie discordou.

Becky fez um gesto para ela.
— Viu?

Tatianna riu, e Evie fez careta.
— Muito madura, Evie.

Evie fez uma reverência falsa.
— Nunca tive como objetivo ser madura. Ainda não sou tão amarga assim.

Becky colocou as mãos no rosto.
— Deuses, nem sei porque perguntei.

Tatianna afastou as mãos.
— Rebecka, você está procurando conselho de como perseguir sua... paixão?

— Não, — respondeu firme.

Evie arqueou uma sobrancelha.
— Não?

— Não! — Rebecka gritou e depois ficou em silêncio.

Um segundo passou, depois dois, depois três.

Evie estalou a língua.
— Sim?

Becky jogou as mãos para o alto e depois para baixo.
— Sim! Você está feliz? Não posso falar com o Roland sobre isso, porque ele vai contar para o Reid, que vai contar para o Raphael, e aí vou ter que mudar de reino e de nome. — Seus olhos se arregalaram quando percebeu. — De novo!

Tatianna serviu chá numa xícara pequena e entregou para ela. Estava magicamente quente, apesar de não estar perto do fogão.
— Antes de escolher outro nome falso, que tal um papo amigável para ver se ajuda?

— Shirley, — disse Evie, tocando o queixo.

Tatianna e Becky a olharam.
— O quê? — perguntaram juntas.

Evie olhou entre as duas.
— Shirley seria um nome divertido. Significa prado... Deixa pra lá, continuem. — Sorriu envergonhada, e Becky sentiu uma onda incômoda de ternura pela "bomba humana".

— Trabalhei duro para ficar forte o suficiente para enfrentar meus irmãos, para enfrentar os homens do escritório que duvidavam da minha capacidade quando assumi meu posto. Me tornei tão impenetrável ao afeto que tenho medo de ter esquecido como receber. Ou... como dar.

Os olhos de Evie suavizaram.
— Oh, Becky. Você não esqueceu.

— Como pode ter tanta certeza?

— Olhe suas mãos.

Becky as encarou, virando as palmas para cima e depois para baixo. Só havia uma flor rosa pintada por Lyssa naquela manhã, enquanto ela organizava papéis.

— O quê? A tinta?

Evie lançou um olhar que dizia que Becky era uma desesperada, mas em vez de admitir, apenas pegou a mão dela e fez olhar para a flor de novo.
— Tirando mim, você foi mais gentil com minha irmãzinha que qualquer adulto na vida dela. Ela te adora.

Becky sentiu as bochechas esquentarem e odiou a felicidade que o elogio trouxe.
— Lyssa é um público fácil.

Tatianna resmungou.
— Ela trancou Clare e eu num armário! Mal posso chamá-la de fácil.

Becky tapou a boca para segurar a risada inadequada.

— Ela, hum, certamente não deveria ter feito isso.

A curandeira pegou outra garrafinha, em formato engraçado e cor de ouro derretido. Ela bateu nas outras potes ao colocar na bolsa.
— Admiro a audácia dela, e não estou isenta de problemas em assuntos românticos. Ainda estou tola de amor pelo meu ex-noivo. — Tatianna se encostou na parede perto da janela e lentamente sentou no chão. Becky foi se juntar a ela, e Evie também.

As três ficaram em silêncio lado a lado. Becky teve que admitir, era um silêncio confortável.

— Clare ainda te ama. — Becky quebrou o silêncio. — É óbvio toda vez que ela te olha.

Tatianna esfregou um dos olhos, e um pouco do brilho rosa na pálpebra passou para o dorso da mão.

— Provavelmente você está certa. E em um ponto da vida, isso teria sido o suficiente. Mas a vida adulta traz complicações demais para resolver.

Tatianna segurou uma das mãos de Becky, e Evie pegou a outra.

— De qualquer forma, — acrescentou Tatianna, — chega de falar de mim. — Olhou para Becky, esperando.

— Eu não sei flertar, — Becky disparou, e a cabeça de Evie se virou para olhar para ela também. — Não faço ideia de como ser charmosa ou espirituosa sem ser ácida, e toda vez que falo com o Blade perco todas as minhas capacidades. Por isso vim falar com vocês.

Tatianna franziu a testa e ergueu a mão, sussurrando de brincadeira.
— Você viu a Evie tentando falar com o Trystan? Ela não perde só as capacidades — perde a cabeça.

Evie parecia incapaz de argumentar, o lábio tremendo enquanto dizia sério,
— É verdade. Fico lisonjeada por você achar que eu sei o que estou fazendo, mas, na real, quase nunca sei o que vai sair da minha boca. O que já me colocou em mais enrascadas do que situações boas.

Tatianna lançou um olhar para Evie.

Evie admitiu:
— Na maioria das vezes, ruins.

— O ponto é, Rebecka, flertar é só uma forma de brincar e mostrar interesse. Não existe jeito certo ou errado se a outra pessoa entende a linguagem que você fala.

Becky fez bico, soltando a mão de Tatianna para enfiar um grampo mais fundo no coque.
— A gente fala sempre a mesma língua.

— Ela quis dizer no sentido figurado, querida. — Evie apertou a outra mão dela, recusando soltar. — Aposto que seu jeito direto de falar é uma das coisas que o Blade mais gosta em

você. Você não precisa moldar seu jeito para agradar ninguém. Blade vai gostar de você do jeito que é, e se não gostar, é o pior tipo de idiota.

Um conforto quente fez todas as suas forças parecerem frouxas, o corpo relaxando após soltar uma tensão que ela segurava há anos. Explicação clara para as dores de cabeça e irritabilidade.

— É estranho. Acho que nunca falei tão sinceramente com ninguém. Adoro meus irmãos, e temos nosso próprio tipo de ligação. — Olhou para as mulheres ao lado. — Mas isso é diferente, com mulheres. Nunca tive irmãs.

Tatianna encostou a cabeça no ombro de Becky, e Evie fez o mesmo. Sentaram em silêncio por mais alguns momentos, sentindo uma segurança que só outras mulheres podem dar.

— Agora você tem, — disse Evie.

O coração de Becky parecia grande demais para o peito.

Mas aquela felicidade morreu quando Becky percebeu que, agora que tinha algo para segurar... algo — ou alguém — podia tirar tudo dela.

Capítulo 37

O VILÃO

— Por aqui. Cuidado com os galhos — ordenou Trystan enquanto espremiam os cavalos por outro grupo apertado de árvores grandes. As mulheres atrás dele resmungaram de desconforto, e Trystan teve que forçar o pescoço pra frente pra não se virar e checar como Sage estava.

Algo a incomodava. Algo que ela não queria contar pra ele. Quantas vezes ele já quis que ela falasse menos? Quantas vezes rezou pra ela parar de tagarelar? Parece que algum deus escutou e decidiu que rezar mentindo dava direito a castigo — e o castigo era justamente dar a ele exatamente o que pediu.

O silêncio de Sage.

Ela não falou uma palavra em horas montadas a cavalo. Nem precisavam da magia que estava acabando pra saber que o reino estava em perigo — o silêncio dela já dizia tudo.

Ele tentou puxar assunto, com cautela.

— Fiz bons negócios com Lorde Fowler ao longo dos anos. Ele é o único nobre que gosta de desafiar a coroa. E coleciona objetos mágicos. Já me convidou pra ver uma varinha mágica que tem, mas recusei, claro. Não faço visitas sociais. Espero que o convite ainda valha.

Esperou que Sage perguntasse algo, mas só ouviu grilos atrás dele.

— Está escurecendo — Clare comentou, revirando os olhos e chegando perto de Trystan. — Devíamos acampar.

— Não. Eu disse que não paramos. É perigoso demais. Temos que seguir — ele respondeu, tentando soar firme.

Quem desafiou primeiro foi, claro, o maldito sapo. Reinaldo pulou na cabeça do cavalo. O cavalo de Trystan não se mexeu, acostumado com o peso leve do sapo. Trystan silenciosamente entregou um papel pra ele, e o sapo escreveu uma palavra longa:

EXAUSTO.

— Quem não estaria exausto depois de passar o dia todo na estrada com aquelas mantas? — Trystan resmungou. — Como vai continuar, mártir?

Reinaldo revirou os olhos dourados e pulou pra perto da Clare, que levou um susto. O cavalo dela empinou e relinchou.

— Ei! — Clare gritou, puxando as rédeas até o cavalo voltar a pisar firme.

Tatianna correu e segurou as rédeas. — Está tudo bem?

— Poderia controlar seu temperamento por mais de cinco minutos? — Tatianna lançou um olhar sério.

— Não. Meu limite é quatro — ele respondeu seco.

— Estamos todos cansados, Trystan. Vamos parar aqui. Um de nós fica de vigia, os outros descansam.

— Eu disse que não vamos parar até chegarmos lá. Sob nenhuma circunstância — firmou ele, olhando para Sage, que só esfregava os olhos e bocejava, toda enrolada. Uma pontada no coraçãozinho seco dele.

Ela piscou devagar pra ele, como se manter os olhos abertos fosse um esforço.

— Wha— — outro bocejo cortou o som.

Puta que pariu.

— Vamos parar — ordenou ele, descendo do cavalo e segurando Sage pela cintura antes que ela caísse da sela. Ela apoiou a mão no ombro dele e, ao tocar, ele sentiu uma ardência estranha no lábio inferior.

— Tem certeza? — Sage franziu a testa.

— Você disse que não pararíamos de jeito nenhum.

Droga. Era melhor começar a carregar 🕐 pá, ia facilitar as covas.

— Conhece-me, Sage — disse ele, tirando ela do cavalo com cuidado, tentando ficar longe o máximo possível. O controle dele já tava no limite e a calça muito apertada pra arriscar algo.

Ela se afastou assim que tocou o chão, com um olhar que era mais nojo que distância. Ótimo. Que ela achasse que ele não queria ela.

Ele estava atrasado na cota mensal de mentiras hediondas; isso ia ajudar.

— Tem uma clareira ali na frente. Parece bom — Tatianna disse, guiando o cavalo para o espaço aberto. O sol começava a se pôr, a escuridão vinha chegando. — Quanto falta pra Vila Phoenix?

— Perto — respondeu Trystan. — Temos que passar por lá depois de pegar a varinha. Fica no caminho da estrada sul, e já arrumei pra gente entrar discretamente na fronteira do reino sul.

— Não é aquela vila guardada por um pássaro gigante? — Clare perguntou, desconfiada.

— Não, o nome é só pra dar charme — respondeu ele com sarcasmo, ignorando o olhar da irmã. — Vou buscar lenha.

Trystan entregou as rédeas pra Sage, planejando surtar escondido atrás de um carvalho, mas mal deu dois passos quando um zumbido no ar fez ele girar: uma dardo minúsculo cravou no

ombro dele. Ele puxou e olhou fixamente — o brasão da fênix indicava o dono... e que tinham caído direitinho numa emboscada.

— Merda! É uma emboscada! Se protejam! — ele gritou, tentando usar magia, mas os braços começaram a formigar, as pernas ficaram fracas.

Sage gritou e correu até ele, segurando o rosto dele, a voz dela quebrando ao gritar o nome dele.

— Senhor. Fique comigo. Não me deixe.

Que tolice. Por que ele deixaria uma mulher tão linda? Pontos pretos dançavam na visão dele enquanto ele tentava se manter consciente.

— Sage, corra! Tati! Leve minha irmã!

— Me ajuda a levantar ele, Tati! — Sage puxou com força, colocando o braço dele nos ombros dela. — Vamos lá. Deus, você tá pesado, Chefe do Mal. Hora de diminuir os exercícios.

Tatianna segurou o outro braço dele, e os dois meio que arrastaram ele pro cavalo, quando outro dardo voou e atingiu Tatianna no pescoço. Ela caiu desmaiada.

— Tatianna! — Trystan crocitou.

Tortura. Pior que tortura.

Passos firmes no chão, e uns guardas agarraram Clare, que gritava.

— Não! — ele gritou enquanto um deles o segurava no chão.

As armaduras eram familiares, mas não eram da Guarda Valente.

— Solta ele! — uma adaga entrou no ombro do guarda, que caiu. Sage estava ali, com o punhal ensanguentado, olhos enlouquecidos e uma coisa que ele não entendia.

— Sage, vai! — ele tentou.

— Não vou te deixar, então para de pedir — ela respondeu firme, decidida.

Um guarda segurou Sage pelas bochechas e enfiou uma flor amarela na boca dela, obrigando-a a engolir. Ela olhou no olho do guarda e sorriu.

Se o corpo dele não estivesse todo dormente, teria um problema sério em lugares muito errados... ou certos.

Sage começou a ficar mole nos braços do guarda, e a magia de Trystan explodiu dele, uma névoa cinza inundando a clareira.

— Que porra é essa? — perguntou um guarda.

Não.

Eles também podiam ver o poder dele? Que diabos estava acontecendo?

Apesar da fraqueza, a magia dele protegia ele e os outros.

Guardas caíam com um golpe da névoa cinza, seus gritos eram música pra ele.

Nada melhor que isso.

— Trystan! — Sage gritou.

Quase nada melhor. Quase.

Foi a última coisa que ela disse antes dos olhos fecharem e o corpo cair, enquanto a magia desaparecia.

A cabeça dela caiu para trás, os braços pendiam, os cachos quase tocando a grama.

Ele não sabia por quê, mas aquilo era o que mais o enfurecia.

— Você vai se arrepender disso — falou arrastado, sem parecer humano, os braços cedendo enquanto caía. A escuridão tomou conta.

Quando começou a ver unicórnios dançando, suspeitou que estava perdendo a consciência. Ou a sanidade.

Depois. Ele faria todo mundo se arrepender quando acordasse.

Se acordasse.

Capítulo 38

CLARE

Clare acordou numa biblioteca. Tão grandiosa que achou que ainda estava sedada, vivendo um sonho maluco.

Reinaldo pulou no peito dela, e a esperança acabou rápido. Não existia sonho bom onde Alexander ainda estivesse preso no corpo de um sapo. As lembranças vieram em pedaços.

Dardos envenenados. Tati. Trystan. Depois Evie. E ela mesma, claro, mas não estava consciente nessa parte.

Levantou-se devagar, tonta, a visão confusa. — Tatianna? Trystan? — chamou, mas ninguém respondeu.

Uma mão fechou a dela, e Clare gritou igual na festa de aniversário dos treze anos, quando Malcolm colocou uma lesma no ombro dela.

Tatianna estava atrás, com um dedo nos lábios, repreendendo Clare só com os olhos. O rabo de cavalo dela estava solto, braids bagunçadas. Não era hora pra ficar desejando coisas, mas Clare não conseguiu evitar de admirar aquela beleza quase irritante.

Ela seguiu o olhar de Tatianna para o outro lado da sala. Uma porta grande do terraço estava aberta.

Alexander pulou na frente delas, sem poder falar, só mexendo os olhos, passando o pé pela garganta verde. “A gente conversa sobre isso depois que sair daqui, Alexander,” Clare sussurrou, pegando o sapo que se debatia enquanto ela e Tatianna saíam pelas portas do terraço.

— Onde estão Evie e Trystan? — Tatianna perguntou, enquanto o vento bagunçava seus laços e os grampos do cabelo de Clare.

— Não faço ideia. Temos que chamar os Guardas Malévolos. As rubis chamadas estavam nas bolsas da sela.

Clare nunca usou aquelas pedras para comunicação, mas eram práticas, e ela estava tentando ser útil pro irmão.

Ela achava engraçado que passou a vida toda construindo princípios rígidos, vendo as pessoas que amava em caixas preto e branco, até perceber que o mundo não era só cinza. Era uma bagunça.

Tatianna foi até a ponta do terraço, segurou o parapeito e olhou pra baixo.

— Acho que não vamos conseguir chegar às bolsas da sela — disse, dando alguns passos pra trás. Clare segurou o parapeito e espiou.

Estavam muito alto. Tão alto que só viam escuridão embaixo, nada sólido, só lanternas acesas na parede.

— Deus, quão longe será?

Tatianna pegou uma pedra de um vaso e jogou. Eles ouviram o som da pedra batendo no chão depois de muitos segundos.

clang.

— Ok, então não vamos pular — Clare suspirou, e Reinaldo parou de se debater no braço dela.

— Só se crescerem um par de asas — uma voz rouca disse atrás delas.

As duas se viraram, Clare se posicionando na frente de Tatianna.

— Fiquem longe! — ordenou.

Um velho estava ali. Cabelos grisalhos puxados pra trás, roupas tão extravagantes que parecia que ele estava pingando ouro.

— Por favor, voltem para dentro, meu senhor as verá assim que possível. Os guardas as deixaram na biblioteca, pois achavam que seria mais divertido que trancá-las nas masmorras.

As duas só ficaram olhando, e o velho riu com gosto.

— Ou podemos levá-las para uma cela, se preferirem! — ofereceu, parecendo sério demais.

— Preferimos ser liberadas, e preferimos que façam o mesmo com Tryst— — Tatianna fechou a boca, corrigindo-se para proteger os outros. — Onde estão eles?

O estranho homem apontou para cima.

— Receio que não estejam disponíveis. Estão "tomando um ar".

Clare engoliu em seco, as palavras atolando na garganta.

— "Tomando um ar" é código para "matamos e escondemos os corpos"?

O homem acenou com a mão, tranquilo.

— Oh, não, criança, fique tranquila!

Tatianna suspirou aliviada.

O homem continuou.

— Nunca escondemos corpos. Geralmente, pregamos eles na parede!

— Meus deuses. — Clare ficou enjoada.

— Ah! — Ele estalou os dedos. — E ainda não matamos eles! Pelo menos, não ainda.

Clare pegou uma pedra para jogar, mas Tatianna segurou o braço dela, franzindo a testa para o símbolo na porta: uma fênix.

— Espera. Isso é... — Clare estava aflita. — O quê? Isso é o quê?

Um misto de emoções passou pelo rosto de Tatianna: primeiro dúvida, depois suspeita, depois alívio e por fim irritação. Clare já estava exausta só de olhar pra ela.

— Estamos na casa do Lorde Fowler? — perguntou.

Um vento forte quase os derrubou quando uma cesta passou voando por cima, e um homem de olhos arregalados, bigode grosso e cabelos cacheados negros acenou.

— Descemos já! Fiquem à vontade!

Clare e Tatianna correram para a beirada para ver a cesta voar para o ar, puxada por um balão gigante, passando por cima do telhado, por cima da árvore que sustentava a casa.

Tatianna se virou e falou com o mordomo.

— Nós?

O mordomo apontou para o balão subindo cada vez mais, levantando as sobrancelhas.

— Eu avisei — sorriu. — Eles estão “tomando um ar”.

Capítulo 39

EVIE

Evie estava em cima do Trystan.

Ela nem tinha aberto os olhos quando percebeu isso. Conseguia sentir o cheiro dele, o peito firme, a força dos braços e o bater do coração. Não precisava adivinhar, mas quando abriu os olhos e olhou para o rosto dele, foi bom confirmar.

Espera.

Ela se beliscou.

— Ai! — Tá, tô acordada.

Ele ainda estava inconsciente, mas respirava tranquilo, o rosto relaxado. Dormia em paz, e Evie se apaixonou por ele de novo só com aquele olhar. A sobrancelha franzida suavemente, os lábios entreabertos, sem raiva, nem indiferença.

— Tão bonito — riu baixinho lembrando da primeira vez que o chamou assim. Não tinha como evitar.

Ela levantou a mão, tocou a bochecha dele e sentiu um leve movimento, como se ele encostasse mais a face na palma dela.

— Eu não chamaria ele assim, mas o que eu sei? — uma voz do outro lado da cesta falou, e Evie gritou, pulando pra trás e batendo na parede da cesta. A cesta balançou feito montanha-russa, e o estômago dela deu um nó.

— Quem é você? O que é isso? — procurou a adaga, mas a coxa estava vazia, e o coração acelerou.

O homem sorriu, mas nada convidativo apesar da beleza. — Procurando essa adaga linda, docinho?

Ele deu dois passos e ela ficou trêmula, até ficar na frente do corpo ainda inconsciente de Trystan. Era cena cômica: O Vilão deitado, apagado, e a aprendiz minúscula de sentinela. Menina que não devia passar de um metro e meio e intimidava menos que joaninha.

Evie, claro, tinha medo de joaninhas — mas se um bicho tão pequeno dava medo, ela dava também.

O homem fez uma reverência elegante, o casaco longo esvoaçando. — Lorde Edmund Fowler, minha senhora. Seu humilde servidor.

Ela sorriu, meio tonta e estranhamente encantada pelo jeito polido do sujeito.

Lorde Fowler?

— Você é aliado do Vilão e nos drogou?

O lorde nem se incomodou, parecia até gostar. — Sim, claro! Vocês estavam vindo pra cá mesmo, certo? Pela minha varinha?

Antes que Evie perguntasse como ele sabia isso, o lord puxou uma alavanca perto da chama que mantinha o balão flutuando... E ela espiou pela lateral, sentindo o estômago despencar. Estavam tão alto que não dava pra ver o chão. Só céu escuro e estrelas.

O Vilão mexeu atrás dela, e Evie rezou pra ele acordar logo. Sozinha, não conseguiria proteger os dois. Mesmo forte, ela era realista.

O tamanho dela era uma injustiça do mundo, era nada perto da força óbvia daquele homem. Ele era maior, e portanto perigoso.

E lá estava a crueldade do universo escancarada.

Ela tinha que jogar certo. Do jeito que sabia.

Com doçura e distração.

Fazendo uma reverência meio torta por causa do balanço da cesta, Evie sorriu com modéstia. — Evie Sage, meu lord. Que honra ser apresentada à nobreza em circunstâncias tão... — desesperadas, catastróficas, calamitosas? Ah, muita aliteração. — únicas.

Lord Fowler pegou a mão dela e beijou, com respeito. — Prazer em finalmente conhecer a Mulher Malvada. Desculpe se o sedativo te deixou grogue. Pedi aos meus homens que cuidassem para trazer vocês suavemente.

Evie assentiu, séria. — Sempre achei a sedação assim.

O lord puxou a alavanca de novo, e subiram mais, fazendo Evie bater na parede da cesta, agarrando uma corda pra não cair.

— Que hora pra ter centro de gravidade ruim.

— O Vilão é difícil de prender — riu Lord Fowler.

— Nunca tive problema com isso — ela respondeu, meio sem noção se era efeito da droga ou da altitude que bagunçava a mente como saleiro derrubando sal.

Fowler parecia divertir-se com a insinuação, olhando curioso, não de modo lascivo. — Isso é evidente, minha cara. Meu pessoal colocou vocês lado a lado, e logo depois o Vilão segurava a cabeça dela no peito, falando algo sobre um piquenique.

Mesmo com o pânico, Evie sorriu. — Fora do jantar, com certeza.

Fowler continuou. — No começo achei que ele acordou cedo demais, mas parecia algo subconsciente.

— Você nos espionou esse tempo todo? — ela acusou, torcendo o lábio.

— Não sou um espião, Srta. Sage. Só observei meia hora, por curiosidade.

— Se anda como pato e fala como pato... — ela cruzou os braços e ele riu.

Isso a irritou.

Ela começou a andar ao redor dele, mãos nas costas, olhando o céu noturno. Notou que a estrela mais brilhante que costumava observar sumiu. Aquela estrela agora era humana, na mansão, e o único desejo dela antes de partir foi só ficar em paz.

— Srta. Sage, percebo seu desconforto, mas como assistente do Vilão, com certeza conhece seus negócios comigo? — Lord Fowler perguntou, encostando Evie até a borda da cesta, tão distraído que não viu que ela o fazia virar de costas, longe do corpo do chefe.

Até que um braço forte surgiu por trás, envolvendo o pescoço dele, e uma voz fria que arrepiou os braços dela cortou o silêncio:

— Aprendiz.

O corpo antes deitado.

— Ah! Vilão, está acordado. Excelente! — Fowler nem parecia preocupado de ter o maior inimigo do reino segurando seu pescoço, embora a veia na testa do chefe estivesse quase explodindo.

— Aprendiz — repetiu Trystan, mais cortante ainda — trate ela direito ou eu te jogo daqui e assisto você bater no chão.

Suspira.

Pera, isso é ruim. Altura demais pra desmaiar.

Pelo menos por enquanto.

Lord Fowler sorriu para Evie com deferência. — Aprendiz, claro. Parabéns pela promoção, minha cara.

Ela acenou meio sem jeito, sem saber o que fazer.

— Sage, tô ameaçando ele. Para de acenar.

— Desculpa. — Parou de repente.

— Para de pedir desculpas — ele resmungou.

Os olhos de Fowler iam de um para o outro enquanto dizia:

— Fascinante. Parece que vocês têm uma linguagem especial.

— Sim — Trystan disse seco — chama-se irritação.

Evie se armou contra o desprezo, estreitou os olhos e falou para Fowler, olhando para Trystan: — Exato. Ele é como uma alergia que não passa.

Fowler riu, inclinando a cabeça pra Trystan, ainda com o braço apertando o pescoço do lord.

— Ah, Vilão, ela é um encanto.

— Um encanto tipo varicela de dragão — ele disse, sem emoção.

— Transmitida sexualmente? — Evie tocou o lábio com ar malicioso.

O Vilão engasgou.

Ela venceu.

Os olhos de Fowler brilharam. — Deus, tô quase contratando ela pra tirar você do caminho, Vilão.

Trystan ficou em silêncio por um momento.

Só um momento — antes de casualmente arremessar Lord Fowler pela borda.

Capítulo 40

O VILÃO

— Trystan! — Sage gritou, correndo até a beira.

— Ah, que pena. Ele caiu — respondeu Trystan, sem um pingo de emoção.

Ela deu um tapa no braço dele e procurou no escuro o corpo despencando em direção ao chão. — Por que você fez isso?

— Tenho uma política contra a caça de meus funcionários. — Ele ajeitou a camisa e alisou os amassados.

— E a punição é a morte? — disse ela, exasperada.

Por tentar roubar Sage? A punição era ser esfolado vivo, mas ele não tinha uma faca de manteiga à mão.

— Não, é empurrão. Foi apenas azar dele ter nos levado a tamanha altura. — Ele começou a mexer na roldana, e o balão e o cesto começaram a descer em graus sutis.

Ainda se recuperando do choque, Sage se colocou na ponta dos pés para espiar por cima do ombro dele, o hálito contra o pescoço dele o fazendo estremecer. — Você sabe como mexer nisso?

Ele murmurou: — Você puxa esta alavanca para liberar o ar frio no balão aos poucos, para que ele vá descendo devagar. Mais calor para fazê-lo subir.

Evie pôs uma mão no quadril, a outra puxando os cachos soltos para o lado para que o vento parasse de jogar as mechas em seu rosto. — Onde você aprendeu isso?

— Leio livros de ciência quando tenho momentos livres no dia.

Evie suspirou. — Ah, claro. Nada tira a mente de assassinatos e vilanias como a física.

— Sempre digo o mesmo! — Um grito no meio do vento fez Sage se assustar e se jogar no peito de Trystan. A mão dele caiu protetora ao redor dela por instinto.

A afeição física sempre lhe parecera uma exibição inútil.
Dar as mãos, abraçar, toques de conforto ou qualquer coisa que exigisse contato entre duas pessoas que não fosse do tipo violento.

Mas o jeito como Sage se encaixava em seus braços o fazia querer fazer todas essas coisas.

Ela o fizera querer dar as mãos. E ele nunca a perdoaria por isso.

— Mas que... Terras Mortas! — Evie gritou. Trystan, irritantemente, achou divertida a indignação dela, com seus olhos azuis arregalados como pires quando Fowler flutuou até o cesto e pousou sem quase fazer barulho. — Você... Ele voou! Você voou!

Fowler sorriu, seu estúpido e pomposo bigode o fazendo parecer um rei insolente brincando com eles como peões num tabuleiro de xadrez. — Ele já me viu fazer isso antes, senhorita Sage.

Sage se afastou dos braços de Trystan, e as mãos dele se contraíram ao lado do corpo pela perda da sensação. — Você sabia que ele faria isso?

Sim, sabia, e estava a segundos de jogar Fowler pela borda de novo.

— Esperava que Lorde Fowler tivesse a cortesia de cair para a morte. — Trystan lançou um olhar mortal ao associado.

Fowler piscou, e foi tão irritante que o olho de Trystan chegou a tremer. — Talvez da próxima vez, Vilão. Por ora, estou muito feliz em lhes apresentar meu novo e melhorado balão voador!

Sage seguiu o gesto da mão dele para cima e semicerrrou os olhos, desconfiada. — Por que, nas Terras Mortas, você precisaria de um balão voador se sua magia já parece fazer isso por você?

Fowler pousou a mão no peito antes de olhar dramaticamente para o horizonte. — Não há nada como voar. Planar pelo ar sem se preocupar com nada no mundo. A primeira vez que fiz isso, ainda menino, quando minha magia despertou, não conseguia acreditar que outros jamais sentiriam tal sensação. — Ele puxou a alavanca, fazendo-os subir bruscamente a uma velocidade que derrubou Sage de volta aos braços de Trystan.

Fowler estava salvo — por enquanto.

— Dediquei minha vida a inventar coisas que pudessem dar aos outros a mesma euforia com que fui abençoado pelos deuses.

Que monte de... — Ah, isso é lindo — disse Sage, sem fôlego, juntando as mãos sob o queixo.

Esquece, o desgraçado vai morrer.

— Não. Não é. É um truque e um desperdício de recursos desse tolo privilegiado.

Sage se virou e o encarou. — Nem todo mundo tem níveis tão profundos de cinismo.

Trystan gesticulou para o lunático. — Ele nos drogou, se lembra? E depois nos trouxe até aqui por deuses sabem qual motivo. Onde está minha irmã? E Tatianna? Reinaldo?

Fowler deu de ombros. — Achei que, se estivéssemos a uma grande altura, você seria menos propenso a usar sua assustadora magia invisível contra mim enquanto peço um favor. Embora, pelo que meus guardas dizem, ela já não esteja tão invisível assim.

— A resposta é não.

O bigode do lorde se contraiu. — Eu nem pedi o favor ainda.

— Não importa. A resposta continua sendo não.

Fowler franziu a testa. — Receio não poder lhe dar a varinha da minha coleção sem algo em troca.

— Que favor, Lorde Fowler? — Sage perguntou, ignorando Trystan completamente.

Ele havia pedido por isso, a promovera, dera-lhe autonomia, e no fundo estava malditamente orgulhoso dela por usar isso. Não tinha direito de se irritar por ela ir contra ele. Praticamente havia posto uma adaga na mão dela e pedido para que o apunhalasse com ela.

Lorde Fowler voltou a atenção para Sage. — Faço negócios com o Vilão há muitos anos e, em todo esse tempo, nunca consegui que ele fosse a uma das minhas festas de jantar.

Sage deu um tapinha simpático no braço do lorde, e Trystan se sentiu feliz só de imaginar entortar o cotovelo de Fowler até o osso se partir. — Que decepção, e que péssima prática de negócios. Em nome dos escritórios do Vilão, como posso reparar isso?

— Sage, não faça—

— Que bom que perguntou, senhorita Sage! Quando meus guardas os viram na área, foram gentis o bastante para trazê-los a tempo da minha festa, que começa em... — Fowler consultou seu relógio. — Deuses, só uma hora! Preciso me vestir e preparar! — Com alguns puxões nas cordas, o balão começou uma descida rápida até uma grande casa junto a uma árvore ainda maior.

Eles pousaram na sacada, e Sage saltou, correndo até uma mulher que saía pelas portas. — Tatianna! — Sage a abraçou, e Tatianna retribuiu o gesto.

— Graças aos deuses vocês estão bem — disse Tatianna, colocando a mão na bochecha de Evie. Clare saiu logo depois, andando cautelosamente até Trystan, buscando um cumprimento amigável, algo incomum entre os irmãos.

— Está bem? — Clare perguntou, estendendo a mão para dar um leve tapinha na dele. Foi rígido e estranho, mas foi o máximo de contato que sua irmã havia iniciado em anos. E não era de se estranhar que Trystan não visse sentido em toques afetivos — a família inteira era péssima nisso.

— Estou bem. — Ele assentiu e retribuiu o gesto, igualmente rígido e estranho.

— Pronto, chega. Isso é doloroso de ver — Tatianna se interpôs e examinou Trystan à procura de ferimentos. — Tudo certo?

— Tudo certo — respondeu.

Sua magia estava mais silenciosa; embora ainda sentisse seu farfalhar sob a pele, era como uma pipa cuja linha escapara de seus dedos. Ele podia senti-la dentro de si, mas estava fora de alcance.

A casa na árvore de Fowler estava interferindo, ou a proximidade de Sage, ou a maldita maldição sob a qual aparentemente estivera na última década. Escolha a opção. Todas me fazem querer gritar até os pulmões falharem.

A sensação não melhorou quando Lorde Fowler os chamou como se fossem todos grandes amigos que tinham ido ali de livre e espontânea vontade. — Agora, todos! Temos apenas uma hora até a festa, e tomei a liberdade de preparar roupas para todos! — Fowler sorriu, batendo no ombro de Trystan. — É temática, sabe.

— Adorável — ele rosnou, dando um passo na direção do patife, mas Sage se colocou no meio, enlaçando o braço no de Fowler.

O maxilar de Trystan se fechou com tanta força que talvez tenha trincado um dente.

— Mostre o caminho, Lorde Fowler. Eu adoro um tema. Talvez, no caminho, o senhor possa me dar um tour? Ficaria muito interessada em ver a varinha de perto.

Os olhos dela encontraram os de Trystan por um instante antes de se desviarem.

Fowler a conduziu pelas portas abertas da biblioteca, e Trystan ficou olhando, atônito e se sentindo perdido.

Um homem idoso, que Trystan sabia ser o mordomo fiel de Fowler, surgiu pelas portas da sacada. — Sigam-me, senhoritas e... — Ele parou. Por já ter encontrado Trystan uma vez, o velho claramente não tinha boa impressão dele.

O que era bem possível, já que, na única vez que esteve ali, Trystan jogara uma cadeira pela janela. Em sua defesa, a cadeira havia tentado falar com ele.

A magia na residência de Fowler era uma ambiguidade que Trystan não tolerava nem podia tolerar.

— Mostre o caminho, Bobo. Estou com fome e desejo uma cadeira confortável para descansar — disse Trystan, com os dentes cerrados.

O mordomo fez uma careta, e Trystan sentiu uma mórbida satisfação com isso.

Todos entraram na casa. Para participar de uma maldita festa de jantar, com conversa e — Trystan estremeceu — socialização.

Certamente acabaria em assassinato.
A questão era... de quem?

Capítulo 41

GIDEON

Gideon desconfiava.

De pessoas, de amizades duradouras, de como os outros muitas vezes achavam que as mulheres eram mais emocionais do que os homens, quando Gideon já tinha visto Keeley encarar a morte com calma enquanto o rei que ele servira por dez anos corria dela como se tivesse o rabo em chamas.

Keeley jamais correria como se tivesse o rabo em chamas.

Muito bem, Gideon. Agora você está pensando no rabo dela.

Não ajudava o fato de ele ter uma visão perfeita dele enquanto seguia silenciosamente o Guarda Malévolo pela estrada norte até os túneis abandonados que levavam ao Palácio Reluzente, tentando manter uma distância segura enquanto acompanhava as mulheres e homens destemidos no caminho rumo à possível morte.

Quantas vezes ele já tinha feito essa mesma marcha pelo Rei Benedict? Quantas vezes se odiara por isso — por seguir sem questionar um homem que sabia ser um monstro — só porque tinha medo demais do que encontraria se voltasse para sua família?

Mas aquele grupo de soldados não era nada como a Guarda Valente. Não agiam por medo, mas por lealdade. Sem nem perceber, o Vilão havia criado uma causa pela qual todos os seus trabalhadores estavam dispostos a lutar, simplesmente porque acreditavam nela — e nele. Era exatamente o que Benedict pregava que seus homens eram para o público.

Lembrava a Gideon que o mundo deveria sempre desconfiar de um rei que se gaba, e, em vez disso, prestar atenção aos desajustados e excluídos. Eles geralmente tinham coisas muito mais importantes a dizer, mas muito menos oportunidade para dizê-las.

— Senhor cavaleiro! — uma voz sibilou antes que algo atingisse a parte de trás de suas pernas e o derrubasse de bruços no chão. Mãos se fecharam em torno de seus tornozelos e o arrastaram para dentro dos arbustos, sob um dossel de árvores. — O que você está fazendo? Perdeu o juízo? — Keeley falou em sussurros, mas ele estava perto o suficiente para ouvir o veneno na voz dela. Impressionante. Gideon não sabia como ela conseguia colocar tanto em palavras tão baixas.

— Ainda não, mas a noite é jovem! — Gideon sorriu, depois gemeu quando Keeley socou o ombro dele com o punho de aço. Massageando o local, ele se sentou e ficou de joelhos. — Imagino que você não esteja feliz em me ver.

Ela deu um peteleco no ombro dele e sibilou: — Eu disse que você não devia vir. Mandei ficar onde estava, e, em vez disso, você nos segue na nossa missão de reconhecimento? Se um dos outros tivesse te visto, teria atirado por instinto.

Gideon levou a mão ao coração, fingindo emoção. — Está dizendo que seu primeiro instinto não seria atirar em mim?

Estava escuro demais para ter certeza, mas ele esperava ter feito as bochechas dela assumirem aquele adorável tom rosado que o fazia encarar a parede por um tempo depois. Mas não havia paredes por perto, então ele acabou encarando diretamente para ela.

— Eu realmente te odeio — disse ela, soando mais irritada do que realmente brava.

— Acho que você queria que fosse verdade — sugeriu Gideon, erguendo as mãos quando o punho dela recuou de novo. — Certo, eu me rendo! Fiquei chateado de ser deixado para trás quando essa é a única maneira de ajudar minhas irmãs.

Keeley se inclinou para se levantar, estendendo uma mão para Gideon — o que o surpreendeu demais. Ele a pegou com cautela, olhando por baixo e por cima do pulso dela.

— O que está fazendo, senhor cavaleiro?

— Esperando pela lâmina escondida me apunhalar. — Ele fez questão de estreitar os olhos para o vão da manga vermelha dela, mas Keeley o puxou com tanta força que ele perdeu o equilíbrio e, para se apoiar, ergueu os braços, plantando as duas palmas na árvore atrás dela. Não tinha intenção, mas isso o aproximou muito mais dela; ela cheirava a limão de novo, o que deixou sua boca seca. — Nenhuma lâmina escondida... — sussurrou ele, observando a ilusão de que ela não gostava dele começar a vacilar, revelando vislumbres de uma mulher que ele enfrentaria elefantes selvagens só para impressionar, para fazê-la sorrir para ele.

Era difícil dizer se ela sentia o mesmo turbilhão de emoções, mas seus olhos estavam arregalados, e ela estava mais silenciosa do que jamais estivera no pouco tempo em que ele a conhecia.

— Nenhuma lâmina escondida — ela admitiu por fim, puxando a ponta de sua espessa trança.

Sentindo-se ousado com a confissão, ele ergueu a mão e passou os dedos por uma mecha. Era mais macia do que ele imaginava — o que era curioso, já que Gideon costumava imaginar as coisas melhores na cabeça do que na realidade.

Infelizmente, aquele era um dos momentos em que suas expectativas tinham sido muito baixas. Aquela mulher não era apenas extraordinária. Ela era extraordinariamente perigosa.

— Você não corta. — Ambos sabiam do que ele estava falando.

Keeley ficou tensa, algo se fechando em seus olhos, e o empurrou com o cotovelo com força. — Não, não corto. E isso não é da sua conta.

Ele deu de ombros. — Justo, covinhas.

Keeley revirou os olhos, mas os cantos de sua boca subiram ligeiramente. — Eu não tenho covinhas.

Gideon fez um gesto vago no ar, pouco impressionado. — Prove.

Ela estava lutando contra o sorriso agora — ele sabia. — Não.

Gideon se inclinou, com expressão mortalmente séria. — Minhas meias têm cabritinhos.

Quase lá. — E daí?

Ele olhou para os lados e então sussurrou: — Uma das criadas as pegou para mim na gaveta de meias do Vilão.

E lá estava. O sorriso de Keeley. Cheio, lindo e absolutamente devastador. A pior coisa que já tinha acontecido com ele, na verdade.

— Mentira — disse Gideon, apontando para as duas covinhas nas bochechas dela.

Ela sorriu ainda mais, e as covinhas se aprofundaram. — Tá bom, sou mentirosa. — Passou por ele e girou sobre os calcanhares. — Você pode vir com a gente, mas não interfira de jeito nenhum ou não hesitarei em atravessar você com minha lâmina.

Gideon fez continência. — Entendido.

Era uma pena que ele gostasse muito mais dela do que deveria, considerando o verdadeiro motivo pelo qual a seguira.

Mentirosa, ele a acusara.

Mas não por causa das covinhas. Não, ele já sabia que ela as tinha.

Gideon gostava muito de Keeley. E isso era uma pena, já que ele tinha quase certeza de que ela era a traidora.

Ele a seguiu, observando sua trança balançar, a parte chamuscada escondida e fora de vista. E, enquanto aquela bela trança captava feixes de luar que lhe tiravam o fôlego, ele lutava com o que teria de fazer se sua suspeita se provasse verdadeira.

Capítulo 42

EVIE

— Tem certeza de que isso é pra ser, hum… tão apertado assim? — Evie perguntou à mulher que estava puxando as cordas do espartilho em suas costas com tanta força que sua respiração vinha em curtos e irregulares suspiros.

— Sim, senhorita Sage. — A mulher mais velha era pura objetividade. Péssimo, considerando que Evie parecia ser feita apenas de pura inconveniência.

— Excelente. — Ela arfou. — Contanto que tenha certeza! — Arfou de novo, e a porta se escancarou para revelar Tatianna, com asas largas e drapeadas, cintilando como pétalas de flores arco-íris em suas costas. Uma verdadeira visão.

— Sra. Ryeford? Acho que Lord Fowler estava procurando a senhora — disse Tati.

— Um problema com o cardápio do jantar, receio. — A senhora Ryeford soltou algumas palavras tão escolhidas que fizeram as pontas das orelhas de Evie esquentarem. Ela nunca tinha ouvido palavrões tão escancarados e sem vergonha saindo de alguém tão improvável. Uma delícia!

Assim que a mulher saiu, Evie começou a puxar as cordas nas costas. Quando finalmente conseguiu respirar, desabou aos pés de Tatianna, sugando grandes goles de ar de forma dramática.

— Eu te devo a vida. Acho que ela estava tentando me matar por espartilho.

Tatianna franziu o cenho, ajudando Evie a se levantar.
— Seria muito mais eficiente te enforcar com um lenço do que te sufocar com um espartilho.

— Esse também era o meu receio — disse Evie, deixando o espartilho cair no chão e chutando-o para o outro lado do quarto. — Eu até gosto de um espartilho, mas não quando é apertado ao ponto da dor. — Ela alisou a camisola amarrotada que vestia e finalmente deu uma boa olhada na amiga.

O tema da festa era "seres mágicos", e Tatianna encarnava o conceito da forma mais brilhante e deslumbrante possível. Estava coberta dos pés à cabeça por um tecido reluzente em tons de rosa e laranja, com um pó de glitter dourado iridescente salpicando o alto das bochechas e o cabelo preso por dois grossos grampos em ouro-rosa.

— Você está linda demais. — Evie fez um gesto para que ela girasse. A curandeira obedeceu com um floreio, rindo um pouco enquanto girava.

— Obrigada. — Tatianna se envaideceu, mas logo franziu a testa. — Eu não deveria estar me divertindo tanto nessas circunstâncias, mas eu adoro ter um motivo para me arrumar.

— Bobagem! — Evie soprou o ar pelos lábios. — Quem disse que uma viagem de trabalho não pode ser agradável?

Tatianna arqueou a sobrancelha.
— A Becky, provavelmente.

Com uma risadinha, Evie foi até o guarda-roupa e pegou seu próprio vestido cintilante.
— Já que estamos aqui e essas pessoas são nossas aliadas, podemos muito bem aproveitar a festa. Precisamos ganhar a varinha do Lord Fowler e, a menos que uma de nós crie asas, estamos presas aqui até que ele nos leve de volta ao chão. — Ela se remexeu, nervosa. — Quão alto você acha que estamos?

— Alto o bastante para que pular seja morte certa.

— Ah, céus. — Evie colocou o vestido sobre a grande cama e bateu na beirada, convidando Tatianna para se sentar. A curandeira obedeceu devagar, cada passo carregado de hesitação. O sorriso foi se desfazendo do rosto de Evie. — Tem outra coisa errada, não é?

Tatianna mexia nas unhas.
— Eu não costumo contar segredos… eu os guardo. Mas este está me corroendo, e eu não posso falar com Trystan nem com Clare sobre isso, então preciso te contar.

Os olhos de Evie se arregalaram.
— Está bem. Me diga. Eu não conto para ninguém, juro. Deixe-me guardar sua confiança, pelo menos desta vez. — Ela segurou a mão da amiga num gesto de consolo.

As palavras saíram rápidas:
— Eu tenho medo.

A voz de Evie suavizou.
— Do quê, Tati?

— Da verdade.

— O que quer dizer?

Tatianna estremeceu.
— Eu quero ficar com a Clare de novo. Quero acreditar que ela mudou. Que não está mais sob o domínio da mãe. Mas eu não sei se posso confiar nela…

— Ah, Tati… — O coração de Evie se apertou diante da dor e do arrependimento gravados no rosto da amiga. — Você está sendo dura demais consigo mesma. Se você e Clare estão destinadas a se reencontrar, vão encontrar o caminho. A confiança virá com o tempo.

Um brilho surgiu nos olhos escuros da curandeira enquanto ela apertava a mão de Evie.
— Obrigada por dizer isso. Eu precisava ouvir.

Evie se inclinou para beijar a bochecha da amiga, pegou o vestido e então se dirigiu à criada que acabara de entrar para arrumar seu cabelo.

— Com licença. Acho que o espartilho não é necessário. Pode me ajudar a fechar isso, por favor?

A criada correu até ela com um sorriso radiante.
— Ele é transparente em alguns pontos, senhorita Sage. Vai causar um grande impacto!

A moça parecia animada com essa possibilidade, e Evie não pôde evitar a sensação de que era o grande entretenimento da semana na casa dos Fowler.

Tatianna observou enquanto o vestido se moldava ao corpo de Evie a cada botão preso, até que, fechado no alto, ela se virou. Evie deu sua própria voltinha, sentindo-se bonita e feminina.

Tatianna balançou a cabeça, os lábios curvando num sorriso.
— Ah, Evie…

Evie passou as mãos pelos próprios lados, sentindo o tecido macio e fresco sob os dedos.
— O que acha?

Agora, Tatianna parecia ser a que estava se divertindo com o espetáculo.
— Acho que você vai deixá-lo de joelhos.

O sorriso de Evie foi malicioso, e ela sentiu isso ao responder com doçura calculada:
— Esse é o plano, querida Tati. Esse é o plano.

Capítulo 43

O VILÃO

— Me sinto um idiota, — Trystan resmungou.

Clare o observava no hall de entrada da casa do Lord Fowler.

O vestido dela era verde, com um padrão de vinhas entrelaçadas e pequenas flores cor-de-rosa brotando para todos os lados — a perfeita imagem de uma ninfa da floresta.

— Eu pensei que você ia ser um demônio? — ela perguntou.

Para ele, demônio e ridículo quase viraram sinônimos naquele traje que Fowler impôs. Jurava que, quando os soltassem, Trystan voltaria logo ali com o Fofucho — o cachorrinho — na coleira.

Seria bem melhor se aquele lugar estivesse em chamas.

— Eu sou um demônio — disse ele, com a convicção de uma mosca de fruta. — Você não vê meus chifres assustadores?

“Assustador” não era a palavra certa; “absurdo” encaixava melhor. Dois chifres pontiagudos, presos tão firmemente na cabeça dele que pareciam colados. A capa vermelha que lhe deram era de seda fina, nada que o protegesse do frio. A camisa, também vermelha e de seda, tinha um decote mais profundo que qualquer coisa que usasse pra dormir.

E era feia pra caramba.

Um assobio o fez se virar rapidamente, esperando ver Sage, mas a esperança morreu ao encontrar Tatianna, linda como sempre. Ele lançou um olhar curioso para a irmã, e viu Clare lentamente se transformar numa boba apaixonada.

— Tudo bem aí, maninha? — Trystan perguntou casualmente. — Quer um lenço pra esse babado? — Tirou um pano verde-folha do bolso e ofereceu.

— Ha. Ha. — Ela arrancou o lenço da mão dele, estreitando os olhos para olhar a cor. — Nunca vi essa cor antes. É nova?

Trystan sentiu o rosto esquentar. Ou sangue subindo — melhor assim do que "esquentar".

— Não. — Ele tirou o lenço dela, guardando no bolso. — Não é nova.

Era nova sim, tinha pedido especialmente ontem. Difícil até de definir essa cor.

Tatianna chegou à base da escada, se exibindo com um giro de lado a lado.

— O que acham? Será que pareço uma das fadas do escritório?

Clare parecia estar sofrendo.

— Já vi as fadas do escritório, e elas não se parecem nada com você, — disse ela.

— É verdade — concordou Trystan. — Tatianna é muito mais alta.

Ela o olhou, e ele sentiu um leve constrangimento.

— Tryst. — Ela deu um tapinha no ombro dele com um ar meio paternalista. — Isso foi realmente engraçado.

— Elogios normalmente perdem o valor quando você coloca "realmente" junto, — resmungou ele, tirando a mão dela do ombro e virando as costas com um suspiro e um revirar de olhos.

Por dentro, rosnava frustrado porque só conseguia ser engraçado quando Sage não estava por perto. Será que ela teria rido? Ou provocado ele?

Será que algum dia ele ia se levantar do chão e juntar o que sobrava do seu orgulho amaldiçoado?

Cabeças cortadas. Assassinatos. Raiva. Vingança —

— Aí está você, Evie! — Clare chamou, e Trystan teimou em fincar os pés no chão de madeira polida, decidido a não virar para olhar, nem se importar com a criatura que Fowler havia transformado Sage em.

Um unicórnio, ele esperava timidamente. Não havia nada sexual em um unicórnio. Com certeza sua depravação não ia tão longe a ponto de se sentir atraído por alguém com um chifre no meio da testa. Nada comparado a ele, com dois chifres nas laterais da cabeça.

— Sage, anda logo, vamos acabar logo com isso. — Trystan olhou o relógio, e Reinaldo pulou no ombro dele, com um chapéu minúsculo de bobo da corte na cabeça.

O som dos sinos em seus ouvidos era tão irritante quanto unhas arranhando um muro.

O sapo traidor segurava dois cartazes:

SEM RELÓGIO ?

Na verdade, a interrogação fez três.

— Você não ajuda nada — ele resmungou, olhando para o salão onde os convidados se reuniam, o burburinho da festa deixando suas sobrancelhas franzidas de desprezo.

Ouviu o clique leve dos saltos de Sage descendo a escada, e em segundos travou uma guerra interna:

“Se olhar agora, vai ser rápido, tipo arrancar um band-aid… ou uma unha.”

Mas quanto mais esperasse, mais pareceria que estava no controle das próprias emoções — tão escassas quanto.

Era ridículo. Ela era só uma pessoa!

E ele, uma lenda viva do mal.

Uma lenda do mal que, ao cruzar o olhar com ela, sentiu um tijolo bater na sua cabeça. Metaforicamente falando, claro, mas a dor parecia a mais adequada comparação.

Ele tinha autoridade pra dizer — já levou um tijolo na cabeça antes, e dói pra caramba.

Mas aquilo, inacreditavelmente, doía mais.

O cabelo dela caía solto até o quadril, os fios escuros e quentes brilhando à luz das velas. As pérolas e conchas presas no meio dos cabelos negros cintilavam.

Mas não era só o cabelo; o vestido agarrava cada curva, feito de uma tela transparente que revelava grandes pedaços de pele macia. A saia parecia costurada com pedaços de rede de pesca — mal cobrindo a frente das coxas e nem de longe o suficiente para as laterais.

A rede subia, terminando na parte mais larga do quadril. A mão dele coçava a costela, e ele bateu nela como se tivesse dormido.

Mas nada no corpo dele estava dormindo agora.

Ela puxou os cabelos grossos para trás dos ombros, mostrando que a saia estava presa a um pequeno retalho de tecido no meio da barriga. Ele seguiu a linha do tecido até o topo, onde cobria os seios.

Trystan ficou grato por estar tendo uma reação tão violenta — se não fosse assim, ele estaria morto.

Anos escondendo suas emoções mantinham seus lábios fechados, só abrindo levemente antes de fechá-los de novo. Mas sentia que Sage percebeu isso, que viu sua boca e encontrou algo revelador.

— Você é uma sereia? — Clare arriscou, ajeitando as folhas de hera ao redor da saia.

— Uma sereia sedutora. — A voz que respondeu parecia estranha a seus ouvidos, mais rouca e baixa do que seu tom sem emoção habitual. Trystan levou três batimentos cardíacos para perceber que a voz era dele.

Sage o encarou. As pálpebras dela estavam pintadas de dourado cintilante.

Ou talvez fosse mais bronze? Que diferença faz, afinal?

Trystan só sabia que estava admirando o brilho de forma mórbida e precisava parar imediatamente.

Sage arqueou a sobrancelha, avançou um passo e cutucou um dos chifres dele num gesto brincalhão.

Mal sabia ela o quão perto Trystan estava de puxá-la para o armário mais próximo e arrancar aquela rede do corpo dela. Não parecia nada resistente — um puxão forte e ela provavelmente cairia inteira no chão.

Queridos deuses, para com isso.

Uma risada distante e estridente o lembrou de que eles estavam prestes a entrar numa sala cheia dos conhecidos de Fowler, e se o lord se dava tão bem com Trystan, só podia imaginar as outras presenças duvidosas que ele cultivava.

Ele não estava mais ansioso para entrar e deixar Sage, Tatianna e Clare num ambiente tão cheio de gente sem honra.

Ele já tinha dado seu limite. Se qualquer um fizesse um movimento errado contra qualquer uma daquelas três, Trystan… Não.

Provavelmente desaprovavam assassinatos violentos antes do jantar.

Será que ele aguentaria até a sobremesa? Não. Estava perguntando as coisas erradas.

Será que aguentaria até a entrada?

Sage cutucou o chifre outra vez, tirando-o do devaneio. Ela o olhava de cima a baixo com um biquinho de brincadeira.

— Ah, não deram fantasia pra você? — Ela admirava os chifres como se tivesse feito aquilo ela mesma —

Oh, essa pequena —

— Foi você, né? — A raiva ofuscou a atração que ele sentia por ela, o suficiente pra deixá-lo bravo.

Ela deu seu típico olhar inocente.

— Só lembrei o Lord Fowler de não esquecer dos seus chifres.

Você me desenhou? — ele perguntou, lembrando-se de quando revistaram a casa do pai dela algumas semanas antes, no quarto antigo dela, onde ele encontrou o esboço que ela tinha tentado fazer dele.

Sim. Ela tinha ficado irritada porque ele achou. Mas esqueceu de colocar os chifres.

Queridos deuses, ela deve ter planejado isso por semanas, esperando a hora certa pra se vingar por ter sido zoada. Trystan ficou impressionado… e um pouco assustado. Mas só um pouco.

Ele se perguntou se seria melhor ou pior contar que tinha roubado o desenho e carregava no bolso desde então. Inclusive agora.

Pior.

Cruzando os braços, olhou para ela com raiva.

— Você é malvada.

Ela sorriu com satisfação, os olhos brilhando. As palavras dela eram suaves como a seda da camisa roçando a pele dele quando disse:

— Agora você está entendendo.

Tatianna murmurou para si.

— Vamos levar essa briga pra festa. Tenho certeza que Lord Fowler adoraria ver vocês dois se estranhando, e quanto mais rápido acabarmos, mais rápido pegamos a varinha.

Reinaldo ergueu uma placa:

BOLSO.

Trystan o pegou, cerrando a mandíbula enquanto jogava o ingrato no bolso do casaco.

— Ele quer ficar no bolso de alguém durante a festa, — explicou, tossindo para disfarçar o movimento brusco do sapo, que tentava puxar o desenho de papel para fora.

Sage cruzou as mãos na frente do corpo, do jeito que fazia nos briefings matinais — uma pose ridícula pra quem estava vestida de descendente do mar, pronta pra afogá-lo.

— Ah. — Ela franziu o cenho, virando para mostrar as costas nuas, procurando algo. — Acho que não tenho bolso nenhum.

Reinaldo parecia estar quase sorrindo para ele.

— Você vê algum, senhorita? — Sage se virou e tropeçou tentando olhar. — Talvez atrás?

— Não. Não tem, — disse ele firme e rápido, indiferente.

Mil bolsos poderiam ter nas costas daquele vestido, e Trystan não ia notar. Ele só via as curvas, e seus órgãos já começavam a desligar.

— Meus amigos, meus amigos! Venham! — Lord Fowler apareceu na porta da sala onde os convidados estavam, vestido como um rei do reino. Uma coroa grande e espalhafatosa repousava na cabeça, e a capa de pele estava frouxa enquanto ele abria os braços para recebê-los.

Tatianna entrou primeiro, deslizando pela sala e pegando com habilidade um copo de líquido espumante de uma bandeja. Clare veio logo atrás, com um olhar de pura reprovação para Fowler.

O lord fez uma reverência galante, sinalizando para que entrassem.

— Venham, vilão! Um jantar para entrar para a história. Acho que vocês merecem se divertir.

Trystan cruzou os braços, respondendo seco:

— Eu torturei um homem dias atrás. Isso foi divertido.

A mão de Sage voou até a boca, os olhos arregalados e brilhando, como se fossem encher de lágrimas. Ela balançou a cabeça e passou pelos dois homens, se embrenhando na multidão de convidados fantasiados.

Ele percebeu o erro tarde demais.

Trystan tinha acabado de fazer uma piada sobre o homem que invadiu a mansão e a machucou. Um homem que era filho de outro homem que a machucou, trazendo toda a dor dela de volta à superfície.

Na verdade, era perfeito, tentou se convencer; ele nem precisou se esforçar pra afastá-la. Ele fazia isso com naturalidade.

Mas ficar longe dela… Trystan achou isso muito mais difícil.

E essa foi sua última e mais amarga ideia antes de sair correndo atrás dela.

Capítulo 44

EVIE

Evie sentia Trystan a seguindo, mas não conseguia parar. Manteve a mão tampando a boca enquanto passava por pessoas que a encaravam, deslizando discretamente até o fundo da sala — até que uma mão agarrou seu braço.

— Venha, aprendiz — Trystan falou com voz calma. — Tenho assuntos para tratar.

Ele a puxou para um canto escondido da sala. Ela não reclamou, só deu um pequeno grito e deixou que ele a guiasse. Quando estavam longe dos olhos curiosos, ele continuou:

— Eu não devia ter mencionado o filho de Warsen. Não queria te lembrar disso. Me desculpo e —

— Pelo amor dos deuses, Sage, você está rindo aí embaixo? —

A mão dela caiu da boca, e saiu um riso alto que ela tentava segurar há vários momentos.

— Desculpe. — Ela limpou uma lágrima que escorria pela bochecha.

— Sage. — Ele fez uma pausa, sobrancelhas erguidas. — Você está rindo porque falei de tortura?

Ela segurou as bochechas, fazendo uma careta.

— Isso é ruim, né?

Ele gemeu e apertou a ponte do nariz.

— Com certeza não é bom.

— Eu não estava rindo da tortura em si. Foi só uma resposta rápida, e aí pensei comigo: Não ria da tortura, Evie! Isso não é engraçado! Mas quando falei isso, aí ficou meio engraçado e — Para de me olhar assim! Eu já te vi dar um sorriso meio doentio enquanto penduravam cabeças.

— Isso é porque eu tenho um fraco por decoração de casa.

Ela soltou outra risada abafada e deu um tapa no peito dele.

— Para de me fazer rir e tornar impossível não gostar do seu traje ridículo! Se você quer me afastar, não pode ser engraçado!

Os olhos escuros dele ficaram frios.

— Quer me afastar?

Um arrepio passou por ela com a quebra da compostura dele, mas não foi consolo. O plano dela de derrubar as defesas dele até que ele se abrisse estava ficando menos vilão e muito mais… patético.

Apesar do pequeno progresso, era hora de dar um tempo, pelo menos por essa noite.

Ela endireitou a postura.

— Vamos deixar pra lá, tudo bem? Eu não devia ter falado nada. — Colocou um dedo nos lábios dele quando ele tentou falar. — Aqui ninguém sai até Fowler ter se divertido, então vamos jogar o jogo, ficar de olho na varinha e, quem sabe, até nos divertir um pouco.

Trystan resmungou:

— É um jantar, Sage. Não tem nada pra se divertir.

Ela ignorou a alfinetada, ajeitou a roupa e puxou o pote do tamanho de uma moeda de rouge que tinha escondido entre os seios. Abriu o pote com cuidado, molhou um dedo e passou mais cor no lábio inferior, pressionando-os para espalhar o produto.

— Então você fica encarando uma planta, e eu vou me divertir. — Colocou a tampa de volta no pote e pulou com o olhar dele.

Parecia que o corpo todo dele havia congelado, virado na direção oposta.

— O que aconteceu? — Ela ficou assustada. — Você tomou outro dardo tranquilizante? Consegue sentir alguma coisa? — segurou o braço dele com os olhos arregalados.

A voz dele saiu estrangulada.

— Infelizmente, sim.

— O quê?

— Nada. — Rosnou. — Volte pra festa e fique fora de confusão. E, de quebra, leve Reinaldo com você.

A mão dele entrou no bolso onde guardara o sapo, mas parou, e o horror tomou conta do rosto.

— Ele não está aqui.

Evie olhou para o chão, tentando não surtar.

— Oh, céus. Onde você acha que ele foi parar?

Trystan saiu correndo pelo canto, procurando no chão e olhando para as vigas com uma energia quase selvagem que ela achou intrigante.

Perturbadora. Você deveria achar perturbadora.

Ela não.

— O idiota deve ter se perdido numa casa cheia de criminosos de quinta categoria.

— Ah, senhor, isso é crueldade. Não acho que você seja de quinta categoria, — ela tentou amenizar.

Ele estreitou os olhos.

— Eu não quis dizer a mim.

— Ah. — Ela cruzou as mãos atrás das costas e balançou a cabeça rapidamente. — Eu também não.

A preocupação dela estava bem escondida por um véu de humor mal disfarçado, mas até isso começava a sumir enquanto todos os piores pensamentos sobre o sapo atormentavam a mente dela.

— Isso é uma pegada de sapo? — Trystan perguntou, agachando.

Eles seguiram a trilha de terra de vaso espalhada pelo canto, vendo que as marcas molhadas dos pés com membrana voltavam para a sala de festa.

— Venha, Sage, — ele disse, e ela correu para acompanhar.

Pararam quase no centro da sala, olhando discretamente para os lados em busca de um flash verde.

— Ele pode ter sido pego por algum desses marginais tentando vender um sapo mágico no mercado negro.

Evie franziu o cenho, olhando ao redor. Todos riam — sem olhares furtivos ou sorrisos nervosos. Ela não via sinais de perigo, e apesar dos esforços, tendia a acreditar no lado bom da natureza humana.

— Tem certeza que não foi só um outro… episódio em branco dele?

O olhar de Trystan foi cortante, afiado e cheio de raiva.

— Se foi, isso só aumenta o perigo. Ele não vai saber nos encontrar se precisar de ajuda.

Trystan avançou pela multidão, empurrando as pessoas enquanto ela tentava acompanhar.

Um homem grande bateu nela por trás, e ela sentiu um puxão forte no dedo mindinho esquerdo.

— Ai! — Ela empurrou o homem, que quase deslocou o dedo de tão forte que puxou. — Ei! — Ela soltou a mão e olhou para o dedo vermelho e latejante.

O homem parecia confuso, com cabelo espetado brilhante e tatuagens cobrindo o rosto e o pescoço. Espinhos decoravam a roupa dele, inclusive as pontas das botas.

Trystan ouvira o grito e virou rapidamente, a capa vermelha esvoaçando, fazendo caminho de volta para ela — melhor dizendo, arrebentando caminho.

Evie levantou o dedo mindinho vermelho.

— Você tentou roubar meu anel? — perguntou direta.

O homem coçou a cabeça, olhando para ela como se fosse um inseto falando.

— Uh, eu…

— Tá preso no meu dedo, seu idiota. — Ela balançou o dedo. — É uma tatuagem!

Mas quando olhou para o desenho dourado ao redor do dedo, percebeu que brilhava um pouco na luz das velas.

— Hum. Até que parece um anel.

Quando olhou para cima, o homem havia saído do estado de choque e assentia.

— De fato, minha senhora.

Ela deu de ombros.

— Bem, está preso em mim. Se quiser, vai ter que cortar meu dedo.

— Já chega! — Trystan rugiu, uma presença tão sombria quanto sua magia, ficando perto sem interferir até ela oferecer uma das extremidades para amputação. Agora ele se pôs entre ela e o homem cheio de espinhos.

— Encoste em um único dedo dela e eu arranco os seus, um a um, e enfio no seu nariz, — disse grosseiramente.

Evie fez uma careta e olhou por cima do ombro de Trystan para o rosto dele.

— Eca. — Deu um toque no braço dele para apoio e contornou o corpo para falar com o ladrão. — Desculpa. Ele fica mal-humorado em festas. Não é pessoal.

O homem olhou para ela sem reação, e Trystan baixou a cabeça com um olhar incrédulo.

— Aqui não é o mundo dos mortos.

Ela ignorou, sorriu e apontou para a cabeça do homem.

— Gosto dos seus espinhos. Parecem, uh… afiados.

Fez uma careta com o elogio que soou como um trocadilho.

O homem ficou vermelho e levou a mão à cabeça meio constrangido, parando por um momento.

— Gosto quando eles parecem armas.

Evie agora estava na frente de Trystan, ignorando a bronca dele.

— Bom trabalho, senhor. Dá pra matar alguém com esse cabelo! — Ela bateu palmas e fez uma reverência profunda, como se encontrasse a realeza. — Honrada que tentou me roubar.

— Não vai gostar, pequena tornado, — Trystan sussurrou atrás dela, — quando eu abrir a barriga dele.

Ela deu um cotovelo nele, satisfeita quando ouviu um "uf".

O homem agora se curvava, numa demonstração educada para um ladrão.

— A honra foi minha, minha senhora.

— Evie Sage. — Ela rodopiou um fio de cabelo, batendo as pestanas para ele.

— A Mulher Malvada! — Ele riu alto e levou a mão ao peito. — Dax Devourox! Uma honra! Sou seu fã!

Dax puxou um papel do bolso e mostrou o cartaz de PROCURA-SE de Evie, dessa vez ainda mais exagerado. Os cachos dela estavam maiores, os olhos delineados com um olhar de malícia, e o desenho cortava na linha generosa do decote que o artista claramente caprichou.

Ela olhou para o peito, rindo de si mesma.

— Hum.

Dax também olhava, descaradamente, com uma admiração que Evie não estava acostumada em relação ao seu pequeno peito.

A magia de Trystan, no entanto, não curtiu nada aquela admiração.

Uma névoa negra varreu o ambiente, jogando Dax para longe, fazendo-o bater na parede do outro lado da sala.

Violência devia ser comum nas festas do Lord Fowler, pois quase ninguém parou de conversar pelo barulho.

O cartaz voou da mão de Dax, flutuando lentamente até o chão. Trystan o pegou e entregou a Evie sem sequer olhar.

— Aqui.

Dax levantou-se como se nada tivesse acontecido, fez uma reverência, pegou um copo de vinho e brindou em direção a ela antes de se jogar numa partida de cartas perto das janelas grandes.

Evie olhou o retrato de si mesma e riu, se depreciando.

— Estou bonita, mas acho que meus seios não são tão generosos.

— Não tem nada de errado com seus seios.

Hm. Interessante.

— São pequenos demais, — ela insistiu, com leveza.

— Não, são do tamanho perfeito. — Ele respondeu rápido, sem pensar. Congelou logo depois, e a magia dele pulava ao redor, parecendo rir do mestre.

Ela tocou o queixo, menos patética que antes e muito mais vilã.

— Quer uma segunda opinião? Oh, Dax!

A mão de Trystan fechou sobre a boca dela, puxando-a para perto, olhos ardendo nos dela. Ela não estava com vontade de rir mais.

— Não é opinião, — disse ele antes de soltá-la tão rápido que ela tropeçou um pouco.

Tatianna segurou o cotovelo dela, com uma expressão arqueada que deixou as bochechas de Evie coradas e a cabeça rodando.

— Vocês estavam falando de seios?

Clare tossiu um pouco da bebida ao se aproximar.

— De quem?

— Chega de falar de seios! — Trystan gritou.

Isso parecia incomum para os convidados ecléticos, pois todos na sala se viraram para ele, sussurrando baixinho ao perceberem quem era o "demônio" vestido.

Na casa de Fowler e entre seus amigos, ninguém parecia se importar com a presença do "Vilão" — mas ainda assim.

Evie não ia arriscar. E ela era a aprendiz dele.

Era parte do pacote.

Sem pensar duas vezes, ela pulou na mesa no centro da sala.

— Atenção, todos! Atenção! — Todos os olhos em Trystan se voltaram para ela, e os amigos dela ficaram horrorizados enquanto Evie fazia uma proposta.

— Antes do jantar, Lord Fowler foi gentil o bastante para me permitir organizar um jogo para vocês!

Um murmúrio de concordância se espalhou pela sala.

— Sage, — Trystan sussurrou com raiva. — Que porra você está fazendo? Desce daí!

Ele tentou pegar o tornozelo dela, e ela pisou nos dedos dele com o salto iridescente.

— Fowler! — Trystan chamou. — Pensei que o jantar começaria em dez minutos. Tempo curto para um jogo decente.

Lord Fowler não seria aliado do Vilão dessa vez. Cruzou os braços e se encostou na porta com um jeito aristocrático que fez Evie sorrir.

— Ah, acho que o jantar pode esperar por nós! — Fowler sorriu e acenou para que ela continuasse. — Vá em frente, minha cara.

Ela não ouviu o que Trystan murmurava, mas parecia algo como “este lugar” e “lenha”.

— Eu soltei nosso sapo de estimação na casa da árvore de Lord Fowler! Ele está com um chapéu de bobo da corte em uma coroa dourada minúscula. Quem encontrá-lo e me trouxer primeiro ganhará um prêmio grandioso!

Ela tentou pensar em algo bom, mas não vinha nada à cabeça.

— Qual o prêmio? — Dax perguntou, inconveniente. Alguns amigos já espiavam o chão atrás de um ponto verde.

— Uh, Lord Fowler? — Evie perguntou, procurando ajuda, mas Fowler, maldito seja, parecia contra ela também.

— Agora, minha cara, não vou roubar seu brilho! Proclame o prêmio em voz alta!

Fowler fez um gesto teatral com as mãos.

Evie olhou a sala, depois para Trystan, que a encarava furioso — e talvez com uma pontinha de respeito pela esperteza dela? Ou seria só imaginação dela?

Ela apertou o punho e olhou para o cartaz de PROCURA-SE amassado na mão.

Era aquilo, o barulho nos ouvidos, ou alguma possessão espiritual que a fez levantar o cartaz e chamar todos os marginais da sala para ouvir.

— Quem devolver o sapo feliz e inteiro para mim e meus companheiros vai ganhar uma noite — — Ela parou, engolindo em seco, a língua pesada, o silêncio absurdo quase a fazendo passar mal.

— Uma noite com A Mulher Malvada! — terminou.

E todos na sala se dispersaram.

Todos, menos um.

Todos, menos O Vilão.

Capítulo 45

BLADE

Enquanto isso, lá no solar…

Algo estava errado com o guvre macho — além do óbvio. A criatura parecia pronta para despedaçar o Blade vivo quando ele chegou oferecendo um presente de paz: um pedação gigante de carne. Não dava para culpá-la. Blade não sabia como reagiria se a mulher que amava — e seu filho ainda não nascido — fossem tirados dele por alguém que queria usá-los para um propósito sombrio.

Ele tentou acalmar o guvre com palavras suaves, com mais carne e até tentou dançar no lugar para distrair o bicho. Só que só parecia irritar mais a fera. Mas, convenhamos, as danças do Blade geralmente têm esse efeito.

Agora, o treinador de dragões arrastava seu corpo sujo e esfarrapado pelo portão da frente do solar até o bosque de espinheiros onde Roland trabalhava duro ao lado de Rebecka, reforçando as pontas das folhas para evitar invasores.

Blade nem fazia ideia de como se reforçava espinhos, mas o que ele viu parecia impressionante: eles espalhavam um pó cintilante sobre os galhos afiados em todas as direções.

— “Querida Rebecka.” Blade acenou. “Roland.” O irmão dela levantou os olhos com uma pitada de desdém.

Os dois eram definitivamente da mesma família.

Mas a Rebecka não o cumprimentou com o mesmo tom seco; evitava contato visual e murmurou um distraído “Olá, Sr. Gushiken”. Estava focada no trabalho, mas nunca tinha falado com ele tão friamente.

Ele geralmente pelo menos tinha a raiva dela, se não mais nada.

Será que ele nem isso mais merecia?

As palavras do pai ecoavam na cabeça dele, como sempre nos momentos de dúvida.

“Vá embora, incômodo! Tira essa barata da minha frente. Para de me atrapalhar, Bladen. Tenho trabalho importante.”

O sorriso do Blade falhou — sentiu ele escapando, e Roland percebeu, até parecia sentir pena dele. Blade odiava pena.

— “Como está o guvre, Blade?” — perguntou Roland, olhando para Marv no posto. O guarda tinha o cabelo selvagem visível lá de baixo.

— “Rabugento.” Blade lançou um olhar de lado para a Rebecka. — “Alguma dica? Sei que você tem experiência com esse tipo de emoção.”

Ela largou o saco de estopa cheio de brilho e girou, com um olhar afiado que parecia pronto para espetar Blade com uma frase certeira.

Ele prendeu a respiração, empolgado com a possibilidade, mas ela não disse nada, só fechou a boca e virou as costas.

— “Diz pra ele tentar organizar as coisas por cor — sempre melhora meu humor,” disse sem o seu tom habitual de veneno. Blade se virou para Roland, encarando-o.

— “E como estão indo as coisas aqui fora? Convivência entre irmãos indo bem?”

Se ele tinha irritado a Rebecka, Roland levaria uma pedrada.

Roland ajeitou os óculos e sorriu. — “Isso é algo que Bex e eu nunca tivemos problemas.”

Bex sorriu também, e Blade sentiu o estômago despencar até os pés. Era uma sensação boa e ruim ao mesmo tempo, apertando seu peito até ele tossir na mão. Ele vinha tossindo muito ultimamente.

— “Que bom.” Blade recostou-se nos calcanhares. — “O que é esse pó que vocês estão jogando nos espinhos?”

Bex veio até ele, segurando o saco e olhando-o nos olhos pela primeira vez em dias. Blade sentiu um nó no estômago, que era o habitual para ele em contato visual, mas dessa vez era diferente. Sentiu diferente.

— “Dá uma olhada. Mas não cheire!”

Blade sorriu de lado e se inclinou para olhar o pó. Parecia familiar, mas não conseguia identificar.

— “Imagino que respirar isso não seja bom, né?”

Bex afastou o saco e voltou para o bosque, a pele clara ficando com um tom avermelhado. — “É derivado das flores de Forina. Podem ser tóxicas se ingeridas, mas normalmente são usadas como corante.”

— “E jogar isso nos espinhos ajuda… como?”

Bex colocou um pouco na mão e largou o saco. Ele viu sua pele clara ficando vermelha. — “Roland organizou a magia do bosque para mudar os caminhos abertos todo dia. Só o chefe sabe como entrar e sair sem tocar nos espinhos. E ele adicionou isso na passagem secreta que descobrimos antes. Onde os traidores provavelmente têm se reunido.”

Os olhos de Blade se arregalaram. — “Então, se alguém do escritório tentar entrar sem autorização do chefe…”

Bex sorriu, e a visão foi tão deslumbrante que ele quase pediu para ela congelar com aquela expressão para contratar um artista para pintar o retrato. Não seria inapropriado pedir para ela ficar assim por horas.

— “Serão pegos com as mãos sujas de vermelho.”

Blade tossiu de novo, sentindo o aperto no peito aumentar e os olhos lacrimejarem, curvando-se para frente.

Rebecka se inclinou, colocando a mão nas costas dele. — “O que foi? Está bem?”

Blade segurou o abdômen. — “Você tem senso de humor. Meu sistema nervoso quase entrou em choque,” ele ofegou.

Ela endireitou ele com um empurrão e revirou os olhos. — “Você é o pior.” Mas quando tirou a mão, Blade decidiu que o risco de vida valia a pena e segurou a mão dela.

Ela congelou, mas não puxou.

Blade pegou um pano no bolso e tentou tirar o excesso do vermelho. Já tinha manchado a pele dela, mas dava para pelo menos limpar um pouco.

E ainda ter uma desculpa para segurar a mão dela.

Roland se afastou discretamente para um canto com o resto do pó, deixando-os a sós.

— “Não vai sair, pelo menos não até eu usar raiz de aranha. Só cresce em terras Fortis,” explicou ela.

Blade achou que ouviu o gaguejar dela, mas tinha certeza do som ofegante que saiu dele mesmo.

— “Você é muito sábia.”

Parou de limpar e ficou imóvel por um instante, olhando para ela com um sentimento que nunca deixava subir demais.

Era melhor sentir a emoção só na superfície — se afundasse muito, ficava intenso demais, demais para ele. Reconhecer a paixão e o desejo profundos, era abrir caminho para a raiva. E não era hora disso.

— "Você ainda está segurando minha mão, Sr. Gushiken."

O canto dos lábios dela subiu, quase melhor que o sorriso completo. Era como um segredo, um que ela deixava ele conhecer.

— "Quer que eu solte?"

Blade ergueu a sobrancelha. Ela parecia que ia dar uma resposta provocante, mas no lugar disso, pareceu resolver uma discussão interna em segundos.

— "Não. Não quero que solte."

Era uma resposta simples, honesta, direta. Blade amava tanto aquela mulher que se surpreendeu por ainda conseguir enxergar direito.

Entrelaçou os dedos nos dela e sentiu uma eletricidade subir pelo braço, sabia que ela sentia também.

Ambos ofegaram, e ele ficou a um fio de explodir, de empurrá-la contra a parede e beijá-la.

Mas o irmão dela estava a menos de três metros, então isso era improvável.

Dar resposta à altura da honestidade dela parecia mais adequado, e em voz baixa ele sussurrou:

— "Janta comigo."

Os olhos castanhos dela tinham pequenos brilhos dourados, e ele ficou distraído por eles enquanto ela apertava a mão dele.

— “Peça, não mande.”

Blade sorriu, ajoelhando-se, e Rebecka ficou horrorizada — ele riu.

— “Rebecka Eriania Erring Fortis, teria a grande honra de jantar comigo? Prometo que vou tirar o cheiro de dragão antes.”

O riso dela podia curar qualquer coisa. Blade tinha certeza disso no instante em que saiu.

Roland chamou de longe:

— “Rebecka, diga que sim ou a vovó nunca vai te perdoar.”

Blade olhou para ela com intenção.

— “Não queremos desapontar a vovó.”

Becky assentiu, puxando-o para ficar de pé e surpreendendo-o ao ficar na ponta dos pés para lhe dar um beijo suave na bochecha.

— “Não podemos decepcionar, né?”

— “Tem que colocar pesos nos meus sapatos,” disse Blade distraído.

— “O quê?” Becky olhou para baixo, depois para ele. — “Por quê?”

— “Vou voar embora,” disse ele, tocando o local onde os lábios dela haviam tocado.

Ela o empurrou com mais uma risada, fazendo o empurrão valer totalmente.

Aquele momento foi um dos mais — senão o mais — perfeitos da vida do Blade.

Até que um grito agudo e familiar quebrou o encanto.

Aquela sombra sutil pairou sobre o momento.

Os dois levantaram as mãos para as orelhas.

Blade reconheceu quase que na hora.

— “Deuses, isso é—”

Roland correu até eles, com o rosto tenso e zangado.

— “Rebecka, deixe-me explicar antes que digam qualquer coisa.”

Vários Guardas Malevolentes saíram correndo do solar, Marv entre eles, segurando uma planta estranha: de caule longo e... gritando.

Rebecka arregalou os olhos.

— “Isso é...?”

— “A planta da memória?” — perguntou ela, levando a mão aos lábios.

A planta que absorveu os gritos de Nura Sage quando ela se transformou em uma estrela. A mesma planta que a mãe de Rebecka planejava usar para sugar a magia dela e entregar ao Benedict em troca de uma cura para a Doença Mística.

— “Encontramos no quarto do seu irmão, senhorita Erring,” disse Marv, com um tom de desculpa.

Os outros guardas agarraram Roland pelos braços para contê-lo.

— “Bex, juro que não é o que parece!” — gritou Roland, se debatendo até os óculos caírem.

O coração do Blade apertou no peito ao ver Rebecka se ajoelhar para pegar os óculos e colocá-los no nariz do irmão.

— “Você me disse que eu podia confiar em você.”

Uma lágrima desceu pela bochecha dela, e só isso já era motivo suficiente para Blade querer arrancar a pele dos ossos do irmão dela.

— “Você veio tirar minha magia?”

Roland negou com a cabeça.

— “Não, Rebecka, você não entende — me deixa explicar, por favor.”

Os guardas começaram a arrastar o irmão para longe, deixando a planta gritando para trás.

Rebecka não desviou o olhar da planta.

— “Espere!”

— “Limpe bem a cela,” ordenou.

— “Não, Rebecka!” — gritou Roland enquanto era levado.

Blade abraçou ela antes que os joelhos dela batessem no chão.

O corpo dela tremia em soluços.

— “Eu não devia ter confiado nele,” disse, segurando os ombros dele como um salva-vidas.

O aperto no peito dele voltou — e dessa vez, não desapareceu.

Capítulo 46

EVIE

Evie não sabia se deveria se sentir lisonjeada ou mortificada com a rapidez com que os convidados da festa saíram da sala.
À perspectiva de uma noite sozinha com A Mulher Malvada.
Sozinha com ela.

Seu chefe, por outro lado, não se mexeu um centímetro. Apenas a olhava com tanta expressão neutra que qualquer um podia jurar que ele era uma estátua. Pelo canto do olho, ela via Tatianna puxando Clare para fora da sala, murmurando algo sobre encontrar Reinaldo antes que Trystan perdesse o pouco de sanidade que restava.

— "Senhor?" Evie perguntou, sentindo-se ridícula, ainda em pé sobre a mesa.
Ele nada disse, só caminhou até ela, colocando as mãos de cada lado do quadril dela, fazendo-a soltar um suspiro quando ele a abaixou devagar até o chão. Ele manteve as mãos ali mesmo depois que os pés dela tocaram o chão, mas não olhava para ela.

Era desconcertante — e não do jeito gostoso.

— "Senhor? Não vai dizer nada?"
— "Estou pensando," ele resmungou, ainda sem olhar.
— "Ah. Que ótimo. Pensar é bom." Ela assentiu, e o movimento fez seu corpo mexer o suficiente para ele perceber que ainda segurava suas mãos.

Ele a soltou com um som repulsivo e meio ofensivo, plantando uma mão no quadril e a outra na mesa, afastando-se dela.

— "Não, não é. Estou tendo dificuldade," suspirou.

Ela franzia o nariz e tentava juntar toda a simpatia que conseguia.

— "É por causa dos chifres?"

Ele virou tão rápido que ela tropeçou para trás. Os olhos dele estavam selvagens, fora de controle, e Evie percebeu o erro tarde demais. O homem já não estava para brincadeira — ele tinha entrado no território das veias saltadas na testa. Ela só tinha visto isso uma vez antes, no dia da orientação dos estagiários.

Naquela hora ela achou engraçado. Agora, não parecia.

— "Não, sua arauto do caos, é você!" Ele arrancou os dois chifres da cabeça e os jogou no chão. Evie quis dizer que o cabelo dele agora estava espetado em dois pontos muito específicos, mas não achou que aquela sala fosse bonita o suficiente para morrer ali.

— "O que você vai fazer se algum dos convidados achar o Reinaldo? O que vai fazer quando vierem cobrar o prêmio?" A última palavra saiu carregada de sarcasmo.

Ela se sentiu insultada.

E Evie nunca tomava boas decisões quando estava insultada.

Enfiou o dedo no peito dele e encarou.

— "Quero que saiba que uma noite comigo seria um prêmio. Sou uma delícia absoluta no quarto, obrigada! Atenciosa e divertida, droga!"

Não se gabe da sua performance sexual pro chefe, Evie!
Mesmo que aquela cara dele seja a coisa mais engraçada que você já viu na vida!

Ele jamais conseguiria repetir aquela expressão. Era um tipo de cara que você só faz numa situação específica e nunca mais. Os olhos arregalados, boca aberta, mas meio torta — não era sorriso, mas também não dava para chamar de careta.

Ele passou a mão no cabelo, deixando o resto espetado junto com as duas mechas que sobraram dos chifres. Parecia um choque elétrico. Um choque horrível chamado Evie Sage.

— "É assim que vai ser?" falou, sem olhar pra ninguém.
— "É a minha queda?" A expressão não era mais engraçada, era incrédula — isso Evie reconheceu fácil.
— "Morte por frustração sexual?"

— "Eu te deixo sexualmente... frustrado?"

— "Não," disse ele com firmeza, e o coração dela despencou. Ah, era só aquele efeito normal do corpo humano falando de coisas íntimas. Ela só queria se enterrar num buraco escuro.

Ok, ela queria se enterrar numa cova, mas o corpo humano aguenta só um certo nível de vergonha antes de explodir por dentro.

— "Ah. Bem... se alguém achar o Reinaldo, espero que seja meu novo amigo Dax. Tenho certeza que passaríamos uma noite agradável juntos." Ela brincava, tentando aliviar o clima, mas sentia uma nuvem pesada sobre a cabeça de Trystan.

Tentou de novo: — "Faz tempo, sabe?" Deu um leve soco no braço dele como sinal de amizade.

Só piorou.

Ele expirou devagar, fechou os olhos um instante e abriu com uma expressão vazia assustadora, enquanto saía em fúria pela porta, derrubando cadeiras e murmurando palavrões que Evie nunca tinha ouvido antes.

— "Senhor? Pra onde vai?"

— "Procurar o maldito sapo antes que algum desses brutamontes ache."

— “Ah...” Evie resmungou, seguindo-o pelo corredor e segurando o braço dele enquanto uma névoa cinza se espalhava dele em ondas escuras, rolando por todos os cantos da mansão.

— “Senhor? Está perdendo o controle de novo?” Ela perguntou, vendo a névoa subir as escadas e espiar por todos os quartos.

Ele se virou e sorriu — pela primeira vez parecia realmente um vilão para ela.

E era... bem, pra ser sincera, até atraente, mas ela não queria dizer isso em voz alta enquanto ondas de magia da morte giravam ao redor de forma ameaçadora.

Um brilho selvagem nos olhos dele fez ele virar na ponta do pé e sair caminhando pelos corredores.

— “Por aqui. Consigo sentir o desgraçado por aqui.” O corredor estava pouco iluminado quando Evie o seguiu, prestes a perguntar se ele queria que ela acendesse uma vela — afinal, ele tinha medo do escuro.

Mas ele nem parou, nem titubeou, só continuou como se estivessem caminhando por uma floresta ensolarada. Ela não tinha vontade de lembrar ele da escuridão se ele parecia decidido a ignorá-la.

— “Quando encontrá-lo, você não vai machucar ninguém... vai?” perguntou, mais curiosa do que preocupada.

— “Depende,” disse ele, virando numa outra passagem, andando tão rápido que Evie mal conseguia acompanhar.

— “Depende do quê?” ela arfava com cada passo.

— “De quem o encontrar.” Trystan virou outra esquina e Evie quase corria para acompanhar.

Ela se curvou, apoiando as mãos nos joelhos e ofegou:

— “Pode ter pena das pobres perninhas mais curtas, por favor?”

Respirou fundo e deu um grito de indignação ao ser jogada por cima do ombro dele, arrastada pelo corredor, com a névoa negra dançando atrás deles.

— “Acha isso engraçado?” resmungou, estalando a névoa enquanto ela se aproximava, e Trystan apertava as pernas dela com mais força.

— “Para de se mexer.”

— “Tá me carregando como se eu fosse um saco de batatas.”

— “Batatas agradam a todo mundo,” respondeu ele sem emoção, virando numa outra passagem, entrando numa biblioteca escura, iluminada apenas pela luz da lua que entrava pelas portas da varanda e janelas abertas.

— “Para comer, não para transportar!” Ela bateu nas costas dele, irritada com a capa vermelha que ele ainda usava, atrapalhando a visão do bumbum perfeito dele.

Azar o meu.

— “Me coloca no chão!” gritou, tentando se soltar, e finalmente ele a deixou de pé, um brilho nos olhos. Uma brisa fria entrava pelas janelas e fazia arrepios nos braços nus dela.

Um lampejo de decisão passou por ele quando ele tirou a capa vermelha do peito e a colocou nos ombros dela.

Sem olhar, amarrando o nó, ele assentiu satisfeito quando os arrepios foram cobertos.

E então voltou à sua caçada, como se nada tivesse acontecido.

— “Aqui!” Ele abriu as portas da varanda com força e foi até o lado onde um galho da árvore se estendia para fora, totalmente fora do alcance.

— “Maldita profecia, hoje vou fazer sopa de sapo,” resmungou.

E foi aí que Evie finalmente avistou Reinaldo.

Sentado no galho, a poucos centímetros de cair.

Para a morte dele.

Capítulo 47

EVIE

— “Não!” Trystan gritou, quase se jogando para fora do parapeito.
— “Se você pisar no galho, ele vai quebrar!” ela gritou de volta. “É fino demais e você é alto demais. Eu que vou!” Ela olhou para as pernas dele e demorou um pouco além do necessário — mas, em sua defesa, poucas ocasiões permitiam ficar encarando aquelas pernas e a forma agradável como preenchiam a calça. Já tinham falado demais sobre aventuras sexuais naquela noite para ela não imaginar aquelas pernas — e o resto dele — pairando sobre ela num quarto escuro, com uma cama macia.

Para de imaginar o chefe pelado, Evie!
E salva o Reinaldo!

As maiores árvores que ela já tinha visto sempre estiveram na Floresta Hickory, mas as que sustentavam a casa eram muito mais altas do que ela imaginava possível, a distância do chão alta demais para medir.

— “É perigoso demais. Não vou permitir,” Trystan insistiu.

Bem, se isso não tivesse definido sua decisão, a falta de “permissão” dele certamente selaria o caso.

— “O que é aquilo!” ela gritou, apontando para o outro lado da varanda. Provavelmente não deveria funcionar com o homem mais malvado do reino, mas funcionou.

Ela tentou não rir da cara confusa dele ao se virar na direção para onde seu dedo apontava — longe do galho.

Exatamente o galho em que ela ia pular. De vestido.

Não olhe para baixo, ela se ordenou.

— “Sage, NÃO—” Ela pulou, voando pelo ar, caindo livre por um segundo antes dos dois braços se segurarem furiosamente ao galho. Seu grito provavelmente não ajudava a decisão, mas o salto já tinha sido dado. Era tarde demais para arrependimentos.

— “Vou torcer seu pescoço, sua tolinha imprudente!”

Evie revirou os olhos, usando a perna para se balançar para cima do galho, mandando outra vez para si mesma não olhar para baixo. Ela fingiria que estava a poucos centímetros do chão, que aquela era a menor árvore da história e que um pequeno escorregão só a faria aterrissar numa cama de grama macia.

— “Senhor, falar assim com o Reinaldo não vai fazê-lo descer.”

— “Eu me referia à outra tolinha imprudente.” Ela não olhava para ele, mas quase podia ouvir os dentes dele rangendo.

Ah, aquele traseiro. Ela olhou por cima do ombro, zombando. — “Você não está no galho.”

A mão grande dele disparou para agarrá-la, e ela gritou, se afastando mais pelo tronco em direção a Reinaldo, suor brotando na testa quando sentiu o galho começar a ceder sob seu peso. O vento soprou forte, o galho balançando com a força da rajada, e Evie se segurou firme, engolindo um grito enquanto as pontas do galho cravavam lascas afiadas nos dedos dela.

— “Sage! Segura firme!”

— “Você é um poço infinito de conselhos úteis,” ela gritou contra o barulho do vento, esperando que o sarcasmo dela passasse pela confusão sonora.

De repente, o galho parou de balançar e o vento cessou, como se um muro tivesse sido erguido para bloquear tudo. Uma névoa escura flutuou sobre sua visão, e ela percebeu que a magia de Trystan formara uma espécie de barreira para mantê-la firme.

— "Não podia fazer isso desde o começo?" ela admirou a barreira, passando o dedo com cuidado pela névoa, e seu chefe soltou um som estranho, quase animal.

— "O que foi?" ela perguntou assustada.

— "Não faça isso de novo," ele respondeu áspero. Mas quando ela inclinou a cabeça para olhar para ele, ele gritou: — "E não se vire. Você... você vai perder o equilíbrio."

Evie teve uma forte suspeita de que não era esse o verdadeiro motivo para ele não querer que ela se virasse, mas obedeceu, escorregando mais até alcançar Reinaldo.

— "Vai, Reinaldo. Sou eu, Evie. Você lembra de mim, não lembra?"

Havia algo faltando no dourado dos olhos do sapo, e o coração dela disparou em batidas rápidas e irregulares.

— "Sua magia pode alcançá-lo?" Evie chamou, tocando a névoa para empurrá-la na direção do anfíbio.

O chefe soltou outro som estranho, e dessa vez ela olhou para ele — e o encontrou curvado, esfregando a mão no rosto.

— "Está difícil?" O coração dela apertou de compaixão, sentindo a dor dele.

Os olhos dele se arregalaram e o som estranho veio de novo, dessa vez com uma respiração pesada.

— "É que..." Ele balançou a cabeça, como se não acreditasse no que ouvira.

Ela franziu a testa e achou melhor explicar:

— “A magia que você está liberando está dificultando as coisas?”

Ele balançou a cabeça seriamente, olhando distraído para o nada.

— “Não é a magia, não.” Ele trincou a mandíbula, focando o olhar nela. — “Eu não controlo a magia. A magia não me obedece.”

Ela inclinou o queixo, encarando a névoa, com um estalo de língua:

— “Hã. Então por que está me ajudando?”

— “Não faço ideia.”

O vento voltou, e a névoa girou em volta da cintura dela, segurando-a no lugar, antes de subir e dar tapinhas na cabeça dela, como quem manda uma criança dormir com um copo de leite morno.

Ela riu e acenou para a névoa:

— “Você é mesmo adorável, não é?”

— “Essa magia já matou pessoas, Sage.”

— “Bem, isso não é parâmetro para adorabilidade. Já vi você arremessar um bloco de concreto na cabeça de um Guarda Valente, e acho que a cara que você está fazendo agora é suficientemente adorável.” Ela mexeu os dedos na frente dele, e o lábio dele se encolheu em nojo.

— “Não há nada adorável em mim, sua pestinha. Eu sou a morte.” As palavras estavam carregadas de raiva, mas Evie viu que ele sutilmente inclinou a cabeça para trás, e ela pegou a expressão dele no reflexo da janela. Ele não parecia bravo nem um pouco.

Ela bufou, e ele balançou a cabeça, passando a mão pelos cabelos bagunçados.

— “Apenas pegue o maldito sapo, Sage, e vamos sair daqui.”

Ela se endireitou, a névoa aos poucos se afastando enquanto ela se aproximava de Reinaldo.

— “Podia me ajudar nesta parte!” ela chamou.

Mas era como se só ela sentisse a névoa; quando ela se aproximava do sapo, ela passava direto, sem tocar ou mover o bichinho.

Estranho.

Mas não havia tempo para questionar, porque em segundos tudo mudou.

A magia voltou para o chefe com tanta força que ele foi derrubado.

— “Trystan!” Evie gritou quando a cabeça dele bateu com força na pedra, justamente quando Reinaldo pulou do galho para a varanda.

Ela lançou um olhar furioso para o sapo, sentindo mais raiva do bichinho do que imaginava ser capaz.

— “Seu filho da mãe—” Snap. Crack.

O galho estava cedendo embaixo dela, e Evie só pôde gritar enquanto balançava a perna e se levantava em cima do galho.

Então ela pulou... e o galho caiu.

Para uma garota que tinha mais do que um pouco de medo de altura, Evie já tinha caído de coisas um número desconcertante de vezes. Uma vez por dia, na maioria das vezes, desde que estava a serviço do Vilão.

E ela tinha a audácia de reclamar por cair da cadeira da mesa.

Mas não importava a altura, na maioria das quedas a coisa seguia um padrão: o corpo demorava uns milissegundos para entender que os pés não encontrariam chão firme imediatamente, e então o coração acelerava e despencava mais rápido que ela, batendo nos dedos dos pés e tirando o ar dos pulmões.

Geralmente, passavam-se só alguns segundos antes de ela voltar ao chão firme.

Ela ainda não tinha caído para a morte, mas achava que as estatísticas iam alcançá-la, dado o ritmo das quedas.

Os dedos dela se esticaram para o corrimão da varanda enquanto caía, esticando, esticando, esticando.

E ela... errou.

Capítulo 48

GIDEON

O fogo da fogueira improvisada dos Guardas Malévolos crepitava a cada graveto jogado. Keeley empurrou outro galhinho com a ponta da bota e virou a cabeça na direção do amontoado de árvores na borda da clareira, afastado dos outros guardas que haviam vindo com ela na missão — os melhores entre os melhores, aparentemente, deixando só os recrutas novatos e alguns "zé ninguém" para trás, depois que o corvo do Vilão chegou trazendo a notícia de que a missão finalmente estava liberada.

Gideon flexionou a mão no punho da espada presa ao lado, um pressentimento sombrio o acompanhando a cada passo, cravando-se na terra.

Ele estava curtindo tanto a companhia dela que quase esqueceu que seu plano era desarmá-la e arrancar a verdade da boca dela. Mas, conforme a noite avançava, isso parecia cada vez mais difícil.

O ar estava fresco e ameno, a orvalho já cobria a grama — um alívio gostoso para o calor do dia. Ele sentia cheiro de limão de novo e começava a acreditar que Keeley tinha enfiado cascas no bolso só para deixá-lo maluco.

Quando ela se virou para ele, sua mão ficou firme na espada, puxando-a para fora da bainha pouquinho a pouquinho. Mas antes que pudesse puxar mais, Keeley decidiu atacá-lo nos joelhos...

De um jeito lento, deliberado e torturante — soltando o cabelo enquanto falava com ele. O gesto era casual e confortável, mas o efeito foi devastador: ele quase abandonou a missão.

Provar se Keeley era culpada ou inocente. Descobrir o que ela escondia.

Só que isso era impossível com a garganta fechando.

— “A troca de turno dos Guardas Valentes será ao amanhecer,” Keeley disse, desfazendo o último nó da trança e deixando uma cascata de fios dourados cair pelas costas. Deus, aquilo devia levar um século para lavar. Gideon quase se ofereceu para ajudar na próxima vez, mas lembrou que ela provavelmente era traidora de todos a quem ele devia lealdade. Acabou com o sonho.

— “Sei. Já fui um deles, lembra?” Gideon soltou o punho da espada e cruzou os braços. “E daí?”

Keeley bufou, tirou um pente grosso da bolsa na cintura, sentou no chão e começou a desembaraçar os fios com força.

Só de olhar, a cabeça dele doía.

— “Então quer dizer que teremos uma brecha para eliminar o próximo grupo e colocar os nossos no lugar para vigiar a guvre feminina.”

Gideon arqueou a sobrancelha desconfiado.

— “Você não acha que vão estar esperando por algo assim?” Ou talvez ela estivesse conduzindo o grupo dos guardas do Vilão direto para uma armadilha. Era a única explicação para ela tê-lo incluído.

Ele era, no melhor dos casos, um prisioneiro no escritório do Vilão, e no pior, um traidor para as mulheres da família dele. Isso o tornava o pior lixo do mundo, e a capitã tinha visto isso assim que colocou os olhos nele. Ele conseguia ver o eco do nojo no olhar dela.

— “Pode ser.” Ela suspirou, os ombros caindo enquanto cruzava os braços sobre os joelhos. “Mas não sei o que mais fazer.” Olhou para ele com tanta sinceridade que ele não conseguiu ficar de pé. Abaixou-se até sentar ao lado dela, imitando a pose, e assobiou.

— “Quer pedir minha ajuda?” Gideon cutucou o ombro dela e observou, divertido, enquanto ela revirava os olhos, mesmo com as covinhas aparecendo.

— “Não.” Ela fez uma pausa, suspirou, puxando o pente com mais força nos fios embaraçados. “Tá bom. Sim. Não quero falhar nessa. O chefe nunca confiou uma tarefa tão importante para a gente. Em todos os anos que trabalhei para ele, sempre deixou as missões mais perigosas para ele mesmo. Se garantindo que ele estivesse em perigo antes de nós.” Havia uma vulnerabilidade honesta na confissão que o cativou. “Não quero decepcioná-lo na única vez que ele deixa a gente realmente ajudar.”

Keeley não era só leal. Tinha tanta honra e devoção ao Vilão que Gideon sentiu uma ponta de culpa por ter duvidado dela tão rápido, sem investigar direito.

— “Você o resgatou quando ele foi capturado pelo rei. Você e as outras mulheres. Não o decepcionou então.”

Ela piscou, como se algo tivesse acabado de clarear pra ela.

— “É um bom ponto.”

— “Em geral, dou esses conselhos só de vez em nunca. De nada.” Ele sorriu, cruzando os braços atrás da cabeça, deitado no chão olhando para as estrelas.

— “Eu estava esperando que você fosse comigo.”

O pescoço dele estalou na velocidade com que ele se virou para ela.

— “Como assim? Você quer dizer nos túneis do palácio?”

Keeley assentiu.

— “Só há dois guardas no turno do amanhecer, porque eles não esperam ataque nessa hora. Todos estudamos o mapa horroroso que você fez—”

— “‘Horroroso’ é forte.”

— “‘Horroroso’ é até elogio,” ela retrucou, revirando os olhos.

— “O ponto, capitã? Antes que meu ego se recupere.” Ele fingiu dor no peito.

— “Como eu dizia... estudamos o mapa, mas sei que seria mais sábio levar alguém que conhece aqueles túneis como a palma da mão. Não vou arriscar os outros só por orgulho.” Ela estendeu a mão, e ele pegou sem pensar.

— “Quero que você venha comigo, Gideon, porque confio em você. Vai ser meu segundo nessa?”

A pequena bruxa sabe das coisas.

Gideon gaguejou, soltou a mão dela e pulou de pé tão rápido que quase a derrubou.

— “Ah, chega! Isso é óbvio demais! Me acha um idiota? Você sabe que eu sei!”

Ela levou a mão ao peito, o lábio tremendo sob o olhar crítico, e Gideon ficou irritado com aquilo.

— “Não sei do que está falando, senhor cavaleiro.”

Gideon puxou-a para levantar e a arrastou mais para dentro da floresta. Ela era forte o suficiente para se soltar e, apesar da frustração dele, ele não puxava com força — mas ela o seguia, confundindo-o demais.

— “O que há com você?” Ela arrancou o braço quando eles estavam alguns passos mais para dentro da mata, a luz do fogo substituída pelo brilho da lua refletido num lago próximo.

— “Vai olhar nos meus olhos e me dizer honestamente que não sabia que eu suspeitava de você como traidora?” Gideon tirou a prova que guardava no bolso e a jogou no chão.

Keeley olhou para aquilo, um brilho nos olhos, antes de encará-lo. E então toda a fachada dela desmoronou.

— “Ah, tudo bem. Eu sabia.”

— “Ha!” Gideon apontou e perdeu o gás de repente.

— “Ah. Não pensei que você fosse admitir.”

Ela pegou as cartas, apertando-as contra o peito de um jeito que fez Gideon se sentir um bobo. O chão rangia sob os passos dela enquanto ela o encarava, o olhar firme sob o escrutínio dele.

— “Estou admitindo que sabia que você desconfiava de mim. Não que eu seja a traidora. Deus, vocês Guardas Valentes perdem toda a razão quando passam pelo treinamento ridículo de vocês, juro.” Ela bufou e mostrou as cartas. — “Leia.”

Ele puxou a gola da camisa, envergonhado.

— “Eu, hum... já li.”

Os olhos dela brilharam enquanto puxava o pente de novo e começava a atacar os nós.

— “E o que, diga aí, você achou tão incriminador quando bisbilhotou minhas coisas pessoais, senhor cavaleiro?”

— “Eu não bisbilhotei,” ele retrucou.

Ela o fulminou com um olhar que deixou o estômago dele em nós desconfortáveis.

— “Bem! Você sabia que o Edwin estava preso! Você não estava na lista de pessoas que sabiam. Eu não podia deixar nada ao acaso! E não queria levar ao Vilão até ter provas concretas.” Ele não aguentou mais o ataque dela ao cabelo, mesmo que ela fosse inimiga. O cabelo dela tinha sido só bondade com ele. Ele arrancou o pente e jogou no lago perto dali.

— “Ei!” ela gritou, passando por ele para pegar o pente na água, mas ele segurou o pulso dela.

— “O pobre objeto pode se afogar. Já cansou de fazer seu serviço sujo.” Esperou até que ela parasse de se debater e a soltou gentilmente. — “Explique.”

Ela se virou e soltou uma risada sem humor, passando por ele para mexer na água rasa, tentando recuperar o danado.

— “O que tem para explicar? Eu sabia do Edwin porque ele mesmo me contou. Eu tive coragem de levar um curativo extra para a cabeça dele. E, além disso, não preciso me explicar para você de jeito nenhum. Você encontrou minha correspondência de um rei e tirou suas próprias conclusões.”

— “Com licença, que outras conclusões eu deveria tirar quando você trabalha para o Vilão e escreve para o inimigo?”

Keeley parou de mexer na água e olhou para ele como se tivesse crescido um segundo par de orelhas.

— “Você não sabe do que está falando.”

Gideon tirou um papel dobrado do bolso e entregou a ela, junto com o maço de cartas.

— “Então explica isso.”

A carta dizia:
Um dia vou te ver, minha princesa — quando for seguro, quando o mundo estiver seguro novamente, estaremos juntos para sempre.

Quando Gideon encontrou as cartas escondidas embaixo da mesa de Keeley e viu quem as enviara...

— “Seu chefe já tinha partido com minha irmã quando juntei dois mais dois. Achei que seria mais gentil para todos se eu confrontasse você diretamente.”

Gideon sentiu-se muito mais velho do que vinte e cinco anos. Suas costas doíam, seus joelhos também, e nada parecia melhor do que um cochilo longo.

— “Essas cartas não são do Benedict,” Keeley disse distraída, comparando a nota com as outras cartas na mão.

— “Todas estão assinadas pelo Rei,” ele argumentou, apontando para o monte. Será que ela achava que ele era burro demais para ver o óbvio? Ou talvez ela tivesse percebido sua paixão indesejada e tentava usar isso a seu favor?

— “Não são do Benedict!” ela explodiu. “Você nem notou que nenhuma dessas cartas tem a assinatura verdadeira do Benedict? Nem o selo de cera? Não? Claro que não. Porque não são dele.”

Gideon zombou.

— “Então quem da sua lista de conhecidos tem a audácia de se chamar ‘Líder de Todos’?”

Havia algo assombrado na expressão de Keeley quando ela abriu a boca para responder:

— “Meu pai.”

Capítulo 49

O VILÃO

As estrelas no céu noturno brilhavam para ele quando abriu os olhos, assim como Alexander Reinaldo, que parecia ter voltado a si tarde demais para salvar Trystan ou Sage de algum ferimento.

Sage!

Ele se levantou, ignorando os pontos negros na visão, cambaleando até o balcão e depois para o galho onde ela estava presa.

Sumiu. O galho sumiu.

— “Não!” Trystan gritou. — “Sage!”

— “Aqui embaixo!” A voz desesperada vindo logo abaixo da beirada do balcão era como uma injeção rápida de alívio direto no coração pulsante dele.

— “Deuses!” Ele correu para o corrimão e admirou o quão rápido aquele alívio fugiu para longe. Lá estava ela, agarrada firme a uma vinha pendurada numa fresta na pedra, braços e pernas apertados enquanto o vento balançava a planta para frente e para trás. — “O que aconteceu?”

Ela hesitou antes de falar, a carranca na testa a deixando ridiculamente adorável a ponto de ele querer sorrir.

— “Aparentemente, estou superando meu medo de altura da pior maneira possível.”

Ele apoiou o queixo na palma da mão, descansando casualmente no corrimão.

— “E como vai isso?”

— “Ah, você conhece minha teoria. Não dá para ter medo se você já estiver morto.” Ela deu de ombros, fingindo soltar a vinha por um instante.

— “Para com isso!” Ele se deitou no estômago, esticando o braço para agarrar o topo da vinha. — “Tá bom, você provou seu ponto, pequeno furacão. Vou puxar você pra cima.”

Ele começou a puxar, os bíceps tensionando a cada puxão, mas sabendo que Sage estava na outra ponta, puxou com mais força.

— “Ah, isso é um daqueles momentos de círculo completo, não é?” ela disse, enquanto ele arfava e se esforçava.

— “Como”—ele ofegava—“você acha”—quase lá—“isso?”

— “Você normalmente empurra pessoas de beiradas, e agora está puxando alguém para cima.”

Não alguém, ele pensou.

Você.

O poder dele se mexeu debaixo da pele quando ela chegou mais perto, e através da malha nas costas dela, ele viu um lampejo de cores do arco-íris vindo da cicatriz. A mão dela afrouxou por um segundo, e uma mão soltou completamente.

— “Agh!” ela gritou, e Trystan sentiu um pedaço da alma dele sair do corpo, provavelmente para nunca mais voltar.

Ele se perguntou se, na hora da morte, alguma entidade sombria que o levasse para o além teria a gentileza de contar exatamente quantos anos Evie Sage tirara da sua vida. Segundo ele, já chegava a uns cinco.

— “Estou bem! Minha adaga queimou minha coxa,” ela disse. Bom. Essa era a única vez que ele permitia uma imagem clara das coxas dela na cabeça — a ideia da pele macia e perfeita sob as mãos dele acalmava cada nervo até puxá-la para cima se tornar automático.

A mão dela alcançou a dele, e ele a colocou sobre o corrimão, então a segurou nos braços, e o impacto fez os dois caírem no chão.

Ele passou as mãos pelas bochechas dela, vasculhando cada pedaço de seu corpo por ferimentos. — “Está machucada? Quebrada?”

— “Além do meu senso de segurança e proteção?” Ela encostou a bochecha no peito dele, respirando pesado. — “Estou bem. Só me deixa recuperar o fôlego.”

Pensar nas coxas da aprendiz já não era aceitável — mas considerando que elas estavam penduradas em volta da cintura dele, a tarefa ficou um pouco mais difícil.

O calor dela deixava tudo rígido dentro dele. E quando digo tudo, quero dizer tudo.

De um jeito terrivelmente embaraçoso.

— “Eu odeio essa casa na árvore estúpida,” ela gemeu contra a camisa de seda dele, o calor da bochecha atravessando o tecido fino, afundando até bater perto do coração dele.

— “Bom. Tenho planos de transformá-la em cinzas antes do próximo amanhecer.”

— “Só certifique-se de que Lord Fowler esteja dentro,” ela resmungou, e a vibração contra a pele dele enviou um arrepio desagradável da cabeça até as pontas dos dedos. A crueldade sincera dela era assustadoramente excitante, provando de vez que Trystan era mesmo um filho da mãe sinistro.

— “Cadê aquela de jogar o jogo dele e se divertir?” ele perguntou, com desdém arqueado.

Ela ergueu a cabeça, e o peito dele gelou com a ausência de calor. Era só temperatura corporal, pouca coisa a ver com sentimento. Exceto por aquela voz irritante que mandava ele puxá-la de volta.

— "Eu me divertiria bastante se o Lord Fowler estivesse pegando fogo," ela disse baixo, com um sutil sorriso nos lábios.

— "Coisa terrível ser do seu lado ruim, Sage," ele falou seco, sugando todo sentimento da voz enquanto ela se afastava dele. Por necessidade. Ela estava a centímetros de encostar numa parte do corpo dele que entregaria muito dele.

Ela se inclinou de volta, pousando a mão no ombro dele para se manter firme, e ele se afastou instintivamente. Ela escondeu a mágoa com um sorriso, e ele se odiou por ser mais uma pessoa na vida dela a causar isso. — "Você sabe bem, não sabe, senhor?"

— "Ha! Eu peguei ele! Peguei o sapo!" Uma voz estrondosa os fez se trombarem enquanto se levantavam às pressas.

Uma multidão se formara na porta do balcão, a luz da biblioteca escorrendo para fora. E diante deles estava um homem que Trystan odiava com uma intensidade que queimava a visão.

Claro, ele nunca tinha conhecido o sujeito antes, mas não precisava saber mais do que isso: Reinaldo estava preso em seu punho, e os olhos famintos e repugnantes percorriam Sage como se ela fosse um petisco a ser agarrado.

— "Ganhei uma noite com A Mulher Malvada!" ele gritou, lambendo os lábios enquanto os amigos batucavam nas costas dele, e Sage se enrijeceu ao lado de Trystan, estendendo a mão para segurar o braço dele.

— "Deuses." O rosto de Sage perdeu a cor, como se todo o sangue do corpo tivesse fugido para lugar nenhum. — "Lord Fowler?" Ela não buscou ajuda em Trystan, e aquilo doeu como uma facada.

Ele tinha sido um verdadeiro babaca para ela nas últimas semanas, mas ela certamente o via como uma opção mais segura que um estranho que a drogara e a forçara a um jantar refém.

Ele acabara de salvá-la da morte certa, não tinha?

Como Trystan suspeitava, Fowler agiu do jeito relaxado de sempre, tirando a coroa falsa da cabeça e colocando-a no homem que segurava Reinaldo nas mãos enormes.

Trystan imaginou aquelas mãos apalpando Sage no escuro, e sua magia escorreu para os pés. Ele nem tentou chamar de volta. Não tinha o hábito de lutar batalhas perdidas.

— "Receio que nosso amigo O Destruidor aqui tenha ganhado seu jogo com todas as letras, senhorita Sage." Fowler estalou a língua, empurrando "O Destruidor" na direção deles.

— "Seu nome é… O Destruidor?" Sage franziu os lábios, olhando para Trystan com uma expressão confusa. — "Isso não é nada bom para mim, né?"

Trystan resistiu à vontade de vomitar.

O Destruidor caminhou até eles, suas botas pesadas batendo no chão até ficar a um passo de Sage. Perto demais.

Trystan deu um soco no estômago do Destruidor antes de agarrar a mão que segurava Reinaldo e torcê-la para trás até o homem gritar e soltar Reinaldo na palma da mão de Trystan.

— "Seu filho da puta!" O homem se debatía nos braços dele, mas Trystan conseguiu segurá-lo com uma mão só, surpreendentemente fácil para um sujeito daquele tamanho. — "Eu ganhei essa vadia de forma justa!"

Trystan suspirou, colocando Reinaldo na mão de Sage. — "Segura ele." E antes que pudessem falar, ele agarrou o Destruidor pelo colarinho e o lançou para fora da varanda.

Ele limpou as mãos nas calças e ouviu o homem gritando enquanto caía.

Sage olhou para Trystan com a boca aberta, e Reinaldo puxou um cartaz que dizia: DESTRUIDO.

Fowler bateu palmas, rindo alegremente enquanto dava um tapinha nas costas de Trystan. — "Muito bem, velho amigo. Ele quebrou três das minhas cadeiras favoritas, e eu não sabia qual punição dar."

Trystan lançou um olhar furioso, e Fowler teve a sensatez de tirar a mão, mas não antes de empurrá-lo contra Sage, fazendo-os ficar cara a cara.

— "Agora reclame seu prêmio!"

O quê?

— "Por favor, escoltem O Vilão e sua adorável aprendiz para a suíte dos amantes."

PORRA . PORRA. PORRA. PORRA.

Não. Isso não está acontecendo.

— "O Vilão ganhou uma noite com A Mulher Malvada!"

Sim. Está.

Capítulo 50

EVIE

Evie achava que havia coisas piores na vida do que passar uma noite sozinha com o chefe. A Doença Mística, por exemplo, percevejos também, e certamente uma noite com O Destruidor entraria fácil nessa lista — lá no topo, sublinhado duas vezes. O cartaz de "DESTRUIDO" do Reinaldo era a cereja do bolo de uma noite perfeitamente ridícula. Ela riu baixinho ao lembrar disso enquanto a porta da suíte dos amantes se fechava atrás deles.

— "Tem alguma coisa engraçada nisso?" Trystan perguntou. Claramente, a noite tinha dado seu melhor para destruí-lo. A calça de seda dele estava rasgada no joelho, e o cabelo, antes bem arrumado, era um desastre irreparável. As sombras sob seus olhos, que eram só manchas roxas no começo da noite, tinham escurecido todo o rosto em poucas horas.

— "Você acha que os pais dele deram esse nome?" Evie perguntou, mexendo nos laços das costas do vestido.

O Vilão observou as mãos dela, receoso, mas respondeu confuso:

— "Quem?"

— "O Destruidor!" ela explicou. — "Será que os pais dele deram esse nome? Ou será um nome de família?"

— "Sage, não há nenhuma chance nesse mundo de que um nome tão ridículo tenha sido dado ao nascer."

— "Você é mesmo a pessoa certa para julgar nomes ridículos?" Ela se abaixou no susto quando uma almofada voou da cama quase acertando sua bochecha. — "Só estou provocando!" Levantou as mãos em rendição.

— “Relaxa. Pode ser pior!” Ela quase falou sobre percevejos, mas desistiu ao ver a cara de dor dele.

— “Não é motivo para alarme,” garantiu ela. — “Vamos passar essa noite, e o Lord Fowler prometeu nos liberar pela manhã. Ele vai entregar a varinha, e seguiremos nossa jornada feliz. Hm.” Ela notou algo. — “Tem um espelho no teto.” Quando olhou de novo, fez um pequeno “o” com a boca. — “Senhor, está bem?”

— “Não.”

— “Você parece que vai vomitar.”

Ele bateu a cabeça na parede, o que a assustou ainda mais.

— “É só um espelho, pelo amor de deus. Você não precisa olhar pra ele. Mas me pergunto: Por que colocariam um espelho no teto?”

— “Porque, Sage,” ele rangeu os dentes, “algumas pessoas gostam de assistir.”

— “Assistir o quê?” Ela olhou para o espelho de novo e percebeu.

— “Ah...” — “Está suficientemente chocada?” ele perguntou, com um gesto de nojo.

— “Estou suficientemente intrigada,” ela admitiu, inclinando a cabeça.

Teriam que investigar em algum momento como O Vilão fazia sons tão estranhos — um cruzamento entre um rugido e o eco de um ganso ferido.

— “Não me diga isso.”

O homem já tinha visto tripas espalhadas pelo chão, mas era isso que o fazia corar feito adolescente?

— “Vou tirar as sandálias,” avisou ela, cuidadosamente mexendo nos laços que iam até a panturrilha.

— “Por que está me dizendo isso?”

— “Porque meus tornozelos vão ficar totalmente à mostra, e eu não quero que você tenha um derrame.”

— “Não confunda minha educação com falta de depravação, Sage. É uma cortesia a você e autopreservação minha manter o controle.”

Ah.

Ele estava insinuando que...

— “Você está sugerindo que seu comportamento contido é por minha causa?”

O quarto estava fracamente iluminado, a luz ambiente baixa lançando um brilho no rosto dele que realçava a escuridão das íris, engolindo as pupilas.

Ele não precisava tocar nela. Não precisava nem encostar para que a voz fosse uma carícia.

— “Estou,” disse ele tão simples, tão aparentemente inocente, e ainda assim tão aterrorizante. De repente, ela ficou desesperada, desesperada para reconstruir a barreira que vinha lentamente destruindo, desesperada para reforçar os limites de ambos, porque parecia que estavam à beira de uma grande mudança.

O problema com a mudança era a novidade. O desejo por ela era evidente, mas cada centímetro mais perto deixava tudo mais real. Ela tinha provocado ele, cutucado, testado, e ele não gostava, não queria.

Ela precisava consertar isso.

— “Na verdade, não sei se sou boa na cama!” ela soltou.

A escuridão dos olhos dele recuou, dando lugar a um brilho selvagem.

— "Por que diabos você diria isso?" Ele arregalou os olhos.

— "Não sei! Achei que poderia aliviar a tensão se eu admitisse. Nunca ouvi reclamações do Rick, mas ele é o único com quem já fiquei, e foi anos atrás. Posso ser péssima. Não faço ideia!"

Ele fechou as mãos sobre os ouvidos, e aquilo fez um retrato tão cômico que Evie riu, nervosamente torcendo as mãos.

— "Isso deve ser castigo divino," ele disse incrédulo para ninguém em particular. — "É a única explicação."

— "Acho que isso não ajudou." Ela tirou os dois sapatos, sentindo alívio imediato nos dedos doloridos. O chefe a olhava como se ela fosse uma criminosa prestes a cometer um ato hediondo contra ele. Muito bem. Ela tentava desarmá-lo para ajudar; teria que tentar de novo.

Pegando um dos castiçais, encontrou a cadeira mais confortável no canto, sentou-se delicadamente e dobrou os pés por baixo.

— "Pelo menos a cama é enorme," comentou.

Quando ele parecia prestes a explodir a cabeça, ela apressou a frase:

— "Porque podemos dormir os dois nela sem risco de ninguém tocar no outro."

— "Não vamos dormir os dois nessa cama." Ele apontou para ela. — "Nem no mundo dos mortos isso vai acontecer."

Ela levantou o queixo.

— "Se dormirmos cada um de um lado, você nem vai perceber que estou lá!"

— “Prometo que vou perceber. Não vou entrar naquele clichê de que começamos dormindo de lados opostos e acabamos enroscados de manhã. Recuso!”

Ela começou a tirar conchas e pedaços de glitter do cabelo.

— “Não planejei me enroscar com nada pela manhã, exceto com o cobertor.”

Uma batida na porta os fez se sobressaltar, como se tivessem fazendo algo escandaloso em vez de debater clichês sobre a existência de uma única cama no quarto.

Um criado mal vestido entrou carregando uma grande banheira, posicionando-a no canto e despejando baldes de água quente.

— “Sua senhoria pediu um banho antes de continuarem com as festividades da noite. Depois disso, ele enviará o jantar para dois.” Com uma reverência animada, o criado tentou sair, mas Trystan o segurou pelo colarinho antes de atravessar a metade do limiar.

— “Naturalmente, se ela pretende tomar banho, vou esperar aqui fora.” O Vilão tentou sair, mas parou quando o criado juntou os dedos em prece e lançou um sorriso para Evie por cima do ombro de Trystan. — “Não olhe para ela. Olhe para mim. No corredor,” Trystan ordenou. — “Vou esperar lá.”

— “Você está mais que convidado a fazer isso, Vilão, mas acredito que Lord Fowler estipulou que, se algum de vocês sair do quarto antes do fim da noite, ele abrirá a possibilidade de substituir o prêmio da Mulher Malvada.”

— “Ela não é um objeto para ser passado de mão em mão!”

Ah, que fofo. E as expectativas de cavalheirismo estavam caindo a pique.

— “Claro que não, senhor, mas devo respeitar os desejos de sua senhoria. Estou sob seu comando.”

— “Tudo bem.” O Vilão soltou o criado com tanta força que ele caiu na porta. — “Agora, uma roupa para a dama. Já.”

O coração dela tentou não apertar com tanto cuidado protetor dele, mas falhou. Ele era honrado demais para ser um canalha desonrado.

Quem ela estava enganando? Ela o queria assim também.

— “Claro. Já volto com algo para ela.”

— “Algo confortável,” Trystan esclareceu com a autoridade de quem está acostumado a conseguir o que quer. Evie queria ser o que ele queria.

Ele já a tinha, de qualquer forma.

— “Claro, senhor! Ah! Antes que eu esqueça, Lord Fowler pediu para eu dar isso a você.” O criado colocou uma longa tira de seda na palma do Vilão, depois cochichou conspiratoriamente por trás da mão. — “Caso as coisas fiquem um pouco… intensas aqui.”

Ele piscou, e O Vilão rugiu tão alto que as paredes tremeram:

— “Saia!”

O criado perdeu a compostura, saiu correndo e bateu a porta.

— “Sage, você não ouviu isso.”

— “Senhor, tenho vinte e três anos e leio romances safados como se fossem moda passageira.” Ela tirou a seda da mão dele, enrolando-a firmemente e dando um nó expert.

— “Se as palavras chegaram à sua consciência, não sei dizer. Nem um tremor no rosto dele quando caiu na cadeira perto da lareira.”

— “Você toma banho primeiro. Eu fico com a lareira.” Ele afastou a cadeira o máximo possível da banheira, o encosto longo bloqueando até a cabeça.

— “Ok,” ela disse com cuidado. — “Vou ficar nua agora.”

— “Não narre.”

Ela achou que ouviu o braço da cadeira rachar.

Ia ser uma noite muito, muito longa.

Capítulo 51

CLARE

Clare Maverine sempre gostou de bibliotecas. Na vila litorânea onde passou a infância, havia uma — não tão majestosa quanto a do Lord Fowler, mas muito mais querida.

Depois que as festividades da noite acabaram e os convidados seguiram para a grande mesa de jantar, Clare fez sua fuga de volta para a biblioteca onde tinha acordado pela primeira vez. Lá entre as pilhas de livros, seu coração doía. Mas qualquer sofrimento no coração podia ser ignorado — ou pelo menos esquecido por um tempo — quando se tinha um livro aberto diante de si, páginas cheias de nada além de novas possibilidades.

Esse livro era menos imaginativo e mais iluminador. Potes de tinta alinhavam o interior do bolso preso na cintura de Clare, e ela tirou o que usava raramente, o de lado direito. Amarelo. Quando começou a infundir sua magia em objetos, agarrou-se à tinta quase imediatamente.

Havia algo mágico em um líquido capaz de criar algo do nada. Para a magia dela, tinta era outro caminho para criação, e cada cor despertava uma reação diferente.

O amarelo era um dos maiores enigmas, mas quando acertava, ajudava a revelar segredos escondidos em páginas ambíguas. Com um movimento do dedo, Clare pegou o líquido amarelo no pote, mexeu devagar entre os dedos e o respingou no papel amassado à sua frente.

Era uma das muitas cartas para a irmã mais nova de Evie espalhadas sobre a mesa de mogno. Ela hesitou em trazê-las, mas não conseguia deixá-las para trás — havia algo na caligrafia, estranho e familiar ao mesmo tempo, as letras todas enroladas, cada T com um traço torto. Tentou encontrar respostas na tinta várias vezes, mas nada. Algo naquelas cartas... não conseguia largar mão.

As velas ao redor pingavam cera devagar nos pequenos suportes onde estavam.

O papel brilhou junto com a tinta amarela, e Clare percebeu várias coisas ao mesmo tempo.

Primeiro: a tinta usada para escrever as cartas não era mágica — as letras não mudavam com o peso do poder dela. Segundo: a tinta amarela grudava em grandes marcas estranhas nos cantos do pergaminho.

Não eram digitais... O que seriam?

Clare pegou uma lupa da mesa e se inclinou sobre o papel, tentando decifrar.

— "Você parece detetive. Procurando um coração?" O comentário de Tatianna, tão inesperado no silêncio, fez Clare soltar um grito e tropeçar na cadeira de madeira antes de se apoiar na borda da mesa.

— "Tem algo aí para reanimar isso?" Clare resmungou, sentando-se com um suspiro antes de voltar à tarefa. — "O que você quer?"

Tatianna franziu a testa, assim como Reinaldo, que estava preso a uma pequena algema de aço no pé, com uma bola pesada presa à corrente. Tinham encontrado aquilo em uma exibição de armaduras, e depois que Alexander a derrubou, parecia natural mantê-lo acorrentado. Foi ideia dele mesmo. Com a consciência dele ficando cada vez mais rarefeita — e perigosa, se a noite servisse de parâmetro — concordaram que mantê-lo preso era o mais seguro para todos.

Incluindo o irmão de Clare, que provavelmente estava sofrendo um tipo agudo de tortura por estar preso uma noite com uma mulher que ele claramente não queria ter.

Mais apertado.

O cartaz do Reinaldo foi seguido pelo dedão palmado apontando para a corrente no outro pé.

— "Alexander." Tatianna ajeitou a coroa dele. — "Está suficientemente apertado para funcionar. Não vou aceitar que você corte a circulação do seu pelezinho."

Ela fez um duplo olhar para o roupão rosa que havia conseguido. Ou talvez não fosse tão milagroso assim — Clare achava que Tati conseguia farejar cores de olhos fechados.

— "Clare? O que é isso?" Tatianna perguntou, apontando para a carta descartada de Lyssa. Nela se lia: "Por favor, venha para seu pai, pequena Lyssa. Permita que ele peça desculpas. Permita que ele faça as pazes." A caligrafia era deliberada, com traços diagonais estranhos nos Ts.

Mas não era o conteúdo que alarmava Tatianna — eram os blobs brilhantes que começavam a se formar sob a tinta amarela que Clare havia espalhado na página.

— "Tinta amarela revela segredos." Clare observava presa à respiração enquanto as manchas começavam a se desfazer, revelando — Crash.

As crises de Reinaldo decidiram dar as caras novamente quando o sapo desapareceu tão rápido quanto tinha aparecido. Em sua forma animal, tudo o que Reinaldo parecia saber era que estava preso a algo pesado.

Peso que ele usou ao seu favor.

— "Alexander, não!" Clare gritou enquanto o sapo tentava pular, a bola no pé batendo em velas, livros e, finalmente (e tragicamente), um grande pote de tinta preta. A tinta preta não segurava a magia de Clare, só apagava. A carta foi banhada por um mar de líquido negro, e as palavras foram perdidas.

Para sempre.

A tristeza arrancou garras profundas no coração fechado dela enquanto aceitava que mais uma vez havia falhado com o irmão.

Mais uma vez, falhado consigo mesma.

— "Alexander!" Clare rugiu, e a culpa a esmagou ao ver a vergonha no rosto do príncipe.

Arrependimento.

— “Mais um episódio,” Tatianna disse, com uma empatia que Clare não conseguia reunir, mesmo sabendo que tudo que deu errado era culpa dela. — “O que eram aquelas marcas?” Tatianna passou o dedo pela borda da página.

— “Não sei,” Clare respondeu, usando um cobertor para tentar limpar a tinta preta, mas era inútil; qualquer pista que começara a aparecer havia desaparecido.

Reinaldo levantou uma placa e Clare achou que, se não tivesse vinte e seis anos, teria se jogado no chão e chorado.

DESCULPE.

Seguido pelo som mais miserável que um sapo já fez.

Pensando melhor, talvez ela se jogasse no chão e chorasse mesmo. Se alguém precisava disso, eram mulheres de vinte e seis anos.

— “Está tudo bem, Alexander. Tem mais cartas na mansão. Vamos checar quando voltarmos.”

— “Se voltarmos.”

— “Tatianna!” Clare repreendeu, dando um passo para ela, mas parou quando o pé afundou num painel escondido. A pressão deve ter acionado uma dobradiça, porque, ao levantar o pé, uma parede inteira se abriu para revelar um corredor escuro.

— “Um túnel secreto!” Tatianna estava animadíssima.

— “Finalmente, algo interessante para fazer. Venha! Vamos ver aonde vai dar.”

— “Você está maluca? Não vou entrar num túnel escuro que leva para sabe-se lá onde! Pode muito bem levar direto para as terras dos mortos, e eu não vou—” Foi interrompida por Tatianna. Bem... Tatianna e seus lábios. Nos de Clare.

Todos os pensamentos coerentes voaram pelos ouvidos de Clare, sobrando só sensação. Clare respondeu com fervor, paixão, e com as mãos.

Por gloriosos dois segundos, antes que Tatianna se afastasse, deixando Clare quente e fria ao mesmo tempo.

— “Vou explorar. Se quiser, venha.” Tatianna piscou, jogando uma trança para trás e levantando um castiçal, a luz a seguindo até a porta secreta.

Clare cambaleou, pernas bambas, atrás da ex-noiva.

— “Espera! E-eu também vou.”

Pegando Alexander na palma da mão, ela entrou no corredor iluminado por tochas e tentou não sentir um frio na espinha.

Especialmente quando a porta se fechou com estrondo atrás deles.

Capítulo 52

O VILÃO

Trystan Maverine estava acostumado aos sons da tortura.
Gritos de dor mortal, gemidos dos desesperados que já entenderam: ninguém viria salvá-los.
Claro, existiam outros sons piores — mas ele já lidava com isso faz tempo.

Nunca, em toda sua vida, a tortura soara como o *barulho de água do banho*.

— "Quase terminou?" perguntou, irritado.
— "Só estou aqui há dois minutos," Sage rebateu. Mais um splash.
Mais uma punhalada na paciência dele.

— "Não acredito em você," retrucou, com sarcasmo. Acreditava sim, mas estava além da razão. Sua mente, que nunca fora lá muito criativa, resolveu agora inventar as imagens mais perturbadoras e distrativas.

Pele molhada, macia, brilhando à luz das velas. Um flash de seio aparecendo logo abaixo da linha da água, fora de seu alcance visual. O rubor corando as bochechas dela — normalmente sinal de raiva — subindo da cabeça até os pés, pelo pescoço, pelo peito, até a barriga, e talvez até... Ele parou a imaginação, não por moralidade, mas para esconder o pedaço do braço da cadeira que ele acabara de arrancar inconscientemente.

— "O que foi isso?" Sage perguntou, água transbordando da banheira.
Ele ouviu o som da queda no chão.
Jogou o pedaço de madeira na lareira.
— "Nada," disse rápido.

— "Pode me passar uma toalha?" ela pediu.
Você pode arrancar meus olhos primeiro? ele pensou.

— "Claro," respondeu, endurecendo a voz para combinar com os outros membros do corpo.

Ele se aproximou da banheira, desviando o olhar para cima. Mas, no caso de Trystan, boas intenções sempre tinham um problema enraizado: geralmente acabavam mal.

Em vez de focar nos entalhes e padrões da madeira no teto, ele se viu encarando o espelho... e viu tudo que tentou evitar.

Como suspeitava, sua imaginação não valia uma mísera coisa.

Nada que inventasse poderia imitar os ombros nus dela, os cachos escuros molhados tocando a água, o rubor da bochecha, a curva da coxa exibida à vista, o pé apoiado na borda da banheira como obra de arte.

Por um momento, sua mente ficou em branco. Tinha que ficar.

— "Senhor! Cuidado com..." O aviso veio tarde demais. Ele estava longe demais para ouvir — ou notar a poça d'água fora da banheira. O pé escorregou, a cabeça bateu no aro de bronze e ele caiu de costas.

Penitência. Os deuses lhe davam castigo por passar de vilão para tarado espião.

Sage apareceu sobre ele, cabelos longos pingando gotas de água com cheiro de rosas na testa dele, o corpo mal coberto pela toalha fina colada à pele molhada.

Penitência ou prêmio? Era o mesmo tormento.

— "Deuses! Você está bem?"
Sim, ele queria responder. *Eu, o mais cruel e maligno personagem da terra, perdi o juízo só de ver seus ombros nus. E você, tudo bem?*

— "Estou bem. E você?" ele disse em vez disso.

Ela olhou para ele estranhamente. Claro, ele agia feito um idiota.

A garantia dele não convenceu. Ela começou com perguntas simples.

— “Qual meu nome completo?”
— “Evangelina Celia Sage.”
— “Quantos anos eu tenho?”
— “Vinte e nove.”
— “Sério?”
— “Sim,” disse ele cauteloso.
— “Achei que fosse mais velha.”
— “O quê? Por quê?”
— “Você parece ter uns cinquenta.”
— “Cinquenta!” ele gritou, levantando tão rápido que Sage caiu sentada, a toalha subindo e mostrando coxas brilhantes e torneadas. “Estou bem. Chega de perguntas.”

Ele estendeu o braço para se apoiar e se arrependeu imediatamente quando os dedos roçaram a pele macia dela — um choque quente fez o braço dele formigar e depois os lábios.

Limpando a garganta, levantou-se e virou as costas.

— “Avise quando estiver vestida.”

Três segundos depois, ela respondeu:

— “Pode virar, mas tenho um problema.”

Quando ele virou, viu que ela ainda não estava vestida, apenas enrolada na toalha grudada nas curvas.

— *Joga a toalha fora*, uma voz maliciosa sussurrou na mente dele. Cada gota de fibra moral que ele tinha nascido com estava se esvaindo com essa mulher. Quando saísse dali, não sobraria nada.

— “Não trouxeram uma camisola — nem nada — para eu me trocar,” ela explicou. “Isso é o máximo que vou vestir. Acho que o vestido de rede não aguenta outra noite.”

— “Tem que ter algo.” Ele vasculhou as gavetas. Nada. Abriu o armário no canto.

Não era nada.

Definitivamente, não era nada.

— “Uau. Quanta corda.” Sage assobiou. “Lord Fowler deve ter se divertido aqui.”

Trystan bateu a porta, soltando o ar dolorido.

— “Minha camisa,” ele ordenou.

— “Você vai ter que usar minha camisa.”

— “Não vai sentir frio?”

Não. Estou a segundos de pegar fogo. Obrigado por perguntar.

— “Vou ficar bem,” ele disse. “Só pega.” Tirou a seda vermelha pela cabeça, entregando-a a ela, tentando não notar o brilho dos olhos azuis dela fixos no peito dele.

Ele não estava flexionando. Estava se alongando. Duas coisas totalmente diferentes.

— “Ob-obrigada,” ela gaguejou antes de jogar a camisa sobre a cabeça, que caiu até bem abaixo dos joelhos. Graças aos deuses, ele nunca pensou que a baixa estatura dela fosse tão vantajosa.

Mas então ela largou a toalha no chão, e ele não viu mais nada como milagre. Se a seda não escondia nada, ele, o reles patife, teve os olhos grudados no peito dela. Sage percebeu — claro que percebeu. Ela notava tudo que ele não queria que ela percebesse. Era seu dom — junto com aquelas rodas malucas na cabeça e as formas inadequadas que fazia com o leite na poção.

— “Desculpa,” ele disse. “Não vi nada.”

— “Por que pedir desculpas?” Ela franziu o nariz. “São só mamilos.”

— “Sage!”

— “O quê!” ela rebateu. “Eu só estava olhando os seus, e não pedi desculpas. Quer que eu peça?”

Se ele pedisse desculpas a ela por só olhar o peito, precisava ser queimado num santuário sagrado por todos os pensamentos que teve sobre o dela.

— “Não,” ele pigarreou. “Nem quero falar sobre mamilos.”

— “Tudo bem. Sobre que parte do corpo quer falar?”

— “Nenhuma!”

— “Orelhas?” Sage perguntou, com malícia. “Orelhas não são sugestivas.”

Naquele momento, todas as partes dela eram sugestivas para ele.

Esse era o problema.

— “Não quero discutir suas orelhas nem nada preso a você.” As palavras dele transbordavam condescendência.

Foi duro demais. Rápido demais. A expressão malandra dela — que, pra ser sincero, ele adorava de um jeito mórbido — desapareceu, dando lugar a uma insegurança mansa que ele odiava pra caramba.

— “Desculpa,” ela pediu, “se te deixei desconfortável. Vou parar. Você está tentando ser profissional, e eu estou atrapalhando.”

Você estraga tudo, Trystan.

— “Sage,” ele começou, mas parou quando ela continuou.

— “Eu te quero. Se não ficou claro — embora eu tenha certeza que ficou claro e já faz tempo — mas entendo que você decidiu manter distância e eu deveria respeitar, e não respeitei. Fiquei provocando de propósito, foi rude e desrespeitoso, então vou parar.”

— “Parar?” ele repetiu, o coração fraco batendo forte, o crepitar do fogo soando distante.

— “Sou sua aprendiz. Isso basta. Eu desisto.”

Não desista, pediu a mente dele. Por favor, não desista de mim. Minha alma patética e torturada está em frangalhos, e infelizmente, é sua.

Mas nenhuma palavra saiu. A boca abriu, fechou, e ficou aberta.

— “Não precisa dizer nada, senhor. Está liberado.” Ela riu de si mesma, autodepreciativa. Maldição dos deuses.

— “Quer o sofá ou a cama?” perguntou, virando-se para olhar o quarto.

— “Você,” ele sussurrou.

— “O quê?” Sage virou a cabeça, olhos arregalados.

— “Você,” repetiu, avançando devagar, dando tempo para ela recuar, mesmo enquanto a mão dele afundava nos cabelos molhados dela, puxando a cabeça para trás. Ela arfou.

— “Eu?” perguntou, a vulnerabilidade na voz quebrando o pouco da reserva dele, da consciência.

— “Você,” disse uma última vez, antes de esmagar os lábios nos dela.

Algo na cabeça dele tentou puxar a lógica à tona de novo. O destino previa que eles se destruiriam. Era egoísmo. Estava errado. Era, com certeza, a coisa mais malvada que já fizera.

Mas ele não se importava.

Trystan Maverine era O Vilão.

E já estava na hora de agir como tal.

Capítulo 53

EVIE

A mente da Evie sempre precisou de um tempinho pra processar quando algo realmente pesado acontecia. Na primeira vez que encontrou O Vilão, ela manteve aquela calma quase sobrenatural diante do maior inimigo do reino. Mas a parte dela que manda entrar em pânico, gritar e chorar fez questão de aparecer — só que sozinha, no quarto, por quase duas horas depois de assinar o contrato.

A boca do chefe nos lábios dela ia cobrar seu preço também, do jeito que a língua dele escorregava pelo seu lábio inferior e fazia sair sons embaraçosos enquanto ela subia na ponta dos pés, desesperada pra ficar mais perto. Os dedos dela bagunçavam o cabelo já todo rebelde dele, só que dessa vez, ela sabia: aquela bagunça toda era culpa dela.

Calor. Ela era um borrão vivo de luz quente enquanto as mãos dele deslizavam da bochecha, acariciando os contornos da cintura, antes de agarrar firme e puxar pra si. Ela se contorcia, ele gemia, e a emoção era tanta que, quando se separaram, ficaram ali, testa na testa, respirando forte.

Ele a encarou, olhos escuros suavizando e depois ficando intensos outra vez.
— “Eu te quero.”

Evie, pela primeira vez, não jogou conversa fora no silêncio que seguiu.
— “O que isso significa?”

Ela moveu a mão do ombro dele até a bochecha, sentindo-se ousada e sem espaço para timidez. Viu o flash do pânico antes que ele começasse a se afastar.
Não hoje, seu covarde. Ela o obrigou a ficar, a viver aquele momento.

A respiração quente dele tremia entre eles.
— “Eu quero tudo que não deveria, e é egoísmo. Sage, o monstro do destino—”

As mãos dela fecharam sobre os lábios dele.
— “Eu sei. Ele te contou um futuro horrível, onde você faz algo terrível comigo, porque sempre fez. Porque essa é a vida que você acredita que merece, e se continuar preso nessa dúvida, é a única vida que vai ter.”

Sem aviso, ela agarrou o pescoço dele e puxou os lábios para um beijo de fogo — a resposta dele foi imediata, nada suave. Uma urgência frenética tomou conta, como se ele estivesse dizendo adeus a algo e quisesse levar o máximo que pudesse antes disso.

As mãos dele estavam por toda parte, deixando rastros de fogo e aquela sensação estranha, quase dolorida, que fazia a pele dela arrepiar.

Ele segurava a cintura dela com força quase cruel, mas Evie tinha o controle agora. A partir dali, tudo pertencia a ela.

Ela pousou as palmas no peito dele e começou a empurrar, passo a passo, até que as pernas dele bateram no sofá no canto da sala e ele caiu — mas não sozinho. Evie montou na cintura dele, pousando suave nos almofadões, e fez um som rouco nos lábios dele enquanto ele a sentava e desfazia o nó do beijo com cada toque.

Na clavícula, no pescoço, mas não mais longe. Evie puxou a boca dele para si de novo, tentando resistir aos sussurros desgastados que ele soltava.
— “Deuses, você me enlouqueceu, Sage. Desde o primeiro olhar, soube que você seria a fonte de todo o caos.”

Os lábios dela pairaram perto dos dele, tão próximos que dava pra sentir o calor. O corpo dela doía, os músculos tensos.
— “Então por que me contratou?”

Ele voltou a si por um instante, olhar sério, dizendo o mais simples que pôde:
— “Porque a ideia de te ver todo dia me fazia sentir algo que não raiva. E eu tinha esquecido o que era isso.”

Era o elogio mais estranho e lindo que ela já recebera, e sorriu, pronta para fazê-lo se arrepender.
— “Tenho uma confissão.”

O olhar desconfiado dele não era nada atraente, mas ela continuou.
— “Aquele sonho sujo que contei pra Tatianna mês passado...? Quando disse que não era como parecia e que era literalmente sobre sujeira...” O desconfiado virou interesse.
— “Sim.” As mãos dele ainda deslizavam na cintura dela, dificultando manter a lucidez.

— “Mentira. Estávamos nos beijando... na sujeira.”

Ele riu antes que ela terminasse e logo estavam se beijando de novo. Dessa vez, a mão dele foi para a gola da camisa, puxando para expor o ombro dela. Ele beijou uma trilha ardente até pegar na mão e fechar ao redor do seio dela. Ela arfou, segurou o cabelo dele quando a boca dele passou pela seda, a língua movimentando o tecido sobre o mamilo até ela soltar os sons mais embaraçosos de sua vida.

Em meio ao turbilhão, ela percebeu a névoa cinza dele rodando preguiçosamente em torno dos tornozelos dela e agradeceu por essa cooperação.

A cabeça dele descansava no peito dela, respirando forte.
— “Estamos quites, então. Já tive tantos sonhos impróprios com você que comecei a organizá-los em ordem alfabética, conforme o ato de corrupção que estávamos cometendo.”

Ela segurou as bochechas dele, fez-o olhar para ela.
— “Eu te quero. Você me quer. Mas por hoje? Para sempre?
E o que você quer? Meus lábios? Meu corpo? Meu coração? Minha alma?”

Ele estremeceu, cada músculo se tensionando.
— “Sage—”
— “São todos seus. Todos. Quer você queira ou não. Eu te dei tudo no primeiro dia, junto com aquele velho cachecol de lã.”

Ela se sentia forte e poderosa, e ainda assim lágrimas queimavam e escorriam pelo rosto. Talvez a verdadeira força estivesse em ser vulnerável, na profundidade dos sentimentos. O maior poder era dos que têm coragem de sentir e sentir de verdade.

Trystan só a olhou, tanta dor no rosto, mas nada disse.

Evie balançou a cabeça, incrédula com a decisão mais madura e sensata que já tomara. Horrível.

Mas se afastou, beijou os lábios dele de leve, brincou com a língua, e empurrou-o com uma mão.

— "Aproveite seus sonhos. Porque enquanto você não for dono do seu próprio caminho, não importa o que o destino diga, enquanto não decidir viver um futuro comigo, por inteiro, esses sonhos serão tudo que terá."

Ela se levantou, deixando-o chocado e estendido como um deus sombrio sem camisa.

Ela queria uma medalha. Um troféu pela coragem. Um convite para a Guarda Valorosa — ou melhor, a Guarda Malévola.
— "Até lá, o sofá é seu. Eu fico com a cama, e você vem me procurar quando quiser tudo de mim."

Jogou as cobertas para trás, o frescor das folhas geladas contra as pernas nuas era uma delícia e ela começou a chutá-las. Ok, nada de sexo hoje, mas ao menos isso.
— "Boa noite, senhor!" Evie sorriu e se enfiou no travesseiro.

Ele respondeu firme demais.
— "Boa noite, Sage."

Provavelmente por isso ela sentou de repente e estalou os dedos.
— "Ah, sim. Esqueci de dizer — normalmente durmo nua. Caso esteja se perguntando. Boa noite!"

Jogou as cobertas até os ombros e tudo valeu a pena. Resistir a ele. Colocar tudo na mesa.

Bem... E o gemido irritado vindo do outro lado da sala.

As pálpebras dela caíram, e mesmo sem o corpo ter relaxado por completo, o cansaço a venceu.

Mais uma noite. E no dia seguinte, voltariam ao caminho.

Mais uma noite.

Mas enquanto Evie caía no sono, não teve sonhos sujos.

Só pesadelos.

Capítulo 54

GIDEON

A noite passou mal e sem sono.
O ar frio do início da manhã roçava os braços de Gideon enquanto ele vestia a armadura prateada da Guarda Valorosa. Um ritual minucioso, que parecia estranho repetir. Ele achava que a Guarda Malévola do Vilão teria jogado tudo de um penhasco ou derretido para fazer armas. O metal tilintava quando ele se curvava para ajeitar as botas.

Ele odiava aquele uniforme, odiava tudo que ele representava. Mas nem sempre fora assim. Houve um tempo em que sentia orgulho de carregar o brasão do rei, de ser um dos poucos permitidos a servir Sua Majestade e sua visão para Rennedawn.

Agora, a armadura só lhe trazia lembranças ruins do que aconteceu na última vez que a usou. E ainda era desconfortável pra cacete. Como ele havia esquecido isso?

— "Como o rei espera que a gente faça qualquer coisa vestindo isso?" A voz de Keeley o puxou de seus pensamentos e ele mordeu a mão enluvada pra não rir.
— "Não ria! Eu já me sinto ridícula o bastante."

Gideon tossiu no punho, levantando um dedo, agradecendo a sorte por haver armaduras da Guarda Valorosa no estoque do Vilão — das que ele mesmo eliminara.
— "Não estou rindo, só observando. Entre a falta de ar."

Enquanto os outros Malévolos esperavam perto, Gideon e Keeley tinham a missão de derrubar os dois Valorosos que chegavam para seus postos, depois se infiltrar para liberar os dois que guardavam a entrada do túnel secreto. Fácil, né? O complicado era libertar a guvre — a fêmea da criatura do destino — sem alarmar o resto da guarda.

— "Sexta-feira casual," Keeley resmungou, andando meio rígida de volta ao acampamento.
— "Pra constar, você está mais ridícula no uniforme do que de costume, e até agora resisti a provocar."

— “No dia em que nos conhecemos, você me chamou de lata de ferro com braços.”

Keeley pareceu genuinamente confusa.
— “Isso não era provocação. Era só um fato que tive a bondade de te informar.”

Gideon não tinha forças para argumentar — a falta de sono pesava, assim como o jeito engraçado dela andar.
— “Tá apertado aí, capitã?”

Metal bateu na canela dele no chute dela e ele amaldiçoou, agarrando a perna dolorida.
— “Desculpa, não devia ter falado de roupa íntima. Por favor, não conta pra Becky.”

— “A ideia de você pensar nisso enquanto pareço uma caixa de ferramentas metálica é absurda.”

— “Keeley, você podia estar com um saco de papel e eu ainda pensaria nessas coisas.”

Tarde demais, imbecil.

Keeley encarou a frente, sem reação — nem um tique. Novo nível: ser ignorado. Gideon sempre foi irritante, mas talvez até essa habilidade estivesse se esvaindo.

Quando o acampamento dos Malévolos apareceu, ele parou e deixou Keeley avançar. Observou de cima da colina, hipnotizado ao vê-la entregar a bolsa para Min. O respeito dos outros ficava claro na maneira como baixavam a cabeça. Min e Andrea, suas sombras, abraçaram a capitã por um momento antes dela partir.

Gideon tropeçou atrás dela pelo caminho secreto, devendo silêncio absoluto. Se fossem ouvidos, era fim do plano.

Mas Gideon era um Sage. E após meia hora segurando a língua, abriu a boca:
— “Com o jeito que você comanda, quase acreditaria que seu pai era rei.”

Keeley levou a mão à boca e sussurrou,
— “Meu pai, se é que foi ele quem escrevia aquelas cartas, era um farsante. As cartas eram da minha guardiã, pra me prender lá. Talvez ela mesma escrevesse, ou pagasse alguém.”

Ela já tinha contado a história: um pai falso, uma mãe que não queria filhos, uma infância sob mentiras para protegê-la — mentira que a mantinha cativa.

— “Não entendo por que faria isso.”

Ela olhou para os arbustos, então levantou a sobrancelha com sarcasmo:
— “Você, de todos, devia entender quem está no poder usando sua ignorância contra você. O rei sabia quem você era o tempo todo. Minha guardiã queria que eu fosse boazinha, então me enganava com tudo — e quando eu não obedecia...” Ela parou, e o sangue de Gideon gelou.
— “Quando você não obedecia, o quê?”

Ela tocou a ponta queimada da trança.
— “Me segurava à força, às vezes amarrava, e cortava meu cabelo.”

Não deixe cortarem meu cabelo, pensou ele, o estômago embrulhando. Será que ela gritava? Esperava alguém salvá-la? Lutava?

Antes que perguntasse mais, dois guardas Valorosos surgiram na colina. Keeley engoliu em seco quando uma flecha passou voando, acertando o olho do primeiro, outra cravou na testa do segundo.

Keeley se endireitou, olhando para Gideon, que segurava a besta no ombro. Ele abaixou a arma.
— “Desculpa. Queria que fosse você?”

Ela brincou com a trança, gesto nervoso que incendiava o peito dele.
— “Tudo bem, senhor cavaleiro. Que bom que você ajuda.”

Ela ajeitou a armadura, colocou o capacete, escondendo o rosto.
— “Pronto?”

— “Vamos libertar uma grávida.” Gideon ajeitou o próprio capacete, vendo só os olhos dourados dela — brilhantes, sorridentes.

A leveza entre eles sumiu quando ele se pôs na postura certa, e Keeley fez o mesmo, a instrução dele da noite anterior funcionando quase perfeitamente.

Depois de meses ensaiando a marcha ridícula — levantar o joelho a cada passo feito por um cisne maluco — Gideon ainda não conseguia parar de rir. Keeley, no entanto, parecia régia e impecável. Uma conquista e tanto.

No túnel secreto, Gideon bateu no padrão combinado, rezando para que poucos conhecessem o toque para não ter sido mudado.

A parede de pedra deslizou, puxando folhas de hera. Dois guardas bêbados estavam lá — como ele previra.

— “Rordon. Luther.” Gideon assentiu, mudando a voz, sem certeza se eles entenderiam.
— “Viemos substituir vocês.”

Garrafas vazias rolavam enquanto os guardas cambaleavam para fora do túnel.

— “Bêbados? Sabia disso?” Keeley segurou o braço dele e o puxou. A porta se fechou atrás deles quando Gideon acionou a alavanca da tocha.

— “Estão sempre bêbados. Nunca levam nada a sério. Por isso ficaram nesse posto.”

Keeley segurou a tocha com as duas mãos, revirando os olhos.
— “Claro. Homens medíocres ganham cargos que não merecem por nascimento. Que novidade.”

— “Isso foi sarcástico.”

— “Foi!” Ela voltou a andar, e ele mal conseguia acompanhar. Estudou o mapa dela — será que estava atrasando?

— “Parece que não sabe quem escrevia aquelas cartas, né? Nunca vieram te visitar?”

Ela afastou uma teia de aranha.
— “Não. Só eu e a minha ‘mãe’. As cartas eram tudo que eu tinha dele.”

— “Não dou crédito a ela, mas você se saiu bem.”

— “Foi elogio?”

— “Infelizmente.”

— “Cuidado para não repetir.” Ela riu, leve.

— “Coincidência mesmo que o tal ‘pai’ fosse rei? Nenhuma ligação com o traidor do reino?”

Ela foi sincera:
— “Não. Quem quer que seja o traidor não tem nada a ver comigo. Mas... quem quer que minha mãe estivesse enganando pode estar atrás de vingança. Quando fugi para Massacre Manor, o Vilão teve pena e me empregou. Nada de mais cartas. Não falo com ela desde então.”

— “Contratou uma criança de doze anos para ser Malévola?”

Ela riu, som alegre e rouco.
— “Claro que não. Me fez arquivista até eu fazer dezessete. Depois entrei para as fileiras.”

Impressionante. Um problema para Gideon.

— “Bom, é uma pista. Quando terminarmos, levaremos isso ao Vilão para rastrear.”

Antes que ele pudesse perguntar o que a deixava preocupada, um grito ecoou no corredor da esquerda. Um grito de dor.

— “A guvre,” Keeley disse, cerrando os dentes.

— “Vamos!” Gideon correu com ela.

Ela apertava a mão no peito, como se um fio invisível entre mulheres puxasse quando uma delas sofria.

Gideon acelerou, sentindo o peso do que estava por vir.
— “Tomara que não sejam dores de parto, senão o resgate ficou mais complicado que o planejado.”

Capítulo 55

BECKY

Enquanto isso, de volta à mansão... Becky encarava a flor da memória, apertando suas pétalas abertas entre os dedos, tentada a esmiuçá-la até que murchasse e desaparecesse no chão. Deixar que morresse e fosse absorvida pela terra. Ela estava a segundos de fazê-lo, jurava — até que Nura Sage apareceu por trás dela e passou os dedos delicadamente pelas pétalas.

— "Você está com cara de vilã, sentada aqui sozinha assim," disse Nura, com um sorriso cheio de empatia, abaixando-se para se sentar ao lado de Becky, no corredor, perto das portas que levavam às masmorras. "Ouvi dizer que o pequeno Roland esteve por aqui."

— "Ele já não é tão pequeno assim." Becky soltou a frase com mais farpa do que pretendia, mas Nura não se importou, apenas murmurou concordando e cruzou os braços sobre os joelhos.

— "Pois é, ele já tem idade para tomar más decisões, não é?"

Becky passou a vida tentando se encaixar em caixas nas quais nunca cabia, só para descobrir que ser sem limites era a liberdade de se aceitar. A traição da mãe tentou aprisioná-la novamente, e nas últimas semanas ela teve que lutar contra isso. Nunca mais voltaria a ser aquela versão moldada pelas opiniões alheias.

Então, ela se desafiou a fazer o que a antiga Becky jamais faria: pedir conselho a duas mulheres que considerava amigas, flertar com um homem pelo qual começava a sentir algo forte e ter coragem de virar as costas para a própria família para não se machucar.

A antiga Becky jamais teria se aberto com Nura Sage.

Mas ela não era mais a antiga, nem uma versão nova. Era simplesmente quem era — orgulhosa, sem vergonha — tentando viver a vida em vez de fugir do passado.

— “Roland provavelmente fez o que fez porque ama minha mãe e quer ser um bom filho. Provavelmente não tem nada a ver comigo, e não acho que ele tenha duvidado das intenções dela antes de cumprir a tarefa.”

As sobrancelhas escuras de Nura se franziram.

— “Você sabe tudo isso, e mesmo assim...” Ela sondou cuidadosamente.

Becky soltou um suspiro cansado, e a flor da memória respondeu, envolvendo uma pétala no dedo dela.

— “Eu sei tudo isso, mas ainda dói muito que meu irmão siga feliz em uma vida que me feriu tanto.” Ela colocou o vaso no chão, e a planta murchou com a distância.

— “E eu odeio não poder destruir essa planta estúpida porque, biologicamente, sou programada para cuidar de tudo que cresce, então não posso rasgá-la sem me machucar, e estou cansada de me machucar!” A flor se inclinou, envolvendo seu dedo novamente, batendo uma pétala como se quisesse confortar.

Consolo. De uma planta.

— “Viu?” Becky gritou. “Como vou destruir algo que segura meu dedo assim?” Ela expirou frustrada, e Nura riu, brilhando um pouco.

— “Ah, querida.” Ela gargalhou calorosamente, um som que Becky lembrava de quando assava biscoitos com a avó. “Você não consegue porque ama. E isso nunca é ruim.”

Becky tentou se desvencilhar da planta.

— “Talvez, mas ainda dói.” A planta puxou de volta o dedo.

— “Ai! Isso também dói, criatura maldita!”

Ela tentou de novo, quando Blade apareceu na esquina, a vendo lutar com a planta no chão, da mesma forma que domava feras.

— “Minha querida Rebecka, acho que Roland não está...” Ele parou, franzindo a testa.

— “O que está fazendo?” Ela respondeu.

O rosto dele estava mais pálido, com manchas roxas sob os olhos — sinais de noites sem dormir ao cuidar da guvre debilitada e separada do parceiro.

— “Deixe-me ajudar.” Blade pegou a planta e puxou suavemente, mas em vez de soltar, uma pétala se arrancou, caindo no chão.

O chão tremeu.

Blade largou o vaso e recuou, deixando-o chacoalhar violentamente.

Nura pulou ao lado dela.
— “O que está acontecendo?”

— “Blade, o que você fez?” Becky repreendeu.

Blade parou, sorrindo torto.
— “Você acabou de me chamar de Bladen?”

— “Senhor Gushiken!” Becky bateu no braço dele, e Blade voltou à ação.

— “Senhora Sage, acho melhor a senhora sair daqui.” Ele falou com leveza, e Nura, estranhamente calma, apenas assentiu e foi para a ala oeste.

— “Você é tão calma. Como?” Becky perguntou.

O sorriso fácil de Blade se transformou numa carranca séria.
— “É fingimento!”

De repente, um clarão saiu da planta, cortando o ar e quebrando uma janela no fim do corredor. Em um flash, Blade pressionou Becky ao chão, cobrindo-a com o corpo numa postura protetora.

— “Deuses,” ele sussurrou, o hálito quente no pescoço dela. “Por que a planta fez isso?”

Becky virou-se de costas para ele, encarando seu rosto. Blade estava apoiado nos cotovelos para não esmagá-la, os dois braços protegendo sua cabeça. Um fio de cabelo escapara do rabo de cavalo curto, e ela não resistiu: passou o dedo por trás da orelha dele. Os olhos cor de uísque de Blade se arregalaram com o toque suave.

Ele limpou a garganta e se levantou, deixando Becky tonta.

— “Acho que não dá para fazer o ‘ele me ama, ele não me ama’ puxando pétalas com essa planta, a menos que você queira perder a cabeça.” Ele riu, tentando aliviar a tensão, e ela quase deixou.

Mas Becky sabia ser séria quando precisava.

O riso dele sumiu quando ela se levantou rápido, e, sem aviso, o beijou.

Os olhos dela estavam fechados, mas sentiu o corpo dele estremecer contra sua boca, um som baixo e rouco vibrando na garganta dele antes que ela se afastasse, quase gritando, atropelando as palavras:
— “Acho que te amo.”

O rosto de Blade ficou tomado por um misto de surpresa e horror.

Becky percebeu isso e soltou um grito:
— “Tá, tchau!”

Ela o empurrou, pegou a planta e correu pelo corredor até sumir da vista dele. Encostada na parede, se admirava por sua coragem — e sentia a vergonha escaldante que aquilo deixava na alma.

Porque ela tinha fugido antes de ouvir a resposta dele.

Ela olhou para a planta, para o lugar onde as pétalas estavam.
— “Desculpa por ter perdido um pedaço, mas se ajuda, eu também rasguei uma pétala.”

Mas, diferente da planta da memória, Becky não perdera um pedaço da sua magia. A planta tinha a magia da luz das estrelas de Nura — uma parte dela — e ao perder a pétala liberou um pouco dessa luz, mas era um mistério para Becky por que a luz atirou para a janela em vez de voltar para Nura. Talvez por causa da magia fraca de Rennedawn. Talvez o reino estivesse piorando.

Geralmente, as magias ficam adormecidas até o nascimento ou um evento traumático ou emocional despertar a força.

A magia de Becky era herdada — raro — e variava de Fortis para Fortis. Mesmo assim, magia fica para sempre dentro do corpo.

Mas essa luz não queria Nura.

E por causa dessa confusão, Rebecka tinha feito a mais atrapalhada declaração de amor da história, terminando com um “Tá, tchau.” Definitivamente, o momento mais embaraçoso da vida dela — sem falar na infração de ética no trabalho.

Rebecka Erring era péssima em flertar. Verdade.

— “Rebecka?” Blade chamou, não levando o “tchau” a sério e espiando a cabeça pelo corredor.

Ela pulou, derrubando a planta de novo. Outra pétala caiu, a flor tremeu, e Becky gritou:
— “Blade, sai!”

Mas ele não foi rápido o bastante.

A luz cortante disparou, atingindo sua cabeça.

Blade caiu no chão, e Becky correu para ele, segurando o pescoço, encostando a orelha para ouvir seu coração — ainda batendo, lento e irregular.

— “Blade! Blade! Abre os olhos!” ela gritou.

Blade abriu um pouco os olhos, sorrindo para ela como se visse algo precioso.
— “Acho que te amo.”

Ele sorriu, fechou os olhos de novo e sussurrou:
— “Tá, tchau.”

Capítulo 56

CLARE

— “Do que isso te lembra?” A voz de Tatianna ecoava pelo corredor escuro. Os túneis escondidos sob a mansão do Lorde Fowler pareciam infinitos, dando voltas em círculos, sem nenhuma luz além do brilho das mãos de Tatianna.

— “Não sei... Quando tínhamos quatorze anos e ficamos presas no sótão da minha mãe?” Clare ouviu o barulho de um roedor e quase esbarrou na parede, quase esmagando Alexander, que estava pesadamente preso no bolso.

Tatianna riu, indiferente como sempre à falta de entusiasmo de Clare. Ela já estava acostumada a isso, a ponto de Clare suspeitar que Tatianna até gostava do seu jeito rabugento.
— “Você lembra o que eu disse quando a porta do sótão bateu?”

Um sorriso involuntário surgiu nos lábios de Clare, acompanhando a doce nostalgia.
— “Você me acusou de ter feito isso de propósito porque queria roubar um beijo.”

— “Você ficou tão vermelha à luz da vela que pensei que ia pegar fogo.” Tatianna riu e virou outra esquina. As paredes pareciam se fechar mais e mais enquanto avançavam no escuro.

— “Porque eu não sabia se você estava falando sério ou não!” Clare retrucou.

— “Eu tinha tanto medo que, se desse esse passo, você me dissesse que não sentia o mesmo, e eu perderia minha melhor amiga.”

Tatianna parou de andar, os cílios caindo, um sorriso triste tocando os lábios pintados de fúcsia.
— “Ironicamente, né?”

Clare franziu a testa, ajeitando Alexander na bolsa.

— “O quê?”

— “Que eu sentia o mesmo, mas mesmo assim nos perdemos.”

Irônico? Ou doloroso? As duas palavras cabiam.

Clare endireitou os ombros e andou na frente, sabendo que era tolice, já que só conseguia ver os próprios pés pela luz de Tatianna. Então, quando o pé dela bateu em algo sólido e imóvel, fazendo-a cair de cara na parede, pensou só: Eu mereci.

Até a parede começar a se mover com um som de gemido e tremor, empurrando Clare para os braços de Tatianna.

— “O que aconteceu? O que eu fiz?” Clare perguntou, segurando uma das mãos brilhantes de Tatianna.

Tatianna parecia mais curiosa que assustada enquanto a parede se abria totalmente, revelando uma sala escondida.
— “Ora, ora... o escritório privado do Lorde Fowler.”

Reinaldo caiu da bolsa de Clare e foi imediatamente puxado para o chão pelo peso preso no tornozelo. O sapo olhou para as duas como se elas tivessem traído sua confiança.
— “Foi ideia sua, Alexander!” Clare lembrou.

Reinaldo bufou e empurrou a bola devagar até um canto, no melhor estilo birra anfíbia.

Clare olhou ao redor, observando Tatianna passar os dedos pela estante empoeirada, ao lado de uma grande escrivaninha de carvalho com um milhão de tralhas em cima. O lugar parecia um escritório comum, só que com uma pitada de bizarrice. O padrão xadrez da cadeira acolchoada contrastava com as estrelas pintadas na lareira.
— “Tati, não mexe na estante!”

Mas Tatianna não ouviu e continuou a vasculhar as prateleiras.

— “A coleção mágica dele. O que você acha que tudo isso faz?” A curandeira pegou uma pequena vela com uma chama violeta.

Clare arregalou os olhos para os pés de Tatianna.
— “Hum... Tati?”

— “Hmm?” Tatianna não tirava os olhos da vela.

— “Você está... flutuando.”

Tatianna franziu o cenho, olhando para os próprios sapatos brilhantes, a alguns centímetros do chão.
— “Ah. Interessante.”

Clare suspirou e puxou as pontas do cabelo.
— “Baixa isso. Por favor.”

Tatianna largou a vela para pegar outro objeto.
— “De onde você acha que ele tirou tudo isso?” perguntou, inclinando um raio dourado. Um clarão elétrico disparou, rachando a escrivaninha ao meio. A boca de Tatianna abriu-se enquanto a poeira baixava.
— “Ops.”

Clare agarrou as mãos de Tatianna, puxando-a para longe da estante e da mesa destruída.
— “Para de mexer nas coisas. Pelo amor de deus.”

Aquela onda intensa de emoção que sempre sentia quando tocava Tatianna subiu pelos braços dela, ainda mais forte quando as mãos da curandeira se entrelaçaram às suas.
— “Às vezes eu me pergunto o que teria acontecido se Trystan nunca tivesse ido com o rei Benedict naquele verão,” Clare sussurrou, mantendo os olhos presos nas mãos unidas.

Tatianna as soltou, mas um formigamento fantasma ficou para trás, e uma expressão de dor cruzou seu rosto.
— “Clare... você acha que todos os nossos problemas são culpa do rei Benedict?”

Não. Clare também pensava que a culpa era de Trystan, há tempo demais para ser perdoada.
— “Eu sei que não foi só isso. Eu sei. É só que...”

— “Não consegue deixar de pensar que teria sido diferente?” Tatianna perguntou, apoiando Alexander sobre a mesa.
— “Não teria. Você sabe tão bem quanto eu que o problema não era o rei Benedict, nem o Vilão, nem que eu quisesse trabalhar para ele.”

Clare lambia os lábios, sentando devagar na cadeira xadrez. Uma pequena lanterna iluminava seus olhos, que pareciam derrotados.
— “O que mais poderia ser? Eu te amava.” A voz dela quebrou.
— “Eu te amo. Desde antes de saber o que isso significava. Você sempre foi o que eu quis, a pessoa com quem eu queria estar a cada segundo. Esses anos sem você foram”—engoliu em seco—“os piores da minha vida.”

O lábio de Tatianna tremia, e o peso seguro dos ombros dela se perdeu quando se aproximou e sentou em frente a Clare.
— “Achei que depois que eu fui embora, você viria até a mansão — que viria atrás de mim — mas você desistiu.”

Os olhos de Clare se encheram de lágrimas, uma trilha quente escorrendo pela face.
— “Não desisti. Achei que estava fazendo a coisa certa. Que estava te salvando de ficar presa comigo e minha culpa.”

— “Sua culpa por quê?” Tatianna perguntou, tentando alcançá-la, mas Clare afastou as mãos, sem confiança para se deixar tocar, sabendo que não merecia.

— “Eu não consigo.” Clare balançou a cabeça, mãos trêmulas no colo.

O olhar de Tatianna endureceu.
— “É sobre sua mãe, não é?”

Clare se levantou tão rápido que derrubou um copo, recuando para evitar que ele caísse no tapete, que ficou intacto.
— “Por que... por que você acha isso?”

— “Porque ela foi o problema, Clare.” Tatianna levantou-se e usou sua magia curativa para varrer os cacos como se tirasse algo da pele.
— “Para você, para Trystan, para Malcolm. Ela era fria e cruel, e forçava vocês a conquistarem um afeto que ela nunca teve. Arthur era o único que mostrou devoção verdadeira, mas isso não apagou o que Amara fez.”

Clare balançou a cabeça, emoções tão frágeis que não queria revelar mais. Mas não conseguiu parar.
— “O que você acha que ela fez?”

As mãos de Tatianna foram às bochechas de Clare, segurando seu rosto, obrigando Clare a olhar nos olhos castanhos.
— “Ela fez vocês pensarem que o mundo é só preto e branco, certo e errado, bem e mal. Por causa disso, Trystan decidiu que só pode ser uma coisa — e você também acredita nisso.”

— “Está dizendo que o mundo é cinza e que ela estava errada?” Clare fungou.

Tatianna pousou os lábios na testa dela, pressionando suavemente até que um soluço escapou.
— “Amor, eu digo que o mundo é cheio de cores, e sua mãe tentou tirar isso de vocês.”

Clare recuou assim que Tatianna largou suas bochechas, tentando recuperar o fôlego, esfregando os olhos. Não queria mais afundar na tristeza, encarando sua ex-noiva, a mulher que deveria ter sido sua esposa, com determinação de aço.
— “Como eu recupero isso?”

O sorriso de Tatianna não era mais triste — era esperançoso, brincalhão, tudo o que elas já tiveram, junto num só.
— “Bem... Varinha!”

Clare piscou.

— “É uma metáfora, ou...?”

— “Não! Olha!”

Clare seguiu o dedo de Tatianna até a pata palmada que Reinaldo indicava no outro lado da sala. Lá, cravada na cabeça de um unicórnio montado na parede — falso, graças a deus — estava uma varinha mágica no lugar do chifre.

— “Meus deuses!” Clare correu para pegar, mas Tatianna a deteve.

— “Não! Você acabou de me mandar parar de mexer nas coisas. Pode ter encantamentos. Não podemos puxar assim!” Tatianna avisou e estremeceu.
— “Ah, você me forçou a ser a responsável. Nunca vou perdoar você.”

Um momento de calma e diversão pairou no ar enquanto elas encaravam a varinha. Então Reinaldo se livrou do peso no tornozelo.

O sapo pulou em cima da varinha, apoiando-se até que o longo pedaço iridescente caiu no chão com um baque.

As duas congelaram, mãos levantadas, como se protegessem a si mesmas de um teto caindo.

Clare suspirou.
— “Ok. Acho que estamos salvas.”

Mas então as paredes começaram a tremer, os objetos nas prateleiras chacoalhando.
— “De velhice?” Tatianna brincou enquanto um rangido horrível vinha do canto.
— “Provavelmente.”

E Clare percebeu que não, o teto não ia cair.

Mas as paredes... as paredes estavam se fechando.

— “Clare. Corre. Agora.” Tatianna empurrou Clare, e elas dispararam corredor afora, deixando o escritório para trás. O chão tremia sob elas, que aceleraram até encontrarem um beco sem saída.

— “Tati, mexa-se!” Clare gritou, passando por ela e tirando um frasco de tinta laranja da bolsa. As paredes continuavam se aproximando.

A tinta flutuava enquanto Clare a manejava, e num só movimento, ela queimou a parede de pedra com a tinta derretida. O tijolo começou a dissolver diante delas, lentamente, enquanto as paredes se fechavam.

Capítulo 57

O VILÃO

Alguém estava tentando invadir.

Trystan — que mal conseguira uma hora de sono — acordou com um barulho de estalos. Sem pensar duas vezes, saltou do sofá torto e desconfortável, jogando-se na frente de Sage, protegendo-a com as costas, os olhos vasculhando freneticamente o ambiente. Guardando-a.

De calças de seda vermelha.

Se isso vazasse, teria que chutar um monte de filhotes de gato, um por um, para recuperar sua reputação. Ele se perguntou se chutar guardas Valentes teria o mesmo efeito.

Sua névoa os envolvia, ocultando a luz crescente do sol entrando no quarto — mas era inútil. Ele praguejou baixinho quando um pedaço da parede perto da cama de Sage cedeu e duas figuras tropeçaram para dentro.

Sage pulou para fora de trás dele, adaga cortando o ar como um açougueiro bêbado de hidromel.
— “Voltem, canalhas!” Ela investiu contra as figuras sombreadas, mas os olhos de Trystan se ajustaram, e ele agarrou Sage, que se debatia, por trás.

— “Eu me retracto,” disse ele incrédulo.
— “Você não é um furacãozinho, você é um maldito furacão. Para de esfaquear!” Ele puxou ela para trás antes que ela acertasse alguém.
— “São Tatianna e Clare!”

E Reinaldo, que pulou segurando uma placa sem palavras, só com um desenho mal feito de caveira e ossos cruzados.

— “Ah!” Sage falou, com alegria desproporcional para quem acabara de bancar a destemida. A adaga caiu no chão, e ela correu para abraçá-las.
— “Que bom vê-las!”

Clare lançou um olhar para ele — daquele tipo que só irmãs mais novas dão aos irmãos mais velhos quando os pegam numa situação para zoar depois. Talvez até o dia da morte.

— “Está usando a camisa do Trystan, Evie, querida?” Tatianna perguntou, com desgosto óbvio na voz.

— “Você está usando o batom da Tatianna de novo, Clare?” Trystan retrucou, voz dura.

As bochechas pálidas de Clare ficaram vermelhas como fogo enquanto ela achava o espelho mais próximo e esfregava a boca com o dorso da mão — o espelho estava no teto, claro.

— “Gostou da noite com A Mulher Malvada, Trystan?” Clare perguntou, com sorriso de gato.

Trystan sentiu vontade de pegar ela no colo e enfiar os nós dos dedos no cabelo dela.

Ele estava pronto para dar desculpas atrapalhadas, se enroscar em justificativas para salvar a própria pele — e principalmente para proteger Sage da vergonha. Mas parecia que a aprendiz já tinha passado da vergonha há muito tempo, porque ela pegou a adaga de novo, empurrou Trystan para o lado e foi em direção ao corredor de onde as duas haviam chegado.

— “Ele podia ter,” disse Clare olhando por cima do ombro com aquele olhar de gelo que só os irmãos mais novos sabem usar.

Sage revirou os olhos, o olhar congelado no pescoço de Trystan, como se cortasse a espinha dele. Ela tinha aperfeiçoado o olhar fantasma.

Como se ele não tivesse problemas demais.

— “Bem. Não gostamos nem um pouco das paredes nos túneis quase nos esmagando,” Tatianna falou, tirando o robe rosa e colocando nos ombros de Sage, apertando o laço com um gesto carinhoso.
— “Mas acho que valeu a pena.”

— “Pra nos pegar com cara de culpadas?” Sage perguntou, puxando a barra do robe para não tropeçar.

— “Também isso.” Tatianna deu de ombros, tirando algo do cinto do robe.
— “Tcharam!”

Trystan ficou boquiaberto.
— “É a varinha mágica?”

Clare assentiu, a expressão se fechando como se tivesse lembrado de algo terrível. Talvez o fato de Trystan ser seu irmão.
— “Ouvimos uns guardas falando de uma escada na base da árvore. É ligada à mansão da árvore. Acho melhor sairmos antes que Fowler tenha mais ideias malucas.”

Trystan calçou os sapatos e pegou a varinha da mão estendida de Tatianna, encaixando-a na bota, enquanto colocava Reinaldo no ombro.
— “Guiem o caminho.”

Eles saíram da suíte dos amantes, mas pararam ao ver um guarda no corredor. Tatianna jogou um pó no chão perto dele, e todos assistiram o homem cair até bater a cabeça no chão.

Até Trystan gemeu.

— “De onde tirou isso?” perguntou ele, impressionado.

— “O estudo do Lorde Fowler tinha muitos objetos intrigantes,” Tatianna respondeu com um mistério na voz.

— “Por aqui,” Clare anunciou.

— “É perto da biblioteca.”

Eles avançaram pelo corredor silencioso até achar um painel solto. Trystan chutou e descobriu uma porta circular, com escadas que desciam infinitas andares. Ele arregalou os olhos.
— “São muitos degraus.”

Sage bateu a mão na testa.
— “Você tem a mesma quantidade na mansão!”

— “Sim,” concordou Trystan.
— “Mas eu tive a inteligência de instalar um elevador mágico.”

Sage bufou indignada enquanto começava a descer.
— “Você não tem elevador mágico.”

— “Claro que tenho. Não espero que todos no escritório subam e desçam isso todo dia. O Stuart da contabilidade tem joelho ruim, e o Marv tem asma. Não sou tão cruel — embora seja uma meta a alcançar.”

Tatianna beliscou o braço dele, passando o dedo no pescoço, sinalizando para ele parar — mas já era tarde demais.

— “Tem um elevador esse tempo todo e eu não sabia?” Sage bateu no braço dele com as duas mãos.
— “Que tipo de tortura psicológica são essas escadas?”

A reação dela era estranha. Ele tinha quase certeza de que tinha contado sobre o elevador no dia da orientação dela. Mostrou até as cabeças primeiro para ela se acostumar, e ela só riu nervosa e elogiou a decoração, ele ficou distraído olhando o sorriso dela e uma pinta no colo do pescoço dela, e... era isso. Nunca contou sobre o elevador. Ficou muito distraído com aquela pinta no pescoço.

— “Eu...” Ele parou, percebendo que a raiva dela era mais segura que a verdade.

— “Sim. Achei engraçado não contar para você. Mua-ha-ha-ha.” Tentou uma risada sinistra, mas saiu meio robótica, como um fantoche.

— “Ah, Trystan.” Tatianna esfregou a têmpora, se colocando entre Sage e ele antes que a aprendiz atacasse novamente com a adaga.

Degrau por degrau, desceram até o final, onde uma grande raiz bloqueava a saída. Trystan a afastou e abriu caminho para o ar frio do amanhecer.

Ele parou, congelado.

Do outro lado, com um sorriso malicioso...

Estava Lorde Fowler.

Capítulo 58

EVIE

Evie estava muito frustrada com o tal elevador para se preocupar com Lord Fowler. Estava cansada, não usava nenhuma roupa íntima, e pior de tudo — estava com fome.

"Haverá um assassinato em breve," enviou o pensamento para sua adaga, que saltou para a coxa dela, num salto que Evie interpretou como empolgação. Ela murmurou:
— "Calma. Você ainda não pode ficar violenta."

Olhou para cima e encontrou todos observando com cara de quem não entendeu nada.

— "Você está falando com suas roupas íntimas, Sra. Sage?"

— "Cale a boca, Fowler," Trystan rosnou.

— "Não. Eu realmente não estou usando nenhuma roupa íntima," Evie declarou.

— "Sage!" Trystan apertou, os olhos negros dele ficando selvagens quando ela encontrou seu olhar.

Ela levantou as mãos, genuinamente confusa.
— "O quê? Você já sabia!"

— "É mesmo?" Fowler sorriu, olhando para Evie como se pudesse ver através da blusa fina dela. Ela cruzou os braços sobre o peito, e o chefe percebeu.

De repente, a névoa escura disparou e prendeu Fowler na árvore, grudando sua bochecha contra a casca.

— "Solte-me, Vilão! Foi só uma brincadeira!" A voz dele perdeu o tom de deboche, entrando em pânico.

— “Eu acho essa brincadeira divertida,” Trystan disse seco, empurrando o rosto de Fowler ainda mais contra a árvore, fazendo Evie quase ouvir a pele arranhando. Ela lembrou do gosto dele por decapitações e temeu para onde aquilo ia descer.

Que confusão.

Ela agarrou o braço de Trystan sem pensar, mas ele não se moveu. O corpo dele estava tão imóvel que o toque dela não causou nem um pequeno reflexo. Apertou o braço, testando, e ele congelou ainda mais, tensionando músculos que ela nem sabia que existiam.
— “Senhor?”

— “Eu o matarei, e então seguiremos felizes viagem.” Trystan apertou a névoa no pescoço de Fowler, que começou a engasgar.
— “Se tiverem objeções, nem as percam. Não me importo.”

Sem modos.

Evie deu um bufar.
— “Tudo bem, Drama Queen, mas eu não ia reclamar. Só queria avisar pra você não enrolar. Perdemos uma noite de viagem por causa desse idiota, e eu quero encontrar umas calças logo.”

Os ombros dele afrouxaram como nó desatado, e a cabeça dele caiu até o olhar fixar nela.
— “Deixe-me entender. Sua única objeção à morte de Lord Fowler é que eu posso demorar demais?”

Evie soltou um suspiro.
— “E mesmo assim você já está demorando.” Ela foi até um toco próximo e sentou, passando os dedos pelos cachos bagunçados.
— “Me avise quando acabar.”

Fowler, quase se afogando, quase rindo, olhos brilhando com interesse.

— “Ela é brutal, não é?” ele conseguiu dizer.

— “Você nos sequestrou!” Evie retrucou.

— “Não quis dizer isso.” Ele bufou, virando os olhos de um jeito que parecia fazer o corpo todo dela se virar também.

— “E para você, minha cara.” Lord Fowler se aproximou com todo charme e carisma de quem esteve a segundos da morte. Evie sentiu um tecido macio deslizar em suas mãos.

— “Tenho algo à altura de uma vilã do seu nível.”

Vilã.

Lá dentro, todos os mecanismos de trava giraram em perfeita sincronia, firmando-a de uma forma que nunca sentira antes. O tecido amassado entre os dedos, macio e da cor das partes mais profundas e escuras dos olhos de Trystan.

— “Oooh, Vilã Evie?” Tatianna se aproximou, desdobrando o tecido e segurando o vestido curto de viagem contra o peito de Evie, assobiando.
— “Mais uma promoção, sortuda! Eu trabalho com o chefe há seis anos e nunca fui promovida!”

— “Tati, você é a única curandeira do escritório. Começou no topo e ficou lá,” Trystan comentou, olhando a peça que Fowler dera como se fosse uma bomba-relógio.

Tatianna se escorou em Evie, fingindo desmaiar com uma mão na testa.
— “Oh, meu Deus, que emoção!” Tati bateu as pestanas para Trystan, fazendo Evie rir.
— “Posso me aposentar, então?”

Ele só encarou a curandeira.
— “Eu te odeio.”

Evie bufou antes de se esconder atrás de uma das árvores maiores para trocar de roupa. O tecido claramente era de qualidade superior, deslizando suavemente sobre a pele, e as calcinhas curtas por baixo foram uma surpresa adorável para viagem.

— “Olha!” ela gritou, correndo de volta para o grupo, os sapatos que Fowler deu parecendo nuvens sob seus pés.

Todos olharam para ela, inclusive Fowler, que permaneceu para assistir o show que era o staff do escritório do Vilão. Ela levantou a saia, e Trystan segurou o pulso para impedir.

— “O que está fazendo?”

Ela se soltou e mostrou.
— “Calcinhas curtas!” O sorriso sumiu quando ela viu o chefe com as mãos nos olhos.

Ele espiou por entre os dedos, limpou a garganta e fez um gesto como se tivesse algo profundo para dizer.
— “Calcinhas...uh, bombachas.”

Malandro.

A risada de Fowler foi cortada pela magia de Trystan que riscou sua bochecha como um soco.

Clare foi ajudar Evie a fechar os botões do corpete costurado nas costas. A brisa da manhã gelava a pele dela enquanto Clare fechava o tecido aberto.

— “Então é isso, Lord Fowler? Podemos ir embora?”

Ele apontou para os cavalos e para a clareira além.
— “Livres para ir! Podem até cortar pela vila Phoenix, já que estão indo para o sul.”

Tatianna franziu o cenho.
— “Evie e o Vilão são rostos conhecidos em Rennedawn. Não podemos correr o risco de sermos reconhecidos.”

Fowler acenou com a mão.
— “Ah, tenho certeza que os moradores não vão notar. Vocês estarão perfeitamente seguros.”

— “E por que tem tanta certeza?” Clare perguntou.

Fowler deu de ombros.
— “Talvez porque está nublado. As pessoas notam menos quando o sol não está brilhando.”

Um som horrível fez o chão vibrar, e Evie levou as mãos aos ouvidos.
— “O que foi isso?”

— “Um filhote?”

Outro rugido alto.
— “Um filhote com dentes?”

— “Ah, a fênix roxa; os moradores a adoram, e ela os protege, mas com a magia enfraquecida, ficou um pouquinho violenta.”

Ele disse isso com um encolher de ombros que irritou Evie.

— “E você não faz nada para ajudar? Isso é sua terra! Essas pessoas são sua responsabilidade.”

Fowler só cruzou os braços e encostou no tronco grande da casa.

— “Sou nobre, minha cara. Minha única obrigação é ser indulgente, fazer uma boa ação por mês, e receber anos de elogios por isso.” Piscou.
— “Já fiz minha boa ação do mês ao deixar vocês partirem com essa varinha mágica. Talvez daqui a vinte e nove dias.”

A adaga vibrou na mão dela. Ela tentou puxá-la para si, então apontou a lâmina para Fowler.

— “Vai deixar pessoas inocentes sofrerem? Gente que conta com você?”

Não deveria ser surpresa para ela que, ao escolher ajudar ou ferir, muitos escolhem ferir. Na infância, aprendera que eram os vilões que faziam essa escolha, mas agora sabia que eram os reis e lordes vaidosos — os que aceitam o amor, mas não a responsabilidade.

O dia que parasse de se surpreender seria o dia que jamais se recuperaria. E a cada pedaço novo de feiúra, esse dia parecia mais perto.

Mas não hoje.

Ela chutou o estribo e montou no cavalo, acelerando num trote e depois num galope.

— “Sage! Onde vai?” Trystan gritou, o som dos fivelas atrás dele indicando que os outros vinham.

— “Não seja herói, Sra. Sage!” Lord Fowler gritou, mas o tom estava entediado.

A adaga brilhou na mão dela, a cicatriz arco-íris latejando no ombro em resposta. Sorriu, sentindo a raiva fria percorrer cada veia.

— “Oh, eu não vou.”

Capítulo 59

EVIE

Ah, adrenalina — aquela velha parceira que te transforma de vítima em heroína num piscar de olhos. E Evie, com seus cachos voando ao vento, sentia isso enquanto galopava pela Floresta Hickory, em um ritmo quase impossível de acompanhar. Seu corpete preto mantinha as costas firmes, a ponta da adaga apontada para fora, firme na mão.

Ela imaginou o quadro que pintava para quem a visse de longe: mulher selvagem, cabelos ao vento, vestida de preto, cavalgando feito guerreira rumo ao monstro. “A Mulher Malvada”, iam cochichar. “Ela é tão malvada quanto dizem.” Ou... ela seria.

— “Vai!” ela exortava o cavalo com poucas palavras. Sabia que incentivo valia mais que chicotadas e ameaças.

A trilha se abriu, e antes que pudesse dizer algo mais, ela estava na rua de paralelepípedos, direto para a praça da vila. Gritos e correria para todos os lados, quase sempre fugindo da criatura à sua frente. Um rosnado no ar foi seu aviso: uma bola enorme de fogo roxo voou por cima dela, atingindo uma casa próxima.

O cavalo levantou as patas traseiras.

— “Calma, calma!” ela acalmou o animal, levando-o longe da praça com jeitinho. — “Não se preocupe. Eu vou levar ele pra longe.”

De volta ao centro, segurando firme a adaga, ela se abaixou só pra ser agarrada de repente — o bicho de penas roxas com garras afiadas cravou a pata na sua perna, puxando-a para cima. Ela gritou, cravou a lâmina no pé da fera e ele a soltou. Caindo no telhado de palha, ela gemeu: sangue escorria pelo tecido escuro da calça, manchando vermelho o tecido opalescente. “Maravilha.”

A fênix berrava acima, lançando chamas roxas em três casas seguidas. Pessoas se escondiam e gritavam, inclusive uma criança que mal deveria ter mais de três anos, chorando sozinha.

— “Alguém ajude!” Evie gritou, mas ninguém a escutou. Entrou em pânico ao perceber que não havia lugar seguro para pular do telhado.

Ela era boa em quebrar coisas, mas e se a criança caísse mal?

A menina caiu, chorando.

— “Já vou!” Evie deslizou até a beirada, furiosa com tantos adultos ignorando a criança. — “Socorro!”

Antes que pulasse, algo a envolveu: algo cinza, escuro.
— “Senhor?” chamou Evie, reconhecendo a magia do Vilão. Trystan apareceu, montado em seu cavalo negro, parecendo o terror que o reino temia.

Mas Evie sabia quem ele era.

Ele desceu do cavalo, pegou a menina no colo e murmurou palavras que Evie não ouviu, mas que fizeram a criança se acalmar, sorrindo timidamente. Seu coração disparou — e fez piadas desconfortáveis.

Trystan entregou a menina à mãe chorosa, que o abraçou forte. Os outros moradores observavam chocados.

— “Obrigado, Sr. Vilão!” a menina gritou, a voz chegando até Evie, que viu o chefe endireitar os ombros com o agradecimento.

— “Eu sou malvado, pequena. Fiz isso por... propósitos malignos que você ainda não conhece,” ele disse seco.

— “Tipo o quê?” gritou um senhor, desconfiado.

— “Não seria um vilão muito bom se contasse meus planos,” Trystan respondeu, virando o cavalo para a casa onde Evie estava.

— “Isso é desculpa de quem não sabe o que está fazendo,” cochichou uma mulher para uma jovem.

— “Não é!” Trystan rebateu, mas o ombro caiu enquanto cavalgava até Evie.

Ela riu, mesmo se sentindo tonta de sangue.

— “Como é ser colocado no lugar por um grupo de estranhos que você conheceu há dois minutos e meio?”

— “Como é estar desempregado?” ele respondeu.

— “Como é levar uma pedrada na cabeça?”

— “O quê?” Trystan olhou para cima e levou uma pedrinha leve no crânio. — “Ai!”

— “Não é bom, então?” Evie anotava como se fosse uma descoberta científica.

A mão dela estava coberta de sangue; rapidamente a levou de volta à perna, aliviada por o sangramento finalmente ter diminuído.

— “Deadlands, Sage! Você está sangrando?” Trystan gritou.

— “Claro que não, estou fazendo pintura a dedo,” respondeu com ironia.

— “Desça aqui!”

Ela olhou para o lado do telhado e assentiu. — “Você manda.”

Rolou pela lateral e ficou no ar um segundo antes de um corpo grande aparecer para ampará-la.

— “Não quis dizer que pulasse!” ele arfou.

— “Você não especificou, senhor.” Ela cutucou o nariz dele.

Ele encarou. — “Quer me matar?”

— “Só na próxima semana.”

Ele a levantou como se fosse um saco de batatas, e ela gostou disso mais do que devia.

Então lembrou dele segurando aquela menina, imaginando por um instante pequena diferente — com olhos escuros, perigosos, e cachos negros... Menos do que devia.

— “Santos deuses,” ele disse, tentando estancar o sangue enquanto procurava Tatianna.

— “Está tudo bem.” Ela afastou as mãos dele.

— “Você tem um buraco!” ele resmungou.

Outro grito da ave, e Evie precisou morder o lábio para não rir. Trystan demorou três segundos para alcançar a piada.

— “Como você consegue ser tão grosseira mesmo agora?”

— “Talento especial.”

Ele a pegou pela cintura e a puxou para longe quando outra bola de fogo veio em sua direção. — “Sage, não há o que fazer por essas pessoas. A magia da ave está fora de controle. A não ser que queira matar o bicho. Mas saiba que ele vai ressuscitar em minutos. E provavelmente mais bravo.”

Ela segurou o ombro dele firme e se manteve firme. — “Não vou abandonar essas pessoas.”

— “Por quê?” ele gritou. “Você não as conhece, e elas não fariam isso por você.”

Ela prendeu o olhar dele. — “Não faço isso pelo que fariam, faço porque é o que faço.”

Um muro invencível passou pelos olhos dele, que assentiu com rigidez antes de ajudá-la a montar no cavalo. O cavalo dela fugira para longe.

— “Tudo bem, Sage,” disse o Vilão enquanto montava atrás dela. — “Se vamos fazer uma boa ação, temos uma vantagem que os Guardas Valorosos não têm.”

Ela sorriu curiosa. — “Qual?”

Ele sorriu de volta, com aquele covinha na bochecha. Ou será que a perda de sangue lhe dava alucinações agradáveis? Mas era real, só Trystan Maverine poderia desfrutar tanto do que disse em seguida:

— “Não jogamos limpo.”

A névoa negra os seguiu enquanto galopavam para a ave.
— “Senhor, sua magia. Devo me afastar?”

— “Não,” ele disse resoluto. “É imprevisível com você, mas poderosa. É a única coisa que pode nos ajudar agora.”

A adaga dela brilhou, assim como a cicatriz, quando se aproximaram da fênix.

Evie mal sentia a dor na perna — ou o ferimento era melhor do que pensava, ou pior ainda. Otimista, preferiu acreditar no primeiro.

— “Qual o plano?” perguntou, inquieta, enquanto paravam abruptamente diante da ave. O animal exalava uma raiva ameaçadora em ondas de fogo. Mas para Evie, parecia... triste.

— “Não morrer,” Trystan disse seco. — “É o que tenho até agora, foi uma surpresa.”

— “A jornada toda não foi surpresa?” ela resmungou, segurando o braço dele para ajudar a desmontar.
Ela levantou a adaga, sem soltá-la. Fênixes eram gentis, não destruíam tudo. E embora a fênix roxa fosse rara, era conhecida por sua bondade.
— “Eles são gentis. Isso é triste demais.”

A ave gritou e lançou uma bola de fogo. Ela se jogou em Trystan, que bufou:
— “Eles são tão gentis quanto eu.”

— “Oh, senhor! Gênio!” ela pulou animada, agarrando o braço dele.

Ele coçou o pescoço, embaraçado.
— “Não diria gênio. Sou só estratégico, lógico, nada mais —”

Evie não ouviu o resto. Precisava agir rápido antes da coragem sumir. Correu para o animal, braços abertos.

Ia abraçar aquele pássaro cuspidor de fogo.

Capítulo 60

O VILÃO

Trystan já tinha vivido o bastante, de verdade. Pelo menos era o que Sage parecia pensar, já que ela não se importava em fazer ele quase estourar os vasos sanguíneos de tanto gritar enquanto ela abraçava um pássaro imortal, descontrolado e assassino — e o apertava com toda a força. A criatura se debatia, tentando enfiar o bico enorme no pescoço dela.

Mas, como sempre, Sage agarrou o pescoço do bicho num abraço inquebrável. O bicho não conseguia alcançá-la.

— "Está tudo bem," ela murmurou, acariciando as penas roxas. Trystan se aproximou devagar, sabendo que um passo em falso seria desastre.

— "Sei que dói, que é confuso. Não vou te deixar," ela sussurrou no ouvido do monstro. Ele ficou atônito com o poder das palavras dela.

E com o impacto de cada gesto, cada toque que ela fazia.

Era ainda pior porque agora ele sabia o que era tê-la assim — aberta, dócil, entregue. Ele achava que só um gostinho bastaria para diminuir o desejo. Diminuía — só que em seguida, queimava ainda mais forte.

— "Evie..." ele sussurrou.

O bicho parou no abraço e... piou, como um passarinho!

— "Isso não pode estar funcionando," Trystan murmurou incrédulo.

Mas estava.

A ave gigante curvou o pescoço, enrolando-se às costas dela.

Ela se afastou e olhou para o monstro destrutivo com um carinho feroz:

— “Está tudo bem sentir medo. Eu sinto sempre. Mas descontar isso no que a gente ama só piora.”

Ela puxou o pé para fora, mostrando o ferimento.

— “Um segundo de trégua não vale uma vida de arrependimento. Concorda?”

O pássaro trincou um som — e jogou uma chama roxa na perna dela.

— “Merda!” Trystan rugiu, correndo para ela. O bicho gritou em sua cara e o derrubou feito um fiapo de poeira.

Quando ele levantou, esperava ver Sage em chamas, a pele chamuscada — e seu próprio espírito saindo do corpo ao testemunhar aquilo. Mas não. Ela brilhava. A perna curada, sem vestígio de sangue ou tecido rasgado, girando no ar, as saias rodopiando, o corpete brilhoso refletindo a luz.

E, como se o absurdo não bastasse, as nuvens se abriram e o sol finalmente apareceu, iluminando Evie. O vestido não era preto; era um prisma de cores girando e mudando a cada movimento.

Ela era cor. Todo o colorido do mundo estava ali, diante dele.

Evie Sage está destinada a ser sua queda, e você a dela.

Até que ambos decidam trilhar seu próprio caminho — e não apenas aquele imposto pelo destino. Porque, se não, os sonhos serão tudo o que terão.

Trystan já aspirava a outras coisas antes de Evie, metas e planos que ainda importavam. E havia um amiguinho verde que precisava dele. Ele era o Vilão — mas quem seria se desistisse disso? E, principalmente, mereceria Evie?

Você sempre teve o talento de destruir tudo e todos, não?

Se a única coisa boa que fez na vida foi garantir a felicidade dela, que assim seja — mesmo que o destino dele vire cinzas.

Ele sobrevivera sem cor por 29 anos — podia fazer isso de novo. Tinha que fazer.

A fênix o observava enquanto ele avançava, mãos estendidas em reverência.

— "Estou com ela."

Era um animal, claro, mas Trystan jurava que viu um olhar cético — ou seria só ele? Os olhos vermelhos da ave eram sombrios, tristes.

Sage tocou delicadamente o bico e murmurou:

— "Vá. Voe para longe, para um lugar grandioso. Quando restaurarmos a magia, você poderá voltar, sem sentir que perdeu o controle."

O sol queimava seus olhos e ele teve que esfregá-los.

Um anel de fogo surgiu em volta dela, chamas roxas a aprisionando.

Ele correu até ela, sentiu o calor das chamas queimando seus braços, mas ela segurou suas mãos, puxando-o para dentro do círculo antes que ele se queimasse mais.

Ele a abraçou pela cintura para se equilibrar, testas juntas.

O ombro dela brilhava, a adaga na mão também — e, por um instante, ele sentiu que também estava brilhando.

Ela cutucou o nariz dele e franziu o rosto.

Eu te amo, pensou.

A fênix piou tristemente, olhando para os aldeões que gritavam e apontavam, armados contra quem antes protegiam.

Aquele sentimento de compaixão — ele ia vomitar num balde depois.

Olhando nos olhos da ave, ele falou firme:

— "Eles vão te perdoar. Se não, sempre terá um lar na Mansão Massacre. Temos o hábito de acolher perdidos."

A fênix soltou um último grito e alçou voo, deixando a vila em silêncio enquanto o fogo virava cinzas.

O cheiro de palha queimada e fumaça coçava seu nariz, explicando a ardência nos olhos.

Ele tossiu.

— "Como sabia que isso funcionaria?"

Sage deu um olhar certeiro.

— "Você disse que eles eram gentis como você. Até vilões precisam de um pouco de doçura de vez em quando. E perdão mais ainda."

Trystan passou a mão pelos cabelos precisando de um corte urgente.

— "Eu não ligo pra perdão."

Ela o viu direto.

— "Tá bom, então. Você tá certo, eu tô errada."

Não parecia vitória.

Eles acharam sua irmã e Tatianna, curando duas crianças com queimaduras.

Tatianna sorriu para a menina que ele salvou, tirando um lacinho rosa do cabelo e prendendo na trança da garota.

Trystan congelou ao notar todos os olhares nele.

Era um efeito dominó: um a um os aldeões ligaram que aquele homem e aquela mulher eram capazes de render uma boa recompensa.

Ele esperava que chamassem a Guarda Valorosa, gritassem, apontassem — fosse o que ele tinha sido por anos: rejeitado.

Mas, em vez disso, um senhor idoso se adiantou e começou a bater palmas.

— “O que ele tá fazendo?” Trystan resmungou para ninguém.

— “Isso se chama aplaudir, Tryst,” Clare sussurrou.

— “Eu sei. Por que agora?”

A menininha avançou, a mãe atrás, até chegar aos pés dele.

— “Oi,” sorriu ela, bochechas coradas, “Aqui, Sr. Vilão.”

Na mão, um dente-de-leão — para um pedido.

Ele olhou para a flor e para a menina, seus cachos encaracolados dando um nó no peito enquanto pensava no futuro que jamais teria.

— “Obrigado,” disse, garganta apertada mesmo sem fumaça.

— “Faça um pedido,” ela sussurrou.

Ele fechou os olhos e soprou.

As sementinhas voaram, parecendo neve no ar.

— “Obrigado, Sr. Maverine? Como prefere ser chamado?” perguntou a mãe nervosa.

— “Não sei. Nunca perguntaram,” ele respondeu.

Algumas risadinhas nervosas ecoaram.

— “De qualquer forma, obrigado por salvar minha Annette e a todos nós por livrar da fera.”

Sage murmurou:

— “Aposto que a ave não foi o único monstro aqui.”

Trystan olhou para os homens ao fundo ainda segurando as foices.

Sua ira era tão forte que todos largaram as armas de uma vez.

— “Lembrem-se, quando chegar a hora, que perdão é coisa de cachorro. Se cachorro faz, vocês também podem.”

Cada vez mais ameaçadora, ela reforçava o ponto.

Ele lutava para não se sentir orgulhoso.

— “Vamos?” Sage perguntou a eles e a Reinaldo, que apareceu meio dormindo da bolsa da Clare, coroa torta.

— “Dormiu bem?” ele zombou, montando o cavalo com o sapo no ombro.

O grupo seguiu pelas ruas de pedra.

Ouviam despedidas calorosas.

— “Agora vamos para a fronteira? Ou param na casa da sua... mãe?” perguntou Sage.

Ele respirou fundo, sabendo que essa parte do caminho era a pior.

— “Não podemos entrar na minha vila normalmente. Minha mãe tem olhos em toda parte e saberá que viemos. Vou pedir a um contato para organizar uma entrada discreta pelos cais da Vila Benevolente.”

Sage franziu a testa.

— “Pelos cais? Que contato?”

Clare e Tatianna trocaram olhares e Clare sussurrou:

— “Não! Trystan, você não perguntou para o Jellyfish Jones! Nem você é tão sádico.”

— “É masoquismo, na verdade. Isso dói tanto em mim quanto em vocês,” ele resmungou, galopando.

Sage correu ao lado do cavalo.

— “Alô, senhor do mal? Quem é esse tal Jellyfish Jones?”

— “Diz rápido e talvez ela não perceba,” ele respondeu.

Tatianna lançou um olhar mortal.

— “Jellyfish Jones é o melhor pescador do sul do continente. Seu barco é lendário.”

Clare acariciou o braço de Tatianna.

— “E ele é o pai da Tatianna.”

Evie estremeceu.

Tatianna lançou um olhar protetor, e Evie sorriu.

— “Estou animada para conhecê-lo.”

— “Deveria, Sage. Vocês têm muito em comum,” Trystan sorriu para Tatianna.

Ela jogou a cantil nele, acertando em cheio.

— “Com sede?”

— “O que temos em comum?” Sage perguntou, sem entender nada.

— “Você verá. E me avise se notar algo suspeito,” ele sussurrou.

Ela riu, confusa, mas os olhos brilhavam. Por ele.

— “Trystan!” Tatianna gritou, galopando atrás dele.

Ele riu até os cais e o mar Lilás.

Quase esquecendo por que nunca mais deveria rir. E o perigo que vinha junto.

Quase.

Mas não totalmente.

Capítulo 61

GIDEON

— “Bem. Pelo menos sabemos que a estão mantendo aqui,” Gideon avisou, enquanto eles escalavam o muro ao lado esquerdo de uma escada de pedra que levava a um túnel. Ele não fazia ideia de quantas horas já haviam passado, mas o ronco no estômago dizia que era hora do almoço.

Keeley suspirou, seca:

— “Será que os gritos desesperados de uma mãe em dor não eram garantia suficiente disso?”

Gideon coçou o queixo.

— “Sim, mas estou tentando ser o lado positivo dos dois, já que você parece ter dificuldades nisso.”

Erro fatal.

Só pelo olhar de fogo que recebeu, já sabia que tinha vacilado.

— “Sou capitão da guarda do mal. Meu trabalho não é ser positivo, é ser realista, para garantir que ninguém morra.”

— “Do seu lado,” ela corrigiu, olhando por cima do muro para os guardas Valorosos no recinto abaixo.

— “O que?”

— “Você garante que ninguém morra do seu lado, e faz um ótimo trabalho nisso. Quem serve ao Rei Benedict claramente não pensa assim.”

— “Como assim...?”

— “Pelo menos quatro guardas Valorosos morrem toda semana com pontualidade. E, na real, o rei nem se dá ao trabalho de lembrar seus nomes.”

— “Mas ele sabia o seu,” Keeley disse baixinho. “Sabia, usou isso contra você, e você não merecia.”

Gideon abriu a boca, soltando um suspiro curto.

— “Acho que essa foi a coisa mais gentil que já me disse.”

Keeley revirou os olhos e o empurrou, sem força.

— “Aproveite, porque também é a última vez.”

Apontou para a escada.

— “Vamos despachar alguns dos seus antigos colegas? Provavelmente rostos novos, pela rotatividade que você descreveu.”

— “Muito legal.”

— “Nunca disse que era legal.”

— “Eu sei. Só estou tentando pensar positivo,” ele respondeu, sombrio.

Keeley estremeceu.

— “Para com isso.”

Colocou o capacete, escondendo seus cabelos dourados.

— “Vamos.”

— “Siga meu passo,” Gideon comandou, indo à frente.

Era o maior risco da jornada. Se os guardas suspeitassem, avisariam o quartel, e eles seriam capturados. Mais uma vez, ele falharia com Evie.

Keeley o acompanhou até os dois guardas de sentinela na entrada da jaula da guvre. O animal parecia exausto, com uma ferida enorme na cabeça que despertou uma fúria inesperada em Gideon.

Ele endureceu a voz, tirando qualquer humor.

— “Bom dia, senhores. O rei solicita sua presença no escritório — imediatamente. Estamos aqui para substituir vocês.”

O suor escorria no pescoço dele, mesmo com o frio do subterrâneo.

Os dois guardas ergueram os capacetes, sobrancelhas arqueadas com suspeita.

— “Quem manda?”

Keeley engrossou a voz.

— “O rei.”

Os guardas se entreolharam, depois focaram em Gideon. Ele os reconheceu — tinham sido seus instrutores no primeiro dia no Palácio Reluzente, implacáveis em cada sessão.

Um deles se inclinou para frente, cerrando os olhos.

— “Oy! É o maldito garoto Sage!”

O maior agarrou Gideon pelo pescoço, enquanto o outro cercava Keeley.

Num movimento rápido, o homem puxou o capacete dela e a jogou contra as portas da jaula. Gideon rosnou, desembainhou a espada e cortou o braço do homem até ser solto.

Ele ouviu o clangor da luta dela.

Não podia ajudar se fosse perfurado.

A espada do inimigo chocou contra a dele, vibrando pelo braço. Empurrou o homem e cortou a coxa, abrindo um corte entre as armaduras. O guarda caiu.

Gideon ergueu a espada para acabar com aquilo, mas antes que pudesse, Keeley apareceu por trás, cortando a garganta do outro.

Ele caiu ao lado do primeiro, já desacordado, provavelmente pelo golpe dela.

Gideon encarou Keeley, capacete no chão, respirando pesado, faca ensanguentada numa mão, a outra no peito.

Ela acenou para ele.

Ele tentou falar, mas só conseguiu um trêmulo:

— “Obrigado.”

Ela o olhou nos olhos, com uma expressão que ele não conseguia decifrar.

— “De nada, senhor cavaleiro.”

Eles arrastaram os corpos para uma cela vazia, fora da vista.

Keeley caiu de joelhos e desdobrou o mapa que Gideon tinha feito, espalhando-o com cuidado para não rasgar. O cuidado dela com algo que ele criou o deixou bobo.

Sobrancelhas douradas franzidas em concentração.

Então, ele sentiu uma pontada no peito.

Azia terrível.

— “Certo. Eu distraio ela na frente enquanto você solta a coleira. Depois, saímos com ela.”

Gideon balançou a cabeça.

— “Não vai dar. Contávamos que a guvre fêmea saísse sozinha, mas ela está sedada. Não temos força para arrastá-la.”

— “Como sabe que está sedada?”

— “Olhe para ela.”

A guvre cambaleava entre as pedras, arrastando as garras para alcançar a tigela de água cheia de insetos e sujeira.

— “Provavelmente deram uma dose de sedativo. Temos que esperar passar.”

Keeley levantou as mãos.

— “Não podemos esperar! Seremos presas fáceis.”

Gideon abriu a boca, mas ela o interrompeu:

— “Se fizer piada de ‘presas’ agora, eu te mato.”

Ele fechou a boca.

Ela suspirou, esfregou os olhos e se endireitou, sentindo dor.

— “Ainda dói?”

Ele se aproximou, mão perto das costas, mas sem tocar.

— “Sim, mas já fui machucada pior.”

Ela deu de ombros, como se nada.

— “É como uma ferroada.”

Ela o olhou pelas pestanas douradas.

— “Se ficarmos muito, uma nova turma vai chegar para o turno.”

— “Demora. Devem estar no começo do turno. Quando os novos chegarem, o sedativo já vai ter passado.”

Ele a observava, engolindo seco.

— “E se não passar a tempo?”

— “Você pega a perna esquerda dela, eu a direita.”

Ou seja?

Eles morreriam.

Capítulo 62

EVIE

Evie Sage só tinha visto o Mar Lilás uma vez quando criança.

Foi no seu sexto aniversário, com o céu limpo, e uns passarinhos engraçados que desceram para roubar pedaços do seu bolo.

O pai dela berrava, chutando areia, todo vermelho de raiva, mas Evie não se importava.

Quando ele saiu com Gideon para pescar, Evie cortou o maior pedaço e foi até a enseada onde os pássaros cinzas cochichavam e batiam asas. Mergulhou os dedos na água, pensando que nunca tinha visto nada tão roxo.

— "Com licença?" — chamou com cuidado. Os pássaros olharam para ela, prontos para atacar o doce na sua mão, mas pararam. Talvez lembrando do pai bravo que os espantara.

Evie odiava o medo.

— "Está tudo bem." Sorriu e ajoelhou na areia macia do vestido fino. — "Tem bolo pra todo mundo."

Arrancou um pedaço e jogou para o pássaro mais perto, que se aproximou e beliscou a mão dela. Uma pena grande estava faltando numa asa — uma ferida nunca curada.

— "Alguém te machucou, passarinho?" — sua voz apertou o coração.

O pássaro avançou, cutucou a palma dela, e ela deu outro pedaço, que ele acolheu, enfiando a cabeça na mão dela.

— "Minha mãe diz que cicatriz é sinal de que fomos valentes."

Ela se levantou e fez uma reverência.

— “Você é um guarda valente para mim.”

Passou o resto do dia alimentando os pássaros e olhando o mar, tão aberto, tão misterioso.

Foi o melhor aniversário da vida dela.

Este agora, porém, prometia ser o mais interessante.

Evie, Trystan, Tatianna e Clare chegaram aos docks, com capuzes cobrindo os rostos para não serem reconhecidos. Não podiam se arriscar a ser parados de novo.

Reinaldo estava cada vez mais apático, e o chefe menos paciente.

Foram silenciosos, e Evie se entreteve vendo Tatianna e Clare trocarem olhares longínquos.

O sol do meio-dia queimava a pele dela quando desmontou e entregou as rédeas para Trystan, que não lhe deu atenção, jogando uma moeda para o tratador de cavalos.

— “O barco dele fica no fim do cais,” Trystan falou grosso, encarando adiante.

— “Como saberemos qual é o barco do pai da Tati?” Evie perguntou, curiosa.

Um grupo de homens os assobiava e zombava enquanto passavam. Trystan a puxou de lado, longe do barco, e fez um som estranho para os homens.

Eles se calaram e desviaram o olhar.

— “Você acabou de chiar?” Evie perguntou.

— “Não, algo ficou preso na minha garganta.” Ele empurrou ela para frente. — “Continue. Você vai reconhecer o barco.”

Ah, claro.

Era rosa.

— “Não acredito que isso está acontecendo.” Tatianna gemeu, Clare pousou uma mão delicada no ombro dela.

Um homem alto, forte, desceu do topo da embarcação pintada de rosa e dourado. Tirou o casaco, também rosa. — “Pássaro anjo!” Gritou, correndo para pegá-la nos braços e girá-la. — “Finalmente posso cometer crimes com você!”

Ele tirou o chapéu com penas e segurou no peito, rosto bonito com marcas de idade, cabeça careca, pele marrom brilhando de suor.

— “Papai, você não está cometendo crimes,” Tatianna resmungou.

— “Sou cúmplice, certo?” Ele piscou para os outros.

Evie engasgou rindo e, ao ser fulminada com o olhar de Tatianna, se encolheu ao lado de Trystan.

— “Clarissa!” Ele beijou as bochechas de Clare, que sorriu para o homem que conhecia desde sempre. — “Vocês estão juntos de novo?”

— “Pai! Deus do céu!” Tatianna gritou. — “Vou embarcar. Me avisa quando sairmos.” Ela subiu a prancha vestida para combinar com o barco.

Clare o abraçou forte e entrou atrás dela, como puxada por um ímã.

O homem voltou a olhar para Evie, olhos quentes, sorriso aberto. — “Evie Sage, certo? Eu sou Jones, mas as crianças me chamam de Jellyfish Jones. Depois de um ferroada que levei.” Ele riu ao ver a confusão dela, cheiro de mar e algo quente, talvez afeto.

Constrangida, Evie sentiu as lágrimas subirem e devolveu o abraço, limpando o rosto antes que Trystan a encarasse com severidade.

Ela desviou o olhar.

— “E Trystan!” Outro abraço, mas ele ficou rígido. — “Olhe tudo que conquistou! Empresário!”

Trystan lançou um olhar ameaçador por cima do ombro de Jones que dizia: “Se falar disso de novo, vai se arrepender.”

Ela ergueu a sobrancelha, dizendo “Eu já vou me arrepender de qualquer jeito.”

O canto da boca dele tremeu — dente de coelho? — e o coração dela bateu forte.

— “Todos a bordo!” Jones chamou, empurrando-os para subir.

Entrar no barco era como entrar em outro mundo, todo feito para o gosto da Tatianna.

— “É tão…”

— “Rosa,” Trystan completou, com um raro brilho de diversão.

— “Cor favorita da Tati,” Jones explicou. “Quando viajo, isso me ajuda a pensar nela e não sentir tanta falta.” Abraçou Tatianna, que sorriu, grudando no pai com amor relutante.

— “Poderia só pintar o leme, pai. Isso foi demais,” Tatianna brincou.

O Capitão Jones pintou o barco inteiro de rosa para não sentir falta da filha.

Evie sentiu um nó no estômago.

— “É tão doce.”

— “Soltem a âncora!” Jones virou de pai amoroso para capitão experiente.

O barco sacudiu, navegando para águas abertas. O lilás da água escureceu, e, mesmo com o calor, Evie estremeceu.

— “Capitão Jones,” Trystan disse depois de alguns minutos, “Sage e eu precisamos do banheiro. Continua no mesmo lugar?”

Jones acenou e quase arrastou Tatianna para o leme. Clare seguiu atrás, e Reinaldo pulou no ombro do capitão, mostrando um cartaz:

SAUDADES

— “Ah, também senti saudades, Alexander,” Jones disse, acariciando o sapo.

Tanta afeição. Incondicional. Bonita demais — e tão longe dela.

— “Sage, eu preciso muito ir,” Trystan falou estranho.

— “Não pode esperar até estarmos mais longe?” Evie perguntou. “E por que eu preciso te acompanhar?”

Alguns da tripulação, antes ocupados, olharam para O Vilão com curiosidade.

— “Comi uns nabos ruins,” Trystan mentiu.

Evie sentiu na hora que ele nunca tinha tocado em um nabo.

Seguiu ele mesmo assim.

Os risos da tripulação eram às custas dele, que parecia não ligar, andando com ares de quem conhece cada canto do barco.

— “Senhor, sou a favor do exagero, mas suas necessidades vão longe demais, até pra mim,” ela brincou, até que ele a puxou para um quarto com beliches vazios.

Ele a encarou sério, frio.

Ela estremeceu, abraçando os braços, sentindo os olhos dele atravessarem sua pele e cutucarem o coração.

— “Parecia precisar de privacidade. Não quis te envergonhar.”

Só ele poderia fazer da lógica algo tão romântico.

— “Estou sendo egoísta,” ela admitiu. “O pai da Tati é maravilhoso, e ela merece isso. Só que me sinto esmagada… pela afeição miserável que aceitei minha vida toda. Me sinto envergonhada.”

Ela ergueu o queixo, olhando para o teto gasto e o balanço suave do barco.

— “Sage.” Ele olhou para cima também. — “Tá procurando algo? Ou só deu uma torcicolis?”

Ela riu, tentando segurar o choro.

— “Tô cansada de chorar. Quero que eles voltem atrás.”

Mãos quentes seguraram seu rosto, inclinando o queixo para baixo.

Olhos dele vasculhavam, franzidos.

— “Chore. E se alguém disser algo pra te envergonhar, eu afogo essa pessoa no pântano raso que suas lágrimas formam.” Sorriu malicioso. — “Dizem que afogar é a morte mais dolorosa.”

Ela riu entre lágrimas e o empurrou, brincando.

— “Lembra quando disse isso na Vila do Coração?”

— “Lembro tudo que você diz.” O sorriso desapareceu, só sobrava sinceridade — e a dor do que ela sentia por ele.

Ela tocou o rosto dele, hesitante. Ele congelou.

A barba por fazer formou um arrepio na palma dela.

Ela passou o polegar na maçã do rosto e disse:

— “Esse pode ser o melhor presente de aniversário que já ganhei.”

O momento quebrou ao ver a expressão dele.

— “O quê?”

Ela recuou assustada.

— “O que?”

— “Não é seu aniversário.” Ele cortou no ar, como se cortasse as palavras.

Ela olhou para os lados, desconfiada.

— “É... É.” — falou com cuidado. — “Você tem trauma com aniversários? Bolo? Balões?” Agarrou o braço dele.

— “Tem medo de balões?”

— “Não, Sage!” Ele rugiu.

— “Então são os bobos da festa?”

— “Não tenho medo de bobos da festa!”

O alguel de Reinaldo tilintou com uma placa:

MENTIROSO

Trystan abriu a porta e gritou:

— “Sai, bisbilhoteiro!”

Reinaldo mostrou a língua e se arrastou devagar.

— “Sapo desgraçado.”

Trystan esfregou as têmporas e se virou para ela, tão feroz que ela tropeçou até a parede.

— “Fica aqui,” ordenou, saindo e batendo a porta.

Ela bufou.

— “Ah, claro.”

Pegou a maçaneta e puxou.

A porta não abriu.

O Vilão a conhecia demais para acreditar que ela ficaria parada.

Bateu o punho.

— “SEU FILHO DA PUTA, TRYSTAN! ME DEIXA SAIR!”

Ele trancou ela dentro.

Capítulo 63

Reinaldo

— “Cadê a Evie?” Clare Maverine perguntou com cautela, enquanto Trystan corria pelo convés superior com uma seriedade cortante, Reinaldo pulando logo à frente.

— “Tranquei ela nas barracas.”

Reinaldo parou e bateu a pata membranosa na cabeça.

— “Ah.” Clare lambia os lábios e coçava a sobrancelha. — “Tenho certeza de que não devia perguntar, mas… por quê?”

— “Tatianna!” Trystan rosnou chegando perto da curandeira em dois passos largos, fazendo as duas mulheres recuarem alguns passos diante do olhar dele.

Reinaldo tentou levantar um cartaz escrito NÃO, mas quando finalmente conseguiu mostrar, já era tarde demais.

Clare puxou, no instinto, o frasco de tinta verde, apertou a bolinha e espirrou o líquido direto nos olhos de Trystan.

Tinta verde, apesar da cor combinar, não tinha nada a ver com a pele de Alexander. Pelo que ele sabia, ardia — e muito.

Trystan agarrou os olhos, uivando: — “Clare!”

Tatianna ficou boquiaberta. — “Clarissa, você perdeu a razão? Por que fez isso?”

Clare enfiou o frasco de volta na bolsa e ergueu as mãos, cabisbaixa.

— “Desculpa! Entrei em pânico! Foi a primeira coisa que pensei quando vi ele vindo na sua direção!”

Trystan rosnou para ela, olhos vermelhos e inchados. — “Pra me cegar?”

Capitão Jones suspirou. — “Ah, Tati, todo dia me arrependo de não ter te dado um irmão.”

— “Com base nisso?” Tatianna abanou a mão para eles, sarcástica. — “Como não podia?” e estalou uma unha rosa no ombro do pai antes de acender as mãos com uma luz amarela que pairou sobre o rosto de Trystan até o inchaço diminuir.

Trystan piscou até focar em Clare. — “O quê? Ódio não é suficiente? Agora partiram pra violência descarada?”

Clare não odiava Trystan. Alexander sabia disso, mas pouco podia fazer. Do jeito que essas pessoas jogavam palavras umas nas outras, não era justo esperar que um sapo acompanhasse.

Por mais que ele quisesse.

— “Não te odeio. Por favor, não diga isso,” Clare sussurrou, e Alexander pulou no ombro dela, batendo carinhosamente, querendo dar algum conforto para sua amiga.

O rosto de Trystan caiu todo. — “Eu exagerei, Clare. Sou O Vilão. Você só agiu por instinto quando alguém perigoso se aproximou.”

Os ombros dele se ergueram, escondendo as emoções mais uma vez.

— “Posso falar com você a sós, Capitão Jones?” Trystan perguntou.

Jones ficou surpreso, mas assentiu, fazendo sinal para Trystan o seguir até a frente do navio.

Alexander observava Clare, que olhava para Trystan com um pesar claro. “Isso o machucou.”

Reinaldo levantou um cartaz:

SIM

Tatianna inclinou a cabeça. — “E isso te machucou também, né? Interessante.”

O cais virou um pontinho no horizonte conforme o navio seguia.

O vento era fraco, e o sol no pescoço de Reinaldo dava vontade de deitar de barriga e tirar uma soneca. Ele andava dormindo muito, a maldição já cobrando preço físico além da transformação animal.

Clare parecia não se importar com o calor, tentando prender o cabelo curto, bufando frustrada quando os grampos escapavam.

Tatianna riu, estendendo a mão para ajudar. — “Deixa comigo.”

Clare piscou e virou lentamente, deixando Tatianna prender o cabelo, enquanto Alexander lembrava de quando ainda era humano. Quando uma piada fazia todo mundo rir, um elogio conquistava corações.

Agora, ele era só um sapo cansado.

Pensou em cochilar de novo, fechar os olhos e —

Foi interrompido por um canhão.

Literalmente.

O barulho explodiu em seus ouvidos enquanto o projétil rachava o convés do navio, dividindo a madeira ao meio e caindo nas cabines do meio da embarcação.

— “Sage!” Trystan gritou de longe, correndo e se ajoelhando perto do buraco.

Clare e Tatianna o seguiram, em meio a gritos desesperados dos homens e ordens rápidas de Jones.

Antes delas chegarem, Trystan soltou um suspiro e esfregou o nariz. — “Graças aos deuses.”

— “Evie, você está bem?” Tatianna chamou, todos olhando para o buraco feito pelo canhão, onde Evie estava, braços cruzados, batendo o pé, olhando para o buraco, depois para Trystan com um olhar de reprovação.

Apontando para a grande bola de canhão preta ao lado, Evie chamou irritada:

— “Que presente de aniversário horrível.”

Trystan ignorou, gritando de novo:

— “Você está machucada?”

— “Um pouco. Pelo menos podia ter colocado um laço,” Evie respondeu seca.

Alexander deu um coaxar.

Trystan sentou, esfregando os olhos, murmurando:

— “Por alguma ironia do destino, o medo dela está me assustando.”

Reinaldo levantou um cartaz:

ENGRAÇADO.

— “Não é!” Trystan rosnou.

Mas o humor sumiu quando um grito veio do mastro.

— “PIRATAS!”

Trystan ficou irritado, como se uma mosca tivesse pousado no ombro, enquanto Tatianna se encolheu, Clare ficou pálida, e Evie Sage… Evie respondeu:

— “Será que eles têm um laço?”

Alexander coaxou.

E outro canhão foi disparado.

Capítulo 64

BECKY

Enquanto isso, lá no casarão…

Blade estava vivo.
Mas estava ferido. E inconsciente.

Jazia nos aposentos do curandeiro. Nura Sage se oferecera para vigiar enquanto Becky juntava coragem para fazer o que precisava ser feito. A magia da luz das estrelas não o matara, mas, não importava o que tentassem, ele não despertava.

Tatianna se fora, assim como Clare. E a única pessoa que Becky tinha certeza de que poderia ajudá-la a cuidar dele era alguém que ela não queria nem um pouco ver.

Mas Becky não era covarde. E faria qualquer coisa por quem amava.
Até isso.

Por isso, ali estava ela, nos calabouços, encarando o irmão, que a olhava com dor e confusão.

— "Bex!" Roland se levantou às pressas, correndo até as grades. — "Graças aos deuses. Preciso explicar sobre a planta da memória. Por favor."

— "Blade está ferido. Pela planta que você trouxe." Becky respondeu com desprezo. — "Explique rápido."

Roland ficou mortificado — para seu alívio, porque sabia que ele era um péssimo ator e o desconforto era real.

— "Mãe achava que Evie deveria ter ela. Era a última parte da Nura... Ela ainda pensa que Nura está morta, se lembra?"

Becky não disse nada, e ele mexeu nos óculos — um gesto nervoso que sempre fazia, que a deixava sem ar.

— "E não parava de gritar. De hora em hora, como um relógio, os gritos começavam de novo. Mãe achava que se eu entregasse para Evie, a parte inquieta de Nura dentro da flor se acalmaria perto dos filhos dela. Por isso tenho a planta. Juro. Quando soube que Nura estava viva, guardei para não causar confusão. Ia te dar, de verdade."

Becky suspirou, tirou as chaves do bolso e abriu a porta, fazendo sinal para Roland fugir.

— "Sei. Os guardas acharam a correspondência da Mãe no seu quarto."

Roland esticou o pescoço enquanto saía, franzindo a testa.

— "Claro que não confiaria na minha palavra."

— "Procedo com você com cautela, ou não procedo."

Roland parecia sinceramente contrito.

— "Suponho que seja justo. Desculpe. Como está o Blade?"

— "Queimado pela magia da luz das estrelas. Dizem que, usada corretamente, essa magia cura, certo?"

— "É o que dizem as lendas."

— "Então preciso que descubra como usar a planta para curar a cabeça dele e acordá-lo."

Os olhos de Roland se arregalaram.

— "Eu... vou tentar."

— "Você vai conseguir." Becky cravou o dedo no peito dele.

Roland assentiu, e então ouviram passos pelo corredor. A luz da tocha revelou um Marv ofegante, mãos nos joelhos, cabelo bagunçado.

— “Srta. Erring! Srta. Erring, preciso contar— Vocês estão libertando o prisioneiro?” Marv parou, mexendo nervoso os dedos.

Roland segurou uma das mãos do guarda e fez uma reverência, corando o homem.

— “Roland Fortis, prisioneiro, a seu dispor.”

Marv riu nervoso e tropeçou para trás, derrubando um balde vazio que quebrou no chão.

— “Marvin Handsome, guarda da porta da frente.”

— “Handson, Marv. Sobrenome é Handson,” Becky corrigiu, exasperada.

Roland, sempre charmoso, encostou o cotovelo na parede, ficando só alguns centímetros mais alto que Marv.

— “‘Handsome’ também cairia bem, com certeza.” Sorriu largo e Marv parecia derreter.

— “Roland! Pare de flertar com a equipe no trabalho.”

Roland saudou.

— “Quando sai do expediente, Marv?”

— “Pelo amor de— Vá para os aposentos do curandeiro antes que eu te faça dormir aqui embaixo.”

O irmão inclinou-se e cochichou no ouvido dela:

— “Ele é solteiro?”

— “Relacionamentos no trabalho são proibidos,” ela respondeu sibilando.

Roland olhou para os lados.

— “Mas eu não trabalho aqui.”

— “Está no escritório. Nenhum romance.” Repetia para si mesma, controlando o desespero.

— “Vai, Roland, ou volta para a cela.”

Roland mandou um ‘até mais’ para Marv, que ficou vermelho enquanto o irmão subia as escadas com pose.

— Irmãos são um castigo dos deuses para testar nossa paciência.

— “Marv,” Becky chamou. “Depois de checar as costas do meu irmão, pode me dizer o que era tão urgente?”

Marv pulou, gaguejando:

— “É o F-Fofucho, Srta. Erring.”

Ele balançou a cabeça.

O estômago de Becky afundou perto dos pés.

— “O que quer dizer? O que houve com o Fofucho?”

— “O dragão está inquieto como nunca vimos. Ele comeu o Morey!”

Becky torceu o lábio em nojo.

— “Ugh. O novo carteiro dos corvos? Ele era horrível, pegajoso e mal-educado, sempre olhando todo mundo de cima pra baixo. Não dá pra entender o gosto das pessoas. O pobre bicho vai estar com dor de barriga.”

Marv negou rápido.

— “Não, Srta. Erring, você não entende. O bicho está agindo estranho e—”

— “Chega!” Becky gritou. “Não tenho tempo para problemas bobos.

Diga aos Guardas Malévolos para resolverem isso. Ou, pela primeira vez, ao invés de reclamar, tente resolver um problema você mesma!”

Os olhos de Marv ficaram vidrados e Becky se sentiu mal, como se tivesse chutado um filhote.

— “Marv, eu—” O guarda torceu as mãos, olhando para as botas. — “Você está certa, Srta. Erring. Vou resolver isso. Prometo.”

— “Marv!” Becky gritou, mas ele já tinha sumido escada acima.

Os ombros dela não paravam de tremer, apesar do calor que sentia ao fechar a porta da adega.

Cambaleou até a cozinha, meio zonza, a visão turva de lágrimas.

Jogou a cabeça sobre a mesa e fez algo que jurou nunca fazer no trabalho.

Começou a chorar.

Tão abalada que nem percebeu Lyssa entrando e colocando algo no seu colo.

Quando olhou para baixo, engasgou com o soluço.

Seu dragão de tricô da infância, que Blade tinha furtado da mesa dela, sem querer, e dado para Lyssa, estava ali. Surrado e solitário.

Igual a ela.

Becky esfregou os olhos, apertando as mãos tentando parar.

— “Desculpa. Hoje não consigo me controlar.”

Lyssa sussurrou, como se dividisse um segredo:

— “Você não precisa, Srta. Erring. Chorar significa que você é corajosa.”

Becky desviou o olhar e viu a garotinha, jovem e sábia ao mesmo tempo.

— “Quem te disse isso?”

Lyssa deu de ombros, apertando a mão de Becky.

— “Ninguém. Só acho que quem mostra o que sente é mais corajoso que quem esconde.”

Becky apertou a mão dela de volta, sorrindo através das lágrimas.

— “É, não posso discordar.”

— “Então você pode ficar sozinha se quiser, ou eu fico aqui, caso mude de ideia.”

Sentaram-se em silêncio enquanto Becky se preocupava com Blade e fazia o mais corajoso que alguém pode:

Chorou.

E chorou.

E chorou.

Capítulo 65

O VILÃO

Trystan já não se surpreendia quando as coisas pioravam; o que o surpreendia era quando não pioravam.

— "Fogo!" O capitão Jones gritou, e uma bola de canhão voou em direção ao navio pirata, atingindo o lado estibordo. Estavam tão próximos que Trystan pôde ver os piratas cambaleando com o impacto e ouvi-los gritar.

— "Fogo!" Outro disparo acertou com mais força, enquanto o navio inimigo se aproximava.

Os piratas começaram a balançar nas cordas, pulando para o convés deles, o combate se iniciou, aço contra aço, punho contra punho.

Trystan já tinha tido o bastante.

Se algum momento era para vocês me obedecerem, que fosse agora, pensou, falando com sua magia. Sua magia — aquela que deveria estar sob seu comando, mas que agora ele precisava tratar com jeitinho, pedindo com paciência.

— "Se não se importam." Cerrou os dentes e, num golpe de humor doentio — fosse a maldição, a praga de Rennedawn ou o que fosse — a magia atendeu.

Uma névoa escura cobriu o primeiro homem no caminho de Trystan — um pirata de bandana vermelha e barba longa até o peito. O pé dele ardeu em vermelho vivo, e a jugular pulsava um brilho negro. Com um gesto, Trystan poderia matá-lo ali mesmo, mas algo novo apareceu: um brilho iridescente, em tons de arco-íris, sobre o coração do homem.

Matar aquele homem seria apagar aquela cor… e Trystan não conseguia destruir nada que se parecesse com Sage.

— “Cansei de ser bonzinho,” resmungou, mirando sua magia no pé do homem em vez do pescoço. O pirata caiu gritando de dor.

— “De nada,” acenou Trystan, avançando até Clare e Tatianna, que lutavam com despreocupação.

Clare jogou tinta verde nos olhos de três homens ao mesmo tempo, rindo como se fosse um jogo.

Um pirata grande, com sorriso amarelado, se aproximou.

— “Vou levar sua cabeça pro Benedict numa estaca.”

— “Benedict? Você trabalha pro rei?”

— “Somos mercenários. Trabalhamos pra quem paga mais.” Ele acariciou a barba grisalha.
— “Contra-argumenta?”

— “Claro,” respondeu Trystan, congelando o homem no lugar com a névoa dançante nos pés.
— “Posso matar você devagar ou rápido.”

Ele desembainhou a espada e encostou a ponta no peito do pirata.

— “Escolha.”

A magia cobriu o navio, congelando piratas e feridos, iluminando suas feridas novas e antigas. Mas o brilho colorido no peito deles permanecia.

Havia algo poético nisso — algo que Trystan estudaria se se importasse.

Mas, por ora, só queria acabar com esses atrapalhados que cruzaram seu caminho.

— “Vocês têm duas opções. Quer que eu explique? Ou os despacho agora?”

Nada, só corpos congelados e caras confusas.

— “Saiam daqui!” Clare gritou, e a magia de Trystan vacilou, deixando alguns piratas livres. Eles correram para ele, e Trystan sabia que não conseguiria enfrentar todos.

Ergueu a espada, preferindo morrer lutando a ser derrotado antes da luta. Um grito de guerra saiu de sua boca enquanto avançava, até que uma lâmina cortou o ar, cravando-se na cabeça do primeiro inimigo.

O pirata caiu. Trystan arregalou os olhos.

A adaga voltou no ar e todos olharam para ver quem a lançara.

Evie estava ali, franzindo a testa e girando o cabo da arma.

— “Meu alvo saiu meio torto.”

Um calor suave percorreu o corpo dele, um aperto fantasma no peito.

— “Você não mirou na cabeça dele?” ele perguntou, baixinho.

Ela olhou para abaixo do cinto dele e sorriu.

— “Mais pra baixo.”

Todos os piratas deram um passo para trás, contorcendo-se.

Antes que mais membros fossem cortados, o capitão Jones interveio:

— “Os que restam, larguem as armas e formem uma fila!”

O pai de Tatianna sumira, substituído por um comandante rígido. Os poucos piratas restantes atiraram suas espadas em um monte.

O cheiro doce de baunilha misturava-se ao da morte.

— “Ele vai matar todos?” Sage perguntou.

— “Não. O capitão Jones não é pirata — ele segue as leis do mar. Ou aceita eles na tripulação ou os prende até o próximo porto.”

Sage riu, e o som apertou o peito dele.

— “Vai achar triste, mas acho que este é o melhor aniversário de todos.”

Trystan não achava triste.

Achava uma merda.

— “Por que não disse nada a ninguém?” perguntou, mais duro do que queria.

Ela corou e desviou o olhar.

— “É só mais um dia.”

Ele cruzou os braços, levantando uma sobrancelha cética.

— “Você encheu um dos nossos canhões de escritório com confete no aniversário da Tatianna e até hoje achamos pedaços cor-de-rosa. Diz que sofreu tudo isso e nem liga para aniversários? Um feito impressionante de vilania, até eu admiro.”

Um cacho rebelde caiu sobre a testa dela, e Trystan quase quis afastar com a mão. O vento fez isso por ele, e ele se pegou odiando o clima.

— “Como um doido.”

Tatianna surgiu ao lado de Evie, envolvendo-a com o braço.

— “Adorei o confete. Muito bem feito.” Ela piscou, sorrindo, e começou a curar os feridos da tripulação.

— “Você não gosta de celebrar seu aniversário?” Trystan perguntou, notando o olhar distante, não sonhador, mas desanimado, de Sage.

Ele deveria seguir em frente. Não se importar. Era hora de criar distância entre eles, mostrar que só eram colegas.

Mas então ela murmurou.

— “Não sei. Acho que ninguém nunca tentou de verdade.”

Ela riu.

— “No meu último aniversário, Lyssa me deu um cartão com a gente num veleiro, mas pedi pra não ter bolo nem canto. Minha mãe sofreu muito na minha infância, e eu não queria dar mais preocupações a eles. Então, cada ano que passava, percebia que, se não falasse, ninguém lembraria. Depois que minha mãe se foi e Gideon... morreu temporariamente... quase ninguém sobrava pra não mencionar a data.”

Ela deu de ombros.

— “Acho que fingi demais, e agora não sei o que quero de verdade.”

Ele olhou firme para ela, odiando a si mesmo por perguntar.

— “Não ligue pra opinião dos outros. Se pudesse ser celebrada no seu aniversário, gostaria?”

— “Sim.” Os olhos arregalados mostravam que até ela se surpreendia. — “Quero ser celebrada. Mesmo que só uma vez por ano.”

Ele não se mexeu, tenso, cara fechada, encarando-a.

Ela riu, limpando as mãos na saia.

O silêncio foi quebrado quando ele rosnou:

— “Bem, merda!”

Sage pulou e levou a mão ao peito.

— “Senhor?”

Ela tentou alcançá-lo, mas ele já caminhava furioso para o meio do navio. Tripulantes e piratas encaravam-no.

Não faça isso, sua consciência implorava.

Cala a boca, ele ordenou a si mesmo. É o aniversário dela, e ela quer comemorar. PORRA.

— “É o aniversário da minha cúmplice,” anunciou, tão ridículo quanto se sentia, sem coragem de olhar para Sage. — “Desejem-lhe feliz aniversário. Agora.”

— “Trystan!” Sage gritou. — “Espera... cúmplice? Você acabou de me promover?”

Mas ele não olhou. Se visse os olhos dela, faria mais que desejar feliz aniversário. Abaixaria com ela para beijá-la até ficarem tontos.

A tripulação ficou em silêncio, os piratas olhando como se ele tivesse pirado.

Ele estava perto de perder mais que a cabeça.

— “DISSE AGORA!”

Um coro desafinado de “feliz aniversário” saiu de todos, e Reinaldo pulou mostrando dois sinais:

HAPPY
BIRTHDAY

Tatianna já pulava para organizar a festa.

— “Sim! Devemos fazer uma festa! Estamos presos aqui até amanhã cedo, afinal. Pai?”

O capitão Jones sorria, batendo palmas para a tripulação.

— “Levem os prisioneiros para a cela! Vocês, preparem tudo!”

— “Ah, não precisa—” Sage começou.

— “Evie,” Trystan a advertiu, mexendo o dedo. — “Não diga que não é necessário.”

Ela calou a boca, olhos brilhando de uma emoção que ele não ousava nomear.

Um por um, os piratas presos passaram por ele. O maior parou para zombar.

— “O vilão meu rabo. Você é um fraco sem coluna e tem fraqueza por essa sua puta.”

Trystan não respondeu, deixando-o terminar.

— “Tenho um presente de aniversário pra você, mulher malvada.” O pirata agarrou a cadeia com a mão e segurou o saco de Trystan.

O fio quebrou.

— “Sage,” ele falou baixo, sem tirar os olhos do pirata. — “Esse homem vai afetar o quadro de incidentes de alguma forma?”

— “Não que eu saiba,” ela respondeu confusa.

Antes que ela acabasse, ele socou o estômago do homem, puxando-o para o lado do navio.

— “Cúmplice,” gritou, não ligando quem ouvia, segurando o casaco do pirata. — “Ela é minha cúmplice.” Num sussurro: — “Ela é minha.”

Soltou o corpo, vendo-o cair na água.

Ela é minha.

Mesmo que só no coração dele.

Se é que ele tinha um.

Chamada no bolso vibrava. Trystan puxou o cristal para falar. As gemas serviam para se comunicar com a Guarda Malévola. Pediu que Keeley o mantivesse informado, mas o rubi dele ficou silencioso até agora.

O ametista para o escritório, porém, disparava sem parar.

Ele levou a gema à boca, Sage franzindo o cenho ao lado. Tatianna e Clare se aproximaram para ouvir.

Na hora em que a voz alarmada de Rebecka Erring ecoou:

— “Onde vocês estão? Tudo deu errado!”

Capítulo 66

EVIE

— “E o Blade? Ainda não acordou?”

Evie ainda estava em choque com o que provavelmente era o gesto mais grandioso e doce que já tinha presenciado. Ele tinha jogado um homem ao mar. Por ela.

Suspiros e suspiros.

“Não deixe o chefe escapar impune, Evie!”

A menos que seja seu aniversário. Aí tá perdoado.

— “Não. Roland acha que ele só precisa dormir mais um dia ou dois, porque o pulso está estável e o resto parece normal. Mas temos uma flor demônio solta e o dragão está perdendo a cabeça!” Becky gritava na gema, e Evie teve vontade de sorrir, apesar da preocupação crescendo.

— “Ah, Becky, sinto sua falta,” disse Evie com toda sinceridade.

— “Você está escutando?”

— “Rebecka, respira,” Trystan falou, calmo — ou pelo menos parecia — firme, inabalável diante do caos. Se ele não estava preocupado, talvez ela também não precisasse estar.

O barco balançava sob o sol que já começava a cair. Pássaros mergulhavam para pescar. O mundo parecia calmo — geralmente quando tudo estava prestes a desmoronar.

— “Roland vai tentar algumas coisas, mas nada imediato, e eu preciso que ele acorde. Agora.”

Sem pensar, Evie estendeu a mão e segurou a do Vilão, trazendo a gema ametista perto do rosto.

— “Ele vai acordar, Rebecka. Tenho umas anotações no meu diário sobre magia da luz estelar — pode ter algo útil. Está na gaveta superior da minha escrivaninha.”

— “Não está,” Becky respondeu, sem se abalar.

Evie piscou.

— “Então onde está?”

— “Lyssa anda lendo.”

Evie ficou indignada.

— “E você não parou ela?”

— “Fui eu quem dei para ela,” Becky disse, sem um pingo de arrependimento.

Trystan cortou, entediado:

— “Rebecka, o que exatamente está errado com o Fofucho?”

— “Ele está agitado... comeu um carteiro.”

Trystan puxou a mão para perto do rosto tão rápido que Evie tropeçou e caiu no peito dele. Ele não percebeu.

— “Foi o Morey?”

Becky hesitou.

— “Sim...” Trystan ficou quase alegre demais com a resposta. — “Excelente.”

Evie puxou as mãos deles para baixo e Trystan perdeu o equilíbrio, batendo o peito no ombro dela.

— “Ignora ele. Pega meu diário, tem também uma pilha de memorandos na minha mesa, se quiser tentar.”

— “Parece que vou me dar uma dor de cabeça. De propósito,” Becky retrucou. — “Já estou sofrendo com o beijo—”

— “Espera, o quê?” Evie perguntou, e o silêncio durou tanto que ela pensou que a conexão tivesse caído. — “Becky?”

— “Da última vez que o vi, beijei ele.”

— “O QUÊ?!” Evie gritou, apertando a mão de Trystan tão forte que ele fez careta.

— “Sage, acredite ou não, o sangue precisa circular até meus dedos.”

Evie o fulminou com o olhar e ele imediatamente se calou.

Tatianna quase pulou no ombro de Evie.

— “Como assim beijou ele?”

Becky suspirou dramaticamente.

— “Não preciso explicar o conceito, já sei que vocês duas já fizeram isso com um dos irmãos Maverine.”

Todos pararam e trocaram olhares, e Trystan respondeu ao silêncio com um frio que gelava a espinha.

— “Alguma coisa a acrescentar?”

Eles voltaram ao trabalho apressados.

Tatianna se inclinou sobre a gema, as sobrancelhas franzidas.

— “Eu entendo bem o ato. O que não entendo é o que te fez fazer isso. Não que eu desaprove, já falei que você precisa de um bom, longo—”

— “Sra. Erring. Quebrando suas próprias regras, além do mais: isso é tudo? Tem mais alguma coisa pra contar?”

Trystan tentava desesperadamente voltar ao assunto. Evie percebeu pelo jeito que ele segurava a gema com força branca, evitando o olhar dela como se os olhos revelassem seu corpo nu.

— “Também disse que o amava.”

— “MEUS DEUSES!” Tatianna e Evie gritaram. Trystan jogou a gema para tapar os ouvidos e Tati pegou no ar.

— “E o que ele disse?” Evie estava quase vibrando de excitação. Por que as melhores coisas sempre acontecem quando ela não está por perto? É como se todos esperassem para se divertir de verdade longe dos olhos dela.

— “Fugi assim que disse! Aí ele foi atingido e me disse que me amava.”

Ambas ficaram sem fôlego.

Becky finalizou num suspiro.

— “E então ele desmaiou.”

Tatianna bateu na testa.

— “Ah, Rebecka.”

— “Vocês duas me disseram para seguir meus instintos! Agora olha a bagunça que eu causei!”

Trystan esfregava as têmporas.

— “Talvez ele só desmaiou por causa do choque emocional.”

Evie deu um tapa no ombro dele com o dorso da mão.

— “Você não ajuda!”

— “Não tenho intenção de ser útil em assuntos do coração,” respondeu, impassível.

Ela o analisou de cima a baixo, sem disfarçar o desdém.

— “Você está brincando.”

Um sorriso satisfeito passou pelo rosto dele quando as bochechas ficaram vermelhas. Ele limpou a garganta e voltou a falar na gema.

— “Sra. Erring, como exatamente a planta da memória explodiu?”

Becky contou a longa história envolvendo o irmão, um mal-entendido, e a planta que Renna Fortis tentou usar para sugar a magia de Becky. Terminou com pétalas sendo arrancadas e a planta reagindo mal.

— “Seu irmão?” Trystan perguntou, cauteloso.

— “Ele estava preso e vigiado quando Blade se feriu, então, por mais que eu queira culpá-lo, não nos levaria a lugar nenhum.”

Tão típico da Becky: lógica em vez de emoção. Uma habilidade que Evie nunca teve e nem teria. Mas ela sabia esconder os sentimentos sob uma máscara alegre — ela sabia o que era se esconder.

— "Você está bem, Becky?" Evie perguntou, gentil.

A voz de Becky tremia, mas logo se firmou.

— "Não muito, mas vou sobreviver. E vocês?"

Eles contaram rapidamente a jornada até ali.

Evie poupou os detalhes mais picantes, prometendo contar tudo para o RH quando voltassem. Só para ver os óculos da moça saltarem de tão abertos.

— "Todos os recursos do escritório estão à disposição, Sra. Erring," o chefe disse. — "Avisem quando ele acordar ou encontrarem algo suspeito."

A fala firme pareceu dar um suspiro coletivo ao grupo.

Quem olhasse de fora pensaria que o jeito dele comandar era sem emoção, mas Evie conhecia Trystan Maverine melhor do que muitos — às vezes, até do que ela mesma. Palavras de conforto dele vinham simples e verdadeiras, sem frescuras. Por isso eram confiáveis.

O coração de Evie acelerou ao ritmo do nome dele.

— "Obrigada, senhor. Gostaria que não tivesse mandado o resto da Guarda Malévola para aquela missão, mas entendo. Quando eles voltarem, terei mais ajuda para controlar o Fofucho."

O sangue dela gelou.

Cada músculo de Trystan se enrijeceu, os olhos negros trancados nos dela.

— “Rebecka...” O Vilão disse, usando o primeiro nome da mulher de RH, coisa rara.

— “Sim, senhor?”

Ele fez uma pausa, confirmando o formigamento branco e gelado que percorria o pescoço de Evie.

— “Eu não mandei a Guarda Malévola para nenhuma missão.”

Capítulo 67

EVIE

A noite caiu, e junto com ela, as esperanças de Evie.

— “Talvez seja um mal-entendido,” ela sugeriu, enquanto o chefe fitava o céu noturno à distância. — “Talvez as linhas de comunicação tenham se embaralhado.”

O resto da tripulação voltou às suas tarefas, e o navio se acomodou numa calmaria confortável, navegando pelo Mar Lilás. O sol já havia se posto, e lanternas pequenas foram acesas ao redor, lançando um brilho quente numa situação que, de outra forma, era bastante sombria.

Trystan não disse nada — o que normalmente não a teria intimidado. Na verdade, sob o disfarce das interações diárias, Evie teria continuado a tagarelar, soltando um ou outro pensamento impróprio, mas sua mente estava incomumente silenciosa.

E cheia de um pressentimento ruim.

Após uma longa inspiração, ele falou, mantendo os olhos no horizonte.

— “O cozinheiro do navio está fazendo um bolo para você.”

Ela piscou, confusa.

— “Um bolo?”

Ele a olhou com um ar de quem não entendia.

— “Um bolo de aniversário.”

— “Ah.” Ela hesitou, balançando de leve nos calcanhares. — “De que sabor?”

— “Baunilha.”

Seus docinhos de baunilha. Era um dos sabores mais populares, então não havia motivo para suspeitar que fosse apenas isso. Mas o jeito como ele lhe lançou um olhar de canto, buscando alguma coisa… ela sabia.

Evie estendeu a mão e apertou o braço dele delicadamente. Jurou que ele contraiu os músculos — ou ficou tenso. De qualquer forma, era um movimento delicioso sob seu toque, e ela não reclamava.

— “Foi muito gentil da sua parte, senhor.”

— “Não me faça lembrar disso.” Ele estremeceu, como se a bondade fosse um nojo que seu corpo não suportava. — “De qualquer forma, considerando os aniversários, esse está sendo um dos mais tristes. O mínimo que posso fazer é disfarçar com algo doce.”

Ela se inclinou para beijar sua bochecha, e ele ficou tão rígido que ela achou que ele ia rachar ao meio.

— “O bolo não era necessário — você já é doce o bastante.”

— “Então você me agradece sendo ofensiva?” Ele respondeu seco.

Um dos tripulantes começou a tocar uma melodia animada na gaita, e outros dois acompanharam com instrumentos estranhos que Evie não reconheceu. Era uma música leve, alegre, que a fazia querer girar em círculos.

Com as mãos atrás das costas, ela lançou um olhar maroto ao chefe.

— “Se você está tão decidido a comemorar meu aniversário, cadê meu presente?”

Ele se afastou um pouco, sentindo o perigo na pergunta. Mas não conseguiu evitar um brilho resignado e divertido nos olhos escuros.

— “O que estiver ao meu alcance.”

— “Dance comigo,” ela sussurrou, como se conspirassem, como se estivessem numa reunião matinal planejando como irritar o Benedict — algo especificamente malicioso.

O ar da noite era agradável, a brisa acariciava seus cabelos, e ela sorriu, contente. Alguns tripulantes pulavam ao ritmo da música, assobiando, alguns já embriagados.

Evie levantou a mão, esperando, fazendo bico levemente.

Ela sabia que o chefe odiava bicos. Já tinha visto ele quase arrancar os lábios de um guarda Valiant durante uma sessão de tortura. Algo sobre a vulnerabilidade do gesto, ela apostava. Ou talvez fosse qualquer demonstração aberta de emoção que o incomodasse. Sem exceções.

Exceto com Evie, claro — afinal, ela já estava no meio de um colapso mental quando se conheceram. Ele não odiava seus surtos.

Na verdade, ele a contratou.

Ela fez bico com mais força, piscando para ele.

Ele resistiu por, Evie contou mentalmente, 1, 2, 3, 4…

— “Pequeno furacão,” resmungou, tomando sua mão e puxando-a para a pista improvisada de dança. — “Demônio do caos. Sereia.”

— “Pode acrescentar cúmplice na lista,” ela respondeu, provocativa, sorrindo diante do tique de olho dele. — “Duas promoções num mês. Parabéns para mim.”

Ela riu, apoiando a mão no ombro dele, e a mão dele foi para sua cintura. O toque era educado, mas fazia todo o corpo dela arrepiar. Os dedos dele apertaram suavemente, segurando-a como se fosse sua tábua de salvação, e seu corpo esquentou, querendo mais, querendo ele. Tudo dentro dela derretia.

— “Só estou brincando. Sei que foi um deslize.”

Ele a rodopiou, e quando voltou a segurá-la, os rostos ficaram muito próximos, os lábios quase se tocando, as pálpebras dele pesadas enquanto a encarava.

— “Evie, eu—”

Ela sentiu as bochechas queimarem.

— “Sim?”

O olhar dele era uma chama que a consumia por dentro.

— “Não foi um deslize... Feliz aniversário.”

Ela sorriu, apertando a mão dele. A mão dele na cintura deslizou para suas costas, puxando-a ligeiramente mais perto, e ela sussurrou:

— “Obrigada, Trystan.”

Giraram mais uma vez, e outra.

Um brilho quente o envolvia como um farol de segurança… ou uma flecha clara apontando para sua ruína. O destino parecia decidido: ele seria essa ruína. Mas Evie estava cansada de que as pessoas decidissem por ela.

Quer arruinar minha vida, destino?

Se coloque na fila. Eu te chamo quando minha família acabar de passar.

Ela riu da própria piada e pisou no pé de Trystan. Ele chiou, puxando-a mais forte para si e assumindo a liderança, conduzindo-a em voltas suaves pelo convés.

— “Você está me humilhando publicamente na frente da tripulação que conheço desde os seis anos, e ainda pisou no meu pé. Acho que meu presente está no topo da lista.”

Ele não parou de dançar. Nem ela.

— “Não sei. O cartão da Lyssa no ano passado foi difícil de superar, e a Tatianna descobriu ontem e escondeu uma garrafa de vinho na minha mochila.” Ela contou nos dedos. — “Ah, e o Marv me enfiou um monte de biscoitos do Edwin pra viagem.”

— “Não quero competir com o Marv,” ele respondeu, meio ofendido.

Evie acenou com simpatia.

— “Eu também não, se fosse você. Ele está te chutando o traseiro.”

Num redemoinho, ela foi rodada, a saia preta com glitter iridescente borrando sua visão, e ela ofegou quando foi abaixada para um mergulho. Trystan a segurou, o rosto perto do dela. Presos no mesmo círculo invisível, puxados um para o outro até —

Um assobio os separou. Ela riu, ele corou.

Por um instante, eles não eram Vilão nem Assistente nem Aprendiz nem Cúmplice.

Eram Trystan e Evie, exatamente como poderiam ter sido numa vida diferente, com regras justas e vidas sem dor, sem disputas pelo poder.

Por um instante, Evie quis essa vida. No próximo, não.

Quem eram agora era o que ela queria; quem eram agora fazia seus passos leves, seu coração inflar até quase explodir.

— “O que está pensando?” Ele perguntou, buscando algo na expressão dela que Evie nem sabia que existia.

— “Em você,” disse ela, sem medo, não jogando palavras ao vento.

Os olhos dele arderam, o olhar se aprofundou, queimando, querendo. O momento tornava-se intenso demais, fazendo o coração disparar, a pele arrepiar, a respiração acelerar.

— “Eu estava pensando em como, na primeira semana de trabalho, comecei a esconder pequenas figuras de gatos pelo escritório para ver o quanto você era perceptivo.”

A voz dele ficou indignada.

— “Nunca vi nenhuma figura de gato na empresa.”

Ela gargalhou, o riso seguido de um suspiro tão forte que quase soltou as mãos dele — teria feito isso se ele não tivesse apertado para segurá-la.

— “Não viu, não é?”

Ele ficou furioso.

Ela sorriu.

Ele ficou mais furioso ainda.

— “Que aniversário maravilhoso.” Evie abriu os braços, girando em círculos, os olhos brilhando, como fazia quando era criança — e era divertido ver o mundo girar sem medo.

Ela rodou até se afastar discretamente da pista, buscando um canto sossegado. Parou para recuperar o fôlego e acalmar a mente.

Trystan apareceu do nada, assustando os dragões que viviam nela.

— “Sage.” Ignorando seu susto, ele agarrou seu braço e a puxou para as sombras.

— “Ainda não terminei com você. Tenho algo mais para te dar de presente.”

— “Um aumento? Com a promoção para cúmplice?” Ela sorriu provocante.

— “Tudo bem. Mas não era isso...” Irritado no começo, ele parou, suavizou o rosto. — “Deixa pra lá. Quero te mostrar isso.” Tirou do bolso um papel amassado.

Evie quase esperou fumaça sair das orelhas dele ao perceber que ela não estava brincando.

Ele passou a mão pelo cabelo, despenteado, e lhe entregou o papel.

Ela passou o dedo sobre ele, mal conseguindo ler no pouco da luz das lanternas.

— “O que é isso?”

— “A carta que Arthur me escreveu depois que você me resgatou do Palácio Reluzente,” disse ele, com a respiração ainda pesada, tentando se acalmar. — “Eu li.”

O primeiro impulso dela foi alegria — orgulho até. Quando ele amassou a carta, pensou que nunca mais iria abri-la. E aqui estava, dizendo que leu, sozinho. Sua oferta para estar ao lado dele enquanto lia ficou no ar, inútil. Ela precisou engolir a dor para não atingi-lo agora. Ele merecia conforto, apoio — não seus sentimentos bobos de exclusão.

O problema com sentimentos era que dava para controlá-los, mantê-los afastados, mas um dia eles voltavam — e exigiam pagamento.

Evie temia o dia em que chegariam cobrar tudo que ela havia trancado.

Ela forçou a expressão a suavizar, curvando os lábios.

— “Isso é maravilhoso, Trystan. Tenho muito orgulho de você.”

Levantando os braços, ela o envolveu gentilmente, os dedos se enroscando no cabelo dele. Ele ficou rígido, e ela esperou que ele a afastasse, rejeitasse o afeto. Mas hesitou por um momento, e então os braços dele a fecharam.

Ela foi a primeira a se afastar, e ele recuou tão rápido que bateu a cabeça numa lanterna.

— “Ai!”

Esfregando a nuca, resmungou, tão espinhoso quanto o arbusto espinhoso diante da mansão.

— “Só li uma carta, Sage. Não foi tão difícil assim.”

Ela fechou os lábios para dentro.

— “Não foi?”

— “Era só um monte de baboseira dizendo que ele tinha orgulho e que, não importa o que acontecesse, eu sempre seria o filho dele.” Zombou, com as mãos na cintura, andando para o parapeito olhando para a água. — “Nada revolucionário.”

Ela sentiu as defesas dele se erguerem, os pelos se eriçarem, todas as barreiras que ele construiu para se proteger.

— “Não,” disse baixinho. — “Não há nada revolucionário em alguém te amar. Não me surpreende.”

A cabeça dele virou tão rápido que quase caiu no convés feito bola de grilo perdida.

— “Sage—”

Ela levantou um dedo.

— “Não! Não pode estragar esse momento com algo depreciativo ou de desacreditar.”

— “Essa não é uma palavra.”

Ela o ignorou.

— “Um dia, no futuro, quando eu contar essa história, vou dizer que no meu vigésimo quarto aniversário, passei a noite num navio mais rosa que uma tulipa, dancei com O Vilão e disse que ele era fácil de amar, apesar de querer que fosse difícil.”

Trystan levantou a mão, não bravo, apenas boquiaberto.

— “Eu não quero—”

A mão dela fechou sobre a boca dele. A barba fazia cócegas, o calor dos lábios enviava arrepios pelo braço. Ele tentou murmurar o nome dela, mas saiu algo como “Sigggg.”

O braço dela caiu ao lado do corpo, esperando pelo estrago — sem nenhum capacete de proteção.

Ele a surpreendeu, ao afastar um cacho de cabelo atrás da orelha dela, dedos tocando sua bochecha, olhos suaves olhando como se nunca tivesse visto algo tão fascinante.

— “Quando você contar essa história, pode dizer também que no momento em que O Vilão leu aquela carta, a primeira pessoa que ele quis contar foi você. A primeira pessoa —” Ele engoliu, lutando com as palavras — “A primeira pessoa que ele quer contar tudo sempre foi você.”

O sorriso dela era grande, brilhante, sincero.

Real.

Trystan deve ter percebido, porque respondeu com um dos seus.

Tão grande e bonito que todo o rosto dele mudou, virando alguém gentil, terno, aberto.

E Evie fez uma promessa simples para si mesma.

Eu vou matar o Benedict se ele tentar tirar isso dele. Se for meu último ato nessa vida.

— “Vou ver como está o bolo.” Evie sorriu, cruzando as mãos atrás das costas e se afastando lentamente, ignorando a vontade de ficar perto dele.

— “Muito bem.” O sorriso dele se apagou. — “Sage. Eu queria perguntar — com quem exatamente você planeja compartilhar essa história?”

Evie abriu os braços num exagerado reverência, fingindo exasperação.

— “Com nossos filhos, obviamente. Acho que meninas. Duas delas.”

Claro que era brincadeira, mas isso não impediu de gostar do jeito que ele empalideceu, quase desmaiando.

— “Meninas. Duas meninas,” repetiu ele, como se estivesse acontecendo, como se ela tivesse acabado de convocar os filhos só mencionando, como se estivesse invocando gremlins.

— “Pode ficar tranquilo, senhor!” Evie girou, chamando enquanto se afastava, com a cabeça erguida. — “Elas provavelmente vão ser como eu!”

Sim, esse foi o melhor aniversário que ela já teve.

Só esperava que não fosse o último.

Capítulo 68

O VILÃO

Eles aportaram nas primeiras horas da manhã, com a névoa rolando firme como a maré da aurora. O nevoeiro encobria a visão de Trystan sobre a Vila Benevolência, mas isso não o impediu de absorver tudo com uma expressão sombria.

Na noite anterior, ele não havia pregado o olho. Ficou na retaguarda enquanto a tripulação cantava parabéns para Sage, depois divertiu-se fazendo um dos tripulantes trombar na parede quando largou um beijo grande na bochecha dela. Depois disso, desapareceu, alegando dor de cabeça — mas não era bem por isso que fugira. Não de verdade.

Inspirou o cheiro do mar salgado misturado ao aroma da padaria que começava a abrir no cais. A fina camisa não o protegia do frio da manhã, mas não importava. Ele precisava do arrepio gelado.

“Meninas. Duas delas.”

Ela tentava abalar seu equilíbrio. Por mais perdido que Trystan estivesse por ela, não era tolo a ponto de ignorar as tentativas insistentes dela de derrubá-lo nessa batalha de vontades.

O problema nem era que ela estivesse ganhando.

Era que ele estava gostando da luta.

A noite inteira, imagens das duas meninas com Sage, de uma família com Sage, assombravam sua mente. Sempre que tentava empurrar esses pensamentos para longe, eles pulavam como uma caixa de surpresas possuída por espíritos do além.

Reinaldo arrastou o pé algemado até o bordo do navio, levantando uma placa com a palavra:

PAI?

— “Não!” — ele berrou, mas logo percebeu os olhares de uma dúzia de pessoas presenciando o escândalo.

Reinaldo largou a placa e apontou os pés para o cais. Trystan seguiu, sentindo o rosto queimar ao ver o que Reinaldo indicava: seu pai, Arthur, esperando no cais. As orelhas dele arderam.

Outra placa:

L.O.L.

— “Que diabos é L.O.L.?” — pegou a placa e balançou, acusatório.

A névoa da Vila Benevolência sempre era grossa demais para marinheiros despreparados aportarem. O cais estava quase vazio. Trystan levantou o capuz do manto sobre a cabeça.

A tábua de embarque desceu do navio até o cais, e Trystan ficou envergonhado ao encontrar Sage observando-o à distância. O vestido dela era verde vibrante, com fios dourados entrelaçados como vinhas — certamente obra de Tatianna.

Mas nada no vestido superava o sorriso travesso em seus lábios.

Vermelho. Ele balançou a cabeça para ela, fazendo um gesto ameaçador, cortando a garganta com o dedo.

Ela sorriu mais ainda, e o coração dele bateu mais forte.

Coração não deveria fazer isso.

Erguendo a sobrancelha, ele caminhou em longos passos na direção dela, a intensidade no olhar fazendo a respiração dela falhar, os olhos dela se arregalarem, a garganta dela se mover — e Trystan entendeu o que era ser desejado. Estendeu a mão, os dedos acariciando o pescoço dela enquanto ajustava o capuz do manto, cobrindo os ombros dela. Ela o olhou.

— “Pronta?” — ela perguntou, com voz suave, talvez notando como ele apertava o tecido antes de soltar.

— “Para enfrentar minha mãe? Nunca. Mas acho que, já que viemos até aqui...” — disse seco, dando meia-volta.

A mão macia dela segurou a dele, parando-o enquanto ele se torcia para encará-la.

— “Sim?”

Sage sorriu com uma ternura que ele jamais saberia como lidar e sussurrou:

— “Estou contigo. A qualquer coisa, do seu lado. Tá?”

Algo queimava no canto do olho dele e não parava, mesmo quando assentiu rígido e viu a irmã correr pela rampa do navio rumo ao cais.

— “Pai!” Clare gritou, correndo direto para os braços de Arthur. O rosto dela era uma versão mais dura e masculina do rosto dele, mas o nariz descia na mesma curva e o maxilar tinha as linhas cortantes parecidas. Ela sempre fora filha do pai em todos os sentidos.

Malcolm era filho da mãe, e Trystan... não era filho de ninguém.

Ele revirou os olhos para a melancolia. Era tão desconfortável quanto a alegria, mas dessa vez a dor apertava o estômago em vez do enjoo habitual.

Trystan seguiu Evie, segurando sua mão, a pele sem luvas tocando a dela enquanto ela subia na tábua e descia cuidadosamente.

— “Não caia,” avisou ele. — “Tem crocodilos que adorariam te devorar como sobremesa.”

Sage virou-se.

— “Está me chamando de sobremesa?”

— “Droga. Não, Sage. Tentei te assustar.”

— “Comparando-me a um bolo?”

— “Aos crocodilos!” Ele acenou com a mão. — “Vai logo. Eu já vou.” Aproximou-se por trás, colocando a mão nas costas dela, levantando o capuz para proteger o rosto. Erro. Ela quase tropeçou no cais antes que Trystan a segurasse firme, puxando-a para perto e saltando, aterrissando seguro na frente de Arthur.

— “Não podia esperar mais dois passos antes de quase me jogar na água?” Ela o cotovelou, não forte, mas suficiente para ele relaxar o aperto.

— “Na verdade, sou o único motivo de você não ter caído na água.”

Sage suspirou, franzindo o nariz, distraindo-o o suficiente para que ele começasse a contar as pintinhas dela. O canto dos pássaros anunciava o início do dia, e Trystan ajeitou o capuz também, acenando para Tatianna e Clare fazerem o mesmo.

— “Arthur!” O capitão Jones saltou do navio e abraçou o curandeiro da alma, os dois rindo enquanto batiam nas costas um do outro. Arthur passou os primeiros anos de Trystan viajando pelo continente com o capitão, procurando almas para curar, abençoando todos com sua magia pura — todos, menos os próprios filhos.

Trystan não achava que valesse a pena buscar aprovação dos outros; era mais fácil e simples repelir. Fazer as pessoas se sentirem indesejadas garantia que elas o deixassem quando ele decidisse.

Mas querer a aprovação do próprio pai... essa era uma aspiração desesperada que morava na medula dos ossos de Trystan, tão entranhada que não haveria exorcismo.

— “Você avisou que estávamos chegando,” acusou Trystan Jones, sentindo-se como um fantoche, quando achava que puxava as cordas.

Jones bateu as mãos, alertando.

— “Trystan, fiz um favor. Você disse que precisava passar na casa da sua mãe, e Arthur é o único em quem pode confiar para te levar até ela sem chamar os homens do rei.”

A barba vermelha de Arthur estava bem aparada, o cabelo preso, e ele abriu os braços, como se fosse...

Oh, céus, será que o pai dele tentaria abraçá-lo?

Trystan se desviou com tanta força que quase derrubou ele e Sage. O braço dele passou pela lateral do seio dela — e ele não sabia o que era pior: o pai estranhamente tentando um abraço quando Trystan mal suportava aperto de mão, ou o toque do corset dela provocando um choque elétrico no braço dele.

Um empate.

Arthur mostrou a dor na testa franzida, o lábio caído.

— “Eu mereço isso. Não devia ter presumido... peço desculpas. Jones estava sendo amigo, me avisou. Sua mãe não é fácil de lidar — levei anos para entender isso sozinho.” A risada grossa era familiar da vida antes desta. Ele continuou:

— “Queria ajudar e achei que se eu estivesse do seu lado, Amara poderia ser mais cooperativa com o sapatinho de vidro.”

As razões faziam sentido. Mas Trystan não se importava.

— “E como pretende ajudar nisso?” Cruzou os braços, bloqueando Sage quando alguns pescadores passaram, esperando até que estivessem longe.

Arthur apontou para uma carruagem coberta no final do cais.

— “Isso vai te levar pela vila; eu a conduzo para casa. As pessoas vão achar que trouxe mercadorias com Jones. É o melhor caminho.”

Era.

Fucking annoying.

Outro pescador passou, olhando Sage de perto demais antes de tapar a boca e pular.

— “A Mulher Malvada! Chame a Guarda Valiant! É a Malvada—”

Trystan o empurrou na água, assobiando para ouvir o splash.

Sage olhou a água, inquieta.

— “Você não disse que tinha crocodilos ali?”

— “Sim,” respondeu ele, sem expressão. — “E daí?”

— “Alguém pesca esse homem e o mantém calado!” Jones ordenou, alheio à violência súbita de Trystan.

Talvez ele estivesse perdendo o toque.

Jones bateu nas costas dele.

— “Estarei esperando aqui para te levar de volta. Boa sorte, e boa sorte para o pequeno Alexander também.”

O nome soou como um alarme na cabeça de Trystan, um choque paranoico que o fez arrepiar, sem saber o motivo.

Até que olhou ao redor e viu uma algema solta presa a uma pequena bola pesada perto dos seus pés.

Reinaldo.

Ele viu um flash verde no canto do olho e, nos momentos seguintes, ouviu os suspiros do grupo ao ver o sapo no topo de um poste, prestes a pular na água.

— "Reinaldo?" Trystan chamou cauteloso. — "Desça daí."

Os olhos dourados do sapo quase desapareciam no negro da pupila, a consciência ausente, fazendo o coração dele despencar.

— "Alexander. Alexander, sou eu. Sou Trystan."

Nada.

Então o sapo saltou.

Trystan e os outros assistiram, o mundo em câmera lenta enquanto Reinaldo pulava do poste para um lírio, depois para o cais, sumindo na confusão da vila.

— "Não! Merda. Temos que ir agora."

Arthur os apressou, empilhando-os na carruagem, segurando a mão de Trystan antes de fechar a porta.

— "Não é culpa sua, filho — nada disso. Você precisa se lembrar disso."

Arthur fechou a porta no rosto dele, aprisionando-o dentro da carruagem e as palavras que faziam pequenos furos sob a pele.

A carruagem sacudia pelas ruas de areia, e Trystan espiava as casas de pedra cada vez maiores, os vendedores de peixe e colares coloridos.

— "Não perca o sapo!" Trystan bateu no teto, e Sage o mandou calar.

Sage. Mandar calar. Ele.

O mundo virou do avesso.

— “Cala a boca, seu pirralho!” ela disse, convencida.

Cala a boca, seu pirralho, ou vamos morrer os dois.

As primeiras palavras que ele dissera para ela — jogadas na cara dele.

Lição aprendida — na próxima vez que encontrar a mulher mais irritante, linda e que mudaria sua vida... deixe-a morrer.

— “Eu o vejo!” Arthur gritou para eles. — “Vejo para onde ele vai! Subindo o caminho de pedra! Ele está atrás de uma— uma mosca!”

— “Onde?” Trystan sussurrou, quase avançando em Sage, que respondeu com um joinha.

Mas toda a raiva sumiu quando o corpo dele finalmente alcançou a mente, que gritava para ele entender.

Para onde levava o caminho de pedra.

— “A casa da sua mãe!”

A casa da mãe de Trystan. Foi para lá que Reinaldo foi.

A mesma mãe que tentou matá-lo da última vez que se viram.

Muito bem. Pelo menos ela não vai tentar abraçá-lo.

Capítulo 69

Reinaldo

Cores borradas, pessoas grandes, e um único caminho de pedra até uma casa enorme.
Mosca. Havia uma mosca. Ele queria comer a mosca.
Algo mais. Também queria algo mais, mas não conseguia lembrar o quê. Ou quem ele era além do instinto animal que o fazia agir: perseguir a mosca. Comer a mosca.

A língua disparou e ele errou o alvo, saltando atrás da mosca por uma janela pequena, caindo numa cozinha onde, de repente, se viu cara a cara com outro ser.
Um humano. Como ele fora um dia.

Era como acordar de um pesadelo ruim, onde esquecera tudo que fazia Alexander ser um homem. Mas agora lembrava. Bem na hora em que a jovem de olhos verdes grandes piscava para ele, recuando, boquiaberta.

O cabo de uma vassoura desceu, tentando espantá-lo, e ele pulou para um armário alto, escapando por pouco.
— "Não, não! Vai embora, praga!" A voz da moça era suave, daquele tipo que todos os empregados usam em casas grandes para não serem notados ou ouvidos. Mesmo agora, ela seguia essa regra. — "Desça daí! Agora!"

Alexander nunca ignorava o pedido de uma dama. Era uma compulsão, uma mania chata de educação. Ele pulou na mesa, piscando para ela, fazendo a madeira ranger sob o peso.

Ela piscou de volta, inclinando a cabeça, claramente confusa.
— "Oh. Não esperava que você... escutasse."

Sem placas para comunicar o que queria dizer, ele deu de ombros. Ela arregalou os olhos, tapando a boca com a mão, atraindo seu olhar para aquelas íris verdes. Como musgo, ou uma folha de lírio. Ele não era muito bom com descrições agora, mas percebeu que eram

profundas, insondáveis, impossivelmente grandes, abrindo mais quando ele levantou um pé palmado e acenou.

— “Não faça isso!” Ela bateu a mão ao lado do corpo e uma luz cintilante saiu das pontas dos dedos. Os raios atingiram um vaso de flores, transformando rosas vermelhas em douradas.
— “Oh, não, não, não,” disse, apavorada.

Magia. A garota de olhos grandes acabara de mudar a cor das flores.

— “Winnifred? Que barulho é esse?”

Winnifred ficou pálida.
— “Nada, senhora! Eu escorreguei na água derramada.” Alexander não sabia como essa tímida esperava ser ouvida falando tão baixo.

Passos altos ecoaram pelo corredor. A voz familiar. As paredes da cozinha salpicadas de amarelo. Reinaldo já estivera ali.

Sem cerimônia, Winnifred o pegou no colo, sentiu o ar zunir nos ouvidos enquanto o jogava dentro de um pote de biscoitos.
— “Fique quieto.” A tampa caiu com um baque. Escuro. Rude.

Se tivesse as placas, diria a ela, mas por ora só mandaria o pensamento e esperava que ela entendesse.

— “Senhora Maverine,” disse Winnifred, e Reinaldo ficou estático como pedra.

Ele tinha pulado direto para o lugar onde vira sua transformação em sapo acontecer.
— “Sinto muito. Não quis incomodar.”

— “Você nunca quer, Winnifred,” respondeu Amara Maverine com aspereza. — “Não tolero sua insubordinação depois das cortesias que te ofereci. Quero que faça seu trabalho sem barulho ou drama. Barulho é drama.”

— “Sim, senhora Maverine. Novamente, peço desculpas.” A voz dela parecia encolhida, pequena — efeito que Amara costumava causar.

— “Meu marido está chegando. O almoço está pronto?”

— “Sim, senhora. Está na mesa da sala de estar.”

Houve uma pausa, e até Alexander, preso no pote, sentia a tensão no ar.

— “O que houve com as rosas?”

Alexander ergueu a cabeça, espiando para fora do pote, a tampa pendurada como um chapéu. Amara Maverine era dez anos mais velha, mas ainda tão bela, com cabelo preto e olhos ainda mais escuros. Fios prateados brilhavam sob a luz, presos num coque bem arrumado. Os lábios apertados, o olhar cortante.

Winnifred encarava as rosas, calma, afastando um fio castanho da testa, mas Alexander viu a gota de suor na testa dela.
— “Vieram do jardineiro assim, senhora.”

A boca severa de Amara se contorceu enquanto ela olhava Winnifred com desprezo.
— “Veja que continuem vermelhas, sim?”

Winnifred fez uma reverência rápida, corando e desviando o olhar para os sapatos.
— “Claro, senhora.” A serva era quieta por natureza, achou Alexander pelo tom doce e pouco usado da voz. — “Se precisar de algo, me avise.”

Amara fungou, olhando para ele lentamente, e Reinaldo se escondeu de volta no pote tão rápido que a tampa fez um clique.
— “O que foi isso?” Amara deu um passo. Outro. Alexander suaria se tivesse glândulas para isso.

— “Nada, senhora! Você não quer...”

— “Amara! Cheguei!” A voz de Arthur Maverine ecoou pela casa, aliviando Reinaldo. Os outros estavam lá. Ele estava salvo.

— “Onde você está?”
— “Já vou!” Amara chamou. Alexander ouviu os passos se afastarem, depois mais leves. A tampa abriu, e era... a garota da vassoura. Maravilha.

Winnifred olhou para ele com pesar.
— “Tudo bem, Alteza. Hora de ir.”

Alteza? Ela o conhecia? Tinha reconhecido?

Ela o segurou o mais longe possível do rosto.
— “Quem colocou essa coroa aí é fã de punição cruel e incomum.”

Ah, pelo menos nisso ela tinha razão.

Ela tentou tirar a coroa — e ele mordeu.

— “Ai!” Ela gritou, largando-o. — “Pra quê isso?”

Ele a saudou sarcasticamente.

— “Não gosto de sapos,” disse ela, cruzando os braços. — “Você morde muito forte para um bicho tão pequeno, hein?”

Reinaldo procurou por placas, mas lembrou que não tinha nenhuma. Droga.

A porta dos fundos bateu, e a cozinha virou caos — gritos, berros, confusão total.

Trystan entrou, despenteado e ofegante.

Winnifred recuou, pegando um garfo e começando a balançar... de olhos fechados. Para lutar, uma tática duvidosa.

— “Eu disse para bater antes de entrar,” Evie gritou. — “Assustou a pobre garota.” Aproximou-se, sem medo.

— “Sage, ela está armada. Não,” disse Trystan, estendendo a mão para pará-la, quando os dentes do garfo cravaram em sua palma. A sala congelou. Evie fez careta, mostrando os dentes, enquanto todos encaravam o garfo prateado fincado na mão do chefe.

— “Tem um garfo,” disse ele, curioso, não bravo. — “Na minha mão.”

— “Claro que é um garfo. Duvido que uma colher faria isso,” respondeu Evie com cuidado.

Trystan suspirou.

— “Ah, não,” Winnifred sussurrou.

— “Devo tirar?” perguntou Evie enquanto Tatianna entrava.

Tatianna levantou a mão de Trystan, olhando de cima a baixo.
— “É superficial. Sai fácil se puxar.”

Trystan retirou a mão.
— “Ninguém vai tirar nada!”

Alexander escolheu esse momento para pular no ombro de Trystan, usando o pescoço do garfo como impulso. O garfo caiu no chão.
— “Droga, Reinaldo.”

— “Com licença.” Winnifred falou ainda mais baixo, quase inaudível.

Nem Trystan nem Evie ouviram, envolvidos na discussão.

— “Foi culpa sua. Eu avisei que era melhor avisar antes de entrar como se o cabelo estivesse pegando fogo,” Evie discutiu.

As veias na testa de Trystan pareciam prontas para explodir.

— “Isso se chama invasão, Sage. Eu invadi. Fui esfaqueado com um garfo. No geral, uma entrada de sucesso.”

Evie sorriu, quente e carinhosa.
— “Está certo.”

Trystan olhou desconfiado.
— “Isto é uma armadilha.”

Ela o empurrou, revirando os olhos, e Winnifred repetiu, mais alto — ainda baixo demais.

Alexander não quis ver isso de novo. Notou um quadro-negro na cozinha, com ingredientes, e escreveu uma palavra:

OUÇA.

— “O que está fazendo?” Winnifred sussurrou, confusa. — “Não faça isso.” Acenou as mãos, querendo afastar sua consciência.

A mulher tinha magia. Um sapo comunicativo era mais um desafio?

Ele conferiu a escrita. Não, era essa.

— “Desculpe.” Trystan limpou a garganta, fazendo uma reverência dura. — “Viemos ver minha mãe. Arthur, acredito, entrou pela frente.”

Winnifred arregalou os olhos para Evie.
— “Mas vocês são... Quero dizer, pela folha, vocês parecem, hum — têm certeza que a senhora Maverine os convidaria?”

Evie garantiu:

— “Oh, não fomos convidados.”

Winnifred fez um barulho de rato.

— “Trystan!” A voz de Amara cortou a calma da cozinha. — “Entre aqui. Agora!”

Winnifred suspirou.
— “Vou ser demitida.”

Alexander soltou um som estranho, um crocitar-riso. Não tão diferente dos outros, mas mais suportável quando era escolha dele.

— “Ah, não tema.” Evie acenou com as mãos. — “Vamos mentir e dizer que ameaçamos você!”

— “Mentir?” Winnifred murmurou, virando o rosto e mostrando uma pequena pinta perto da bochecha.

Evie apertou o braço dela, tão familiar que Alexander quase acreditou que se conheciam há anos. — “Fique tranquila. A gente resolve.” Acenou, já indo para a porta. — “Venha, Trystan.”

— “Não sou cachorro,” ele respondeu, sombrio.

Evie deu de ombros, já andando. — “Tudo bem, fique aí. Vou encontrar sua mãe. Aposto que temos muito o que conversar.”

Uh-oh.

Aviso ominoso desnecessário.

Trystan já tinha obedecido e seguido assim que as costas dela sumiram da vista.

Capítulo 70

BECKY

Enquanto isso, na mansão...

— “Srta. Erring?” Lyssa chamou de fora da ventilação perto da entrada principal da mansão, onde Becky tinha a cabeça enfiada.
— “Está procurando o traidor pelo sistema de ventilação?”

Becky saiu devagar, fazendo uma careta, e levantou o dedo com cara séria.
— “Por que eu procuraria ali? Nem uma pessoa caberia.”
Ela acabara de descobrir isso — três segundos atrás.

— “Acho que você está preocupada com o Blade, então não está pensando direito,” Lyssa disse, colocando a mão na testa de Becky como se fosse medir febre.

Becky afastou a mão da menina, levantou-se, ficando quase do tamanho dela, ajeitando os óculos no nariz.

— “Quem te contou essa bobagem?”
— “Você.”
— “Eu não estava pensando direito,” Becky respondeu.
— “Porque está preocupada,” Lyssa sugeriu, com aquele olhar inocente. “Com seu pretendente.”

Essa garota era mais esperta do que mostrava e mais perspicaz do que parecia.

Becky sentiu orgulho e irritação, tudo junto. E acabou sentindo falta do irmãozinho.
Sentiu falta de todos os irmãos. Família tem poder sobre a gente; ninguém entende melhor como remendar o coração e, ao mesmo tempo, como quebrá-lo com facilidade.

— “Estou preocupada,” admitiu Becky. “Mas ele não é meu pretendente. Só queria que ele acordasse para saber se está bem. Como... colega preocupada.”

— “Porque você o ama.” Os olhos de Lyssa brilharam e ela pulou, como se tivesse descoberto um tesouro.
— “Sabia! Devia ter trancado vocês dois no armário.”

O burburinho do escritório começava, mas Becky nem sabia que horas eram. Não checou relógio há horas, nem se preocupou com produtividade, estoque de canetas ou prazos. A noite inteira foi só Blade Gushiken — se ele acordaria, e o que ela diria quando isso acontecesse.

Você o ama.
NÃÃÃÃÃO!

Becky fechou os olhos e estendeu a mão.
— “Você trouxe o diário da Evie como pedi?”

Lyssa assentiu, jogando o livro para Becky. Ela folheou, procurando “starlight”, mas parou ao ver uma anotação cair no colo.

— “O que é isso?” Lyssa inclinou-se para ver.

Becky levantou o papel para que a menina também enxergasse.
— “É um recado para a Evie do chefe. Pedindo para vir trabalhar cedo numa reunião, datado de meses atrás. Diz que, se não fosse, seria demitida.”

Lyssa fez um “oooh”.
— “Nossa, que vilania boa,” disse, marcando na lista que o chefe tinha dado a ela, que carregava no bolso.

Algo não batia. Becky continuou olhando o bilhete, achando estranho... até perceber.

Ela já tinha visto a letra do chefe dezenas de vezes nos papéis que arquivava.
Mas essa... não era a dele.

As letras tinham floreios que o Vilão jamais usaria, e o traço do “T” era torto.

Becky respirou fundo, sentindo o peito subir e descer.
— “Lyssa, você tem algum dos bilhetes que recebeu? Algum que não entregou pra Clare?”
Só um palpite, mas ela precisava seguir.

Lyssa fez cara culpada.
— “Tenho.”

Becky assentiu, aliviada.
— “Vamos pegar.”

— “Segura ele!” uma voz masculina gritou no pátio. — “Pegue as correntes! Agora!”

Becky e Lyssa trocaram um olhar e correram para as portas dos fundos, entrando no pátio em caos total.

Fofucho bateu o pescoço contra outra coluna, desesperado, e um guvre macho gritava preso sob a grade. Algo estava errado.

A grade sacudia.

— “O que está acontecendo?” Becky perguntou, erguendo o braço para se proteger.
Empurrou Lyssa para trás para proteger a menina dos destroços.

Dante, um dos Guardas Malevolentes que ficaram na mansão, gritou por cima do bater de asas.
— “Não sabemos! O guvre fazia uns sons loucos, e aí o Fofucho entrou em pânico.”

Nuvens cinzentas cobriram o céu, a luz do sol murchou, e a grade começou a tremer, como se algo enorme batesse contra ela.

Um clang. Todos pararam.

Outro clang. Becky apertou o ombro de Lyssa.
Terceiro clang. A grade voou, e o guvre macho saiu, suas escamas brilhando com o arco-íris de Rennedawn, de Fate.

Becky esperava que ele voasse para longe, mas ele veio direto até eles, deslizando serpenteante. Becky recuou, estendendo a mão para proteger Lyssa quando os guardas avançaram com lanças e armas.

Lyssa viu primeiro.

— "Não! Vocês não podem!" ela gritou, correndo para o guvre como se a vida dependesse disso. Becky a seguiu rápido, mas foi tarde.

O guvre abriu a boca e soltou uma nuvem de névoa púrpura — indo direto para Lyssa.

— "Não!" Becky gritou, impotente, enquanto a névoa a envolvia, fazendo Lyssa gritar de medo. Aquilo ia matá-la. Becky nunca se perdoaria. Passaria o resto da vida assombrada por tudo que poderia ter feito para impedir.

Mas, no momento em que sentiu o coração despedaçar, algo inacreditável aconteceu.

O guvre parou, acalmou-se, a névoa se abriu, e Lyssa estava ilesa... e brilhava.

Brilhava prateado, como uma estrela.

Becky ergueu a mão para proteger os olhos do brilho forte. A boca secou, e as gotas de chuva que começaram a cair não ajudaram.

— "Lyssa," Becky sussurrou, alcançando a menina cuidadosamente.

O guvre abaixou a cabeça, batendo com a própria na de Lyssa e baixou uma asa, sinalizando para que ela subisse.

— "NÃO!" Becky gritou, indo agarrá-la. — "Não, Lyssa, você não pode ir! Não."

Sem pensar, Becky subiu pela asa, seguindo Lyssa para as costas do guvre.

— “Temos que descer, agora!” ela gritou.

Lyssa balançou a cabeça, ainda brilhando, segurando uma espinha nas costas do guvre.

— “Ele precisa de alguém.” O guvre suspirou satisfeito, e os guardas abaixaram lentamente as armas.

A cabeça grande do guvre, com escamas iridescentes, se inclinou e olhou Becky nos olhos.

— “Não,” implorou Becky, reconhecendo aquele olhar. Era o mesmo que ela mesma tinha quando fugia de casa.

A ousadia de quem está prestes a voar.

— “Segure firme!” Becky gritou quando eles dispararam para o céu, Lyssa apertando forte os espinhos, gritando de alegria, enquanto Becky gritava de pânico.

O guvre voou para longe da mansão, entre as nuvens, rumo a sabe-se lá onde.

Tudo que Becky sabia era que onde quer que fosse o guvre... Becky e Lyssa também estavam indo.

Capítulo 71

EVIE

Ela teve que usar toda a sua profissionalismo e força de vontade para não sair correndo por todos os cômodos da casa até encontrar o quarto de infância de Trystan. Nem dava para ter certeza de que a mãe dele tinha mantido o quarto do jeito que era, especialmente com o olhar afiado que Amara Maverine lançava para eles, sentada na poltrona assim que entraram. Como se já soubesse que Trystan ia ser uma decepção, como se tivesse esperado por isso.

Isso fez Evie odiá-la ainda mais.

— Que sorte — as palavras de Amara se espalhavam pelo ambiente como uma fumaça tóxica, e Evie teve que segurar a vontade de engasgar. — O Vilão e a Mulher Malvada, aqui me visitando. Digam-me, a que devo essa honra?

— Acho que você não deve se sentir honrada com a visita da gente, mãe — Trystan resmungou, examinando um sanduíche e virando-o de cabeça para baixo.

— O que você está fazendo? — Amara estalou.

— Tentando descobrir que tipo de veneno você usou — respondeu ele, relaxando com uma pose desleixada, se transformando numa versão diferente de si mesmo, uma bem amarga.

— Acredite ou não, não costumo envenenar meus convidados.

— Só meus filhos, então — Tatianna comentou, se colocando entre Trystan e Amara. — Olá, Amara. Ainda tem esse pau no seu traseiro?

— Tatianna. Encantadora como sempre — Amara revirou os olhos com desdém. — Mistério você ter deixado uma chance dessas escapar, Clarissa.

— Amara — Arthur resmungou. — Você prometeu.

Evie se perguntou quais sombras moravam numa pessoa que precisava prometer ser civilizada com os próprios filhos.

— Tudo bem, pai — Clare falou, assumindo uma postura nova, igual Trystan. A presença da mãe parecia transformar os dois em versões erradas de si mesmos.

O clima pesado que pairava sobre os irmãos Maverine não contaminava a sala, que era quente, iluminada por velas. Móveis confortáveis e estantes cheias de livros preenchiam o ambiente, e o piso de madeira tinha marcas de muitos passos indo e vindo. Era uma casa vivida, talvez amada um dia, mas agora vazia.

As memórias moravam ali como fantasmas nas paredes, embutidas na fundação de uma casa assombrada.

Evie tossiu no braço para disfarçar o nervosismo, atraindo a atenção de Amara, que olhou para ela com interesse.

— Mulher Malvada? Que piada. Você parece um cervo preso na luz de uma carruagem.

Evie se preparava para responder, mas uma voz mortal cortou o ar.

— Não fale com ela assim.

Os olhos de Amara fixaram Trystan outra vez. Ela estava ereta como uma rainha ao colocar um papel na mesa.

— E Trystan lutando por justiça vigilante em vez de vilania. Que novidade. Estou muito orgulhosa.

Amara cravou o dedo no panfleto na mesa, e Evie arregalou os olhos ao ver as letras em negrito no topo:

EXTRA: O VILÃO OU O ANTI-HERÓI?
O NOTÓRIO VILÃO DE RENNEDAWN SALVA VILAREJOS INOCENTES DE UM FÊNIX MALÉVOLO AO LADO DE SUA APRENDIZ, A MULHER MALVADA.

Logo abaixo, uma frase que parecia uma sentença:

O Vilão — não tão vilão assim?

— Quem escreveu essa besteira? — Trystan apertou o papel, rasgando-o com raiva enquanto lia. — Eu salvo uma vila, e minha reputação vai para o buraco. Estão me chamando de... herói? Oh, céus, ele está ficando verde?

Ele bufou, encarando o jornal com ódio.

Evie hesitou, mas a língua falou por ela.

— Anti-herói, senhor. Um herói que não age como herói está longe de ser santo. Respire fundo.

Amara bufou, e um silêncio pesado tomou conta do ambiente, pontuado por um trovão e uma chuva repentina.

— Winnifred! Traga mais velas! — ordenou Amara.

A tímida criada entrou, curvada para parecer menor, acendendo as velas com cuidado, pulando ao redor de Reinaldo, que apareceu aos seus pés.

— Que barulho é esse, Winnifred? Já tive bastante da sua bagunça hoje — Amara se levantou, pronta para ir até a jovem assustada, mas Trystan a impediu.

— Ah, mãe, não me diga que esqueceu sua maior conquista?

Trystan caminhou até o outro lado da sala, pegando o sapo com uma mão.

— Lembra do Príncipe Alexander Reinaldo do reino do sul?

Amara apertou o peito como se tivesse sido atingida.

— Você ousa trazer essa coisa para minha casa? Essa aberração que você criou!

— Amara — Arthur segurou os cotovelos dela, tentando acalmá-la. — Você concordou em manter a paz.

— Concordei, com a condição de que ele também o fizesse! — Amara acenou.

— Em vez disso, você me traz minha filha traidora e meu filho monstruoso — ela cutucou Trystan no peito, que manteve os olhos à frente, firme, sem recuar. — Você sabe a confusão que causou desde que revelou sua identidade? Tenho amigos de vinte anos que me evitam nas ruas. Toda a vida que Arthur e eu construímos aqui — destruída por sua egoísmo.

— Certamente desconfiavam de algo estranho na nossa família muito antes — Trystan respondeu com voz dura e fria.

— Morto — Amara cuspiu. — Como eu queria que você estivesse.

— Já chega! — Arthur tentou apartar, mas era tarde demais.

A raiva de Evie tomou conta; a vontade de fazer as pazes sumiu, substituída por uma fúria protetora. Ela se levantou na frente de Trystan e deu um tapa na cara de Amara Maverine.

O choque da sala foi tão grande que ninguém soube o que dizer.

— Uma vez um cervo rosnou pra mim — Evie comentou. — Se um cervo pode rosnar, com certeza pode atacar. Então, se pareço assustada, saiba que não estou. Mas fique à vontade para me subestimar.

Amara parecia prestes a revidar, mas mudou de ideia.

— Leve Alexander e saia da minha sala, Clare. Quero conversar a sós com meu filho e sua... — ela olhou para Evie com desprezo — parceira.

Irritar duas gerações de uma vez só? Evie se perguntou se isso dava medalha ou cadeia.

Clare colocou Reinaldo no ombro e sentou-se em uma cadeira, bem de frente para a mãe.

— Não. Ele fica. Nós ficamos. Todos.

Tatianna sentou lentamente, observando a cena com interesse exagerado.

— Sabem por que estamos aqui? — Evie perguntou, dando uma mordida no sanduíche.

Amara franziu o cenho e pegou sua taça de vinho.

— Sim. Vocês vão me pedir os sapatinhos de cristal.

Trystan engoliu em seco.

— Arthur contou?

— A versão curta — Arthur explicou, parecendo um guarda, só se movendo para consertar uma janela aberta que deixava a chuva entrar.

— Vocês vão me dar os sapatinhos?

— Não.

— Que surpresa — Evie resmungou, se encostando na cadeira.

— Não tenho interesse em ajudar numa missão inútil, mas quero Alexander de volta como príncipe. E estaria disposta a dar os sapatinhos se vocês fizerem algo para mim.

Amara deslizou até a parede e abriu um painel secreto, pegando um pergaminho com o mapa do reino do sul.

— O reino do sul fica na nossa fronteira. Vocês têm pouco tempo para usar a varinha que conseguiram.

— Como sabe que temos a varinha? — Evie perguntou.

Amara tomou um gole de vinho, ignorando a pergunta.

— Varinhas funcionam melhor com encantadoras. Só ela pode ajudar vocês a entrar no reino do sul. Varinhas não funcionam para qualquer um. Disse isso para Clare nas cartas que mandei.

Clare ficou pálida.

— Que cartas? — Tatianna perguntou.

— Clare? — Evie chamou.

Clare parecia encurralada, com olhos vermelhos.

— Eu estraguei tudo. Eu ia contar para vocês.

Evie colocou o sanduíche no prato, mastigando rápido até engasgar.

— Como assim? — perguntou.

Trystan deu um tapinha nas costas dela.

— As cartas? — ele incentivou.

— Clare e eu nos correspondemos por meses. Ela não disse nada?

Amara parecia satisfeita com a revelação.

— Ela foi gentil em me manter informada sobre seus movimentos.

Tatianna levantou tão rápido que derrubou dois copos, parecendo mal.

— Desculpa.

— Tatianna, espera! — Clare tentou se levantar, mas a mãe a puxou para baixo.

— Deixe ela ir, Clarissa. Não faça escândalo.

Clare franziu o cenho, olhando para a porta com uma saudade desesperada que cortou o coração de Evie.

— Achei que se explicasse, a mãe ajudaria a gente. Eu tentei consertar as coisas, Trystan. Juro. Pensei que ela perdoaria você se eu contasse.

Trystan suspirou.

— Isso só funcionaria, Clare, se nossa mãe fosse capaz de perdoar.

Amara ficou rígida.

— Contratei a encantadora para tirar você deste mundo quando soube da escuridão que tomou conta de você. Para poupar vocês, Trystan. Foi Clare que, pelas minhas costas, contratou a mesma encantadora para fingir matar você, me enganar. Alexander se meteu no meio, e por isso virou isso aqui — apontou para o sapo — mas não tenho nada a ver com isso. Fui generosa em contar aos pais dele a notícia da morte, e ainda poupei a filha da encantadora da ira do reino do sul, por caridade. Tenho sido generosa.

Evie estava prestes a ser generosa também... mas com algo pesado na cabeça de Amara.

— E em nome da generosidade, digo que vocês não vão entrar no reino do sul sem uma encantadora para usar os sapatinhos e a varinha. Sem os dois, os objetos são inúteis.

— Acho que isso não é generosidade — Evie sussurrou para Trystan, que já esfregava o nariz com frustração.

Trystan segurou a mão no braço da cadeira, decidido.

— Quer dizer que para encontrar a encantadora, precisamos da encantadora? Passamos todo esse tempo correndo atrás do próprio rabo?

— Nem tanto — Arthur voltou, sentando-se ao lado de Amara. — A barreira não é como a maldição de Alexander. Maldições só podem ser quebradas pela encantadora que as lançou. Mas a varinha pode ser usada pela assinatura mágica de qualquer encantadora.

Arthur esfregou as olheiras, exausto.

— Fui autorizado a entrar no reino do sul semana passada para curar a encantadora antes da execução. O rei e a rainha querem ela perfeita para o fim dela.

— A maneira mais fácil de chegar até ela seria comigo — continuou Arthur. — Eu posso escoltar vocês até o palácio, mas os guardas na entrada precisam demorar a notar minha presença, ou vão desconfiar. Vocês precisam de alguém para usar a varinha e calçar os sapatinhos para passar pela entrada lateral e baixar os encantamentos sem que ninguém perceba.

— E como fazemos isso? — Trystan perguntou, cético.

Amara bateu palmas, um sorriso sinistro no rosto.

— Acho que está na hora de fazer minha proposta.

— Proposta? — Evie cruzou os braços, pronta para o pior.

Amara não se abateu.

— Vocês não achavam que eu ajudaria meus filhos revoltados de graça, depois de tudo que roubaram de mim?

Trystan e Clare estalaram.

Evie começou a erguer a mão, mas Reinaldo pulou nela, segurando-a contra a almofada.

RESPIRA.

Ela conseguiu, mas foi pouco.

— O que quer? — Evie perguntou.

— Tragam a encantadora aqui, para mim — Amara dobrou as mãos. — E para provar boa fé, vou enviar alguém que possa usar a varinha e calçar os sapatinhos.

— Quem? — Trystan perguntou, cauteloso.

Amara foi até a cozinha e voltou com Winnifred arrastando os pés atrás dela. A moça encolheu-se, os ombros caídos.

— Apresento a vocês: parente mais próxima da encantadora. Uma encantadora amadora, claro, mas serve para os seus propósitos.

Winnifred parecia apavorada.

— Senhora Maverine, o que está fazendo?

— Vocês já conhecem a filha da encantadora Belinda Erodina, Winnifred?

Amara empurrou Winnifred até ela cair de joelhos, e uma magia escapou dos dedos da moça, pintando o sofá de rosa.

— M-me desculpe — sussurrou Winnifred, apertando as mãos contra o peito.

Evie e Trystan se apressaram para ajudá-la a levantar.

— Eu a acolhi depois que a mãe dela foi capturada — Amara riu, vazia.

— Eu não sou um monstro.

Não, Evie pensou.

Amara Maverine era algo muito, muito pior.

Capítulo 72

BECKY

Voar em um *guvre* foi exatamente como Becky havia previsto: aterrorizante e absolutamente perigoso.

— Você está bem? — gritou para Lyssa, por cima do vento cortante que chicoteava seus cabelos.

Lyssa não respondeu, apenas assentiu. Sua coragem havia se esgotado, restando apenas o medo que todas as crianças sentem quando o controle desaparece e o futuro é incerto — aquele momento em que elas olham para um adulto, confiando que ele saberá o que fazer.

Becky não tinha a menor ideia do que fazer.

— Pouse! — ordenou.

O *guvre* inclinou o longo pescoço para trás, e Lyssa soltou um grito de medo, enterrando o rosto no ombro de Becky.

— Por favor? — Becky pediu.

Os olhos da criatura brilharam e, então, ele assentiu como se tivesse entendido. Como se soubesse que precisava deixá-las ir.

E assim o fez… Com uma pirueta graciosa, de cabeça para baixo, até que Lyssa e Becky não tiveram escolha a não ser soltar. Elas estavam no ar, gritos se misturando enquanto despencavam em direção ao chão. Não havia tempo para pensar, apenas flashes da vida de Becky e a pontada aguda de culpa enquanto estendia a mão para Lyssa — e, então, o alívio ao sentirem o impacto nas costas de outra criatura enorme. Algo escamoso e…

— Fofucho! — Lyssa exclamou, virando-se de barriga para baixo e agarrando-se à grande sela presa às costas do dragão.

— Blade… — Becky sussurrou, reconhecendo o treinador de dragões à frente da sela, virando a cabeça para olhá-las. O ferimento em sua cabeça já quase havia cicatrizado. Ele parecia saudável e forte, sorrindo seu sorriso perfeito sob a chuva fina e as nuvens escuras que se acumulavam.

— Encantadora Rebecka! — Blade gritou por cima do vento.

Becky assentiu, agarrando a mão de Lyssa, ainda sem confiar que estavam a salvo.

— Precisamos pousar!

Blade não hesitou. O charme despreocupado desapareceu, dando lugar à seriedade e à habilidade.

— Já estou indo.

Fofucho pousou com um impacto firme, mas suave. Becky soltou um suspiro de alívio, descendo primeiro e erguendo os braços para pegar Lyssa. O dragão ergueu uma asa, protegendo-as dos últimos pingos de chuva.

Blade veio logo depois, e Becky não pensou duas vezes — lançou-se nos braços do treinador, apoiando a cabeça em seu pescoço.

As mãos dele pairaram por um segundo antes de se fecharem ao redor dela e descerem suavemente por seus cabelos soltos e úmidos nas costas.

— Estou bem, Rebecka.

— Como você está aqui? — perguntou, sem querer soltá-lo. Não se importava mais com constrangimento ou com os riscos para o coração. Perdê-lo teria sido pior que qualquer outra

coisa… e ela não havia perdido. De repente, tudo parecia possível; de repente, tudo valia a pena.

— O feixe de magia estelar. Ele inundou o casarão, e eu acordei atordoado com aquilo. Quando consegui sair, o *guvre* já tinha decolado com você e Lyssa. Quase tive um ataque cardíaco. — Blade a afastou levemente, examinando o céu. — Não tenho ideia de por que ele trouxe vocês até aqui.

— Ele é um animal. Não sei se tinha outro motivo além de escapar para encontrar a parceira, mesmo que quase tenha nos matado no processo — Becky retrucou, procurando a criatura com o olhar.

Blade balançou a cabeça.

— Não. Ele viu que eu estava atrás de vocês antes de se inclinar. Acho que sabia que eu iria pegá-las.

Becky negou com a cabeça.

— Isso mal é desculpa! E se você tivesse errado?

Blade deu de ombros.

— Então você seria uma panqueca adorável. — Ele riu quando Becky lhe deu um soco no braço, mas seus olhos cor de uísque ficaram preocupados ao olhar para Lyssa. — Você está bem, Lyssa?

Quando se viraram para vê-la, a menina estava a alguns metros, afastando arbustos e árvores até encontrar um véu de salgueiros-chorões.

Diferentes dos comuns, suas folhas brilhavam com tons iridescentes e coloridos, quase como as escamas do *guvre*.

— Lyssa? — Becky chamou.

— Venham rápido. Acho que… acho que isso é um ninho.

Quando Becky e Blade afastaram a cortina de folhas, todos prenderam a respiração.

— Meus deuses… — Blade murmurou.

Escondido atrás dos salgueiros-chorões, em uma parte isolada e aparentemente intocada da Floresta Hickory, havia um ninho feito de palha dourada e, dentro dele… dois ovos desbotados com as cores do arco-íris.

— Filhotes de guvre… eles não nasceram, certo? — Becky sussurrou.

Blade balançou a cabeça.

— Não. E parece que nunca vão nascer.

Os olhos normalmente brilhantes de Lyssa estavam apagados, distantes, enquanto ela se firmava e se voltava para Becky.

— Por que não nasceram? Eles estão aqui há muito tempo, não estão?

Becky engoliu em seco.

— A mãe deles ficou presa por quase uma década, Lyssa. É provável que já não sejam mais viáveis.

Lyssa piscou para segurar as lágrimas, inclinando-se sobre o ninho, e suas pequenas mãos começaram a brilhar novamente com aquela luz branco-prateada.

— Então por que o guvre nos trouxe aqui?
E por que eu estou brilhando?

Becky estremeceu. Isso era trabalho para alguém com experiência real em cuidar de crianças. Sua experiência máxima era cutucar o irmão mais novo com um graveto. Não parecia que isso ajudaria agora.

A honestidade era o único caminho.

— Eu não sei, Lyssa. Talvez ele quisesse que protegêssemos o ninho. Talvez quisesse mostrar o que a parceira dele passará de novo, presa pelo rei. E quanto ao brilho… talvez a magia da sua mãe tenha se manifestado em você?

— Isso quer dizer que… eu sou como a minha mãe? — Havia medo genuíno nos olhos da menina, e Becky conhecia bem esse medo: o receio de que o sangue tomasse conta, transformando você em alguém que nunca quis ser.

— Não. — Passando o braço de forma protetora ao redor da menina, Becky a puxou para o lado. — Não, você é Lyssa Sage e mais ninguém. Não importa o que aconteça, essa é uma verdade que nunca vai mudar. O resto, a gente resolve depois.

A mão quente de Blade pousou sobre o ombro de Becky.

— Vamos chamar alguns Guardas Malévolos para proteger o ninho até decidirmos o que fazer com ele.

Mas Becky não olhou para ele. Porque Lyssa sorriu.

E Becky também.

Capítulo 73

GIDEON

Gideon sonhou com uma princesa de cabelos dourados, longas madeixas caindo ao redor dele. E então acordou do sono mais suave da sua vida… para o tormento. Ou melhor, para Keeley, que lhe dava um soco no braço.

— Gideon, acorda! O sedativo está passando!

Um rugido alto, quase um grito, veio da jaula, e Keeley já estava tentando abrir a fechadura. A cor marrom acinzentada da fêmea estava mais vibrante do que quando chegaram. Sua cabeça serpentina e os olhos se inclinaram para observá-los.

Gideon viu o perigo no olhar tarde demais.

— Keeley, afasta! — A porta da jaula se abriu com força, e Keeley foi arremessada contra a parede do fundo.

O impacto fez o capacete dela voar, e sua trança loira caiu pelas costas. O guvre soltou sua névoa para eles, mas Gideon estava preparado desta vez: pegou Keeley debaixo dos braços e a arrastou para longe antes que o hálito pudesse derreter a pele deles.

Outro grito estridente ecoou pelo corredor, e com isso, o tempo deles para agir despercebidos havia acabado.

— Temos que fazer ela nos perseguir! — gritou Gideon. — Você é rápida o suficiente?

Keeley deu um sorriso sarcástico, levou os dedos aos lábios e assobiou o mais alto que pôde. O guvre se lançou atrás deles, e o sorriso de Keeley virou um meio sorriso.

— E você? — ela desafiou, e então saiu correndo.

Eles correram juntos pelos corredores dos túneis escondidos, jogando armaduras pesadas pelo caminho, sem mais necessidade de disfarces ou peso extra para segurá-los. Os gritos do guvre aumentavam à medida que ela os alcançava, logo atrás, a névoa tocando a bota de Gideon, queimando sua pele. Ele reprimiu um grito de dor enquanto se aproximavam da saída, da liberdade, mas foram parados.

Por um muro de Guardas Valentes, posicionados exatamente para bloqueá-los. Isso não deveria acontecer — a troca de turno dos guardas só aconteceria daqui a uma hora. A única explicação era… uma armadilha.

Mas não havia tempo para pensar, pois Keeley avançou contra os homens, espada em punho, cortando pescoços e braços, levando golpes e devolvendo-os com mais força. Dez contra dois.

Quando Gideon entrou na batalha, percebeu que Keeley valia por centenas. Ele cortou um homem, seguindo atrás da capitã. Lutava sem restrições, cortando os homens com quem já havia servido, sem hesitar.

E sem parar, até que o último guarda correu contra Gideon, espada levantada, rosto ensanguentado enquanto o cavaleiro soltava um grito de guerra. O capacete parou no ar quando uma espada cortou seu pescoço com precisão, a cabeça caindo no chão junto ao corpo.

Antes que pudessem comemorar, uma rajada de névoa veio em sua direção, seguida de um novo grito, enquanto o corpo grande do guvre colidia contra os túneis, ganhando terreno.

— Vamos, capitã! — Gideon agarrou o braço de Keeley e a empurrou para frente até saírem para a chuva fina, tropeçando na entrada do túnel enquanto o guvre escapava para o céu.

— Não, ela está escapando! — Keeley gritou, correndo atrás da criatura que desaparecia nas nuvens.

— Deixe ela ir, capitã. Fizemos o que mandaram. Ela está livre. Temos problemas maiores à frente. Os Guardas Valentes sabiam que viríamos — Gideon adivinhou, ofegante, com os pulmões queimando. — Foi uma armadilha. — Com frustração desesperada, chutou a terra.

Keeley tirou um rubi brilhante do bolso.

— Preciso informar ao chefe que a fêmea escapou. Ele não vai gostar nada de saber que o plano falhou.

— Eu pensei que essa fosse sua ideia — Gideon disse, olhando para o céu na esperança de ver a criatura grávida marrom voando acima deles. Era muito pedir, realmente.

Keeley hesitou com o rubi na mão.

— Por que você pensaria isso?

— O Vilão te disse para não fazer esforço rigoroso por pelo menos uma semana. Você mal esperou três dias antes de pular nessa. Achei que tivesse agido por conta própria.

Keeley franziu a testa, mão e rubi caindo contra a coxa.

— Não. Eu nunca faria algo tão crucial sem ordens explícitas do chefe.

— Então foi ele quem ordenou? Diretamente? — Gideon se aproximou.

Keeley recuou. A chuva molhava sua armadura de couro, grudando em sua pele, marcando as curvas dos seios e a cintura.

— N-não — gaguejou, encarando o calor do olhar de Gideon. — Ele já havia partido quando recebemos a ordem. O Vilão enviou as ordens por corvo para o segundo no comando mais confiável do escritório. A única pessoa que devemos obedecer se o chefe não estiver por perto para dar as ordens pessoalmente.

Keeley tirou a nota do bolso e entregou a Gideon. As palavras estavam um pouco borradas pela chuva, mas a caligrafia, mesmo manchada, era legível.

Gideon a empurrou para trás até que suas costas encostassem em uma árvore. Ainda havia espaço para ela fugir, se quisesse.

Mas ela não fugiu — ficou ali.

— Quem escreveu isso? — perguntou ele.

Keeley cobriu a boca com os dedos, olhos frenéticos enquanto a realização a dominava junto com as gotas de chuva.

— Por que você… — ela olhou para baixo, franzindo o cenho.

Gideon segurou seus ombros, sacudindo-a com urgência.

— Quem!

Keeley empalideceu.

— A primeira linha de defesa do casarão. A pessoa que sempre nos avisa antes das coisas darem errado. O nome dele está assinado no verso.

Gideon sabia sem olhar.

— A pessoa que causa tudo dar errado, mas avisa primeiro para que você nunca desconfie dele.

Keeley ofegou.

E Gideon a beijou.

Ela não resistiu, não o empurrou, apenas se derreteu nele, e foi tão certo, tão perfeitamente certo, que eles estavam fazendo aquilo. Água grudando na pele, gotas caindo, o cabelo molhado preso em seus punhos enquanto ela o puxava para mais perto. Girou-o e bateu as costas dele contra a casca da árvore, e ele não se importou com a dor, nem com mais nada, só com ela. Só com ela.

Gideon a alcançou, mas ela recuou, olhando para ele como se ele tivesse perdido a cabeça.

— Por que fez isso? O que nesse momento disse "vamos nos beijar," seu louco?

— Você me beijou de volta — ele respondeu, desviando quando ela jogou um galho na cabeça dele. — Desculpa! Achei que as coisas estavam ficando sérias e que você precisava de algo para se acalmar.

Keeley limpou os lábios com o dorso da mão.

— Você não me acalmou.
Você me repeliu.

— É por isso que tenho arranhões no pescoço?

Gideon até podia ter um desejo de morrer, mas só um pouquinho.

Keeley parecia pronta para matá-lo, mas se curvou, agarrando os joelhos.

— Deus, vou vomitar.

— Ei. — Gideon suavizou, afastando uma mecha dourada do rosto dela. — Me desculpa. Não devia ter feito isso.

Keeley olhou para ele, a dor tão clara no modo como sua fachada sólida se quebrava, revelando mágoa, revelando sofrimento.

Isso arrancou algo profundo em Gideon, matou seu humor sarcástico e o deixou vulnerável diante dela. A dor dela — fazia Gideon querer destruir algo.

Porque agora estava claro que o traidor, aquele que havia lançado o escritório no caos, que enganou e prendeu sua irmã mais nova, que mostrou uma crueldade sinistra sem nunca revelar seu rosto… era a primeira pessoa a cumprimentá-los todo dia em Massacre Manor.

Marv.

Capítulo 74

O VILÃO

Poucas coisas na vida conseguiam realmente chocar Trystan. Depois de anos de traição — sempre olhando pelas costas para inimigos e quem queria destruí-lo — ele aprendeu a lidar com a decepção com uma mistura de desilusão e indiferença. A natureza humana era previsível, um padrão que se repetia. As pessoas viravam as costas umas para as outras por motivos tolos. Cada um escolhia a si mesmo. Uma teoria que se provava verdadeira vezes demais para contar.

Não, Trystan Maverine não se chocava fácil.

Até ver Evie Sage dando um tapa na sua mãe.

Ele ainda tentava domar seus pensamentos acelerados quando Winnifred fugiu, provavelmente porque todos na sala estavam com os olhos nela. Ele entendia como ela se sentia; ele também odiava aquele olhar fixo, aquele ciclo cruel de se perguntar o que as pessoas estavam pensando de você.

Oh... será isso simpatia?
Eu odeio isso.

A serva era aparentemente filha da feiticeira que eles buscavam.

Durante anos, ele procurou em todas as pistas plausíveis. Quando Reinaldo foi transformado, ele se exauriu por semanas, jurando nunca desistir. Enquanto isso, Amara contratou a filha da feiticeira como criada e a mantinha na casa desde que Trystan saiu, prometendo que ele nunca voltaria.

Ele odiava quebrar promessas. A palavra dele era o único ponto firme que tinha. Mas não tentou o suficiente.

Se ele tivesse simplesmente voltado para casa na última década, teria encontrado Winnifred, e Winnifred teria ajudado a achar a feiticeira. O príncipe foi colocado em perigo, roubado de muitos anos como humano, porque Trystan fora covarde demais para encarar tudo que havia fugido.

A culpa voltou, mas não como um peso no peito — era como um bastão batendo na cabeça.

Reinaldo estava sentado na mesa, segurando o pé como um pequeno bandido prestes a ser preso. Trystan puxou a bola e corrente da bolsa e prendeu novamente no pé do sapo.

— Como você conseguiu se livrar disso da primeira vez, nunca saberei.

Reinaldo escreveu no cartaz:
DESCULPA :(

— Agora é expressão facial também? Maravilha — resmungou Trystan, ignorando o toque do corpo de Sage quando a porta da frente se abriu e bateu, e Arthur entrou ofegante, ainda pingando.

— As estradas estão alagadas — avisou Arthur, cambaleando para dentro enquanto ventos fortes sacudiam a casa. As velas tremeluziam, o vento zunia pela chaminé. — Só podemos partir quando o tempo melhorar. Não começamos uma viagem na tempestade.

A garganta de Trystan fechou, demorou segundos para se recompor e dizer:

— Não vamos a lugar nenhum. — Ele indicou Sage e os outros. — Eles vão. Virar as costas para Arthur era mais confortável do que deveria.

— E eu vou decidir quando partimos.

Amara o encarou com desprezo, e ele se anestesiou. Não sentia nada.

Nada.

— Você deveria estar feliz que ele ainda queira ajudar — ela disse com escárnio.

Trystan deu de ombros.

— Felicidade é uma busca inútil. Evito isso a todo custo.

Arthur pousou a mão no ombro dele, e a paciência de Trystan se esgotou.

— Filho. Entendo sua raiva, mas não deixe seus sentimentos sobre nós confundirem seu julgamento e colocarem em risco quem você ama por orgulho.

O ar ficou gelado. Ninguém falou nada. Sem negações, sem protestos, só silêncio morto. Uma sombra cinza escura tomou o ambiente enquanto a chuva aumentava. Tatianna e Clare observavam a tempestade do lado de fora, apreensivas.

Eles concordavam com Arthur; isso estava claro nos rostos aflitos.

Todos estavam contra ele.

O plano de Arthur era o mais racional. Tomar decisões baseadas em emoções passageiras era uma das razões pelas quais Trystan acreditava que a humanidade estava condenada. E ali estava ele, caindo nessa armadilha.

— Com licença. — Sage levantou um dedo.

Condenado.

— Pessoa que ele se importa aqui. — Ela fez um gesto com a mão.

Maldito condenado.

Arthur fez sinal para ela continuar; Trystan para ela calar a boca.

Adivinha o que ela escolheu.

— Ele não corre riscos por mim. Eu corro por mim mesma. E, com todo respeito, Sr. Maverine, se O Vilão diz que vamos partir agora, é agora que eu parto. — A voz dela era firme, sem gritos nem cinismo, suave e implacável ao mesmo tempo. Trystan teve uma luta interna para não deixar o espanto aparecer nos olhos.

— Por favor. — Amara puxou um fio preto de cabelo para trás da orelha, atravessou a sala até o decanter no canto e tomou um gole generoso do que Trystan suspeitava ser rum. Engoliu em um só gole e fez uma careta.

— Você está enganada. Meu filho mais velho é incapaz de se importar, verdadeiramente, com alguém além de si mesmo — disse Amara, com um desprezo que Trystan nunca entendeu.

O que havia tornado sua mãe tão odiável? Tão implacável? Tão cruel com os filhos antes mesmo de eles a decepcionarem? Um trovão estrondoso soou, como se ele o tivesse invocado.

— Não faça isso, mãe — avisou Trystan. A conexão que o prendia a Sage estava ficando mais forte, enquanto a que o amarrava aos seus medos se esticava, cada vez mais fina.

Se ela continuasse, ia romper. E ele não conseguiria impedir.

— Por quê? — Amara riu, sem nenhuma graça. — É verdade, não é? Você me disse naquele dia que nunca mais sentiria nada pela família ou por qualquer um. Eu acreditei em você. Ou talvez vilões não tenham que seguir padrões tão altos? Eu devia ter percebido quando soube que estava grávida de você que você seria exatamente como —

— EU AMO ELA!

O silêncio congelou a sala com a declaração dura de Trystan. Ele não ousou olhar para mais ninguém que não Amara, mas sentiu Sage puxando seu braço.

Os lábios de Amara se abriram.

— Você ama… quem?

— Ela! — Ele apontou para Sage, frustrado, sem coragem de encará-la; as palavras já estavam fora, à mostra. Então continuou: — Tudo que jurei quando você me traiu — que nunca mais sentiria nada — foi inútil contra ela. Ela destruiu todas as defesas que você construiu. Desde que a conheci, cada dia foi irritação, confusão, sufocamento, frustração, loucura e caos absoluto. Não pode dizer que eu não me importo com os outros. Quebrei todas as promessas para mim mesmo. Não tive escolha — a voz dele tremia de raiva, dor e desejo — em amá-la.

Reinaldo pulou na mesa, segurando uma plaquinha, a bola e corrente arrastando atrás.

FINALMENTE.

— Trystan? — Sage sussurrou, e quando ele finalmente teve coragem de olhar para ela, seus olhos azuis estavam tão abertos que ele viu seu reflexo neles, congelado, maravilhado.

O homem olhando para ele era selvagem enquanto apontava um dedo para ela e dizia, claramente:

— Eu... não consigo.

Não esperou ela dizer mais nada, simplesmente puxou a porta, sendo molhado pela chuva morna do verão.

— Vou dar uma volta.

A grama molhada escorregava sob seus pés enquanto ele descia a colina em direção ao celeiro antigo, chegando à porta aberta. Mas não foi além: foi empurrado contra a parede dura do celeiro, molhada pela tempestade.

— Que diabos… — rosnou ele.

Uma adaga estava em sua garganta.

— Achou que escaparia de mim tão fácil, Vilão?

Capítulo 75

EVIE

— “Você não disse algo sobre nunca virar as costas para um adversário?” Evie perguntou, ficando na ponta dos pés para manter a adaga contra a garganta de Trystan.

Ela não segurou por muito tempo.

Num movimento brusco, foi girada e jogada contra a parede. A adaga voou para dentro do celeiro aberto.

— “Vai embora,” Trystan rosnou, soltando-a e avançando para dentro do celeiro silencioso e vazio. — “E você não é minha adversária, lembra? É minha cúmplice.”

Ela o seguiu.

— “Você não pode simplesmente dizer que me ama e depois sair andando como se estivesse fazendo uma declaração para sua sopa favorita!”

— “Eu não gosto de sopa.”

Evie gritou, cobrindo o rosto com as mãos.

— “Sage, estou exausto e esperava conseguir alguns minutos de descanso antes que minha mãe tente me assassinar de novo.” Ele indicou uma salinha ao lado da entrada principal do celeiro, com uma pequena cama de campanha no canto.

A realização veio devagar, e um pensamento horripilante tomou conta.

— “Você disse isso só para provocá-la?”

Os olhos de Trystan se fixaram nela enquanto ele se virava rápido.

— “O quê?”

— “Você disse tudo isso só para irritar sua mãe? A confissão de amor, tudo que falou sobre o que sente por mim?”

Ele ficou em silêncio, e o coração de Evie se partiu, estilhaçando-se em cantos que ela nem sabia que existiam. Estava fria, com roupas molhadas, o cabelo secando em cachos selvagens que refletiam a loucura dos seus sentimentos.

Deu um passo para trás, engasgando num soluço enquanto corria para a porta — mas não chegou longe.

O Vilão estava ao seu lado, batendo a porta e segurando suas bochechas nas mãos.

— “Não,” ele disse rouco, os olhos cheios de medo e agonia. — “Maldita seja. Eu não—” ele tremeu — “não podia ficar parado e deixar minha mãe dizer que eu não sou capaz de sentir. Não quando a verdade é tão clara que seria um insulto a você fingir qualquer coisa diferente.”

Os olhos dela ardiam, e sua voz soava enferrujada quando disse:

— “Você me ama?”

Os lábios dele se aproximaram, os olhos se fecharam enquanto a testa encostava na dela, e cada toque parecia certo.

— “Se esse sentimento horrível no meu peito é isso, se é por isso que não consigo imaginar minha vida sem você, se isso é o amor — então sim, Evie. Eu te amo tanto que é terrível.”

Ela deu uma risada quebrada.

— “O que é tão engraçado?”

Ela respondeu com um beijo, e o mundo virou algo novo, colorido, sem dor, sem medo, sem traição. Só lábios se tocando, ondas elétricas correndo pelo corpo, direto para o coração acelerado.

Só as mãos dele, segurando o rosto dela como uma boia, movendo a cabeça dela para beijá-la mais fundo, respirando pesado quando os lábios se separaram. Os dedos dela deslizaram pelo maxilar dele, e se olhares tivessem toque físico, os dele teriam coberto todo o corpo dela em resposta.

O brilho nos olhos dele falava de uma desesperança interna.

— “Sage, e o destino? A profecia—”

Ela colocou um dedo nos lábios dele para calá-lo, o calor do seu fôlego enviando um arrepio pelo pescoço dela.

— “Tudo que preciso ouvir é que você me ama. Que você quer isso. Para sempre.”

Não houve hesitação na voz dele:

— “Eu quero você. Para sempre.”

Tudo dentro de Evie virou fogo branco.

— “Então vamos fingir que nada mais disso existe agora.”

Ele franziu a testa.

— “Eu sou O Vilão. Não finjo.”

Ela o beijou fundo, segurando as bochechas dele com delicadeza, os dedos deslizando enquanto a língua tocava o lábio inferior dele.

Ele puxou o rosto para trás, olhando para ela, olhos arregalados, por vários segundos antes de dizer, calmo:

— “Eu estava fingindo quando disse isso.”

Ela foi derrubada segundos depois, com um gritinho e um pequeno pulo ao ser jogada na cama de campanha enquanto ele caía por cima. A tempestade trovejava lá fora, relâmpagos iluminando a janela pequena, dando a Evie uma visão rápida dos músculos abdominais dele enquanto tirava a camisa molhada. O peito nu dele roçou o dela molhada e enrijecida pelo espartilho, e ela agradeceu silenciosamente que, pelo menos naquele momento, a maldição de Rennedawn parecia afastar a magia mortal dele. Não havia sinal dela.

Ela não sentia mais frio; não tinha certeza se sentiria frio de novo.

As experiências sexuais dela eram limitadas na prática, apesar da imaginação fértil dos seus livros — então ela quase não tinha com o que comparar essa sensação do mundo mudando a cada toque da pele deles.

Mas não existia nada que pudesse ser melhor.

Cada pedaço que faltava nela parecia finalmente ter voltado para casa.

Ele foi para os cordões do espartilho, os dedos escorregaram, ele franziu a testa para os laços apertados.

— “Isso é difícil quando você está molhada.”

— “Pensei que fosse para facilitar,” ela disse, com uma malícia doce.

Ele parecia tão escandalizado que Evie deu uma gargalhada.

— “Eu quis dizer seu espartilho, pequeno furacão.”

— “Por que me chama assim?” ela perguntou, puxando devagar os cordões do espartilho. Ele assistia, fascinado pelo movimento dos dedos dela.

— “Porque, assim como um ciclone, você leva tudo embora, deixando tudo num lugar diferente.”

Em algum ponto dos cordões, ele tomou o controle.

Ela respirava melhor a cada laço afrouxado.

— “Ou seja, eu deixo tudo no lugar errado?”

— “Não,” ele sussurrou, abrindo os lados do espartilho. Agora só a camisola a cobria. Ele se inclinou e falou no ouvido dela:

— “Você faz tudo certo.”

Eles se beijaram então; ela não sabia quem se moveu primeiro, estavam em frenesi, ambos sem saber quanto tempo tinham antes de um se atrapalhar todo. Era uma habilidade refinada que nenhum queria testar naquele momento.

— “Até a chuva parar.” Ela suspirou enquanto ele puxava a camisola para baixo, revelando os seios dela. Ele os cobriu com beijos pequenos, descendo pelo esterno.

— “Podemos ficar na nossa bolha até a chuva passar,” ela sugeriu.

— “Vou rezar para um dilúvio,” ele respondeu com um sorriso, a boca encontrando a dela enquanto levantava a barra da camisola com uma mão, os dedos da outra roçando a coxa dela.

— “Vou me arrepender de ter dito isso, mas passei um tempo humilhante pensando nas suas coxas.” Ele apertou a coxa direita dela, e ela sentiu o calor subir por todo o corpo.

Ela olhou para as coxas, corando com o quanto a camisola subira.

— “Minhas coxas? Você pensa nas minhas coxas?”

— “Sim, porque sou um depravado,” ele disse, com voz rouca, os dedos subindo, fazendo ela ficar toda nervosa a cada centímetro.

— “Isso é—” Ela estava tendo dificuldade de pensar ou falar.

— “Isso não é nada depravado, Senhora das Trevas.”

Os olhos dele queimavam nela enquanto começava a acariciar uma parte que a deixava vermelha feito beterraba, mas ele a olhava como se tivesse feito uma descoberta incrível.

— “Eu sabia que o rubor ia além do seu decote.”

Ela não podia acreditar que ia rir na hora dessas.

— “Isso é algo que você fica pensando?” ela perguntou, incrédula.

Mas ele a calou com a boca, e ela não se importou.

E não houve mais palavras depois disso.

Só suspiros. Gemidos. Pausas breves para recuperar o fôlego antes de se entregarem um ao outro novamente. Ela acariciava a aliança dourada no braço dele, e ele entrelaçava a mão na aliança rosa do dedo dela.

As sensações subiam enquanto ele continuava, beijando o pescoço, as bochechas dela. Afastando-se para acariciar a cicatriz no ombro dela, que brilhava em pulsos coloridos.

— “Vou parar. Só precisa me dizer, e eu paro.”

— “Não quero que pare. Nunca.” Ela foi para a aba da calça dele, desabotoando com dedos ansiosos, parando só quando ele segurou seus pulsos. Os olhos escuros dele eram como lava, olhando o corpo nu dela e depois direto para a alma.

— “Preciso que saiba que vou parar, no entanto.” Ele estava sério, grave.

Como se não pudesse ter aquela parte dela a menos que soubesse que ela confiava plenamente.

Ela o puxou para baixo, acariciando as laterais do rosto, afastando os cabelos e beijando a bochecha.

— “Eu sabia disso desde o momento que nos conhecemos.”

Não era consolação, era a verdade, e era claramente o que Trystan precisava para vencer as últimas dúvidas. Ele a puxou para si, deitando-a com uma ferocidade, uma paixão que ela nunca tinha conhecido e sabia que não teria com mais ninguém.

Roupas voavam pelo quarto, as mãos e lábios dele em todo lugar, e então ele segurou as coxas dela com reverência enquanto unia os corpos.

Só existia sensação, respiração pesada e gemidos de alívio enquanto a barreira entre eles finalmente desabava.

Quando acabou, Evie estava mole, o coração e corpo esvaziados de todo sentimento e, ao mesmo tempo, cheios dele, enquanto Trystan a puxava para os braços, as costas dela contra o peito dele, protegendo-a. Assim como fez no primeiro encontro.

E enquanto os olhos de Evie se fechavam, ela se lembrou… já tinha sido assim tão certo, mesmo naquela primeira vez.

... Algumas horas se passaram enquanto eles dormiam e acordavam, e quando abriram os olhos, a chuva diminuía.

Evie levantou a camisola, depois fechou o espartilho pela frente, ajeitando-se com um tímido e inesperado rubor. Alisou os cachos que só voltaram a se arrepiar em direções diferentes.

— “Espero que tenha sido...” Trystan fez uma careta enquanto vestia a calça.

— “Foi...?”

Ela suspirou, odiando o próprio nervosismo.

— “Espero que tenha valido a pena. A espera, quero dizer. Sei que você não faz isso há um tempo, e espero não ter sido uma má reintrodução, ou ruim em geral—”

Parou ao ver a expressão dele. Um tipo de frustração que derrubava qualquer argumento.

— “Evie. Caso não tenha ficado claro: você me arruinou.”

Ela não precisou adivinhar — sabia que era um elogio, com o fogo que acompanhava.

Os sons lá fora diminuíam, a tempestade virando um leve chuvisco.

Eles se olharam, meio tristes, mas havia uma pontinha de esperança não tão longe dali.

— “A chuva parou,” ela disse.

Trystan assentiu.

— “A chuva parou.”

— “Eu não vou desistir de você.” Ela falou alto para que os dois entendessem.

— “Nunca.”

Os olhos dele perfuraram os dela, o carinho no olhar era quase um afago.

— “Deuses, que se dane o tolo que tentar te enfrentar, Sage.”

Quando o chefe abriu a porta, Reinaldo apareceu segurando um cartaz apontando para Trystan:

FINALMENTE.

Ele rebateu o cartaz com raiva e o enfiou no bolso.

— “Juro que quando essa feiticeira te transformar de volta em homem, vou queimar todos os cartazes num raio de cinquenta milhas.”

Evie olhou para ele se afastando, pensando se deveria contar sobre o batom borrado na boca dele ou a marca roxa que se formava no pescoço, mas decidiu que seria mais engraçado se outra pessoa contasse.

Reinaldo crocitou para ela.

Evie sorriu.

— “Tudo bem, Reinaldo. Vamos te fazer o príncipe que você já foi.”

Ou nada mais importaria. Nem amor, nem perda, nem tristeza, nem raiva.

Não faria sentido.

Porque se eles não conseguissem transformar Reinaldo de volta e cumprir a profecia?

Rennedawn, como eles conheciam, acabaria.

Capítulo 77

EVIE

— “Como vamos encontrar a encantadora se não conseguimos ver nada?” Tatianna perguntou, antes de dar um pulo. — “O que foi isso?”

— “Meu pé,” Winnie sussurrou.

— “Então tira esse pé daí, seu diabrete que lê mentes,” resmungou Tatianna, tropeçando em Evie, que fez o possível para não se divertir com a situação.

— “Garotos?” uma voz chamou lá do alto da longa escada, e uma silhueta com uma tocha apareceu.

— “Aqui não tem crianças, mas tem adultos malditamente crescidos,” Trystan rosnou.

Evie olhou para os lados. — “Onde?”

Ele ergueu uma sobrancelha, o olhar se tornando uma chama que fez as bochechas dela corarem.

— “A costa está livre. Vamos,” Arthur sussurrou, e o grupo correu para a saída, derramando-se pelo grande corredor.

Arthur colocou um dedo sobre a boca, sinalizando para que o seguissem pelo corredor. Lado a lado, avançaram pelas paredes ornamentadas. Espelhos dourados refletiam versões desgastadas do grupo que iniciara essa jornada há apenas três dias.

Evie ficou no final da fila, até que Trystan se colocou atrás dela, vasculhando a retaguarda para garantir que ninguém os seguisse, o braço à frente dela em gesto protetor — como fizera no celeiro, como ele tinha — Não! Evie! Não pense em estar pelada com o chefe!

— "O que aconteceu no seu pescoço, Trystan?" Arthur perguntou, arrancando Evie de seus pensamentos calientes e a deixando tão envergonhada que quase derreteu no chão.

Os dedos de Trystan roçaram o hematoma azulado no ponto do pescoço onde ela o mordera. — "Choveu," foi tudo o que disse, e essa falta de explicação levantou sobrancelhas ao longo da fila.

Evie estava ocupada demais gemendo nas mãos para se envolver, rezando para que uma das lanças pregadas na parede caísse em momento inoportuno.

Reinaldo saltou do ombro de Evie, e sua corrente arrastando no chão fez um som horrível e estridente.

— "Alexander! Os guardas vão ouvir!"

Clare gritou, pegando-o nos braços. — "Agora o que foi?"

— "Arthur?" Trystan chamou o pai, e a barba vermelha do curador balançou com o quase tímido abaixar de cabeça.

— "Vamos nos apressar, filho." O pai do Vilão bateu a mão no ombro dele.

Arthur saiu do trote lento pela parede para uma corrida. Eles desceram rápido pelo outro corredor, passando por um pátio vazio coberto de lagos e plantas.

— "A entrada principal das masmorras fica no próximo corredor, mas está protegida por um encantamento como o cadeado da cela da sua mãe, Winnifred. Vamos precisar que você abra com a varinha."

Winnifred assentiu, pálida com o som das armaduras dos cavaleiros ecoando pelo corredor. Eles correram por uma sala com um espaço aberto, sem teto, com uma fonte elaborada no centro.

— “Alexander, não!” Clare sussurrou, justo quando Reinaldo se livrou de seu abraço e a corrente caiu nas mãos dela.

Evie se lançou para segurá-lo, quase perdendo suas pernas, e acabou mergulhando de cabeça na fonte. A boca cheia d’água, ela engoliu um suspiro dolorido.

Erguendo-se nos antebraços, foi puxada para fora da água, tossindo.

— “Você está sangrando. Droga, Reinaldo.” Trystan foi agarrar o sapo, que já havia pulado para longe, os olhos correndo como se fosse fugir a qualquer segundo.

— “Estou bem. Estou bem.”

— “Você acabou de bater a cabeça numa fonte de pedra,” protestou Trystan.

Evie deu de ombros. — “Com que frequência você acha que isso acontece? Surpreende?”

Ele limpou a boca com a mão. — “Não, Sage.”

— “Alexander,” Arthur sussurrou enquanto o sapo saltava por outro corredor. O grupo o seguiu, mantendo o máximo de silêncio possível.

— “Não podemos deixar ele escapar.”

Eles ficaram colados às paredes, e Evie ficou aliviada por agora os corredores estarem silenciosos, exceto pelo som abafado de seus passos apressados atrás do sapo problemático.

Cada vez que Evie olhava para trás para ter certeza que Trystan estava lá, a tensão entre eles era tão densa que parecia até visível.

Não, espera — ela podia ver. Era a magia de Trystan girando em volta dos seus pés, brincando com a barra do seu vestido.

Ela enrolou o pulso dela, puxando-a até que Evie tropeçou no peito de Trystan. O olhar estoico dele não vacilou, mas ele a endireitou gentil e relutantemente, afastando-a.

— “Desculpe.”

Os lábios dela pairaram perto dos dele.

— “Não peça desculpas.”

A boca dele se contraiu num meio sorriso, e ele levantou silenciosamente a barra do vestido ao passarem por uma poça formada por um vazamento no teto do palácio, para que seu vestido não se molhasse.

Foi um gesto gentil, mas ela sentiu um leve desequilíbrio dele ao fazê-lo, e sorriu feito boba apaixonada.

E depois de Reinaldo, seguiram. Arthur guiava o grupo, sinalizando quando era seguro avançar e quando era para se colar às paredes ao ver um guarda virar a esquina.

Era muito provável que fossem pegos, mas quando Reinaldo parou, se virou para eles, com os olhos dourados arregalados de novo, Evie sentiu na pele.

Eles sairiam dali com um príncipe.

Capítulo 78

GIDEON

— “Não dá para ir mais rápido?” Gideon perguntou a Keeley enquanto eles galopavam em disparada de volta para a Mansão Massacre, o resto da Guarda Malévola logo atrás.

— “Se você perguntar isso de novo, eu te jogo para fora!” Keeley gritou, enquanto seu cavalo saltava por cima de uma enorme pedra como se fosse um mero obstáculo. A Floresta Hickory virou um borrão ao redor deles enquanto aceleravam cada vez mais. A chuva não tinha parado, só diminuído, ainda molhando a camisa de Gideon até o peito e as calças, que agora incomodavam ao roçar contra as pernas.

— “O tempo todo...” ele respirou fundo, apertando a cintura dela com força. — “Você realmente acha que Marv poderia ter feito tudo isso? As notas para Lyssa? Orquestrar a libertação do meu pai? Amarrar o Edwin?”

— “Não sei.”

— “Ou as cartas para você, aliás. Por que Marv escreveria para você como se fosse seu pai?” Eles passaram por um galho caído, e o solavanco deixou Gideon com uma certeza: sua bunda ia doer amanhã — se ele não tivesse caído antes. — “Não pode ter sido só... Marv.”

— “Por que falou o nome dele desse jeito?” Keeley perguntou, inclinando-se para dar mais impulso ao cavalo.

— “Porque Marv não é nome de vilão. Marv é o tio que solta algo constrangedor no jantar de Yule, depois de beber demais, e todo mundo vai pra casa sem saber onde enfiar o rosto.”

O cavalo parou, e Gideon caiu de verdade dessa vez, rolando quando o ombro bateu no chão, resmungando pelo impacto. — “Deuses, Keeley! Eu poderia ter quebrado meu...” Ele parou, vendo a mansão.

O bosque espinhoso tinha um corte em um canto, direto até a porta da frente, e no topo da torre uma bandeira tremulava na tempestade.

Uma bandeira com o brasão do Rei Benedict.

— “Não,” Keeley sussurrou, correndo para a porta, o cabelo dourado brilhando no cinza da tempestade.

Gideon saiu atrás dela, gritando para os Guardas Malévolos.

— “Protejam o capitão! Retomem a mansão!”

Um coro de gritos respondeu enquanto os guerreiros mais letais de Rennedawn avançavam para as portas de madeira, que estranhamente já estavam se abrindo.

— “Keeley, não! Eles estão esperando por nós!” Gideon tentou pará-la, mas a capitã não ouviu, correndo direto para o que claramente era uma armadilha. — “Ou vai na frente mesmo, entra nela. Estratégia interessante. Nunca vão desconfiar!” Ele estava sendo sarcástico, mas Keeley já estava longe demais para apreciar.

O hall estava cheio de Guardas Valentes.

Keeley já lutava contra eles, derrubando vários com uma velocidade impressionante, apesar do cabelo enorme batendo nos olhos a cada movimento. Ele quase se ofereceu para segurar o cabelo dela, mas lembrou que gostava muito da sua língua.

Armadura prateada voou em sua visão periférica, jogando-o no chão.

Quando Gideon recuperou o fôlego, se debatendo para se mover de um lado para o outro, viu uma das cabeças penduradas no teto bem na sua frente.

Trabalhadores do escritório. Vários. Todos pendurados com uma palavra vermelha pintada na testa:

Traidores

— "Deuses nos ajudem." Gideon sentiu náusea. — "Honra, valor, honestidade, dignidade." Listou os quatro códigos da cavalaria como se fossem uma maldição.

Finalmente, tirando a faca da bota, ele a cravou no pescoço de um Guarda Valente, sussurrando em seu ouvido: — "Vocês são todos um bando de hipócritas de merda."

Empurrou o homem para longe e voltou à luta.

Essa batalha era diferente da última na mansão. A Guarda Valente tinha entrado.

Eles sabiam que o vilão não estava ali, e que a governanta havia partido, então o único alvo restante era...

— "Minha mãe!" Gideon gritou para Keeley.

A capitã jogou um cavaleiro por cima do ombro, batendo-o no chão de pedra. — "Vai! A gente resolve. Eles são menos do que a gente!"

Mais um corte de espada, mais carne fatiada, e Gideon subiu as escadas em disparada, as pernas queimando a cada passo. O coração pulsava com força nunca sentida, queimando sua garganta, transformando cada medo em um alerta caso falhasse.

Ele acelerou até o quarto da Nura.

— "Nura!" Gideon gritou, abrindo a porta do quarto e chamando de novo. — "Nura? Mãe? Está aqui?"

A porta rangeu lentamente, revelando um quarto escuro e vazio, a cama bagunçada, a janela aberta, gotas de chuva molhando a almofada do assento. Um quarto comum. Sem sinais de luta ou ataque.

Então, Gideon levou um golpe na cabeça.

Caindo no chão, ouviu:

— “Me desculpa, Gideon. Eu sinto muito.”

Ele virou o rosto, a visão turva, mas conseguiu distinguir a mãe em pé, segurando um objeto contundente, lágrimas escorrendo pelo rosto, brilhando prata e branco.

— “Por me acertar com uma enciclopédia?” As palavras saíram arrastadas, e ele sabia que estava apagando.

Inconveniente, isso.

Nada mais veio da forma borrada onde a mãe estivera. Só um soluço silencioso e uma frase repetida, como um mantra:

— “Eu fiz tudo por ela. Vai ficar tudo bem.”

“Vai ficar tudo bem.”

“Vai ficar tudo bem.”

Gideon caiu na escuridão, incapaz de lutar mais, repetindo sua própria frase enquanto a visão escurecia.

— “Não. Não vai.”

Capítulo 79

O VILÃO

Em um verão na vila natal de Trystan, houve uma escassez de rosas.
Malcolm reclamou por semanas — assim como Edwin, que usava rosas nas suas tortas.
O pai deles finalmente conseguiu um buquê inteiro, mas quando chegou em casa, Malcolm deu uma olhada, franzindo o cenho, e disse: “Não estão tão bonitas quanto eu imaginava.”
Trystan, irritado de tanto ouvir Malcolm resmungar sobre como não aguentava mais um dia sem sentir cheiro de uma maldita rosa, pegou as flores, fez um chá e bebeu tudo. Amara, claro, o mandou para o quarto do celeiro por uma semana como castigo.
Mas ele gostou do chá.
E desde então, ele era fã das rosas.
Sage não fazia ideia disso, então o perfume que ela usava nos cachos não tinha nada a ver com essa história. Mas o Destino sabia — e aquela fragrância parecia determinada a derrubá-lo.

Outro toque do cabelo dela no braço fez Trystan imaginar quantos cantos escuros ele poderia usar para encurralá-la. O desejo era ainda maior, porque agora ele sabia exatamente o que estava perdendo.
E queria tudo de novo.

Reinaldo já tinha se recomposto e indicava um atalho ali no corredor. Eles seguiram, relutantes, com os olhos fixos no sapo rebelde. Arthur vigiava o grupo, sorrindo para Trystan — que não retribuiu o sorriso.

— “Você já veio ao castelo quando você e Reinaldo eram amigos?” Evie perguntou, deslizando o dedo por cada pintura na parede, como se aquele toque fosse quase um feitiço.

— “Trystan?”

Só ouvir seu nome fez o coração dele bater forte, o mesmo calor de quando ela o chamara pela primeira vez.

— "Uma vez," ele respondeu rápido, levantando-a para atravessar outra poça antes que o contato começasse a queimar. — "Fui ao castelo no aniversário do Alexander, mas ele preferia vir à nossa vila. Lá ele podia ser normal. Aqui, era príncipe de tudo e de todos. Pressão demais para ele. Eu nunca conheci bem o castelo."

Reinaldo parou de pular à frente, longe demais para ouvir, a cabeça baixa, a coroa meio torta. Enquanto seguiam, os corredores ficaram mais isolados, e Trystan viu que as paredes iluminadas por tochas exibiam inúmeras pinturas da linhagem real — os olhos dourados, idênticos aos de Alexander.

Diante deles, duas direções diferentes.

— "Não conheço esse caminho. Devíamos voltar," Arthur sugeriu.

— "Tenho certeza que tem um jeito mais rápido para as masmorras."

Reinaldo balançou a cabeça, apontando o pé com membranas para um corredor escuro, cheio de retratos.

Arthur tentou argumentar. — "Trystan, acho que—"
— "Arthur," Trystan cortou. — "Esta é a casa do Alexander."

Arthur ficou rígido, depois acenou, sinalizando para que seguissem.

O príncipe anfíbio virou líder do grupo.

— "Como ele era?" Sage perguntou, inclinando-se para ele enquanto caminhavam, os cachos caindo à frente. Rosas de novo. Como ela fazia isso?

— "Mais alto," respondeu seco. "Falava mais."

Sage fez uma careta. — “Você não disse que ele era seu melhor amigo?”

— “Sim.” — Ele admitiu. — “Não dá pra perceber pelo jeito carinhoso que falo dele?”

Ela revirou os olhos, sacudindo o braço dele. — “Sério agora. Me conte algo real.”

Trystan percebeu que, quando Alexander fosse humano de novo, Sage veria tudo que ele não era, condensado em uma só pessoa: charme, boas maneiras e facilidade em demonstrar afeto.

— “Ele era atraente,” soltou de repente.

Sage olhou para ele, séria, direta. — “Tenho certeza que ele está feliz que você achava isso.”

Que os Deadlands me levem.

— “Digo que ele tem maçãs do rosto simétricas, e além disso, não mata pessoas.” Duas virtudes, logo ali.

Sage torceu o lábio, sussurrando: — “Que sem graça.”

Senhor, odeio diminuir seu sucesso, mas tem gente que passa a vida inteira sem matar ninguém.
Sem graça.

Quando Trystan contou para Sage sobre o rato no escritório. Uma vida atrás.

Ele balançou a cabeça, dividido entre orgulho e dor.

— “Cúmplice mesmo.”

— “Cuidado com o chão. Esses tijolos são irregulares.” Arthur quebrou o feitiço, apontando para o chão desigual. O corredor chegava ao fim, e Trystan via luz entrando por rachaduras no painel da porta.

Reinaldo pulou, não desacelerando nem parando. Quem podia culpá-lo? A liberdade estava perto.

— “Reinaldo,” Trystan sussurrou. — “Pare.”

Mas o sapo seguiu até que todos trombaram um no outro. Um beco sem saída. E um retrato.

Um retrato familiar.

— “Quem é esse?” Evie perguntou, inclinando a cabeça para o homem na pintura.

Cabelos castanhos escuros, cacheados e cuidadosamente penteados para trás. Ouro entrelaçado na roupa, uma mão no trono, outra na espada. Usando uma coroa.

Uma coroa dourada, ligeiramente torta para a direita.

— “Alexander Reinaldo. Príncipe herdeiro do reino do sul.” A voz de Winnie soou vazia, como se estivesse anestesiada, encarando o retrato com algo entre indiferença e desgosto.

— “Esse é o Reinaldo?” Evie ficou boquiaberta, e Trystan sentiu o colar apertar no pescoço.
— “Ele não é nada como eu imaginei.”

— “O que você imaginava, querida?” Tatianna perguntou, divertida.

— “Não sei. Alguém... mais anfíbio.”

— “Os olhos dele são meio grandes.” Clare comentou, ajeitando o quadro.

— “Parecem olhos de sapo, agora que penso.”

Tatianna riu. — “Os olhos dele não são grandes, Clare, é só a cabeça que é assim.”

Reinaldo não entrou na discussão. Ele bateu o corpo pequeno contra o retrato, abrindo-o feito porta, e desapareceu num flash.

— “Alexander! Não!” Clare gritou.

Sage hesitou, tentando encontrar algo dentro do retrato. — “Isso é outra entrada para as masmorras? Por que usariam o retrato do Reinaldo como porta?”

Deuses, não.

— “Clare, não!” Trystan gritou.

Mas já era tarde.

Reinaldo não os tinha levado às masmorras. Levou-os à sala do trono, onde esperavam o Rei Gavin e a Rainha Brina.

E os Cavaleiros do Nenúfar.

Capítulo 80

GIDEON

Gideon Sage acordou amarrado a uma cadeira bem no meio do escritório, encarando o rosto de um homem que jamais imaginou rever:
Seu pai.

— “Olá, Gideon.” Griffin Sage sorriu. — “Fico feliz em ver você.”

— “Cadê a mãe?” Gideon puxou as amarras. — “Cadê a Lyssa?”

Griffin franziu a testa. — “Esperava um cumprimento mais caloroso do meu único filho.”

— “Me desamarre e me dê aquele ferro de lareira. Eu te dou um.” Gideon cuspiu aos pés do pai, esperando um soco em resposta.

E teria recebido, se Nura Sage, amarrada do outro lado da sala, não gritasse: — “Griffin! Não! Não o toque.”

— “Eu não fui quem o nocauteou, Nura.” Griffin riu, esfregando o medalhão no pescoço — um presente deles da mãe.

— “Você disse que, se eu fosse com você e ajudasse a fugir da Guarda Malévola, deixaria nossas crianças em paz.” Nura falou com voz fraca.

— “Me desculpe, Gideon. Fui um tolo.”

— “Não há nada para se desculpar, mãe.” O coração de Gideon apertou ao ver Nura tremendo, mas sua raiva contra Griffin por deixá-la assim era muito maior.

Nura não parecia convencida, os olhos presos no chão. — “O dragão escapou, assim como a guvre com a Rebecka e a Lyssa. Ela está segura.”

As sobrancelhas de Gideon se uniram. — “Segura?”

— “Não importa.” Griffin acenou com a mão. — “Preciso da ajuda da sua mãe. Venha, Nura.” Griffin se inclinou para pegar a esposa, que rangeu os dentes — o sinal da luta que ainda restava nela.

— “Espero que minha luz estelar me envolva de novo, e desta vez, espero que leve você junto.” Ela cuspiu no rosto torcido de Griffin. — “Espero que vire cinzas, Griffin. Por tudo que fez comigo, com nossa filha.”

— “O que eu fiz com nossa filha?” Griffin riu. — “Essa é boa. E o que você fez com a Evie?”

Nura se debatía nas amarras, os cachos escuros soltando dos grampos.

— “Eu nunca quis o que você fez. Você me enganou! Sabia que era o único jeito de eu aceitar algo tão perigoso!”

Gideon interrompeu, sem se importar se isso o mataria: — “Do que vocês estão falando? Porque é grosso nocautear alguém e ainda excluir essa pessoa da conversa.”

Com violência descuidada, Griffin lançou a mãe de Gideon ao chão. — “Cansei de vocês. Infelizmente, sua mãe carrega a magia que preciso para cumprir meus deveres com o rei, mas não se preocupe, Gideon.”

Ele estendeu a mão e colocou diante deles uma flor estranha. O caule longo, as pétalas brancas — e parecia faltar duas.

A planta brilhou, a luz cresceu até engolir a mãe dele.

— “Não!” Lágrimas de raiva ardiam no canto dos olhos de Gideon.

Griffin sorriu maliciosamente. — “Vou deixar você com o que sobrou dela.”

A planta gritou.

E então Nura também.

Capítulo 81

EVIE

— “Você tem uma casa adorável,” Evie disse, porque, sinceramente, todo mundo parecia tão sisudo que ela tinha que escolher entre jogar um elogio fora de contexto ou começar a dançar de um jeito esquisito.

O rei e a rainha tinham envelhecido com uma elegância tranquila.
Fios grisalhos presos por joias no cabelo da Rainha Brina, e linhas suaves marcavam as bochechas e os cantos dos olhos — aquelas marcas que só as melhores e piores experiências da vida deixam.

— “Sim,” Trystan completou sem graça. — “Meu cômodo favorito até agora foi aquele cheio de gente querendo nos matar.”

Evie fez uma careta, dando de ombros para os soldados armados.
— “Sei que ele soa sarcástico, mas provavelmente é isso mesmo.”

Um Cavaleiro dos Lírios correu direto para Evie, fazendo seu ombro formigar e a adaga pulsar debaixo da saia. Ela franziu a testa. A adaga não vinha até ela como de costume.
— “Pare, por favor!” Evie estendeu a mão e, por algum milagre — ou uma ilusão muito bem feita — o cavaleiro parou.

— “Só segura aí,” Evie ordenou, pulando em um pé só, tentando alcançar o coldre na coxa sem puxar a saia demais. Ela tinha largado a calça que usava por baixo lá no celeiro, porque tinha sido rasgada e… destruída.

O quarto inteiro ficou sem saber o que fazer com a cena.
Finalmente, a adaga saiu, e a magia dO Vilão se escondeu, como sombra que foge da luz.

— “Peguei!” Evie sorriu para o cavaleiro, que levantou o elmo até a metade, olhando pra ela com a boca aberta. Ela fez uma careta.
— “Desculpa. Pode correr em mim de novo. Eu finjo surpresa na próxima vez.”

O cavaleiro soltou um ar pela boca. — “Ah, não. Tá bom assim.”

— “Sage?”

— “Sim, senhor— Ahhh!” Evie gritou quando o chefe esticou o braço, puxando-a dois palmos mais perto enquanto uma flecha zunia onde ela estava.

— “Chega.” O rei bateu o cajado no chão, que tremeu com o impacto. — “Tragam a encantadora.”

A encantadora?

— “Eles estão do nosso lado?” Evie perguntou, segurando a adaga em riste quando um dos cavaleiros chegou perto demais.

— “Não,” Winnie respondeu, sem vida. — “Não estão.”

A mãe de Evie contava histórias de encantadoras — mulheres que lançavam feitiços e espalhavam encantamentos que deixavam alegria e bondade por onde passavam. Com o tempo, o mundo passou a vê-las com menos carinho, mas Evie nunca perdeu aquela imagem: uma mulher vibrante e linda moldando o reino à sua vontade.

Esta mulher era bonita, mas vibrante, não mais. Pele pálida demais, lábios rachados numa careta, olhos claros semicerrados tentando focar no pouco sol que entrava pelas janelas.

— “Me deixe morrer agora; se é seu comando, já não me importo mais,” Belinda, a encantadora, raspou.

— “Você não vai morrer,” Rainha Brina falou firme. — “Pelo menos, não ainda.”

A rainha se levantou, e todos se endireitaram enquanto ela descia os degraus do trono.
— “O que era para ser um dia de justiça pelo meu filho falecido virou um jogo de política. Tenho informes de que O Vilão e sua cúmplice estão tentando salvar o assassino do meu filho da execução, e agora vejo vocês invadindo minha sala do trono por uma entrada que só a família real tem acesso.”

Três cavaleiros avançaram, segurando Trystan.

— “Vossa Majestade, você não entende,” Evie tentou argumentar. — “A encantadora não matou seu filho! Foi ele quem nos trouxe aqui!”

O rosto do rei ficou vermelho. — “Você— Ousaria insinuar tal coisa?”

A rainha parou diante de Evie. A coroa dela era estranha, parecida com uma cesta, tecida com vime e adornada com lírios.

— “Deixe-me levá-los, Vossa Majestade,” ofereceu o líder dos Cavaleiros dos Lírios. — “Esses traidores são fugitivos de Rennedawn, e seus crimes foram cometidos lá. Será nossa responsabilidade levá-los à justiça.”

— “Cometi crimes aqui também,” Evie murmurou, enquanto O Vilão beliscava seu braço.

— “Ninguém sairá daqui até que eu tenha minhas respostas.” A Rainha Brina tinha uma presença rara — fazia todos se sentirem calorosos e assustados ao mesmo tempo.

Evie adorava isso.

— “Meu filho foi morto por essa mulher num complô de assassinato contra a coroa, e parece que ela teve ajuda. De quem meu filho chamava de amigos.”

— “A senhora está errada, Rainha Brina.” Clare fechou os olhos, preparando-se para um impacto. Abriu-os de novo, decidida. — “Fui eu. Eu queria que meu irmão não fosse O Vilão, então pedi ajuda à Belinda para salvá-lo da minha mãe. Mas houve um acidente. Alexander chegou antes do meu irmão, e—”

— “Interessante,” a rainha falou, — “considerando que sua mãe foi quem nos avisou da sua chegada.”

Amara surgiu das sombras, e Arthur estremeceu, sussurrando palavras carregadas de dor. — “Não. Amara.”

Amara cruzou os braços, com uma pequena fissura na postura enquanto olhava para quem ela tão facilmente traíra. — “Tinha uma obrigação, Arthur. Salvar o rei e a rainha do que meus filhos haviam se tornado.”

O rei assentiu admirado. — “Será recompensada pelo serviço prestado ao reino, senhora Maverine.”

Amara sorriu, exatamente como se esperasse isso, enquanto o coração de Arthur se partia diante da traição.

Trystan tocou o ombro do pai, e Arthur retribuiu o gesto com um olhar.

Ainda havia um jeito de consertar tudo isso.

— “Ele é um sapo,” Evie disse de repente, encontrando Reinaldo no canto e se apressando para pegá-lo, mas foi impedida por um Cavaleiro dos Lírios enorme.

— “Pode sair um pouco para a esquerda, por favor?”

O cavaleiro obedeceu, e sussurros correram entre eles por causa da deferência.

— “Achei!” Evie envolveu Reinaldo com as duas mãos e o ergueu para que todos vissem. — “Eis o príncipe Alexander Reinaldo.”

— “Isso é um sapo,” um dos cavaleiros murmurou antes de levar um cotovelo do maior.

— “Quanto você acha que somos tolos, senhorita Sage?” O rei desceu até ficar ao lado da rainha. Seus olhos estavam cansados, a postura de um homem derrotado várias vezes pela vida. — “Para acreditar numa farsa dessas?”

— “É verdade,” Evie implorou. — “Olhe nos olhos dele. Não percebe? O encanto que Belinda fez foi uma armadilha. Ele está preso assim há dez anos, e só ela pode desfazer isso. Belinda?” Evie olhou para a encantadora. — “Mostre a eles. Quebre a maldição. Dê a varinha para Winnifred.”

Belinda estava amedrontada, encolhendo-se, mas olhava a filha com olhos grandes e aflitos.

— “Winnie?” Ela deu três passos e um dos cavaleiros pressionou um bastão elétrico nas costas dela.

Ela gritou e caiu no chão.

— “Mãe!” Winnie correu para ela, entregando a varinha. — “Faça isso. Mude-o.”

A mãe balançou a cabeça. — “Não posso, Winnie. Você não entende.”

— “Deve,” Trystan cerrou os dentes. — “Não há alternativa.”

— “Trystan Maverine,” a Rainha Brina chamou, depois mordeu os lábios.

— “É difícil acreditar que um garoto tão doce e calado cresceria para se tornar um dos homens mais temidos de Rennedawn. De todo o continente.”

— “Não deveria ser. Fui eleito o Mais Provável a Fazer Coisas Más na formatura da escola da vila,” Trystan respondeu sério. Evie não sabia se ele estava brincando.

A rainha os avaliou e depois fitou o sapo nas mãos de Evie.

— “Prove que este é meu filho, preso no corpo de um sapo. Prove, e deixarei a encantadora livre — depois que ele voltar a ser homem.”

Evie sorriu, sentindo esperança. — “Eu sei como. Senhor, um sinal?”

Já segurava um vaso antes de terminar. Tirou-o de uma coluna e colocou Reinaldo em cima, para que ficasse na altura dos pais.

— “Vai, Reinaldo. Mostre a eles — mostre aos seus pais que é você.”

Um suspense tomou conta do salão, todos em silêncio esperando.

Mas Reinaldo não fez nada.

— “Alexander,” Trystan chamou, sem resposta. Apenas um sapo de olhos arregalados encarando-os — vazio, sem ouro nos olhos. Só preto.

— “Não,” Trystan gritou. — “Não. Alexander, volte. Volte agora.”

Mas não havia resposta. Nenhum piscar, nenhuma mágica despertando nele. Não havia Reinaldo;

havia só um sapo.

— “Ele se foi?” Clare quase chorou. — “É isso? Ele não vai voltar dessa vez?”

— “Já tive o bastante dessa farsa!” o rei gritou. — “Isso foi uma brutalidade. Ficar balançando a possibilidade do nosso filho diante de nós e depois tirar. Chega.”

— “Gavin,” a rainha falou hesitante. — “Por favor, acalme-se.”

O rei olhou para a Guarda Valente e os Cavaleiros dos Lírios, ignorando o pedido.

— “Matem a encantadora. Está decidido.”

Foi tudo num piscar — sem tempo para protestos.

Sem tempo para reagir. Sem tempo para suplicar, gritar ou pedir gentilmente para não fazerem isso.

Porque num instante, a encantadora foi jogada ao chão e, no instante seguinte, virou… pedra.

Winnie gritou, e Tatianna a abraçou, puxando-a para longe. — "Não olhe."

Era pior que a morte. A mãe dela congelada para sempre, de joelhos, o medo dos últimos momentos estampado para todo mundo ver.

A rainha balançou a cabeça, como se aquela cena toda lhe causasse repulsa.

— "Levem-nos para as masmorras e mandem informes para o rei Benedict que temos o Vilão de Rennedawn sob custódia."

Um dos Cavaleiros dos Lírios correu para as grandes portas abertas, mas mal andou três passos —

Antes que as janelas acima do salão do trono estilhassem, e uma criatura enorme entrou voando.

Vidros voaram para todos os lados. Trystan colocou os braços sobre a cabeça de Evie, protegendo-a com o corpo.

Uma criatura familiar pousou bem no meio da sala enquanto os Cavaleiros dos Lírios se dispersavam, vários levando o rei e a rainha para a segurança.

— "Eu disse para entrar pela porta da frente, Fofucho!" Blade reclamou, e Evie ficou tão aliviada ao ouvir sua voz que agarrou a camisa de Trystan e chorou.

— "Evie!" Lyssa estava nas costas de Fofucho também, junto com Becky, que olhava os estragos como se fosse desabar. Lyssa deslizou pela asa de Fofucho e correu até Evie, que correu para ela.

Quando finalmente se abraçaram, Evie apertou a irmã com força. — “Você nos salvou, Lyssa.”

Havia tanta perda ali, tanto que nunca recuperariam, mas sempre haveria isso. A irmã, a família — e enquanto Evie as tivesse, ainda haveria motivo para continuar.

Lyssa puxou um papel amassado do bolso.

— “Segunda regra da Vilania. Proteja quem você mais ama. Não importa o custo.”

Evie pegou a lista e lançou um olhar astuto para Trystan. — “Discussões interessantes durante o chá?”

Trystan cruzou os braços, nada divertido. — “Pequena vilã. Qual é a sexta regra?”

Lyssa leu o papel, arregalando os olhos quando encontrou: — “Não conte para ninguém as Regras da Vilania… Oh. Ops.” Ela juntou as mãozinhas atrás das costas, o rabo de cavalo balançando no ombro.

— “Mulher Malvada!” Evie virou a cabeça a tempo de ver um Cavaleiro dos Lírios arremessar uma lâmina em seu peito. Ela arfou. E então Arthur apareceu na frente dela, olhos arregalados enquanto a espada atravessava seu estômago.

Não.

Os olhos de Evie arderam, o choque entrou nos ossos. As sobrancelhas de Arthur se franziram enquanto ele olhava para baixo e via a lâmina atravessando sua barriga.

Sangue escorria pela boca dele.

E ele caiu.

— “Arthur,” Amara respirou roucamente, mostrando seus primeiros sinais de humanidade, fora de suas ações egoístas. Ela cambaleou em direção ao marido, as mãos indo para os lábios.

— “Saiam!” Clare gritou para Amara. — “Fiquem longe de nós. Sua vadia horrível.” Clare tinha mais desprezo pela mãe do que Evie jamais vira.

Amara recuou, surpresa. Clare gritou: — “Oh, deuses. O sangue. Tatianna.”

— “Coloquem ele no Fofucho. Rápido!” A mão de Tatianna tapava a boca ao ver a espada e o tamanho do ferimento.

— “Não posso. Ugh.” Arthur caiu em cima de Evie enquanto o ajudavam a subir no dragão.

— “Não sinto minhas pernas.”

Todos os sons ficaram abafados, como se estivessem debaixo d’água.

— “Hora de ir!” Trystan falou seco, pegando Evie num braço e Lyssa no outro, jogando-as em direção ao dragão enquanto uma chuva de flechas caía.

— “Blade!”

— “Pronto, chefe!” Blade respondeu, enquanto eles subiam nas costas de Fofucho.

O salão do trono estava um caos enquanto eles voavam para o claraboia.

Eles estavam escapando.

E Evie não entendia por que parecia que o sangue estava se esvaindo dela.

Ela olhou para Arthur enquanto Tatianna trabalhava, mãos iluminadas sobre o ferimento.

Mas, pela primeira vez desde que Evie a conhecera, Tatianna não parecia confiante.

Parecia já estar de luto.

— “Por que você fez isso?” Evie perguntou a Arthur. — “Por que você— Eu não entendo.”

Arthur sorriu, tossiu, sangue cobrindo os lábios. Depois olhou para Trystan, que apertou sua mão, o rosto duro.

— “Fui um pai ruim para você.”

Trystan balançou a cabeça. — “Arthur—”

— “Não, fui. Casei com sua mãe porque achei que era o certo e passei os anos mais importantes da sua vida ausente. Eu devia ter estado presente.” Arthur gemeu de dor enquanto Tatianna retirava a espada.

Ele apertou a mão de Trystan com mais força. — “Não devia ter feito isso. Acho que tive medo do que aconteceria se você descobrisse a verdade, mas esse era o meu fardo. Nunca deveria ter sido seu.”

— “Que verdade?” Trystan perguntou.

Arthur tossiu, os vasos estourando nos olhos. — “Quando me casei com sua mãe, ela já estava grávida… de você.”

Trystan empalideceu, soltando a mão de Arthur. — “O que está dizendo?”

— “Eu não era seu pai biológico. Mas fui seu pai, Trystan. Eu fui.” Arthur estendeu a mão, e Trystan olhou distante, enjoado.

Evie sentiu o rosto esquentar, sem saber o que dizer, as palavras presas na garganta enquanto Arthur encontrava as suas.

— “Eu devia ter sido melhor. Deveria ter protegido você do rancor da sua mãe. Mas apesar de todas as falhas, nada podia impedir você de ser o que sempre deveria ser.”

Trystan voltou ao presente, olhando Arthur enquanto o pai sorria.

— “Notável.”

Uma lágrima lenta escorreu pela bochecha de Trystan, que a enxugou, o nariz se arregalando.

— “Obrigado por salvá-la,” sussurrou.

— “Uma vida sem amor é vazia, Trystan. Você pode viver sem mim, mas não sem ela. Não deixe arrependimentos para trás. Tenho três filhos que viraram adultos maravilhosos. Posso partir feliz.”

— “Não,” Clare falou, afastando fios úmidos da testa de Arthur.

— “Não. Tatianna vai te curar, e você vai ficar bem. Certo, Tati?”

Tatianna fungou, limpando as lágrimas.

— “A lâmina estava envenenada. O dano é grande demais, amor. Ele está indo, não tem o que eu possa fazer.”

— “Não! Você pode! Você é uma curandeira!” Clare gritou. — “Por favor, Tati, sei que sou uma irmã terrível, mas Arthur é bom. Arthur é bom e merece viver. Por favor!”

— “Clarissa.” Tatianna a segurou, e Clare se debateu, batendo as mãos no peito da curandeira até cair no colo dela, soluçando.

Quando Evie olhou para

Arthur, os olhos dele estavam fechados, o peito parado.

O curador principal se foi.

E tudo era culpa de Evie.

Capítulo 82

GIDEON

A mãe de Gideon estava imóvel, o peito mal se mexendo. Com cuidado, ele a colocou na cama. A pele dourada dela estava opaca, como se a vida tivesse sido sugada da alma, deixando só um casulo vivo.

Griffin já tinha desaparecido há tempos, levando consigo a planta estranha, junto com a magia da mãe dele — a essência do que ela era.

— “Senhor cavaleiro!” Keeley gritou, batendo o quadril contra a porta até que ela cedeu, com a lâmina erguida. — “O que aconteceu?”

— “Griffin Sage,” Gideon respondeu vazio, puxando o cobertor sobre a mãe antes de sair em fúria para as portas. — “Cadê o Marv?”

Keeley correu atrás dele. — “Gideon. Gideon!”

— “O quê!” ele gritou. — “Eu fracassei, Keeley. Eu fracassei pra caralho. Fracassei com minha irmã, com minha mãe — os guvres! Você escolhe, e eu estraguei tudo.
É o que eu faço. Tento consertar as coisas, e só sei como piorar!”

Keeley o abraçou.

Gideon agarrou ela como se fosse a única coisa que ainda podia segurar.

— “Você não fracassou. A luta ainda não acabou,” ela sussurrou no pescoço dele. Ainda cheirava a limão — absurdo, considerando que estavam lutando com tudo há minutos que pareciam horas. — “Vai desistir assim tão fácil?”

Os dedos dela brincavam na nuca dele, e ele ficou horrorizado ao perceber as pernas fraquejando, sensações subindo da cabeça até a ponta dos dedos. Com relutância e um pouco de culpa, ele se afastou.

— "Marv?"

Os olhos dourados claros de Keeley se encheram de ódio. — "Vamos."

Juntos, foram para o pátio.

Gideon avaliou os corpos espalhados, a maioria eram Guardas Valentes, com alguns Guardas Malévolos misturados. E lá estava Marv. De joelhos, cabelo espetado em todas as direções, suplicando.

— "Eu não fiz isso — juro!" Marv implorava, os olhos castanhos grandes brilhando com lágrimas não derramadas. — "Eu nunca faria nada pra machucar O Vilão. Vocês não entendem — eu não tive escolha."

Min, um dos guardas mais gentis, parecia hesitar. — "Keeley. A tatuagem de tinta que recebemos quando entramos. Se traímos o chefe, ela nos mata. E ele está aqui."

Keeley arqueou a sobrancelha dourada. — "Cadê sua tatuagem?"

Marv levantou a manga com tremor, mostrando o padrão de vinhas que envolvia o pulso.

Keeley puxou a manga mais para cima e arrastou Marv para o poça d'água mais próxima, esfregando o pulso dele nela. A tatuagem continuava intacta. Impossível.

Marv olhou para aquilo, incrédulo, antes de baixar a cabeça, e quando a levantou, os olhos estavam selvagens, cheios de medo.

— "Tô dizendo que não tive escolha! Fiz isso — por ela! Vocês têm que me soltar. Não é o que vocês pensam! Estamos todos em perigo!" Marv gritou todas as desculpas possíveis, e doeu em Gideon ver alguém que ele achava gentil se revelar exatamente o oposto.

Gideon balançou a cabeça, justo quando a chuva finalmente parava. Olhou para a destruição ao redor, pensando se algum dia teria uma vida pacífica, com o caos sempre tão à mão.

— “O que você quer dizer com ‘nós estamos em perigo’? Explique,” Keeley disse, puxando-o para ficar de pé.

A garganta de Gideon se moveu nervosa antes dele revelar apressadamente o plano que até fez alguns Guardas Malévolos ficarem de queixo caído.

E segundo Marv… o verdadeiro perigo ainda estava por vir.

Capítulo 83

O VILÃO

Eles voltaram para a mansão. A viagem levou horas, e quando finalmente avistaram sua casa no horizonte, o sol já começava a nascer.
Ninguém tinha dormido.
O corpo de Arthur estava coberto com a capa de Tatianna.
Clare chorava nos braços dela, e Tatianna a segurava tão forte que os dedos se entrelaçavam nos cabelos curtos da irmã.
Em algum momento, a mão de Trystan encontrou a de Sage, que silenciosamente entrelaçou os dedos dele, cobrindo-os com a outra mão.

— "Sinto muito," ela repetia sem parar.

Ele estava duro demais para sentir raiva pela desculpa. Essa emoção viria depois, quando percebesse de verdade que o mundo continuaria girando sem o homem que ele achava que era seu pai.

Quando entraram e viram o caos na mansão, ele nem se surpreendeu.
Percorreram a destruição, e Evie congelou ao olhar para as cabeças dos inocentes trabalhadores do escritório, a boca em linha reta — ele sabia que ela lutava para não chorar.
Ela desapareceu para cuidar da mãe e só reapareceu mais tarde. Encontrou-a na muralha, estendendo a mão para a bandeira de Benedict, que balançava ao vento.

Alguns dos seus trabalhadores mais leais haviam sido mortos. Sua casa violada enquanto ele estava fora, dançando com Evie, segurando seu corpo, entregando-se egoisticamente ao que mais queria — enquanto tudo ao redor se destruía.

Ele devia ser um filho da mãe mesmo, porque apesar da culpa que o queimava, não trocaria aqueles momentos com ela por nada.
Benedict podia arrancar da mão dele, mas nunca aqueles momentos.

Evie olhou para a bandeira por um instante, ódio nos olhos gentis. Então a rasgou ao meio e pisoteou.

— "Trystan," ela sussurrou.
— "Ele ainda não voltou a ser... ele mesmo." Trystan ergueu Alexander, que já tinha tirado facilmente a coroa da cabeça. Ela ficara presa tanto tempo que ele já achava que tinha sido colada.
Não passou pela cabeça dele que a coroa ficava porque Alexander lutava para que ela nunca saísse — tirá-la era a prova de que seu amigo se fora. Para sempre.

Reinaldo piscou, coaxando, enquanto Trystan o segurava.

— "Eu posso tentar." Uma voz pequena veio da porta que levava ao escritório. Winnifred. Os olhos vermelhos de tanto chorar. Trystan não era o único a perder alguém hoje.

— "Não vou pedir isso a você. Pode ficar ou ir embora, à vontade." Ele falou sem pressa ou floreios. Uma oferta direta.

Winnie não disse nada, só pegou Alexander e apertou os olhos.
Pegou um lenço do bolso, molhou com os lábios e limpou a sujeira da cabeça do sapo, parando quando todos a observavam.

— "Ele estava sujo," disse ela. O lenço ficou em volta da cabeça dele enquanto Winnie puxava a varinha do cinto e acenava com ela.
Ela brilhou mais e mais, iluminando Reinaldo, o sapo, em magia — e então… nada.
Não funcionou.
Alexander continuava um sapo.
E assim permaneceria. Para sempre.

Trystan praguejou baixinho. A alma dele estava machucada — mesmo a magia que mal sentia, se torcia em agonia com a derrota para Benedict, com a perda do amigo para sempre.

Um coaxar sinalizou o desconforto do sapo. Ele se debatia nas mãos de Winnie e, quando ela não o soltou, ele abriu a boca — e a mordeu.

— "Ai!" Winnie gritou, sacudindo a mão.
O sapo escapou, pulando pela muralha até o escritório vazio.

Trystan e Sage correram atrás do infernal animal, passando por mesas e pilhas de papéis, além de canecas derrubadas, até encurralá-lo perto do bebedouro — que não era mais um bebedouro.
Era uma figura sombria encurvada, pegando Reinaldo.
Então entrou na luz forte do escritório.

O rei Benedict.

Trystan cuspiu aos pés dele, tentando invocar sua magia — mas percebeu que ela não respondia, mal conseguia senti-la.
A magia em Reinaldo tinha desaparecido, o catalisador se foi, e agora todo Rennedawn estava mudando.

O tempo acabou. A magia de Trystan sumiu, e logo Rennedawn também. Tudo estava perdido. Para sempre.

Eles lutavam uma batalha perdida, mas ele lutaria. Por ela.

— "Benedict," Trystan o cumprimentou, bloqueando Sage com o corpo.
— "Convidar alguém pra casa é o mínimo, mas já que trouxemos tantos convidados não convidados pra sua última festa, suponho que perdoem a má educação, dadas as circunstâncias."

— “Ah, não vou me prolongar. Sei que meu caro associado Marvin não foi tão bem recebido. Mas isso é justo, considerando que amarrou seu chefe e foi meu espião — um jovem útil e inocente, o ingresso perfeito pro escritório do Vilão.” Benedict uniu os dedos, olhos em Evie.

— “Mas temo que falta uma última peça da profecia, e como devem ter percebido, o tempo está se esgotando. Em breve, meus homens terão o guvre de volta sob minha custódia. Jamais imaginei que sua capitã tola fosse bem-sucedida numa missão de tolos. Mas suponho que ela seja tão influenciável quanto era criança, esperando cartas de uma família que nunca teve, pobre garota.”

Evie fez uma careta e avançou, mas Trystan a segurou.

— “Guarde essa raiva, Srta. Sage. Vou precisar dela. Enquanto isso, vou cuidar da parte do ‘príncipe verdadeiro’ na história de Rennedawn.”

Benedict então largou Reinaldo e deixou o sapo pular longe.

— “Não!” Trystan gritou, mas congelou quando Benedict tirou uma flor da memória do bolso — uma nova, com pétalas opalescentes abertas.

— “O que está acontecendo?”

Uma luz brilhante brilhou, e Trystan caiu no chão, agarrando o abdômen. Uma dor aguda atravessou seus membros, dominando todos os sentidos. Parecia que seu próprio sangue estava queimando.

— “Pare! O que está fazendo?” Sage gritou. “É o sapo que você quer!”

Trystan lutou contra a dor, rastejando até a voz dela.

— “Não se preocupe, Srta. Sage! Tudo em nome de salvar Rennedawn. Um erro foi cometido há vinte e quatro anos, neste dia. É hora de corrigir.”

A luz sumiu, e Trystan caiu, gemendo, no chão. As vozes ao redor ficaram distantes, seu corpo esgotado de magia e controle.

A porta do escritório deslizou aberta, e Nura Sage correu, jogando-se na frente da filha.

— “Não toque nela, Benedict!”

— “Nura.” Benedict fez um tsk. — “Não é hora de parar essa charada e deixar sua filha viver o futuro que você e Griffin tiraram dela?”

Nura balançou a cabeça, cachos semelhantes aos de Evie se mexendo.

— “Não. Não. Você fez um juramento quando ela nasceu. Prometeu!”

Benedict apontou a flor para Nura, e dela saiu a magia de Trystan, sua névoa, manipulada pelo pior inimigo.

— “Você vai se arrepender, Benedict. Não vai vencer.” Trystan sussurrou.

Benedict fez outro tsk. — “Que seja com ela, Nura. Está amaldiçoada ao homem errado por muito tempo.”

A escuridão tocou os tornozelos de Sage, que gritou.

— “O que está acontecendo?”

Trystan cambaleou, levantou, caiu de novo, mas não parou.
Não pararia até chegar até ela.

— “Evie!”

Benedict bateu palmas. — “Tudo em nome da profecia, Trystan.”

— “Mas você está errado. Acabou de deixar o coração do verdadeiro príncipe pular embora!” ele rangeu os dentes. Alexander se foi, Sage estava sendo engolida pelo poder dele, e seu inimigo vencia.
Nunca se sentira tão miserável, tão por baixo.

Os olhos de Benedict estavam selvagens.

— “Não preciso dele.”

Trystan piscou, esfregando o peito.

— “Do que está falando?”

— “O coração do verdadeiro príncipe está bem aqui, nesta sala.”

E ele apontou.

Para Trystan.

Capítulo 84

EVIE

Evie ouviu um zumbido nos ouvidos, o corpo dela tremendo com o choque da verdade, o calor tomando conta da parte inferior do corpo, como se os pés estivessem presos no chão, incapazes de se mover.
Ela se virou para Trystan, que ainda estava curvado, mas ao lado dela.

— “Como... Por quê? Por que sua magia está fazendo isso?”

Benedict pousou a planta, e o poder saiu mais rápido, em ondas afiadas.

— “Seu pai foi meu amigo, Srta. Sage. Nunca quis que seu filho fosse meu inimigo, mas não dá pra enganar o Destino. A profecia enxerga além das mentiras.
Infelizmente.

— “Quase trinta anos atrás, conheci Amara. Ela era ambiciosa e linda, mas eu nunca quis casar ou ter filhos. Meus planos pra dominar vão além de uma vida mortal, e Amara sabia disso quando engravidou. Pedi que se livrasse da criança, mas fechamos um acordo.”

Benedict sorriu de lado, e Evie percebeu algo que tinha perdido — uma covinha discreta, só em uma bochecha.

— “Ela podia ficar com o bebê, se eu tivesse uso livre dele quando precisasse. Quando Evie nasceu, seis anos depois, Griffin veio implorar sobre o que o especialista mágico tinha descoberto, e prometi desfazer aquilo para ele.” Benedict inclinou a cabeça com simpatia. — “Tudo que ele queria era te salvar do lado vilão.”

— “Não quero ser salva,” Evie cuspiu. “E definitivamente não preciso.”

Benedict não se abalou.

— “Isso está claro. Por isso, vou te dar o destino que seus pais tentaram te poupar — ou melhor, roubar de você.”

Um gemido baixo saiu de Trystan, que lentamente caiu de joelhos.

Evie passou pela mãe, a fúria correndo como fogo nela ao ver Trystan tão esgotado no chão. Ela caiu de joelhos ao lado dele, protegendo seu corpo com o próprio.

— “Que destino?”

Benedict sorriu, e quando falou, o mundo dela tremeu:

— “O coração do verdadeiro príncipe é Trystan e sempre foi. O papel da Vilã? Achei que dava pra trocar, mas magia é parte da natureza, e com a natureza não se brinca.”

A escuridão subiu, a névoa parecia infiltrar na pele dela.

Trystan não soltou sua mão.

— “Seus pais esperavam que eu sugasse sua magia no nascimento e desse para Trystan, e eu estava mais que feliz em finalmente ter um filho útil.”

Evie sentiu a névoa dentro dela, e a cicatriz gritou de dor enquanto a magia corria por suas veias, poros, cada parte que estava vazia — cantava.

— “Você está dizendo...” A voz dela não parecia dela — profunda, rouca.

Trystan apertou a mão dela, e a escuridão tentou empurrá-lo para longe — mas ele não cedeu. Evie prendeu o choro, lutando contra a escuridão, recusando-se a deixar que os separassem, enquanto encaravam Benedict destruindo tudo que conheciam.

— “Sim, Trystan sempre foi o verdadeiro príncipe da profecia.
E você, minha cara —”

A escuridão a engoliu inteira enquanto ela ouvia a sentença final dele:

— “Sempre foi para ser A Vilã.”

Capítulo 85

EVIE

Evie encarava a janela — aquela da cozinha, onde ficava o livro de Rennedawn — e depois olhou para as próprias mãos. Pareciam as mesmas, sentiam-se as mesmas, mas por dentro, algo mexia. Um poder que sempre foi dela.
E ela não fazia ideia do que fazer com isso.

— "Evangelina?" A voz de Trystan veio por trás, mais hesitante do que ela já tinha ouvido. Uma vela na mão, ele caminhou até a mesa da cozinha, olhando o relógio bater meia-noite. — "Senta comigo."

Evie olhou para ele. A névoa puxava seus pés, arrastando-a pra frente, e ela sentia medo — medo de quanto gostava disso.

— "Você tava certa," disse, sentando-se ao lado dele, mantendo distância segura.

Benedict tinha aproveitado a distração da magia de Trystan — ou melhor, da magia dela — pra fugir. Não foi difícil, assumiu Evie. Ela estava em choque, sem falar uma palavra desde então.

Trystan parecia exausto. Os dois estavam. As identidades que tinham a vida toda foram arrancadas deles. Agora existiam em um mundo novo, desconhecido, onde Evie era A Vilã e Trystan o príncipe. O herói.

E ele foi jogado nessa vida por causa dela, porque os pais dela sacrificaram um garoto inocente de seis anos para se salvar. Eles não a aceitariam. A família pela qual ela lutou, pela qual fez tudo, a rejeitou do jeito que ela era.

Algo dentro dela doeu.

— “O que eu tava certo?” Ele murmurou, olhando fixamente para ela.

— “Que fomos feitas pra nos destruir. Eu te destruí. Arruinei sua vida. Tudo de ruim que já te aconteceu veio do meu nascimento. Eu nunca devia ter te empurrado; nunca devia ter sido—” A mão dele segurou seu pulso com tanta força que quase quebrou. Ele a obrigou a ficar de pé. — “Se você terminar essa frase com a palavra ‘nascida’, eu te mostro o que é uma vilã de verdade.”

Ela o empurrou, quase chorando. — “Isso não é engraçado, Trystan.”

Ele cerrou o maxilar. — “Eu não tô rindo.”

Evie olhou para as mãos. — “A gente devia se manter afastados,” disse, dando um passo para trás, outro, até se virar para a janela de novo.

— “Essa é a minha fala.”

— “Tô falando sério, Trystan. Se a profecia for real, você tem um verdadeiro amor pra salvar, e não vai ser a vilã da história.” Ela falou a última palavra em meio a um soluço, olhando para a janela até ele segurá-la pelo queixo, dedos suaves segurando seu rosto.

— “O motivo da minha magia”—engoliu a seco—“sua magia ter surtado não foi por causa da maldição de Rennedawn. Foi porque a gente se beijou.”

Evie balançou a cabeça. — “Não me conta isso. Por favor.”

Mas ele não teve pena. — “Eu quebrei sua maldição de sono, e você quebrou a minha — presa numa magia que não era nossa. Por isso a névoa sempre te procurava. E é por isso que eu sempre vou te procurar também.”

— “Trystan,” ela implorou, dominada por um destino que ele aceitou com tanta facilidade, pelo inverso dos papéis dele sendo o firme.

Ele a soltou, dando um passo para trás. — “Isso não acabou, Sage. Eu vou achar o Reinaldo, e depois vamos atrás do guvre. Tem guardas ao redor do ninho dela. Espero que ela volte, e aí a gente cumpre a profecia e salva o reino. Juntos.”

Ela odiava quanto queria aquilo, odiava a dor que tinha pra deixar ela alcançar. Mas nem precisava se esforçar.

Trystan Maverine deu isso pra ela.

— “Pode resistir o quanto quiser, Sage. Eu já tive minha vez, agora é sua, mas, como você disse, eu nunca vou desistir de você. Nunca.”

Ele virou de costas, parou, girou rápido e a beijou com tanta força que ela agarrou seus ombros. Por um momento breve, estavam presos — e o coração traidor dela sabia que nada jamais tinha sido ou seria tão certo.

E então acabou, ele se afastou, a covinha aparecendo enquanto ele assentia, recuando.

Havia uma promessa sombria no rosto dele. — “Você foi minha ruína, Evie Sage, e agora eu… vou ser sua perdição.”

Quando ele a deixou sozinha, a névoa negra se acumulando em seus pés, Evie encarou a janela e respirou fundo.

Falando com ela como sempre fazia, inclinou a cabeça, puxou um sorriso maligno.

— “Bem. Isso vai ser divertido.”

Epílogo

CLARE

Na manhã seguinte... Clare tinha perdido tudo.
Horas depois da morte do pai, ela ainda estava anestesiada. Nada fazia sentido. A brisa no rosto parecia uma ilusão, o sol brilhando era uma mentira escancarada.

O corpo do pai estava sendo preparado para a viagem de volta à vila. Enterro à beira-mar.

Eles todos falharam.

Alexander desapareceu horas atrás, saltando para a Floresta Hickory antes que alguém pudesse impedi-lo. Tatianna contou isso pra Clare, mas ela não processou — cérebro em pane total. A única coisa que queria era vagar pelo casarão, pelos jardins, até pela floresta.

Mortos. Tudo o que ela sabia era que o pai estava morto.

E era culpa dela.

Se Clare não tivesse se metido, Alexander jamais teria que voltar a ser o que era, perdido dez anos de vida e a fala, e se tornado um sapo porque a magia acabou.

Ali, na borda da Floresta Hickory, percebeu que começava a chover de novo. Gotas escorriam pelo rosto, pingando do queixo. Só que o sol continuava brilhando. Só depois ela entendeu: não era chuva, eram lágrimas.

Limpou os olhos, só fez chorar mais até cair de joelhos, soluçando.

— “É tudo culpa minha. Tudo.” Chorou até a voz sumir e a garganta arder. Sem levantar a cabeça.

Até que pés descalços surgiram na frente dela, uma mão estendeu um lenço, e ao olhar para cima, Clare deu um gritinho que a fez cair para trás nos cotovelos.

Um homem estava ali. Alto. Negro, encaracolado, cabelo longo até os ombros, pele bronzeada, olhos dourados profundos.

E ele estava nu.

Tentava falar, mas desistiu e deixou um bilhete cair no colo dela.

Dizia: *Sou eu.*

Algo naquele papel fez Clare parar. Era um T, escrito meio torto.

Ela respondeu com uma palavra, olhos arregalados, sem acreditar no que dizia, enquanto uma coroa dourada era jogada aos seus pés:

— “Reinaldo?”

FIM... ATÉ NOS VERMOS NOVAMENTE, UMA ÚLTIMA VEZ.
ESPERANÇOSAMENTE — VOCÊ NUNCA SABE COM ESSES NINCOMPOOPS.